



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

ALIANÇA TERAPÊUTICA E INTERVENÇÕES DE
TERAPEUTAS NUM GRUPO DE ADOLESCENTES

VERÓNICA ISABEL VARAJÃO DOS SANTOS (Nº 21039)

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ISABEL MARIA PEREIRA LEAL

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ISABEL MARIA PEREIRA LEAL

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Isabel Maria Pereira Leal, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Não posso expor esta dissertação sem começar por agradecer às pessoas que me apoiaram e auxiliaram de diversos modos no desenvolvimento da mesma.

Agradeço à Professora Doutora Isabel Leal pela paciência que teve sempre para ouvir as dúvidas que foram surgindo, pelas orientações certas que foi dando, e pela motivação, ânimo e descontração que transmitiu ao longo deste percurso. Também lhe agradeço por ser um exemplo inspirador para todos os jovens investigadores e clínicos.

À Marta Pedreira, agradeço a disponibilidade, a dedicação, e o tempo que investiu neste estudo, como se fosse seu. E, agradeço todos os seus conselhos sábios.

Aos participantes, fica o meu agradecimento pela presença nesta investigação, sem a qual não seria possível.

Ao Miguel, o meu obrigada pelo companheirismo e pela partilha de ideias ao longo do percurso de realização desta dissertação. Também estou grata pela cumplicidade e amizade que foi crescendo.

À minha família, fica a minha gratidão face às palavras de incentivo nos momentos nos quais o cansaço já se fazia notar.

À minha afilhada em especial, Matilde Duarte, agradeço os momentos genuínos e simples de pura brincadeira que me permitiram restabelecer e organizar a mente.

Aos meus amigos, um muito obrigada pelos desabafos e conversas nas alturas em que surgiram obstáculos. Com a vossa compreensão e ajuda foi mais fácil ultrapassá-los.

Resumo

A intervenção terapêutica grupal com adolescentes é ainda insuficientemente estudada, verificando-se uma maior atenção às terapias individuais e familiares. Os objetivos do presente estudo são avaliar a aliança terapêutica, e descrever e explorar as intervenções de terapeutas ao longo de onze sessões grupais com adolescentes. A presente investigação é qualitativa exploratória. A amostra é constituída por três terapeutas com uma média de idades de 42 anos. Estes, conduziram 11 sessões grupais nas quais participaram 10 adolescentes com uma média etária de 13 anos. Os terapeutas e os adolescentes preencheram um questionário sociodemográfico e o instrumento Inventário de Aliança Terapêutica-R (IAT-R) no final de cada uma das onze sessões grupais. Estas sessões foram registadas em formato áudio e vídeo por uma câmara fotográfica digital e tiveram como base um programa de intervenção terapêutico em grupo. A aliança terapêutica dos terapeutas e dos jovens foi média, apesar da dos jovens ter sido ligeiramente superior. As intervenções dos terapeutas mais frequentes foram incitar a participação individual dos adolescentes nas atividades, escutar ativamente as suas comunicações, explorar conteúdos pessoais, e expor as suas próprias ideias e opiniões pessoais.

Palavras-chave: aliança terapêutica; intervenções terapêuticas; terapias de grupo; terapeutas; adolescentes.

Abstract

Therapeutic group intervention with adolescents is still insufficiently studied, once it has been given more attention to individual and family therapies. The goals of the present study are evaluate the therapeutic alliance, and describe and explore therapists' interventions during eleven sessions with a group of adolescents. The present investigation is qualitative exploratory. The sample is constituted by three therapists with an average age of 42 years old. These therapists led eleven group sessions in which participated ten adolescent with an average age of 13 years old. Therapists and participants answered one socio-demographic questionnaire and the instrument Inventário de Aliança Terapêutica-R (IAT-R) at the end of all sessions. Sessions were recorded with a digital camera and were based on a therapeutic group program. The therapists' and adolescents' therapeutic alliance was medium, although youth alliance was slightly higher. Therapists' most frequent interventions were instigating individual participation of adolescents, listening actively to their communications, exploring their personal contents, and therapists themselves exposing personal ideas and opinions.

Key-words: therapeutic alliance; therapeutic interventions; group therapies; therapists; adolescents.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	2
MÉTODO	15
Delineamento	15
Participantes	15
Procedimento	17
Material	19
Câmara fotográfica digital	19
Programa de intervenção terapêutico em grupo	19
Questionário sociodemográfico	19
Inventário de Aliança Terapêutica-R (IAT-R)	20
Análise dos Dados	21
Categoria Atividades em Grupo	23
Categoria Técnicas	24
Categoria Fomentar Partilha Pessoal	25
Categoria Manifestações Pessoais	26
RESULTADOS	27
Resultados do Inventário de Aliança Terapêutica-R (IAT-R)	27
Análise das frequências absolutas e das percentagens das unidades de registo (U.R.s) de cada categoria em estudo	28
DISCUSSÃO	40
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	56
Anexo A – Autorização do projeto de investigação “Psicopatologia e ajustamento psicológico de adolescentes” pela Comissão de Ética do Hospital Garcia de Orta (HGO)	57
Anexo B – Consentimento informado dos profissionais	60
Anexo C – Questionário sociodemográfico dos profissionais	62
Anexo D – Consentimento informado dos pais	64
Anexo E – Autorização para a utilização do IAT-R	66
Anexo F – Inventário de Aliança Terapêutica - Versão Reduzida (IAT-R), Versão Cliente - C	68

Anexo G – Inventário de Aliança Terapêutica - Versão Reduzida (IAT-R), Versão Terapeutas - T	71
Anexo H – Temáticas, objetivos e atividades de cada sessão.....	74
Anexo I – Questionário sociodemográfico dos adolescentes	76
Anexo J – Transcrições das sessões de grupo.....	79
Anexo K – Definição das categorias e subcategorias	372
Anexo L – Resultados da categoria Atividades em Grupo	377
Anexo M – Resultados da categoria Técnicas	380
Anexo N – Resultados da categoria Fomentar Partilha Pessoal	383
Anexo O – Resultados da categoria Manifestações Pessoais	386

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Temáticas, objetivos e atividades delineados para cada sessão grupal	70
Tabela 2: Definição da categoria Atividades em Grupo e das suas subcategorias	368
Tabela 3: Definição da categoria Técnicas e das suas subcategorias	369
Tabela 4: Definição da categoria Fomentar Partilha Pessoal e das suas subcategorias	370
Tabela 5: Definição da categoria Manifestações Pessoais e das suas subcategorias.....	371
Tabela 6: Frequências absolutas das U.R.s da categoria Atividades em Grupo	373
Tabela 7: Contagem do número de sessões com e sem U.R.s de cada subcategoria da categoria Atividades em Grupo	374
Tabela 8: Frequências absolutas das U.R.s da categoria Técnicas	376
Tabela 9: Contagem do número de sessões com e sem U.R.s de cada subcategoria da categoria Técnicas	377
Tabela 10: Frequências absolutas das U.R.s da categoria Fomentar Partilha Pessoal	379
Tabela 11: Contagem do número de sessões com e sem U.R.s de cada subcategoria da categoria Fomentar Partilha Pessoal	380
Tabela 12: Frequências absolutas das U.R.s da categoria Manifestações Pessoais	382
Tabela 13: Contagem do número de sessões com e sem U.R.s de cada subcategoria da categoria Manifestações Pessoais	383
Tabela 14: Resultados globais do IAT-R dos adolescentes e dos terapeutas.....	27
Tabela 15: Resultados do IAT-R de cada sessão.....	28

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação das subcategorias da categoria Atividades em Grupo	23
Figura 2: Representação das subcategorias da categoria Técnicas.....	24
Figura 3. Representação das subcategorias da categoria Fomentar Partilha Pessoal.....	25
Figura 4: Representação das subcategorias da categoria Manifestações Pessoais.....	26
Figura 5: Percentagens do total de U.R.s da categoria Actividades em Grupo.....	29
Figura 6: Percentagens das sessões com e sem U.R.s das subcategorias da categoria Actividades em Grupo.....	30
Figura 7: Percentagens do total de U.R.s da categoria Técnicas.....	33
Figura 8: Percentagens das sessões com e sem U.R.s das subcategorias da categoria Técnicas.....	34
Figura 9: Percentagens do total de U.R.s da categoria Fomentar Partilha Pessoal.....	36
Figura 10: Percentagens das sessões com e sem U.R.s das subcategorias da categoria Fomentar Partilha Pessoal.....	37
Figura 11: Percentagens do total de U.R.s da categoria Manifestações Pessoais.....	38
Figura 12: Percentagens das sessões com e sem U.R.s das subcategorias da categoria Manifestações Pessoais.....	39

INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser concebida como uma passagem da infância para a adultícia ou como um período de inevitável stresse e confusão. Seja compreendida de uma forma ou de outra, é certamente um período de mudanças imprevistas e de grande intensidade que podem levar a angústia e a sofrimento. Se a angústia e o sofrimento atingirem níveis mais elevados é provável que o adolescente experiencie perturbação mental. Neste sentido os serviços de saúde mental e de psiquiatria têm uma importância fundamental por constituírem uma resposta efetiva às dificuldades dos adolescentes. Os serviços atualmente disponíveis são formados por técnicos que muitas vezes sentem que podem melhorar as suas intervenções. E de facto, existe pouco conhecimento sobre que intervenções são mais frequentemente tidas perante esta população clínica desafiante. A aliança terapêutica é um meio que permite analisar, durante ou no final das terapias e acompanhamentos, o que se pode melhorar na conduta dos terapeutas. De modo semelhante, a aliança terapêutica dos adolescentes permite analisar o que estes consideram da relação, sendo também uma excelente forma de os envolver no próprio processo terapêutico.

As investigações na área juvenil parecem privilegiar as terapias familiares e os acompanhamentos individuais, não beneficiando do facto dos jovens se direcionarem primordialmente para as pessoas da sua faixa etária. Neste sentido, torna-se pertinente aproveitar o potencial terapêutico dos grupos de adolescentes.

Dado todo este conhecimento torna-se imprescindível estudar as intervenções dos terapeutas e a aliança terapêutica em grupos de adolescentes. Assim, a presente investigação incidirá sobre as intervenções (ações, estratégias e comportamentos) de terapeutas experientes (psicólogos e psiquiatras), tidas no seio de uma terapia grupal com adolescentes. Esta terapia foi constituída por onze sessões grupais, tendo todas elas temáticas pertinentes na adolescência. A aliança terapêutica dos terapeutas e dos jovens em questão foi avaliada durante todos os encontros grupais no sentido de ajudar a compreender o processo terapêutico do grupo.

Este estudo tem por objetivo compreender como se trabalha nos dias correntes com adolescentes em sofrimento especialmente em contexto hospital, para que no futuro se possam melhorar os serviços prestados.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

As intervenções dos terapeutas assumem uma importância elevada quando são direcionadas e praticadas com uma população em desenvolvimento, como é o caso dos adolescentes. A adolescência é um período de grandes modificações físicas, psicológicas e sociais que influenciam as relações com os adultos e pares (Kriščiūnaitė & Kern, 2014).

Este período inicia-se com as mudanças físicas que tornam o corpo infantil num corpo adulto. Começam a desenvolver-se os designados caracteres sexuais secundários (como o aumento das glândulas mamárias nas raparigas e o crescimento dos pêlos faciais no caso dos rapazes), e a altura e o peso dos jovens cresce exponencialmente. Os adolescentes podem lidar mais dificilmente com estas alterações visto serem repentinas e intensas. Outro aspeto fundamental deste período é o desenvolvimento da capacidade reprodutiva, que se revela pelo aparecimento da menstruação no feminino e na aptidão de produzir e expulsar espermatozóides no masculino (Boxer, Tobin-Richards, & Petersen, 2001). É imperativo que os jovens na adolescência atribuam um significado ao novo corpo (Laufer, 1986), visto que a integração das alterações corporais contribui para o desenvolvimento de uma identidade sexual estável (Levy-Warren, 1992).

Pode considerar-se que na adolescência acontece um segundo processo de individuação-separação, no qual o jovem tem de ser capaz de se separar adequadamente dos objetos infantis, ou seja as figuras parentais. Este rompimento com os pais conduz à perda da dependência da família e ao abandono das gratificações infantis. Como estratégia, os adolescentes procuram relações exteriores à família, que serão mais maduras e adequadas à idade (Blos, 1967). Estas relações estabelecem-se com os pares e são caracterizadas por maior intimidade, confiança, abertura, lealdade e préstimo, sendo mais saturadas de emoções (Holmbeck & Updegrave, 1995).

O desinvestimento das relações com as famílias de origem e a maior disponibilidade para se estabelecerem relações sociais permitem que os jovens tenham novas experiências, novos modelos, comportamentos, e ideias, que proporcionam objetivos e valores. É através dos novos conhecimentos que os adolescentes começam a ganhar liberdade interna para agirem e tomarem decisões, tornando-se autónomos (Levy-Warren, 1992). Durante este processo os jovens rejeitam e modificam os valores transmitidos pelas figuras parentais, mas também internalizam alguns deles, uma vez que o afastamento significa apenas que os vínculos afetivos são renegociados e

não abandonados. O jovem torna-se então autónomo se for capaz de manter a proximidade emocional com os pais e simultaneamente se for tornando um indivíduo distinto deles. É de notar que esta necessidade de independência pode conduzir a que determinados adolescentes sejam mais sensíveis em situações nas quais percebem que os adultos exercem maior poder ou autoridade (Church, 1994).

O contacto com a esfera social e as novas aprendizagens que os jovens adquirem com os indivíduos da mesma faixa etária levam a que as identificações infantis sejam substituídas por um outro tipo de identificação. As novas identificações obrigam a que sejam tomadas decisões e a que sejam feitas escolhas que conduzem à definição da identidade. Para a gradual formação e consolidação da identidade, os adolescentes também experimentam diversos papéis que levam à criação de um lugar na sociedade. Este lugar criado origina um sentido de continuidade interna e social, que liga o que se foi em criança com o que se será enquanto adulto (Erikson, 1956). Assim, a identidade é conquistada de forma estável e consistente na adolescência, ancorando-se no passado e projetando-se no futuro (Knobel, 1981).

Mediante tudo o que foi mencionado é legítimo concluir que na adolescência acontece uma enorme reorganização da identidade dos jovens, que contribuirá para uma maior complexidade da mesma. Esta reorganização leva o adolescente a experienciar sentimentos de dúvida e incerteza sobre si próprio, sobre a sua individualidade e sobre as suas capacidades. Gera-se sofrimento interno, ainda insuportável de lidar pelo jovem dada a sua fragilidade interna. O sofrimento é muito frequentemente mantido fora através da externalização dos conflitos, e de mecanismos de defesa como a identificação projetiva e a clivagem (Ammaniti, 1988).

Alguns autores consideram que durante a infância existem condições desfavoráveis, nocivas e traumáticas que afetam o desenvolvimento. Na adolescência os jovens têm de ser capazes de internalizar as situações traumáticas que experienciaram na infância, tornando-as constituintes estáveis da personalidade. Esta internalização também permite que os adolescentes se libertem do ambiente que provocou as situações traumáticas (Blos, 1968). Para Blos (1968) o trauma, a que chamou de “residual” por permanecer invariavelmente uma parte com o jovem, é um elemento necessário e crucial para a formação da personalidade.

O período da adolescência implica então diversas mudanças, que ora podem ser experienciadas de forma harmoniosa, quer contribuir para o desenvolvimento de perturbações

mentais. Segundo investigações das neurociências, a adolescência é uma fase da vida na qual se originam facilmente perturbações psiquiátricas (Paus, Keshavan, & Giedd, 2008). Para além disto, também é durante este período que alguns fatores da infância podem contribuir para o aparecimento destas perturbações. A título de exemplo, segundo a literatura existente a rejeição dos pares e a agressividade infantil são preditores de perturbação mental na adolescência (Coie, Lochman, Terry, & Hyman, 1992). O conjunto de perturbações que se pode experienciar na adolescência é vasto, designadamente: perturbações de ansiedade, perturbações do humor (nas quais se incluem as perturbações depressivas e perturbações distímicas), perturbações de comportamento e oposição, *deficit* de atenção e consumo de substâncias (Hopwood & Grilo, 2010). É de notar que as perturbações mentais tornam os jovens particularmente vulneráveis a ações delinquentes que os podem introduzir no sistema judicial (Nagel, Guarnera, & Reppucci, 2016).

O contexto familiar também se encontra associado a alguns tipos de perturbações da adolescência. A investigação demonstra que as perturbações de comportamento e a perturbações depressivas *major's juvenis* relacionam-se com conflitos entre pais e filhos, assim como à depressão materna *major* e ao comportamento antisocial paterno (Marmorstein & Iacono, 2004). O baixo estatuto social da família, percecionado pelo jovem (medida subjetiva) associa-se significativamente a maior probabilidade de aparecimento de perturbações do humor, de ansiedade, de comportamento, e por consumo de substâncias (McLaughlin, Costello, Leblanc, Sampson, & Kessler, 2012).

Em Portugal, a agressividade, a impulsividade, a oposição, o desafio, os atos vingativos, os maus-tratos emocionais, a atividade sexual sem proteção, o absentismo à escola, e as fugas de casa, têm-se revelado sintomas muito repetidos na população juvenil (Carvalho, Pereira, Zaragoza, Ramos, & Pires, 2013). De 2010 a 2014 o número de utentes dos 10 aos 17 anos saídos dos hospitais portugueses após tratamento nas áreas de psiquiatria e saúde mental infantil e juvenil não se tem alterado significativamente. Especificamente no Centro Hospitalar Lisboa Central (CHLC), os motivos da ida destes utentes ao serviço de urgência foram: perturbações de comportamento, com uma incidência de 40% dos casos; comportamentos auto-agressivos, onde se listam as automutilações e as tentativas de suicídio, com 20% de incidência; perturbações do humor também correspondentes a 20% dos casos; perturbações de ansiedade, com uma

incidência de 20%; perturbações psicóticas, representativas de 4% dos adolescentes; e por fim, perturbações alimentares, com 2% dos jovens (Carvalho & Mateus, 2016).

Perante esta realidade que revela uma enorme incidência de perturbações mentais na população juvenil torna-se imprescindível tornar os tratamentos e terapias mais acessíveis, assim como mais adequados à faixa etária em questão. A vinda dos jovens às consultas é em si um primeiro obstáculo a ultrapassar. Muito frequentemente os jovens chegam aos serviços de psicologia e de psiquiatria devido a referências de outrem (Diguseppe, Linscott, & Jilton, 1996), sendo enviados pela escola ou pelos médicos de família. A ausência da auto-referenciação conduz a que se sintam desconfiados, incompreendidos, hostis, ou mesmo culpados (Young, Anderson, & Steinbrecher, 1995).

As dificuldades em trabalhar com esta população clínica estendem-se ao desenvolvimento das intervenções. Grande parte dos adolescentes mostra-se hesitante e insatisfeito em diferentes fases da terapia, manifestando-se através da negação, de expressões de ambivalência, queixas, evitamento e desistência. Segundo os jovens estes sentimentos prendem-se: com a perceção de que a terapia é algo negativo (causa problemas, pressiona, e não ajuda); com a perceção de que não se precisa dela, não existem problemas, nem assuntos que precisem de ser falados; e, com a perceção de que não se teve poder de decisão (Taylor, Adelman, & Kaser-Boyd, 1985). Em algumas situações chegam a abandonar o acompanhamento terapêutico. Em 16% das mesmas, o abandono deve-se a problemas relacionais, destacando-se o jovem não simpatizar com o terapeuta (Garcia & Weisz, 2002).

Na presença deste cenário, onde se impõem diversas resistências nos acompanhamentos dos adolescentes torna-se fundamental perceber como melhorar as intervenções terapêuticas. Dado este facto, as intervenções dos terapeutas ganham uma relevância particular. A literatura indica que as intervenções explicam uma percentagem elevada (60%) dos resultados da terapia (Alexander, Barton, Schiavo, & Parsons, 1976). Nas perturbações depressivas juvenis, especificamente três comportamentos dos terapeutas tidos durante a primeira sessão predizem o envolvimento dos adolescentes na segunda, sendo elas: mostrar interesse sobre as experiências dos jovens, procurando conhecer e sumarizar os eventos, contextos, situações, pensamentos, sentimentos, sintomas e estados internos; explorar a motivação, suscitando a procura das razões que deram início à terapia; e, direccionar e estruturar pouco as sessões (Jungbluth & Shirk, 2009).

Como é verificável, existe escasso conhecimento sobre que tipos de intervenções explicam os bons resultados das terapias, ou mesmo que intervenções são mais frequentes com esta população específica. Para além do mais, a investigação juvenil tem investido pouco no estudo de terapias grupais com adolescentes, focando-se apenas nas individuais e familiares, existindo reduzido conhecimento sobre as intervenções dos terapeutas em grupos de adolescentes.

A aliança terapêutica é um fator cujo desenvolvimento e manutenção podem ser influenciados positiva ou negativamente pelas intervenções dos terapeutas (Ackerman & Hilsenroth, 2001). O conceito de aliança terapêutica moderno poderá relacionar-se com uma ideia tida por Freud (Clark, 2013). Num dos seus primeiros textos, Freud (1912/1958) desenvolveu o conceito de transferência, sendo este o processo pelo qual o paciente transfere os padrões das relações anteriores com a ímago materna ou paterna, para a figura do terapeuta. Segundo o autor, quando se trata de uma transferência de sentimentos amistosos cria-se uma relação de dependência afetuosa, que ajuda o paciente a fazer confissões e a ultrapassar as suas dificuldades. Foi através desta ideia que o autor, mesmo sem o definir, abordou o conceito de aliança terapêutica, refletindo a forma como o paciente colabora com o terapeuta em prol do trabalho terapêutico.

A teorização de Freud influenciou vários autores a explorar o conceito de aliança terapêutica, especialmente os pertencentes à vertente psicanalítica (Clark, 2013). Sterba (1934) e Zetzel (1956) são autores psicanalíticos que se focaram nos elementos impulsionadores de uma forte ligação entre o terapeuta e o paciente (Horvath & Greenberg, 1989). Para Sterba (1934), o psicanalista estabelece uma “aliança” com o ego do paciente durante a análise, a fim de ultrapassar as resistências. Segundo o mesmo autor, através da interpretação da transferência e das resistências que se erguem para a protegerem, o psicanalista induz a dissociação do ego do paciente. O processo de dissociação conduz a que o ego se divida numa parte que está voltada para a realidade, a parte saudável, e numa outra que continua a reger-se pelo inconsciente. À medida que o psicanalista vai interpretando, o paciente vai transformando a sua experiência através da intelectualização e de identificações positivas, integrando o seu ego (assimilação) e permitindo combater contra os elementos conflitantes. Em conclusão, a dissociação do ego é provocada pelo psicanalista e permite que se estabeleça uma aliança entre si e a parte saudável do ego do paciente contra a restante parte que é influenciada pelo inconsciente.

Zetzel (1956), a propósito da interpretação da transferência, introduziu o conceito aliança terapêutica (*therapeutic alliance*). Nesta teorização a autora concebeu a aliança terapêutica como um conceito diferente da transferência neurótica. Segundo a mesma, uma aliança terapêutica forte desenvolve-se durante a análise se as funções do ego dos pacientes tiverem alcançado um certo nível de maturidade. Se existirem falhas no desenvolvimento do ego a aliança terapêutica poderá não se desenvolver, existirá o risco de regressão e de uma situação transferencial hostil.

Carl Rogers, fundador da psicoterapia centrada no cliente, é considerado um dos autores exterior à esfera psicanalítica que mais influenciou a teorização da aliança terapêutica por enumerar as componentes da relação interpessoal (Horvath & Greenberg, 1989). Segundo o autor (Rogers, 1957), existem seis condições necessárias e suficientes para que ocorra mudança terapêutica. A primeira condição é o terapeuta e o cliente estarem em contato psicológico, verificando-se a mesma se ambos estiverem consciencializados de que a relação existe. A segunda condição é o cliente encontrar-se num estado de incongruência. Este estado deve-se à discrepância entre a sua experiência atual e a imagem que tem de si próprio, que o deixa vulnerável a ansiedade e desorganização. A terceira condição dá conta do estado de congruência do terapeuta, que lhe permite estar em relação de uma forma integrada, livre e genuína. A sua experiência atual é congruente com a imagem que tem de si mesmo. A quarta condição é o terapeuta experienciar aceitação incondicional positiva pelo cliente, o que significa que aceita e acolhe qualquer expressão emocional e se preocupa com ele, tendo consciência de que é alguém separado. A quinta condição é o terapeuta perceber empaticamente as experiências que lhe são transmitidas, isto é, sentir o mundo interno do cliente como se fosse seu, porém sem nunca experienciar os seus próprios sentimentos. A sexta e última condição consiste no cliente sentir-se aceite e compreendido pelo terapeuta (Rogers, 1957).

As condições dois, três, quatro, cinco e seis descrevem as características que cada pessoa que está em relação deve ter. As condições três, quatro e cinco direcionam-se especificamente para o terapeuta e dependem da sua experiência. Se uma das seis condições estiver ausente a mudança terapêutica do cliente não ocorre (Rogers, 1957). Esta teoria revelou-se de extrema importância para o conceito aliança terapêutica por enumerar os elementos da relação e os contributos do terapeuta e do cliente que conduzem à mudança terapêutica. Para além disto, as condições descritas adequam-se a qualquer psicoterapia e até mesmo a qualquer contexto relacional (Rogers, 1957).

Greenson (1965), autor psicanalítico, introduziu o conceito aliança de trabalho (*working alliance*), distinguindo-o da transferência neurótica, mas concedendo-lhe igual relevância durante a análise. Destacou o termo trabalho (*working*) para se referir à capacidade do paciente colaborar intencionalmente com o psicanalista no trabalho analítico. Segundo o autor, o sucesso da análise depende do desenvolvimento da transferência neurótica e de se estabelecer e manter a aliança de trabalho. A aliança de trabalho origina-se após o psicanalista analisar a transferência e as resistências. No início da análise o paciente relata histórias e eventos, e o psicanalista seleciona e explora apenas os elementos mais evidentes. Já no decorrer da mesma, o psicanalista estabelece relações entre o passado e o presente fazendo o paciente sentir-se compreendido. A partir deste momento o paciente vai permitindo a regressão, dando oportunidade ao psicanalista para a analisar, e conseqüentemente que se estabeleça uma aliança de trabalho. Portanto, a aliança de trabalho é simultânea à transferência, existindo uma oscilação entre as duas durante a análise.

Segundo o mesmo autor, a aliança de trabalho depende do paciente, do psicanalista e da situação analítica. Para que esta se estabeleça é necessário que o paciente desenvolva a transferência neurótica, e seja capaz de fazer a regressão, de associar livremente, e de comunicar os seus sentimentos. Também é necessário que tenha motivação para superar as suas dificuldades, vontade de cooperar, siga as instruções e os *insights* do psicanalista, o ouça, reflita, e tente compreendê-lo. O psicanalista contribui para a aliança terapêutica com os seus *insights* consistentes, e evitando a presunção, a timidez, o autoritarismo e a indiferença. A situação analítica contribui, a título de exemplo, com os silêncios que permitem ao paciente ter iniciativa para pensar sobre o que o levou a ter a atitude evasiva, e a associar livremente (Greenson, 1965).

Ao longo do tempo as diferentes psicoterapias foram-se revelando efetivas, porém no seu conjunto produziram resultados bastante semelhantes (Smith & Glass, 1977; Stiles, Shapiro, & Elliott, 1986). Assim, procurou-se compreender as razões pelas quais, diferentes psicoterapias com técnicas distintas obtinham resultados equivalentes. Levantou-se então a hipótese de existirem variáveis comuns a todos os tipos de psicoterapia, como a aliança terapêutica, responsáveis pelas melhorias dos pacientes de diferentes orientações (Horvath & Luborsky, 1993). Bordin foi o autor que propôs uma definição abrangente de aliança terapêutica, tornando este conceito “trans teórico”, ou seja, pertencente a todo o tipo de psicoterapias (Horvath & Luborsky, 1993). Apesar do conceito ter nascido da psicanálise dual, dadas todas as teorizações

que o alteraram, clarificaram e completaram, tornou-se chave para todos os contextos terapêuticos.

Bordin (1979), apresentou uma definição de aliança terapêutica que contempla três características: o acordo nos objetivos, a atribuição de uma ou mais tarefas, e o desenvolvimento da relação. Segundo Bordin (1979), os objetivos diversificam-se nas diferentes psicoterapias, uma vez que a ênfase central varia, assim como aquilo que o terapeuta delimita e está disposto a colaborar. O autor deixou implícito, que uma das características da aliança terapêutica é, paciente e terapeuta concordarem sobre os objetivos de uma determinada terapia.

A segunda característica apresentada pelo autor (Bordin, 1979), as tarefas dos terapeutas e dos pacientes, também varia consoante a terapia. As tarefas dos terapeutas são definidas num contrato previamente estabelecido, no qual também é determinado que o paciente paga pelas competências e esforços do seu terapeuta. Já as tarefas dos pacientes podem ir desde a associação livre em psicanálise, a anotar a frequência de um comportamento em terapia cognitiva. Para Bordin (1979), a eficácia das tarefas atribuídas aos pacientes é condicionada pela capacidade do terapeuta vincular estas mesmas tarefas às dificuldades do paciente e ao seu desejo de mudança. Por fim, Bordin (1979) considerou a característica relação entre o terapeuta e o paciente, visto existirem vários tipos de ligação, e que todas as relações terapêuticas têm envolvido um certo nível de confiança. O autor propõe, que a aliança terapêutica estabelecida entre a pessoa que procura a mudança e a pessoa que se oferece para a ajudar, é a chave do processo de mudança (Bordin, 1979).

Em conclusão, a aliança terapêutica é uma das primeiras tarefas do tratamento, caso contrário compromete os resultados da terapia. O estabelecimento de uma boa aliança com os pacientes engloba uma posição empática por parte do terapeuta, mas também um trabalho colaborativo que permite ao paciente sentir que é ativo. As dificuldades que possam surgir merecem uma atenção cuidadosa e imediata, uma vez que contribui para a resolução das dificuldades emocionais do paciente (Horvath, 2000).

Os investigadores interessados no estudo das relações terapêuticas das crianças e dos adolescentes consideraram a teorização de Bordin um excelente ponto de partida para o estudo da aliança nestas populações (Zack, Castonguay, & Boswell, 2007). Nesta ordem, as investigações feitas acerca da aliança terapêutica dos jovens decorreram das já realizadas com adultos (Shirk,

Caporino, & Karver, 2010). É necessária alguma prudência na generalização dos diferentes aspetos propostos por Bordin (1979) para as crianças e jovens, uma vez que poderão variar nas diferentes fases do desenvolvimento (Fitzpatrick & Irannejad, 2008). Shirk e Karver (2006) consideram que o desenvolvimento da aliança terapêutica dos jovens pode ser explicado de forma sequencial através de três construtos: *engagement*, *alliance* e *involvement*. O *engagement* refere-se às intervenções (ações, estratégias e comportamentos) do terapeuta que promovem o envolvimento do jovem e a continuação do tratamento. O envolvimento e a continuação do tratamento contribuem indiretamente para a redução dos sintomas psicopatológicos e para melhorias ao nível do funcionamento (Shirk & Karver, 2006).

O constructo *alliance*, permite ao jovem sentir que o terapeuta está do seu lado, sendo um aliado contra os problemas que requerem tratamento. Este conceito engloba duas dimensões da experiência. Uma primeira, na qual o jovem percebe o terapeuta como confiável, existindo confiança e respeito. Este tipo de relação pode emergir das interações que envolvem compreensão, apoio, responsividade e consistência. A segunda dimensão envolve a experiência do jovem sentir o terapeuta como um agente que guia e treina. O conceito *involvement* reporta à participação ativa do jovem nas tarefas da terapia, tarefas estas consideradas essenciais para a mudança. Segundo este modelo as características anteriores do jovem e as estratégias que o terapeuta utiliza para promover o envolvimento – *engagement* – contribuem para o desenvolvimento da aliança terapêutica – *alliance*. A aliança é um catalizador do envolvimento do jovem nas tarefas do tratamento – *involvement* (Shirk & Karver, 2006).

O modelo de Shirk e Karver (2006), contempla diretamente a característica “relação” através do constructo *alliance*, e a característica “tarefas”, pelo constructo *involvement*, mencionadas por Bordin (1979). É então notável a ausência de enfoque nos objetivos falados por Bordin (1979), sendo estes secundários, no entanto o modelo enfatiza a importância do papel do terapeuta. Shirk e Karver (2006), realçam o facto do terapeuta ser fundamental em todas as fases da aliança terapêutica. Segundo os autores, o terapeuta condiciona a permanência dos adolescentes na terapia, influencia o ser percebido como uma figura confiável e guia, e impulsiona a participação ativa dos jovens nas tarefas.

Inicialmente, a investigação sugeriu a existência de uma correlação moderada entre a aliança terapêutica dos adolescentes e os resultados, independentemente do tipo de terapia

experienciada (Shirk & Karver, 2003; Karver, Handelsman, Fields, & Bickman, 2006). Mais tarde verificou-se que a aliança terapêutica dos jovens é um forte preditor dos resultados obtidos com a terapia, independentemente da sua orientação (Shirk, Karver, & Brown, 2011).

A aliança terapêutica dos adolescentes associa-se a menor severidade dos sintomas (Hawley & Garland, 2008; Hawley & Weisz, 2005; Hogue, Dauber, Stambaugh, Liddle, & Cecero, 2006), a melhorias na autoestima; a melhorias na satisfação com a terapia, e a melhorias no funcionamento e no suporte familiar (Hawley & Garland, 2008). Segundo a literatura, a aliança terapêutica dos adolescentes que desistem do tratamento (*dropout*) diminuiu da primeira para a segunda sessão, existindo portanto uma relação entre a aliança terapêutica e as respostas ao tratamento (Robbins et al., 2006).

As mudanças da qualidade das alianças terapêuticas dos terapeutas predizem alterações na severidade dos sintomas e na psicopatologia dos jovens (Bickman et al., 2012). Pode então concluir-se que a aliança terapêutica está relacionada com melhorias em vários domínios de resultados, sentidas pelos terapeutas e pelos jovens, o que revela a importância de se estabelecer este tipo de relação.

Os terapeutas que durante a primeira sessão com os adolescentes investigam e refletem sobre as suas experiências e histórias, integrando-as no modelo específico de terapia, conseguem alianças terapêuticas mais positivas (Russell, Shirk, & Jungbluth, 2008). Quando, da segunda para a terceira sessão: têm uma atenção e escuta cuidadosa das experiências e uma atitude empática; agem como aliados do jovem, auxiliando-o nas negociações com a família e com a escola; e formulam objetivos significativos e individuais desejados e aceites pelos jovens, garantem a melhoria da aliança terapêutica (Diamond, Liddle, Hogue, & Dakof, 1999). Da mesma forma, quando os terapeutas fomentam a colaboração durante as três primeiras sessões originam-se alianças mais positivas. Também se geram alianças de boa qualidade quando os terapeutas: apresentam o tratamento como um esforço em equipa, construindo-se um sentimento de união; auxiliam o estabelecimento de objetivos, clarificando que o tratamento é uma forma de abordar as preocupações e interesses dos jovens; e os encorajam a dar *feedback* (Creed & Kendall, 2005).

Brown, Holloway, Akakpo, e Aalsma (2014) investigaram as qualidades do terapeuta, sentidas pelos adolescentes como fortalecedoras da aliança terapêutica. Constatou-se que os

adolescentes perceberam uma boa aliança com os seus terapeutas quando sentiram que estes se preocuparam genuinamente, compreenderam a sua situação e as suas emoções, e se colocaram nos seus lugares. Adicionalmente, os jovens que sentiram que os terapeutas os permitiram participar na direção do processo terapêutico também perceberam alianças terapêuticas positivas. Do mesmo modo, os jovens perceberam alianças terapêuticas positivas quando o trabalho terapêutico se focou inicialmente na situação presente, em detrimento do historial de trauma do jovem. Por fim, as auto-revelações e o humor também foram duas estratégias escolhidas como fortalecedoras da aliança terapêutica.

Os adolescentes respondem mais positivamente em terapia, concordando com o que os terapeutas dizem e acrescentando informações, quando estabelecem com estes últimos uma relação igualitária e pouco autoritária. Neste tipo de relação, os terapeutas ocupam o lugar de parceiros do trabalho terapêutico e encorajaram os jovens a descobrir soluções sem impor uma direção, concedendo-lhes alguma autonomia. Quando os terapeutas tomam uma posição autoritária e diretiva, não permitindo que os adolescentes procurem as suas próprias soluções, estes rejeitam e ignoram o que é dito pelos terapeutas ou mudam o assunto (Church, 1994).

Os lapsos dos terapeutas, transversais aos tipos de tratamento, preveem negativamente a aliança terapêutica. Obrigar o jovem a falar quando este ainda não se sente preparado, ignorar ou minimizar as suas preocupações, mostrar-se crítico, e não compreender o que este diz, são comportamentos que conduzem a alianças terapêuticas negativas (Karver et al., 2008).

Dado ter-se encontrado uma correlação moderada entre as perceções de diferentes jovens sobre um mesmo terapeuta, coloca-se a hipótese da aliança terapêutica estar relacionada com características de personalidade dos terapeutas (Bickman et al., 2004). Esta informação evidencia o valor dos terapeutas terem conhecimento das suas intervenções, uma vez que estas podem ser altamente influenciadas pelas características da personalidade.

A perceção dos adolescentes sobre a sua psicopatologia mostrou ser um preditor de alianças terapêuticas mais positivas. Assim, o conhecimento que os jovens têm sobre os seus comportamentos e cognições parece ser importante para o estabelecimento de uma aliança terapêutica positiva (LoTempio, Forsberg, Bryson, Fitzpatrick, Le Grange, & Lock, 2013). A baixa autoestima dos adolescentes correlaciona-se negativamente com o estabelecimento da componente “relação” da aliança terapêutica. Os jovens com baixa autoestima mais dificilmente

reportam amizade e aceitação pelos terapeutas. Da mesma forma, as dificuldades de abertura e de proximidade relacionam-se com alianças terapêuticas mais fracas. De uma forma geral, verifica-se que os adolescentes que apresentam baixa autoestima e maior dificuldade em formar e manter relações, mais dificilmente sentem empatia pelo terapeuta (Saunders, 2001).

A aliança terapêutica inicial dos jovens mantém-se consistente ao longo do tratamento (Bickman et al., 2004). De igual modo, também a aliança terapêutica dos terapeutas se mostra estável no decorrer do tratamento do adolescente (Hawley & Garland, 2008). Curiosamente, no final da terapia a média da qualidade da aliança terapêutica percebida pelos adolescentes tende a ser maior que a dos terapeutas, o que significa que globalmente os jovens tendem a considerar a aliança terapêutica como mais favorável (Auerbach, May, Stevens, & Kiesler, 2008; Hawley & Garland, 2008).

A aliança terapêutica dos adolescentes e dos terapeutas não se tem mostrado significativamente correlacionada, o que revela uma discrepância entre os seus pontos de vista (Bickman et al., 2004; Hawley & Garland, 2008), que não é aumentada por fatores como: o tempo que o terapeuta conhece o jovem, ou o tempo de acompanhamento do mesmo (Bickman et al., 2004). Esta discrepância entre as alianças terapêuticas revela a importância de se investigarem estratégias que possam fomentar alianças mais positivas e mais concordantes entre os seus intervenientes.

Em grupo, começam a formar-se desde início relações dinâmicas e especiais entre os seus membros. Estes, começam a ter curiosidade e a preocupar-se uns pelos outros. Numa fase mais avançada, o grupo começa a viver, a sentir, a pensar e a agir em termos de “nós”, contudo, começam a evidenciar-se as características pessoais de cada membro. Esta forma de tratamento surgiu devido à natureza social do comportamento e dos conflitos humanos (Foulkes, 1954).

No grupo, o adolescente percebe que os outros partilham os mesmos problemas que os seus. O grupo em si é um meio onde se podem desenvolver técnicas sociais, modelos, onde é dada a apreciação dos pares e dos terapeutas, onde se podem experimentar novos comportamentos, novas relações interpessoais, e se desenvolve confiança. Todos estes fatores das terapias grupais constituem facilitadores de mudanças nos jovens (Burleson, Kaminer, & Dennis, 2006).

Os adolescentes têm uma percepção positiva relativamente às terapias de grupo que experienciaram. Os jovens sujeitos a terapia de grupo de vertente psicanalítica reportam melhorias na capacidade de estabelecimento de relações com os profissionais e com os pares, e maior conforto nas relações de pares. Os adolescentes sujeitos a terapia de grupo de base cognitivo-comportamental focada em problemáticas específicas (perturbações da alimentação, abuso sexual e divórcio), percebem melhorias na tomada de decisões, no lidar com os sentimentos e stresse, e na compreensão de problemas (Abraham, Lepisto, & Schultz, 1995). Todas as melhorias adquiridas pelos adolescentes nas terapias grupais refletem a mais valia desta forma de tratamento.

Em conclusão, efetivamente os adolescentes precisam cada vez mais de apoio, e para que este seja facultado é imprescindível estudar a aliança terapêutica e as intervenções terapêuticas. O estudo de ambas permite melhorar os serviços que estão a ser atualmente prestados a esta população, e estes proporcionam um melhor bem-estar na fase da adolescência e na fase adulta. Deste modo, neste estudo pretende-se analisar a aliança terapêutica dos adolescentes e dos terapeutas, e descrever e explorar as intervenções (ações, estratégias e comportamentos) destes últimos, ao longo de onze sessões grupais, no seio de um programa de intervenção. Este estudo partiu das seguintes questões de investigação: “Qual será a qualidade da aliança terapêutica dos adolescentes e dos terapeutas?”, “Que intervenções terão os terapeutas que conduzem grupos de adolescentes?”, e “O que é que as intervenções dizem sobre os terapeutas e sobre os adolescentes?”.

MÉTODO

Delineamento

A presente investigação começou por debruçar-se sobre o estudo da aliança terapêutica, no entanto dado o reduzido número de participantes e consequentemente a impossibilidade de realizar uma análise quantitativa dos dados, optou-se por explorar complementarmente as intervenções dos terapeutas. Assim, em parte, o delineamento pode considerar-se quantitativo, uma vez que foram utilizados os resultados de um instrumento de aliança terapêutica, o IAT-R, para a estatística descritiva do grupo.

Dado se terem analisado as intervenções dos terapeutas, o delineamento é fundamentalmente qualitativo, supondo um processo de compreensão a partir do qual se explora um problema social e humano (Creswell, 1998). Neste tipo de estudo dispõe-se de uma narrativa complexa que conduz a múltiplas dimensões de um problema, o que permite uma visão detalhada do tópico em questão (Creswell, 1998). Toda a informação é analisada de forma indutiva, uma vez que através dos padrões provenientes da recolha de dados se desenvolvem conceitos e se chega à compreensão dos fenómenos (Carmo & Ferreira, 1998). A investigação qualitativa é então descritiva, visto que se realiza uma descrição rigorosa dos dados recolhidos, e indutiva, por se desenvolverem conceitos e compreensões a partir dos dados (Carmo & Ferreira, 1998).

Esta investigação tem um carácter descritivo e exploratório, uma vez que os dados obtidos nas sessões grupais permitiram a descrição e a compreensão das intervenções dos terapeutas.

Participantes

Profissionais. Desta amostra fazem parte 3 terapeutas, um psicólogo, um pedopsiquiatra e um interno de pedopsiquiatria, que conduziram em conjunto 9 das 11 sessões grupais (sessões 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10 e 11). Adicionalmente, quatro psicomotricistas, a pares, conduziram as sessões 8 e 9, mas com a presença e auxílio dos 3 profissionais principais.

As idades dos profissionais variam entre os 27 e os 53 anos, sendo a média 41,67 ($M_{idade} = 41,67$) e o desvio-padrão 13,32 ($\sigma = 13,32$). O psicólogo que conduziu as sessões é do género feminino, e detém 16 anos de experiência profissional, a qual engloba populações da

mesma faixa etária dos participantes do grupo. O pedopsiquiatra, também do género feminino, possui 14 anos de experiência profissional, que também inclui o seguimento de adolescentes de faixa etária semelhante ao do presente estudo. Todos os profissionais que intervieram com o grupo de adolescentes seguem uma linha de pensamento de orientação psicanalítica.

A amostragem dos profissionais foi não-probabilística de conveniência, dado serem sujeitos acessíveis (Marôco, 2014), pertencentes à Unidade de Pedopsiquiatria (UP) do Hospital Garcia de Orta (HGO).

Adolescentes. O presente estudo conta com a participação de 10 adolescentes, sendo 5 deles do género masculino e 5 do género feminino. As suas idades variam entre os 12 e os 15 anos, sendo a média 13,3 ($M_{Idade} = 13,3$) e o desvio-padrão 0,95 ($\sigma = 0,95$). Foram seleccionados por terem acompanhamento psicológico e pedopsiquiátrico na Unidade de Pedopsiquiatria (UP) do Hospital Garcia de Orta (HGO). Nesta amostra a maioria dos jovens tem apenas acompanhamento psicológico (6), e os restantes acompanhamento psiquiátrico (2) ou ambos (2). Destes jovens, 5 recorreram à UP por conselho de um familiar ou amigo, 4 por indicação médica, e apenas 1 por iniciativa própria.

Os critérios clínicos de inclusão dos adolescentes do presente estudo foram: perturbações de humor, perturbações de ansiedade, perturbações de comportamento, perturbações neuróticas severas, perturbações de personalidade e dificuldades graves de socialização. Os critérios clínicos de exclusão englobaram: deficiência mental moderada ou grave, psicoses, alterações graves do comportamento inscritas num funcionamento antissocial, consumo de substâncias como primeiro diagnóstico, descompensação aguda com indicação para internamento a tempo completo e sintomas neuropsiquiátricos de causa física. Inicialmente 11 jovens reuniram os critérios clínicos necessários para a participação no estudo, experienciando alguma das perturbações e dificuldades presentes nos critérios de inclusão e tendo ausentes todos os critérios de exclusão. Como 1 dos adolescentes faltou a mais de metade das sessões foi excluído da análise de dados.

O processo de amostragem dos adolescentes foi não-probabilístico de conveniência, uma vez que o grupo foi seleccionado pela acessibilidade (Marôco, 2014), visto os participantes serem à priori pacientes da Unidade de Pedopsiquiatria (UP) do Hospital Garcia de Orta (HGO).

Procedimento

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito de um projeto de investigação, intitulado Psicopatologia e ajustamento psicológico de adolescentes, tendo como investigadora principal a Professora Doutora Isabel Leal e como assistente de investigação a Dr.^a Marta Pedreira. Este mesmo projeto foi devidamente autorizado pela Comissão de Ética do Hospital Garcia de Horta (HGO), como se pode verificar pela carta em anexo (Anexo A).

Confirmada esta autorização, foi possível ao projeto ter a participação dos profissionais, mais especificamente psicólogos, pedopsiquiatras e psicomotricistas, da Unidade de Pedopsiquiatria (UP) do Hospital Garcia de Orta (HGO). Todos os profissionais que participaram no estudo leram e assinaram o consentimento informado (Anexo B) e preencheram um questionário sociodemográfico (Anexo C).

As investigadoras realizaram uma primeira sessão dirigida aos pais, na qual foram explicados os objetivos gerais do projeto. Também foi conversado com os mesmos, qual a participação e o tempo esperado de envolvimento dos seus filhos. Foram garantidos a confidencialidade e o anonimato das identidades dos adolescentes durante a fase de tratamento de dados. Dadas todas as informações, foi pedido aos pais que considerassem a vontade dos seus filhos e posteriormente que lessem e assinassem o consentimento informado (Anexo D), se assim o desejassem.

Ainda no âmbito deste projeto foram obtidos a autorização e o acesso ao instrumento *Inventário de Aliança Terapêutica – Versão Reduzida* (IAT-R). Para tal, foi feita uma primeira pesquisa na *internet*, usando o motor de busca *Google* com as palavras-chave *inventário*, *aliança* e *terapêutica*. Rapidamente se percebeu que o instrumento já se encontrava traduzido para a população portuguesa, sendo o seu autor o Professor Doutor Paulo Machado. Estabeleceu-se contacto com o mesmo via *e-mail*. Foi então concedida autorização pelo Professor Doutor Paulo Machado para a utilização do instrumento (Anexo E), e acesso às suas duas versões: do cliente – Versão C – (Anexo F) e do terapeuta – Versão T – (Anexo G).

Tendo as 11 sessões previamente desenhadas (Tabela 1, Anexo H) as investigadoras reuniram as condições necessárias para se dar início ao programa de intervenção. Durante quatro meses do ano de 2015 realizaram uma sessão semanal de uma hora e meia com os profissionais e

com o grupo de adolescentes. Na primeira sessão fizeram-se as apresentações dos membros do grupo, os adolescentes, mediadas por uma equipa de terapeutas intervenientes, nomeadamente um psicólogo, um pedopsiquiatra e um interno de pedopsiquiatria. No final, os adolescentes preencheram o questionário sóciodemográfico (Anexo I) e o instrumento IAT-R – Versão C (Anexo F), e os terapeutas o instrumento IAT-R – Versão T (Anexo G). Na segunda sessão deu-se início ao programa de intervenção terapêutico em grupo, e a partir deste momento, em cada uma das sessões foi sendo trabalhada uma temática já definida. No final da última sessão, após ser abordado o último tema, foi proporcionado aos jovens um momento de convívio e descontração, para que as experiências do grupo fossem recordadas com um afeto positivo.

Ao longo da investigação a assistente de investigação Dr.^a Marta Pedreira filmou na íntegra as sessões grupais, e um psicólogo estagiário prestou assistência, quando necessária, aos profissionais que conduziram o grupo. Ambos entrevistaram pontualmente.

No final de todas estas sessões foi sendo pedido pela Dr.^a Marta Pedreira aos adolescentes que preenchessem o instrumento IAT-R – Versão C. Da mesma forma, no final de cada uma destas sessões foi aplicado o instrumento IAT-R – Versão T – aos profissionais principais, excluindo-se os 4 psicomotricistas por não constituírem uma presença constante no grupo. Ao longo das sessões grupais o número de jovens participantes foi-se alterando devido às faltas, o que foi mudando a dimensão e a dinâmica do grupo, e o número de medidas do instrumento IAT-R.

Foram transcritas integralmente as 11 sessões, assim como revistas, de forma a realizar transcrições rigorosas (Anexo J). Para assegurar o anonimato dos participantes, tanto dos adolescentes que participaram nas sessões grupais, como dos terapeutas que as conduziram, foram-lhes atribuídos códigos. Estes códigos serviram para perceber claramente as comunicações ou falas de cada participante em cada momento, e para substituir o nome de um participante quando evocado por um outro. Os códigos mantiveram-se exatamente iguais em todas as sessões. Assim, aos jovens foi aleatoriamente atribuído um código, que se inicia pela inicial J, vinda da palavra jovem, seguida de um número de 1 a 11. Da mesma forma, ao psicólogo interveniente, ao pedopsiquiatra e ao interno de pedopsiquiatria foram atribuídos códigos começados pela inicial T, da palavra terapeuta, seguida de um número de 1 a 3. À assistente de investigação e ao psicólogo

estagiário, que apenas observaram comunicando pontualmente, foram atribuídos códigos iniciados pela letra O de observador, seguidos de um número de 1 a 2.

As sessões grupais foram analisadas posteriormente segundo o método qualitativo análise de conteúdo, que se apresenta com maior profundidade na secção da análise dos dados. Apesar das intervenções pontuais da assistente de investigação e do psicólogo estagiário terem sido transcritas, não foram tidas em conta na análise das sessões.

Com os dados referentes ao instrumento *Inventário de Aliança Terapêutica-R* (IAT-R), tanto dos terapeutas como dos adolescentes, inseridos na base de dados do programa IBM SPSS Statistics 22 pela Dr^a Marta Pedreira, realizaram-se as médias dos resultados do IAT-R.

Material

Câmara fotográfica digital. Foi utilizada uma câmara fotográfica digital compacta para fazer as gravações áudio e vídeo das onze sessões grupais.

Programa de intervenção terapêutico em grupo. O programa de intervenção que esteve na base das sessões grupais do estudo foi elaborado por um conjunto de profissionais (psicólogos e pedopsiquiatras) da Unidade de Pedopsiquiatria (UP) do Hospital Garcia de Orta (HGO). Deste programa fazem parte diversas temáticas que se consideram adequadas às vicissitudes da adolescência, e têm em conta a própria diversidade dos jovens. As temáticas seleccionadas foram as seguintes: características da comunicação – aprendizagem da assertividade e direitos pessoais; situações de stresse; funcionamento académico e rendimento escolar – planeamento, tomar decisões e pressão dos colegas; autoimagem e autoestima; psicomotricidade; família; e autonomia. Para trabalhar cada um destes temas foram criadas diversas atividades, algumas lúdicas, adaptadas à faixa etária dos jovens em questão. O objetivo último deste programa é fornecer um espaço e tempo privilegiados para que os adolescentes consigam elaborar mudanças a nível emocional e a nível cognitivo, de forma integrativa e estável. Estas mudanças emocionais e cognitivas são fulcrais, na medida em que melhoraram as competências relacionais dos jovens nos seio familiar, escolar e social.

Questionário sociodemográfico. Foram elaborados dois questionários sociodemográficos, um para os adolescentes e outro para os profissionais. O questionário sociodemográfico dos profissionais (Anexo C), reuniu informações sobre: o género, a idade, o

estado civil, as habilitações literárias e a profissão. O questionário sociodemográfico dos adolescentes (Anexo I), recolheu diversas informações nomeadamente: género, idade, habilitações literárias, agregado familiar, existência de relações amorosas, acontecimentos de vida significativos (doença do próprio, doença familiar, divórcio ou separação dos pais, morte de pais ou cuidadores, adoção, institucionalização, maus-tratos, abandono, abuso sexual e dificuldades na dinâmica familiar), e informações clínicas que abrangem o motivo da consulta na Unidade de Pedopsiquiatria (UP), o tipo de encaminhamento, e o tipo de tratamento.

Inventário de Aliança Terapêutica-R (IAT-R). O *Inventário de Aliança Terapêutica-R* é a versão reduzida do instrumento *Inventário de Aliança Terapêutica*, adaptado por Machado e Horvath em 1999, do instrumento original *Working Alliance Inventory* (WAI).

O *Working Alliance Inventory* (WAI) foi originalmente desenvolvido por Horvath e Greenberg (1989). A versão original foi construída tendo por base a definição de aliança terapêutica proposta por Bordin (1979), que considera três características: os objetivos, as tarefas e a relação (Machado & Horvath, 1999). É constituída por 36 itens divididos igualmente por três subescalas: o acordo nas tarefas, o acordo nos objetivos, e o desenvolvimento da relação, tendo portanto cada subescala um total de 12 itens (Machado & Horvath, 1999). Este inventário é de auto-resposta e cada item é avaliado numa escala de tipo *Likert* de sete pontos, variando entre 1- Nunca e 7- Sempre (Machado & Horvath, 1999). O instrumento permite medir a qualidade da aliança terapêutica através de um *score* total, e a qualidade dos aspetos que a englobam, pelos três *scores* das subescalas (Machado & Horvath, 1999).

A versão reduzida do instrumento original, a *Working Alliance Inventory-R* (WAI-R) foi criada por Tracey e Kokotovic (1989), que pretenderam analisar a sua estrutura fatorial. Esta análise levou a que mantivessem os 4 itens de cada subescala com o *score* mais elevado, selecionando-se assim os itens que melhor definem os três aspetos da aliança terapêutica. No seu todo, permaneceram 12 itens. Esta versão apresenta uma estrutura fatorial semelhante à original, medindo primeiramente um fator geral da aliança terapêutica, e posteriormente os três aspetos específicos da mesma (Tracey & Kokotovic, 1989).

O *Inventário de Aliança Terapêutica*, relativamente à validade de conteúdo, teve a colaboração de três especialistas bilingues, especificamente dois psicoterapeutas doutorados com vasta experiência clínica, e um especialista em língua inglesa. Foi concedido acesso ao

instrumento original e à tradução aos três especialistas, tendo estes se pronunciado sobre a fidelidade da tradução e sobre a manutenção do conteúdo dos itens. Em termos de fiabilidade, obteve-se um Alfa de Cronbach total de 0.95, o que reflete uma boa fiabilidade da escala (Machado & Horvath, 1999). Em 2015, Machado selecionou os itens da versão original portuguesa correspondentes aos que foram mantidos por Tracey e Kokotovic (1989) no seu estudo, agrupou-os, criando a versão reduzida portuguesa – IAT-R. Como retirou os itens da versão original portuguesa, a validade de conteúdo manteve-se. No que respeita à fiabilidade, o IAT-R obteve um Alfa de Cronbach total ≥ 0.80 , no entanto apresentou menor fiabilidade para as subescalas, devido ao reduzido número de itens que constituem a escala.

No presente estudo foi utilizado o IAT-R, uma vez que o seu reduzido número de itens facilita a aplicação na população clínica em análise, os adolescentes. O instrumento disponibiliza uma versão para os terapeutas e uma versão para os pacientes, e sendo estas semelhantes facilitam a comparação dos resultados de ambas as partes, como é pretendido no presente estudo. Para além disto, este instrumento não está apropriado por nenhum quadro teórico da psicologia, podendo ser utilizado nas diversas abordagens terapêuticas.

Análise dos Dados

Com os dados provenientes do instrumento IAT-R, tanto da versão do cliente como da versão dos terapeutas, realizou-se uma análise descritiva através do cálculo de médias e de desvios-padrões, com o auxílio do programa IBM SPSS Statistics 22. Calculou-se a média total do instrumento, as médias totais das suas três componentes (acordo nos objetivos, acordos nas tarefas, e relação), as médias do instrumento para cada sessão, e os respectivos desvios-padrões.

O tratamento de dados das transcrições foi executado segundo o método qualitativo análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2004). Segundo a perspetiva deste autor a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise de comunicações. Para tal, são utilizados procedimentos sistemáticos e objetivos, para a descrição do conteúdo das mensagens, e para que se alcancem indicativos (qualitativos ou quantitativos). Estes indicativos permitem, num etapa mais avançada, que sejam inferidos conhecimentos (Bardin, 2004). Assim, a análise de conteúdo pode ser brevemente resumida como a procura de realidades através de mensagens (Bardin, 2004).

A análise de conteúdo possui três fases, organizadas por três pólos cronológicos, sendo elas: a fase de pré-análise; a fase de exploração do material; e por último, a fase de tratamento de resultados, inferência e interpretação (Bardin, 2004).

No presente estudo, inicialmente foram transcritas na íntegra as onze sessões de grupo (Anexo J). Após o período das transcrições deu-se início à primeira fase da análise de conteúdo, a fase de pré-análise. Fez-se uma primeira leitura flutuante, isto é um primeiro contacto com os documentos a analisar, de forma a surgirem impressões e orientações (Bardin, 2004). Posteriormente foram escolhidos os documentos a analisar (Bardin, 2004), ou seja foram selecionadas e isoladas apenas as intervenções dos terapeutas, deixando num plano secundário as intervenções dos jovens. Não foram formuladas hipóteses, de forma a realizar uma análise às cegas, sem ideias preconcebidas (Bardin, 2004).

A fase de exploração iniciou-se com a codificação, que permite tratar o material. A codificação engloba a escolha das unidades de registo (U.R.s). Tendo por base que estas correspondem a unidades de significação a codificar (Bardin, 2004), definiram-se como unidades de registo uma palavra ou segmentos de uma frase. O critério de recorte das unidades de registo foi de ordem semântica, isto é tendo em conta temas, apesar de por vezes ter acontecido uma correspondência com unidades formais, como é o caso de uma palavra ter correspondido a uma palavra tema. Na codificação também têm de se escolher as unidades de contexto, que se definem como sendo as unidades de compreensão das unidades de registo (Bardin, 2004). São unidades de compreensão por evocarem o contexto das unidades de registo, que muito frequentemente é necessário para se perceber o sentido de um determinado tema (Bardin, 2004).

O modo de contagem das unidades de registo foi realizado através da regra de enumeração denominada frequência. Segundo esta regra, é a presença mais ou menos frequente de uma unidade de registo que dita a sua importância, e como tal, uma unidade é tanto mais significativa quanto mais frequente for (Bardin, 2004).

Após se identificarem e isolarem as unidades de registo, procedeu-se à categorização. Para isto, foram repartidas as unidades de registo por classes, por diferenciação e por reagrupamento segundo o seu género. O critério de categorização foi expressivo, uma vez que se categorizaram as diversas intervenções dos terapeutas. Neste processo de categorização o procedimento foi “por milha”, visto o sistema de categorias não ter sido fornecido, mas sim o

resultado da classificação progressiva dos elementos. Assim, os títulos conceptuais das categorias só foram dados no final da categorização. Durante este processo de classificação foram tidas em consideração as qualidades que as categorias devem possuir apontadas por Bardin (2004), sendo elas: a exclusão mútua (um mesmo elemento não pode existir em mais de uma categoria); a homogeneidade (apenas um princípio de classificação deve organizar as categorias); a pertinência (as categorias refletem os objetivos da investigação); e por fim, a objetividade e fidelidade (o que define a entrada de um elemento numa categoria deve estar bem definido, de modo a não se introduzir a subjetividade dos codificadores).

Do processo de categorização emergiram quatro categorias, sendo elas: "Atividades em Grupo", "Técnicas", "Fomentar Partilha Pessoal" e "Manifestações Pessoais".

Categoria "Atividades em Grupo". A categoria "Atividades em Grupo" permite ter conhecimento acerca das intervenções dos terapeutas que se relacionam com a execução das atividades grupais preestabelecidas para cada sessão. Desta categoria fazem parte seis subcategorias, que se explicam de seguida e se representam na Figura 1.

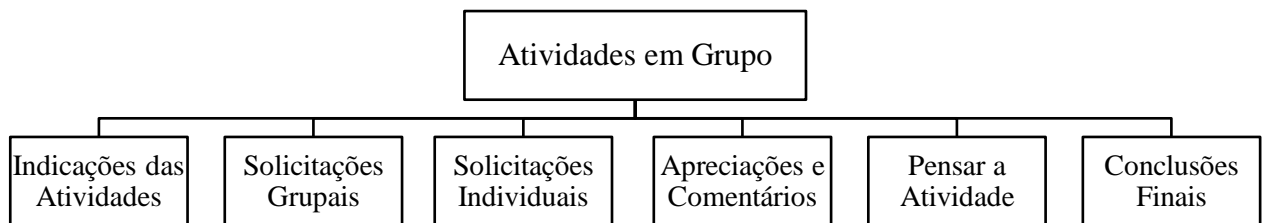


Figura 1. Representação das subcategorias da categoria Atividades em Grupo.

Subcategoria "Indicações das Atividades". Integra as intervenções dos terapeutas que fornecem informações sobre a realização das atividades.

Subcategoria "Solicitações Grupais". Representa os pedidos diretos e indiretos dos terapeutas ao grupo, sobre a execução e a participação nas atividades, assim como pedidos de apreciações das mesmas.

Subcategoria "Solicitações Individuais". Tal como a anterior (subcategoria "Solicitações Grupais") a presente subcategoria constituiu-se a partir dos pedidos de participação, de realização

e de apreciação das atividades, mas com a simples diferença destes serem feitos a um único jovem.

Subcategoria "Comentários e Apreciações". Traduz-se nos terapeutas comentarem as atividades que estão a desenvolver no momento, ou já desenvolvidas, assim como tecerem apreciações sobre as prestações dos adolescentes nestas mesmas atividades. Esta categoria possibilita que se analise se os terapeutas estão a acompanhar as atividades que se dispuseram a realizar.

Subcategoria "Pensar a Atividade". Centra-se nos terapeutas fomentarem um pensar conjunto sobre a finalidade das atividades realizadas, e sobre as conclusões decorrentes do contexto particular do grupo.

Subcategoria "Conclusões Finais". Consiste na comunicação de uma conclusão final sobre uma determinada atividade. Em contraste com a subcategoria anterior ("Pensar a Atividade") não é suscitado um pensar conjunto.

Categoria "Técnicas". A categoria "Técnicas" engloba as intervenções dos terapeutas que se ligam diretamente às suas técnicas enquanto profissionais da área de saúde mental, assim como a intervenções que são expetáveis ter face a grupos de adolescentes. Esta categoria é constituída por sete subcategorias apresentadas de seguida, e na Figura 2 a baixo.

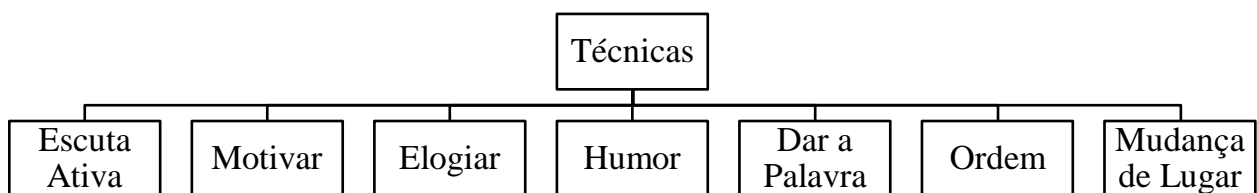


Figura 2. Representação das subcategorias da categoria Técnicas

Subcategoria "Escuta Ativa". Funda-se nas expressões verbalizadas dos terapeutas que demonstram que estão a ouvir atentamente e a acompanhar as comunicações dos adolescentes.

Subcategoria "Motivar". Reúne as expressões de encorajamento transmitidas pelos terapeutas aos membros do grupo.

Subcategoria "Elogiar". Engloba as intervenções dos terapeutas que elogiam atributos dos adolescentes.

Subcategoria "Humor". Agrupa as intervenções dos terapeutas que atribuem um significado humorístico a algo que emergiu dos membros do grupo, ou das circunstâncias e situações presentes.

Subcategoria "Dar a Palavra". Traduz a capacidade dos terapeutas perceberem quem deseja ou pede para falar no seio do grupo e concederem-no.

Subcategoria "Ordem". Junta as intervenções dos terapeutas que organizam as comunicações verbais dos membros do grupo, para que ninguém comunique em pano de fundo.

Subcategoria "Mudança de Lugar". Agrega as intervenções dos terapeutas que alteram a distribuição inicial e natural dos lugares de um ou de alguns membros do grupo, pretendendo separar quem conversa paralelamente.

Categoria "Fomentar Partilha Pessoal". A categoria "Fomentar Partilha Pessoal" estuda o investimento dos terapeutas no conhecimento da esfera pessoal dos membros do grupo. Esta categoria inclui três subcategorias, apresentadas mais à frente e retratadas na Figura 3.

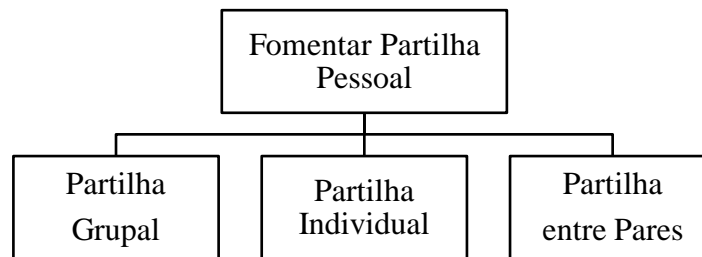


Figura 3. Representação das subcategorias da categoria Fomentar Partilha Pessoal

Subcategoria "Partilha Grupal". Concilia as intervenções dos terapeutas que questionam o grupo sobre: sentimentos, emoções, experiências passadas, situações, contextos (familiar e escolar), opiniões, desejos, expectativas, traços de personalidade, comportamentos, gostos, preferências, rotinas e relações (familiares e de amizade).

Subcategoria "Partilha Pessoal". Nesta subcategoria somam-se as intervenções dos terapeutas que se dirigem especificamente a um adolescente questionando-o acerca de: sentimentos, emoções, experiências passadas, situações, contextos (familiar e escolar), opiniões, desejos, expectativas, traços de personalidade, comportamentos, gostos, preferências, rotinas, dados pessoais, relações (familiares e de amizade) e interesses.

Subcategoria "Partilha entre Pares". Integra as intervenções dos terapeutas que fomentam comunicações entre jovens que visam um maior conhecimento e partilha pessoal entre os mesmos.

Categoria "Manifestações Pessoais". A categoria "Manifestações Pessoais" permite perceber a dimensão de comunicações dos terapeutas que são de foro pessoal. Desta categoria fazem parte três subcategorias, explicadas mais à frente e presentes na Figura 4.

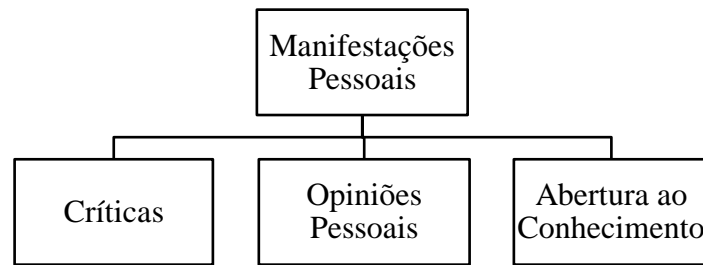


Figura 4. Representação das subcategorias da categoria Manifestações Pessoais

Subcategoria "Críticas". Conjuga expressões dos terapeutas que revelam críticas de carácter negativo a comportamentos ou ideias preconcebidas face a um jovem.

Subcategoria "Opiniões Pessoais". Junta expressões que revelam ideias e opiniões pessoais dos terapeutas.

Subcategoria "Abertura ao Conhecimento". Inclui as comunicações dos terapeutas que mostram curiosidade face a vicissitudes e a realidades da adolescência que desconhecem, por serem próprias da época vivida pelos jovens.

Para uma descrição precisa e objectiva de todas as categorias e subcategorias consultar as Tabelas 2, 3, 4 e 5 do Anexo K.

RESULTADOS

Resultados do Inventário de Aliança Terapêutica-R (IAT-R)

No final de cada uma das onze sessões grupais os adolescentes e os três terapeutas principais (um psicólogo, um psiquiatra e um interno de psiquiatria) preencheram o Inventário de Aliança Terapêutica-R (IAT-R). Como é observável na Tabela 14 em baixo, a média do IAT-R total dos adolescentes foi de 53.66, e a média do IAT-R total dos terapeutas foi ligeiramente menor, sendo de 43.46. Mesmo tendo uma discrepância de aproximadamente 10 valores ambas as alianças terapêuticas são médias. Foram igualmente calculadas as médias das subescalas do IAT-R (Tabela 14). Relativamente aos adolescentes a subescala “acordo nos objetivos” teve uma média de 43.33, a subescala “acordo nas tarefas” obteve 50.78 de média, e por último, a subescala “desenvolvimento da relação” uma média de 53.48. No que respeita aos terapeutas, a subescala “acordo nos objetivos” teve uma média de 37.92, a subescala “acordo nas tarefas” 41.17, e a subescala “desenvolvimento da relação” 40.75.

Tabela 14

Resultados globais do IAT-R dos adolescentes e dos terapeutas

	<i>Adolescentes</i>		<i>Terapeutas</i>	
	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>
IAT-R– Total	53.66	28.01	43.46	21.48
IAT-R– Objetivos	43.33	16.81	37.92	7.44
IAT-R– Tarefas	50.78	16.95	41.17	10.00
IAT-R– Relação	53.48	16.19	40.75	7.39

Também se calcularam as médias do IAT-R total para cada sessão, como é manifesto na Tabela 15 um pouco mais a baixo. Relativamente aos adolescentes constatou-se que nas três primeiras sessões a aliança terapêutica foi forte, decrescendo para média e mantendo-se como tal durante todas as restantes sessões grupais. No que diz respeito aos terapeutas, a aliança terapêutica começou por ser média nas duas primeiras sessões, mudando para fraca na terceira.

Na quarta, quinta e sexta sessão a aliança voltou a ser qualitativamente média, no entanto a partir da sétima sessão oscilou entre fraca e média. É de notar que na décima sessão a aliança terapêutica foi muito fraca (14.67) , dada a falta de comparência de dois terapeutas principais.

Tabela 15

Resultados do IAT-R de cada sessão

	<i>Adolescentes</i> <i>Média IAT-R Total</i>	<i>Terapeutas</i> <i>Média IAT-R Total</i>
S1	69	57.33
S2	68.5	56
S3	61.7	36.33
S4	47.5	51
S5	53.9	51.67
S6	46.3	37
S7	44.7	36.33
S8	50.1	49.67
S9	52.1	36.33
S10	47.8	14.67
S11	46.7	51.67

Análise das frequências absolutas e das percentagens das unidades de registo (U.R.s) de cada categoria em estudo

Pretende-se nesta primeira secção dos resultados analisar as frequências absolutas das U.R.s das subcategorias pertencentes a cada uma das quatro categorias formadas. Serão apresentadas as frequências absolutas de cada subcategoria, assim como as percentagens a que correspondem dentro da categoria mãe.

Categoria "Atividades em Grupo". A categoria "Atividades em Grupo" possui as seguintes seis subcategorias: "Indicações das Atividades", "Solicitações Grupais", "Solicitações Individuais", "Comentários e Apreciações", "Pensar a Atividade", e "Conclusões Finais". Estas, traduzem diferentes intervenções e conseqüentemente diferentes preocupações dos terapeutas

face às atividades estabelecidas. À subcategoria "Solicitações Individuais" pertencem 556 U.R.s (Tabela 6, Anexo L), e como tal a maior percentagem de U.R.s (33%) da categoria "Atividades em Grupo" como mostra a Figura 5 em baixo. Imediatamente a seguir com uma diferença pouco significativa emergiu a subcategoria "Indicações das Atividades" com 32%. Após estas duas subcategorias evidenciaram-se: "Solicitações Grupais" (17%), "Pensar a Atividade" (9%), "Comentários e Apreciações" (8%), e por fim a subcategoria "Conclusões Finais" (1%).

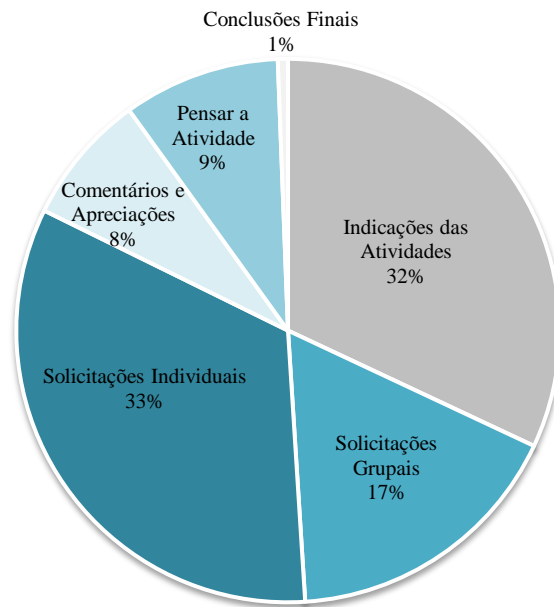


Figura 5. Percentagens do total de U.R.s da categoria Atividades em Grupo

Considerando o número de sessões nas quais se constataram U.R.s das subcategorias, as subcategorias "Solicitações Individuais", "Indicações das Atividades", "Solicitações Grupais", e "Comentários e Apreciações" estiveram presentes na totalidade das sessões (11), como se pode observar na Tabela 7 (Anexo L). Dadas estas duas análises, a subcategoria "Solicitações Individuais" foi a mais frequente e constante, e como tal constitui a subcategoria representativa da categoria "Atividades em Grupo".

É de notar que a subcategoria "Pensar a Atividade" (9%), em comparação com a "Comentários e Apreciações" (8%) tem maior percentagem de U.R.s na globalidade, no entanto apenas a última esteve presente em todas as sessões grupais (100%) como expõe a Figura 6 em

baixo. A subcategoria "Conclusões Finais" não só foi a menos frequente (1%), como apenas se manifestou em 55% das sessões.

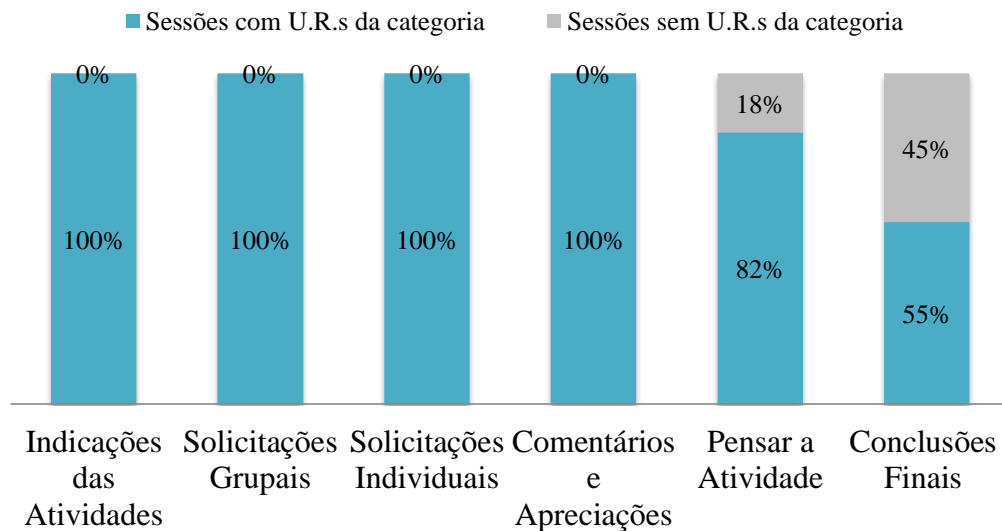


Figura 6. Percentagens das sessões com e sem U.R.s das subcategorias da categoria Atividades em Grupo

Da subcategoria "Solicitações Individuais" faz parte os terapeutas questionarem diretamente um adolescente sobre as temáticas preestabelecidas das sessões. Exemplos deste tipo de intervenções são: «E porquê que se chama a idade do armário J10?» (sessão três); «J7 a televisão é uma atividade é isso?» (sessão quatro); «J7 o que é que é a autoestima?» (sessão sete); e «Oh J2 diz lá, no desporto existe mais proximidade física também?» (sessão oito).

Também se incluiu nesta subcategoria os terapeutas pedirem a um jovem individualmente que participasse ou respondesse a uma atividade. Este tipo de intervenções caracteriza-se pela sua diversidade de discurso, pelo que se apresentam alguns exemplos demonstrativos: «Vai J10 descreve para o grupo, não digas o que é.» (sessão seis); «E tu J3, o que tens a dizer como anjo?», «Agora o J7 pode começar a avançar.», «Apresenta o teu desenho!» (sessão oito); «Queres dizer J9? Queres dizer onde tinhas o teu sinal?» (sessão nove); e «Então diz... que imagens é que tu puseste?» (sessão dez). Também se verificou os terapeutas pedirem aos adolescentes para lerem os guiões desenhados para cada sessão, com as explicações das atividades. Alguns exemplos deste tipo de conteúdos são: «Queres ler o que é ser passivo J5?», «Lê a frase, está bem?» (sessão dois); e «Lê o J1.», «Diz lá na quarta linha diz o quê?» (sessão cinco).

Por último, a subcategoria "Solicitações Individuais" também engloba os terapeutas pedirem a um adolescente uma apreciação acerca de uma atividade. Alguns exemplos destas intervenções são: «Então J3, esta é mais difícil que a outra?» (sessão um); «O que é que foi mais difícil? E o que é que foi mais fácil, o que é que gostaste mais?» (sessão oito); e «Queres dizer qual foi o jogo que mais gostaste, não gostaste, queres dizer alguma coisa?» (sessão nove).

Na subcategoria "Indicações das Atividades" agruparam-se todas as intervenções dos terapeutas que se referem a informações descritivas e explicativas sobre a realização das atividades. Nesta subcategoria os discursos foram variados, pelo que se apresentam alguns exemplos pouco vinculativos: «E vão dizer que direito é que vocês têm, nesta situação, ou nestas situações que eu vou dizer.» (sessão dois); «Têm cinco questões, vão tentar responder e depois vão partilhar isso com os vossos colegas.» (sessão quatro); e «nós temos quatro músicas para falarmos todos em conjunto, e para debatermos em conjunto» (sessão cinco).

Na subcategoria "Solicitações Grupais" os terapeutas questionaram o grupo sobre as temáticas preestabelecidas de cada sessão, como: «Então o que é o stresse?» (sessão três); «Então e o quê que vocês acham que é preciso para terem boas notas?» (sessão quatro); e «Alguém sabe o que é a psicomotricidade?» (sessão oito). Ainda nesta subcategoria, incluíram-se as intervenções dos terapeutas que dizem respeito a pedir aos jovens enquanto grupo que realizem ou que respondam a uma atividade, assim como contrapor as repostas dos diversos elementos a fim de se obterem mais conteúdos. Seguem-se alguns exemplos que refletem este tipo de intervenções: «Então quem é que foi passivo e quem é que foi assertivo?» (sessão dois); «O que é que se estava a passar neste filme?» (sessão três); e «Está tudo de acordo? Alguém não está de acordo?» (sessão dois). Por fim, incluiu-se nesta subcategoria os terapeutas pedirem ao grupo apreciações sobre as tarefas a realizar ou realizadas, tal como: «Então, foi mais fácil a cara sorridente ou a cara zangada? Ou nada disto foi muito fácil?» (sessão um).

Da subcategoria "Comentários e Apreciações" fazem parte os comentários descritivos dos terapeutas acerca das atividades a realizar no momento ou já realizadas, como: «Há imensos que sabem qual é o tema.» (sessão três); e «Está tudo nas aulas, segunda-feira às nove e meia da manhã.», «Ora portanto, o que aqui há... estar com os amigos.» (sessão quatro); Também se adicionaram nesta subcategoria as apreciações dos terapeutas sobre a prestação dos adolescentes na realização das atividades. Exemplos destas intervenções são: «A J2 consegue fazer melhor a

parte de... sorrir...»; «Eu estou a ver poucas caras contentes.» (sessão um); «Ainda estou a ver os contornos sem imagens.» (sessão sete); e «Vocês estão um bocadinho distraídos, pouco focados.» (sessão oito).

Tal como sugere o nome da subcategoria "Pensar a Atividade", esta engloba todas as intervenções dos terapeutas que se destinam a retirar conclusões das atividades que se estão a realizar ou que foram imediatamente realizadas. Os terapeutas fomentaram o pensar das atividades através de breves resumos sobre o que foi feito, dando pistas e exemplos, colocando hipóteses, ou fazendo perguntas. Exemplos destas intervenções são: «Parece que é mais fácil falar do que se gosta do que o que se não gosta, não é?», «Então não foi assim tão difícil descobrir as coisas que vocês tinham boas e as coisas que vocês tinham más.» (sessão sete); e «Vocês tiveram mais proximidade com algumas pessoas, menos com outras? Porquê? O que é que isso tem a ver?» (sessão oito).

Na subcategoria "Conclusões Finais" incluíram-se as conclusões que os terapeutas retiraram das atividades grupais no final das mesmas, como: «Todos já se ficaram a conhecer um bocadinho melhor.», «nós estivemos a ver características... daquilo que são os vossos interesses, daquilo que vos define.» (sessão um); e «Portanto é preciso pensar em várias coisas, quer seja para planear uma viagem, quer seja para planear o estudo...» (sessão quatro).

Categoria "Técnicas". A categoria "Técnicas" alberga sete subcategorias: "Escuta Ativa", "Motivar", "Elogiar", "Humor", "Dar a Palavra", "Ordem", e "Mudança de Lugar". As sete subcategorias manifestam não só técnicas terapêuticas como intervenções que organizam as comunicações grupais. A análise das frequências absolutas das U.R.s desta categoria permitiu verificar que a "Escuta Ativa" é a subcategoria que possui o maior número das mesmas, sendo este 332 (Tabela 8, Anexo M). Este número de U.R.s corresponde à maior percentagem da categoria (37%), como mostra a Figura 7 em baixo. Esta mesma Figura também mostra que à "Escuta Ativa" segue-se a subcategoria "Ordem" (26%), e próxima desta, a subcategoria "Motivar" (20%). Após a subcategoria "Motivar" encontram-se de forma decrescente, a subcategoria "Dar a Palavra" (8%), e com uma frequência absoluta semelhante as subcategorias "Humor" (4%) e "Elogiar" (4%), e finalmente a subcategoria "Mudança de Lugar" (1%).

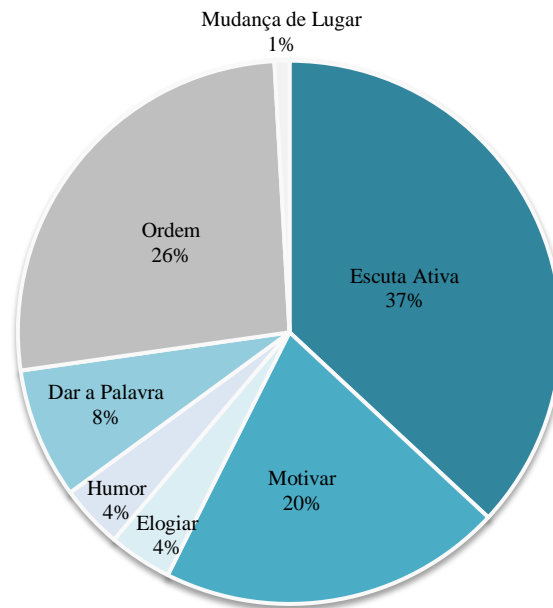


Figura 7. Percentagens do total de U.R.s da categoria Técnicas

Como a subcategoria "Escuta Ativa" tem a maior prevalência de U.R.s e está presente em todas as sessões grupais (11), como é observável na Tabela 9 do Anexo M, considera-se a subcategoria representativa da categoria "Técnicas".

As subcategorias "Ordem" e "Motivar" emergiram na totalidade das sessões, como expressa a Figura 8 em baixo. A subcategoria "Dar a Palavra" emergiu em 82% das sessões grupais. As subcategorias "Humor" e "Elogiar" evidenciaram-se, respetivamente em 73% e 64% das sessões. Finalmente, a subcategoria "Mudança de Lugar", não só foi a menos expressiva do conjunto de subcategorias como esteve presente em apenas 45% das sessões.

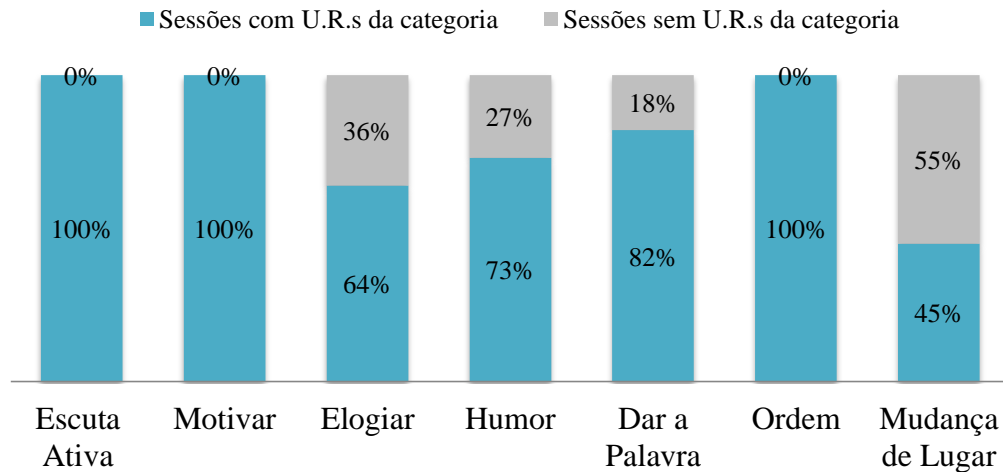


Figura 8. Percentagens das sessões com e sem U.R.s das subcategorias da categoria Técnicas

Relativamente à subcategoria "Escuta Ativa" os terapeutas mostraram estar atentos, curiosos e a acompanhar os discursos dos jovens, independentemente destes conversarem acerca de algo pessoal ou de executarem uma atividade proposta. Os exemplos mais comuns desta subcategoria foram verbalizações dos terapeutas como: «Ok», «Hum» e «Sim». Também foi bastante frequente os terapeutas repetirem de forma literal o discurso do adolescente, a fim de se fazerem acompanhar do que lhes estava a ser transmitido.

No que se refere à subcategoria "Ordem" incluíram-se as intervenções dos terapeutas que visaram organizar as comunicações dos jovens: repreendendo quem falava em pano de fundo; fazendo pedidos e advertindo quem não estaria a ouvir um dado membro; e advertindo que se falasse por uma determinada ordem. Também se adicionaram as intervenções de descontentamento dos terapeutas, que tiveram na sua base esta mesma organização das comunicações. Alguns exemplos destas intervenções foram: «Oh J1! Oh J6!» (sessão nove); «Espera lá, deixa ouvir o teu colega.» (sessão quatro); «Agora vamos ouvir a J5 se faz favor.», «Vamos ouvir a J9, está bem?» (sessão três); «Deixem ouvir a J11!» (sessão cinco); «Bem, um de cada vez!» (sessão três); «Vamos ouvir a J9, mau! Então?» (sessão dez); «Desculpa, assim não consigo!» (sessão três); e «Parem lá um bocadinho!» (sessão quatro).

Respeitante à subcategoria "Motivar", os terapeutas teceram comunicações motivadoras aos adolescentes, sendo as mais frequentes: «Vá J1, vá!» (sessão quatro); «Vá vamos lá! Vamos lá!» (sessão oito); «Vá!», «Vai J6!» (sessão onze); e «Vá lá!» (sessão dez).

No que diz respeito à subcategoria "Dar a Palavra", os terapeutas perceberam e permitiram que os jovens que se propunham a falar o fizessem, através de comunicações frequentes como: «Diz.» (sessão três); «Diz J3.», e «Diz lá J1.» (sessão dois). Também fazem parte desta subcategoria comunicações menos usuais como: «Vamos ouvir a J5 que está ali a pedir à algum tempo.», «A J3 quer falar.» (sessão três); e «J5, força.» (sessão nove).

Na subcategoria "Humor" incluíram-se as mais variadas comunicações dos terapeutas com um sentido humorístico, tal como: «Os ovos já vêm feitos J10!» (sessão quatro, a propósito das receitas que cada jovem sabia fazer); «O teu estilo é o estilo J7!», e «Ainda estavas ligada à tua almofada interior?!» (sessão cinco).

Na subcategoria "Elogiar", como o nome indica, fazem parte os elogios que os terapeutas teceram aos adolescentes, sendo os mais comuns: «Boa.» e «Muito bem!» (sessão seis).

Por fim, na subcategoria "Mudança de Lugar" as intervenções dos terapeutas foram muito diversas, sendo um exemplo: «o J7 vai passar para ali porque tu e o J10 estão sempre a conversar um com o outro.» (sessão quatro).

Categoria "Fomentar Partilha Pessoal". A categoria "Fomentar Partilha Pessoal" inclui três subcategorias: "Partilha Individual", "Partilha Grupal", e "Partilha entre Pares". Estas três subcategorias traduzem três tipos de intervenções diferentes que procuram conhecer conteúdos individuais dos adolescentes. Da categoria "Fomentar Partilha Pessoal", a subcategoria com maior número de U.R.s foi a "Partilha Individual" (528 U.R.s), como é notório na Tabela 10 do Anexo N. Este número de U.R.s corresponde a 77% da categoria total, como revela a Figura 9 em baixo. Seguiram-se, por ordem decrescente, as subcategorias "Partilha Grupal" (20%) e "Partilha entre Pares" (3%), também manifestas na Figura 9.

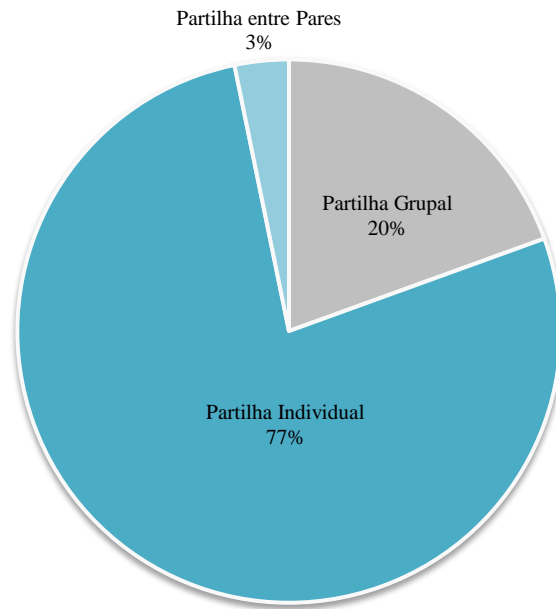


Figura 9. Percentagens do total de U.R.s da categoria Fomentar Partilha Pessoal

A subcategoria "Partilha Individual" mostrou estar presente na totalidade das sessões grupais (11), como é observável na Tabela 11 do Anexo N. Esta subcategoria, por ter a maior percentagem de U.R.s, e por ser constante, é a mais representativa do conjunto das subcategorias da categoria "Fomentar a Partilha Pessoal".

A subcategoria "Partilha Grupal" também está presente nas 11 sessões (Tabela 11, Anexo N). A subcategoria "Partilha entre Pares" evidenciou-se em seis sessões (Tabela 11, Anexo N), correspondendo a 55% do total de sessões, como mostra a Figura 10 em baixo.

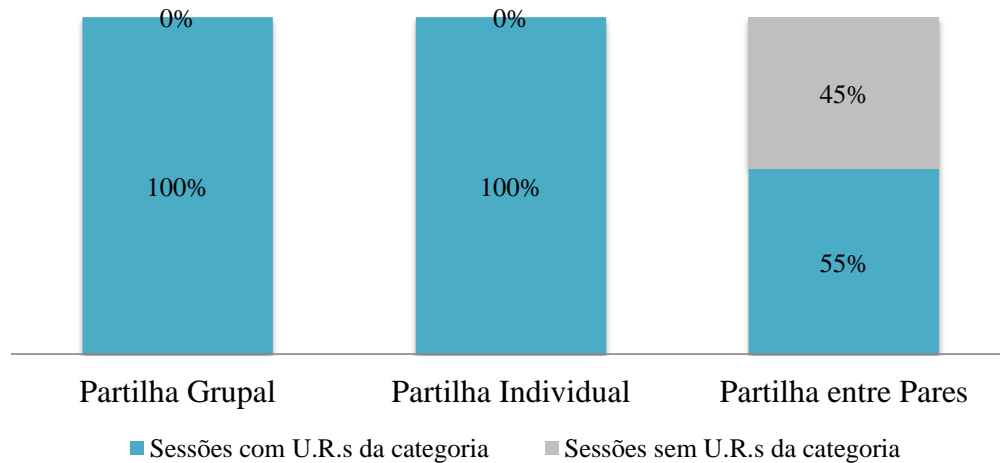


Figura 10. Percentagens das sessões com e sem U.R.s das subcategorias da categoria Fomentar Partilha Pessoal

Na subcategoria "Partilha Individual" os terapeutas entrevistados interagiram diretamente com um jovem, questionando-o acerca dos seus conteúdos pessoais. Desta subcategoria fazem parte diversos elementos, pelo que se apresentam alguns exemplos: «Queres partilhar com o grupo como foi para ti?», «Queres explicar porquê que gostarias de ser um rapaz?» (sessão um); «Demoras a confiar é isso?», «Diriges-te para os jogos, é assim J10?» (sessão três); «Como é que é a acordares? A tua mãe acorda-te, acordas sozinha?» (sessão cinco); «De animais gostas J8?» (sessão sete); e «E como é que tu ligas isso à tua família?» (sessão dez).

Na subcategoria "Partilha Grupal" juntaram-se as intervenções dos terapeutas que questionam o grupo acerca de conteúdos pessoais. Como estes conteúdos foram diversificados apresentam-se alguns exemplos: «Quem é que aqui se sente mais agressivo, ou se sente mais passivo, ou mais assertivo?» (sessão dois); «Ok, e transpondo isto (...) para a vossa vida, há alguma situação parecida que vocês tenham reconhecido aqui?» (sessão três); «E com os colegas vocês têm de tomar decisões?» (sessão cinco); e «E vocês acham que por vezes é difícil descrever os sentimentos?» (sessão seis).

Na subcategoria "Partilha entre Pares" incluíram-se as intervenções dos terapeutas destinadas a fomentar a partilha pessoal entre determinados elementos do grupo, como: «Então afinal são parecidas, mesmo tendo estilos diferentes são parecidas.» (sessão três); e «Estás a ver J8 ela não gosta de ser preguiçosa (...) e tu gostas de ser preguiçoso.» (sessão sete).

Categoria "Manifestações Pessoais". Da categoria "Manifestações Pessoais" fazem parte três subcategorias: "Críticas", "Opiniões Pessoais", e "Abertura ao Conhecimento". Todas elas exprimem comunicações de conteúdos pessoais dos terapeutas. Da categoria "Manifestações Pessoais", a subcategoria "Opiniões Pessoais" teve 85 U.R.s, como manifesta a Tabela 12 (Anexo O). Estas U.R.s correspondem a 66% da categoria global, como se pode observar na Figura 11 mais a baixo. A subcategoria "Abertura ao Conhecimento" seguiu-se à primeira subcategoria, com uma representação de 18% das U.R.s, e por último, a subcategoria "Críticas" com 16%.

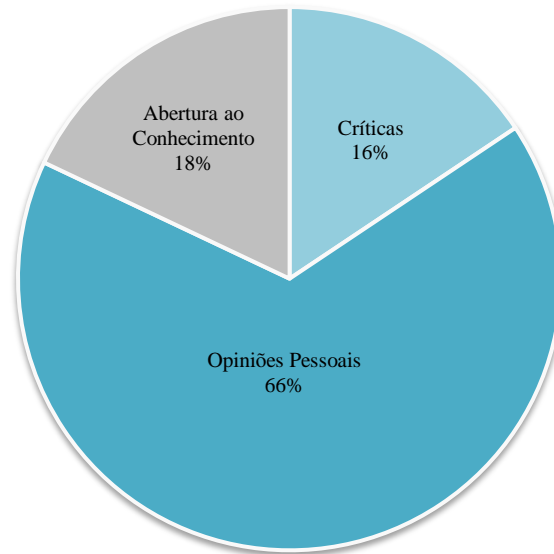


Figura 11. Percentagens do total de U.R.s da categoria Manifestações Pessoais

A subcategoria "Opiniões Pessoais" apenas não se manifestou numa das sessões, estando presente em 10, como é notório na Tabela 13 (Anexo O). Dado ter a maior percentagem de U.R.s comparativamente às restantes subcategorias, e estas terem emergido constantemente, a subcategoria "Opiniões Pessoais" é representativa da categoria "Manifestações Pessoais".

É de notar que a subcategoria "Abertura ao Conhecimento" esteve presente apenas em 27% das sessões, e a subcategoria "Críticas", apesar de ter menos U.R.s esteve presente em 90% das sessões, como revela a Figura 12.

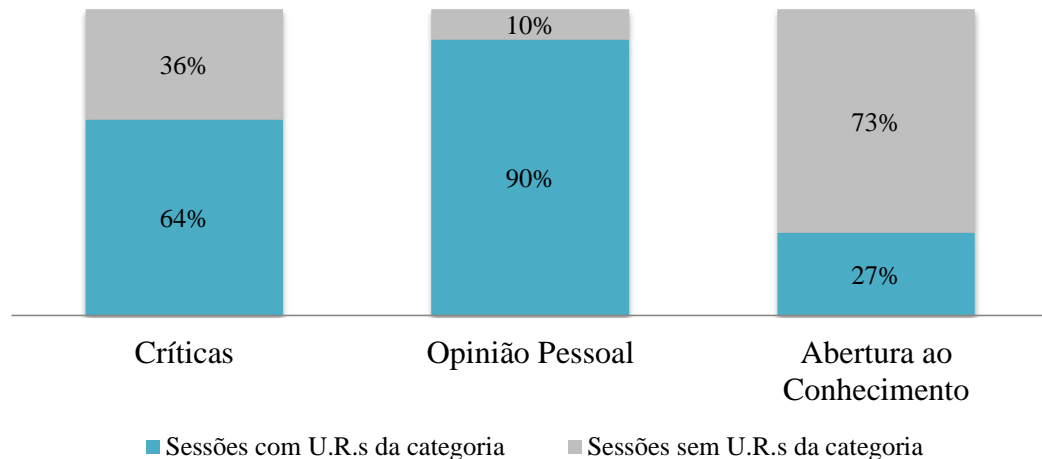


Figura 12. Percentagens das sessões com e sem U.R.s das subcategorias da categoria Manifestações Pessoais

A subcategoria "Opiniões Pessoais" aglomera diferentes perspetivas dos terapeutas, tais como: «É que normalmente o stresse impede os sonhos.» «Não consegues ir dormir!» (sessão dois); «Então se calhar tens de ensinar o teu pai a cozinhar. Dar umas dicas.», «Então é melhor também ires escolher.», «Isso não é verdade. Há imensas lojas para rapaz.» (sessão quatro); «Olha um barco tão giro! Que lindo este barco! Um iate!», «Esta miúda da capa também é gira!» (sessão sete).

A "Abertura ao Conhecimento" é a subcategoria que traduz as curiosidades dos terapeutas como: «Quer dizer que ser bom aluno não é ser popular?», «Toda a gente sabe o que são mitras e o que são chungas? Então explica lá a diferença que eu não sei.», «Olhem e as calças largas a cair e as botas desapertadas isso é dos chungas ou dos mitras?» (sessão quatro); e «O que é isso de ser tua tropa? É porque é rapariga?» (sessão oito).

No que diz respeito à subcategoria "Críticas" as U.R.s são as comunicações que se referem a apreciações negativas ao comportamento dos adolescentes. Seguem-se alguns exemplos de críticas: «Ou então vais às soluções, estou mesmo a ver, para fazer as coisas mais depressa.» «Estás muito mal habituada.» (sessão quatro); «Então, está a apanhar uma seca porque o Paulo não acaba, deixa-o desenhar.» (sessão dez).

DISCUSSÃO

A primeira parte desta discussão responde à questão de investigação: “Qual será a qualidade da aliança terapêutica dos adolescentes e dos terapeutas?”. Primeiramente é necessário recordar o conceito de aliança terapêutica pensado por Bordin (1979), visto ser o mais abrangente. A definição do autor inclui os objetivos, as tarefas da terapia, e a própria relação de maior ou de menor confiança que se estabelece entre o terapeuta e os seus pacientes.

No presente estudo considerou-se que no grupo formado pelos terapeutas e pelos adolescentes estaria presente inevitavelmente a aliança terapêutica. O programa de intervenção terapêutico que esteve na base das sessões grupais teve à partida subjacente objetivos últimos, nomeadamente desenvolver a capacidade de reflexão e as competências relacionais dos adolescentes em questão. Ademais, o tema de cada sessão relacionou-se com objetivos específicos, como demonstra a Tabela 1 (Anexo H). Dados terem sido definidos à priori todos estes objetivos, gerais e específicos, antecipou-se que estaria presente no grupo esta componente da aliança terapêutica.

Para cada sessão foram desenhadas atividades específicas para serem executadas, sendo estas formas de abordar diversas temáticas. As tarefas dos adolescentes foram realizar e participar estas atividades, e as dos terapeutas, conduzi-las. Posto isto, também se antecipou que estaria presente a componente tarefas da aliança terapêutica.

Também se considerou que a componente relação estaria presente, porque impreterivelmente entre os terapeutas e os adolescentes desenvolver-se-ia uma relação de maior ou de menor qualidade, de confiança superior ou inferior. Estando presentes concomitantemente todas as componentes da aliança terapêutica tornou-se pertinente analisá-la nesta configuração do grupo e da terapia. Para além disto, a existência de um instrumento que analisa especificamente as três componentes da aliança terapêutica propostas por Bordin (1979), o Inventário de Aliança Terapêutica-R (IAT-R), possibilitou um pouco mais, e até facilitou esta análise. Para além disto, este instrumento permite avaliar a aliança terapêutica não só na perspetiva dos terapeutas como na dos adolescentes.

Como é visível na Tabela 14, apresentada anteriormente, tanto a aliança terapêutica total dos adolescentes (53.66) como a dos terapeutas (43.46) é média. Como também se pode verificar,

a aliança terapêutica dos adolescentes deste grupo foi maior que a dos terapeutas, ou seja, qualitativamente melhor, indo de encontro a alguns estudos já mencionados na secção do Enquadramento Teórico (Auerbach, May, Stevens, & Kiesler, 2008; Hawley & Garland, 2008). Assim, pode considerar-se que os terapeutas e os adolescentes fundam-se em bases diferentes para a avaliação da aliança terapêutica (Mallinckrodt, 1991). Estes resultados podem dever-se ao facto dos terapeutas terem conhecimento do constructo que estão a avaliar, a aliança terapêutica, e do instrumento em questão, o IAT-R. Deste modo, a informação de base que possuem pode tornar o preenchimento do instrumento mais cauteloso e rigoroso. Para além disto, sendo os impulsionadores da mudança terapêutica podem considerar sempre importante seleccionar aspetos que se possam melhorar, e assim, atribuir menor valorização a certos elementos da aliança terapêutica.

Comparando as componentes da aliança terapêutica dos adolescentes com as dos terapeutas, constata-se que ambos revelaram diminuído acordo nos objetivos da terapia, sendo a componente com menor valorização. Tendo em conta o conteúdo dos itens que fazem parte desta subescala pode considerar-se que ambos possuem perceções diferentes acerca das dificuldades dos adolescentes e sobre as mudanças que seriam importantes alcançar com a terapia grupal. Este desacordo também significa que os objetivos não foram mutuamente acordados entre os terapeutas e os adolescentes. Alguns dos itens que pertencem a esta subescala são os seguintes: item 10. Os meus terapeutas/adolescentes e eu temos ideias diferentes acerca de quais são os seus/meus problemas; item 11. Estabelecemos um bom entendimento quanto às mudanças que seriam boas para eles/mim; item 6. Os adolescentes/meus terapeutas e eu trabalhamos para objetivos que foram mutuamente acordados. Este desacordo relativo aos objetivos pode relacionar-se com o facto dos mesmos terem sido estabelecidos previamente à terapia grupal, e de não terem sido comunicados aos adolescentes no início ou ao longo das sessões. Terapias grupais posteriores deverão ponderar estabelecer objetivos únicos, em conjunto com os jovens, ou mesmo estabelecê-los previamente e posteriormente discuti-los com os mesmos.

Apesar dos terapeutas e dos adolescentes terem sido consonantes relativamente aos objetivos da terapia, esta concordância não se manteve nas restantes componentes. Os jovens valorizaram em primeiro lugar a componente relação, e só depois o acordo nas tarefas, e no final, o acordo nos objetivos. Os terapeutas valorizaram primeiramente o acordo nas tarefas, e só de seguida a relação, e por fim o acordo nos objetivos. Os adolescentes terem valorizado a

componente relação indica que se sentiram apreciados pelos terapeutas, perceberam existir confiança mútua, e acharam os terapeutas competentes. Exemplos de itens desta componente são: item 3. Acho que os meus terapeutas gostam de mim; item 5. Tenho confiança na capacidade dos meus terapeutas para me ajudar; e item 9. Os meus terapeutas e eu confiamos uns nos outros. Pode concluir-se que neste grupo, mesmo existindo três terapeutas para dez pacientes, e das atividades requererem quase exclusivamente interações grupais, excluindo a díade terapeuta paciente, de uma forma geral os jovens sentiram um olhar positivo por parte do terapeuta, confiança nas relações estabelecidas e competência.

Atendendo novamente ao conteúdo dos itens do instrumento IAT-R, os terapeutas terem valorizado a componente tarefas da aliança terapêutica revela que sentiram que entre si e os adolescentes existiu acordo acerca daquilo que seria importante abordar na terapia. Para além disto, esta valorização também significa que consideraram correta a forma como trabalharam as dificuldades dos jovens. É importante referir que os terapeutas que conduziram as sessões grupais também participaram na estruturação das mesmas, e como tal, na escolha das temáticas a abordar e das atividades a realizar. Pode então concluir-se, que neste caso específico, os terapeutas perceberam que os jovens aceitaram e aderiram aos temas e às atividades de cada sessão. Além do mais, a literatura aponta para uma preocupação dos terapeutas face às contribuições dos pacientes, para o trabalho terapêutico (Bachelor, 2013). Neste grupo os terapeutas também podem ter sido especialmente atentos às reações dos adolescentes quando a apresentação das temáticas e tarefas.

Globalmente todas as médias das três componentes da aliança terapêutica referentes aos adolescentes foram superiores às dos terapeutas. Dado os adolescentes terem valorizado todos as componentes da aliança terapêutica, coloca-se como hipótese que possa ter ocorrido uma sobrevalorização. Esta sobrevalorização pode dever-se a um otimismo pouco realista da parte dos jovens. Outro fator que pode ter conduzido a estes resultados foi o instrumento IAT-R ter sido aplicado no final das sessões grupais, quando os adolescentes desejavam dar por terminado o encontro.

Quando discriminadas as médias do IAT-R para cada sessão, é notória a diferença entre as perceções dos adolescentes e dos terapeutas. Os adolescentes perceberam uma aliança terapêutica forte nas três sessões grupais iniciais, mas que foi diminuindo lentamente até passar a

média na quarta sessão, e mantendo-se como tal nos restantes encontros. Já a aliança terapêutica dos terapeutas começou por ser média nas duas primeiras sessões, mudou para fraca na terceira, a partir da quarta manteve-se durante um período de tempo média, voltando a oscilar entre fraca e média, e acabando por ser média nas últimas duas sessões. No caso dos jovens, as expectativas otimistas relativas às sessões grupais podem ter sido refletidas na percepção inicial da aliança terapêutica. No decorrer da terapia os adolescentes podem ter começado a ser mais atentos aos acontecimentos das sessões, em termos das tarefas, objetivos e ao próprio contacto com os terapeutas, e portanto mais realistas no pensar sobre os itens do IAT-R. Curiosamente, a aliança terapêutica inicial dos jovens deste grupo não se manteve constante como a literatura demonstra (Bickman et al., 2004).

No que respeita aos terapeutas, houve a prevalência de uma aliança terapêutica média intervalada com uma aliança fraca. Talvez a percepção da aliança terapêutica como fraca em certos momentos da terapia se deva aos terapeutas desejarem perceber que aspetos da aliança estão menos salientes e se podem melhorar. Também se pode colocar como hipótese, que os terapeutas trabalhem ativamente para melhorar estes elementos, uma vez que todas as sessões qualitativamente fracas se seguiram de uma média. A aliança terapêutica dos terapeutas deste grupo também não se manteve constante ao longo do tratamento, contrariando à investigação (Hawley & Garland, 2008).

A segunda parte da discussão responde à seguinte questão: “Que tipos de intervenções manifestaram os terapeutas ao longo das onze sessões grupais?”. Relativamente à primeira categoria, designada "Atividades em Grupo", ressaltou a subcategoria "Solicitações Individuais". Considerou-se esta subcategoria como sendo a mais significativa por ser a mais frequente. Assim, pode considerar-se que os terapeutas solicitaram mais frequentemente que um determinado adolescente respondesse ou participasse nas atividades preestabelecidas. De modo menos evidente surgiu a subcategoria "Indicações das Atividades", revelando que ao longo das onze sessões grupais, os terapeutas explicaram e explicitaram com alguma frequência as indicações que se relacionam com a realização das atividades.

Na categoria "Técnicas", emergiu como mais significativa a subcategoria "Escuta Ativa", por ser a mais frequente. Isto significa que ao longo dos encontros com os jovens, os terapeutas

muito frequentemente e de forma consistente foram ouvindo ativamente e acompanhando as comunicações e mensagens dos adolescentes, e transmitindo-o verbalmente.

No que diz respeito à categoria "Fomentar Partilha Pessoal", a subcategoria representativa deste conjunto, por ser mais frequente, foi a "Partilha Individual". A emergência desta subcategoria mostra que nas sessões grupais existiu frequentemente um questionar por parte dos terapeutas acerca de conteúdos do foro pessoal dos adolescentes.

Finalmente, na categoria "Manifestações Pessoais", destacou-se, devido à maior frequência, a subcategoria "Opiniões Pessoais". Esta subcategoria revela que da parte dos terapeutas houve com frequência intervenções que se relacionam com a esfera pessoal destes próprios condutores do grupo.

Na análise de conteúdo considera-se a hipótese das mensagens representarem os seus emissores (Bardin, 2004). Para além disto, as mensagens dos emissores dirigem-se aos recetores, que podem constituir um indivíduo ou um conjunto de indivíduos, com o objetivo de agirem sobre eles ou adaptarem-se (Bardin, 2004). No presente estudo parte-se destas mesmas proposições, considerando-se que as comunicações e intervenções dos condutores das sessões grupais representam os próprios terapeutas, e que ao serem formadas já têm em conta os próprios adolescentes. Esta terceira parte da discussão pode ser traduzida também ela por uma questão muito pertinente: "O que dizem as intervenções dos terapeutas sobre os próprios terapeutas e sobre os adolescentes?".

Numa perspetiva global, durante as onze sessões os terapeutas fomentaram que os jovens participassem e realizassem de forma individual as atividades, ouviram os membros do grupo ativamente e atentamente, promoveram a partilha individual de conteúdos íntimos e pessoais dos jovens, e também partilharam conteúdos pessoais.

Para cada sessão foi delineado um determinado número de atividades a realizar com os adolescentes, com objetivos específicos, estando estes evidentes na Tabela 1 (Anexo H). Verificou-se que os terapeutas impulsionaram a realização e a participação dos jovens nestas mesmas atividades, o que pode simplesmente significar que procuraram cumprir o plano inicial para as sessões. Este tipo de intervenção poderá dizer mais sobre os terapeutas, e um pouco menos sobre o grupo e os adolescentes.

Ao longo dos encontros com os jovens os terapeutas foram sempre dando várias indicações sobre as atividades, o que poderá relacionar-se com dois fatores. Um primeiro fator que é referente ao papel do terapeuta, visto fazer parte dele contribuir para que sejam realizadas as atividades preestabelecidas, e para isto, que os jovens as compreendam. Em contrapartida, como também fazem parte da categoria "Indicações das Atividades" as U.R.s que compreendem respostas às dúvidas dos jovens relativas às atividades, também se pode considerar que esta frequência tenha sido aumentada pelos adolescentes. Os adolescentes poderão ter questionado mais frequentemente os terapeutas, e conseqüentemente participado e realizado mais as atividades. Pode concluir-se que este tipo de intervenção diz tanto algo sobre os seus emissores como dos seus recetores, neste caso, os terapeutas agiram consoante o que foi estabelecido inicialmente, mas também o adaptaram aos jovens em questão.

Os terapeutas terem tido frequentemente uma atenção e escuta ativa nas sessões revela que consideram importante valorizar os contributos dos adolescentes. Adicionalmente, este tipo de intervenção também se pode relacionar com os membros do grupo, visto este só ser possível e ser frequente dada a frequência dos discursos dos adolescentes. Esta intervenção, que parte dos terapeutas, reflete ela própria um grupo no qual os membros desejaram comunicar e partilhar.

A análise das subcategorias também apurou que, com bastante frequência, as intervenções dos terapeutas incidiram sobre conteúdos individuais e pessoais de cada elemento do grupo. Este facto demonstra que os terapeutas mesmo estando perante um grupo, e de adolescentes, desejaram conhecer e refletir sobre a vida de cada jovem.

O facto de os terapeutas terem partilhado com bastante frequência as suas opiniões e ideias pessoais pode relacionar-se com a idade e a etapa de desenvolvimento dos seus recetores, uma vez que foram maioritariamente pré-adolescentes. Na fase da adolescência os jovens tendem a ser mais sensíveis face a relações nas quais um adulto detém maior poder e autoridade (Church, 1994). Portanto, este tipo de intervenções por parte dos terapeutas pode dever-se a uma adaptação dos mesmos às necessidades que percecionam serem as dos adolescentes. A predominância deste tipo de intervenções também se poderá dever à própria dinâmica que se foi gerando no seio do grupo. Esta poderá fundar-se em contribuições e partilhas pessoais de cada elemento.

Nesta investigação descreveram-se detalhadamente as intervenções dos terapeutas, as quais se sabe na teoria influenciarem a aliança terapêutica dos pacientes (Ackerman &

Hilsenroth, 2001). Em contrapartida, como não se controlaram as diversas variáveis que também podem influenciar a aliança terapêutica, não se pode afirmar que as intervenções descritas possam ter causado uma melhoria, ou um decréscimo das alianças terapêuticas. Apenas se poderá dizer que neste grupo em particular, no qual determinadas intervenções dos terapeutas foram mais salientes (fomentar a realização e a participação de um jovem nas atividades, escutar ativamente os jovens, fomentar a partilha individual de foro pessoal, e partilha de opiniões pessoais), a aliança terapêutica dos adolescentes e dos terapeutas foi média.

Os terapeutas terem fomentado a participação dos jovens e os terem encorajado a fazerem apreciações sobre a terapia pode ter influenciado positivamente as suas alianças terapêuticas, como apuraram Creed e Kendall (2005). De igual modo, pode levantar-se a hipótese de neste grupo a escuta ativa por parte dos terapeutas ter influenciado positivamente a aliança terapêutica dos jovens, tal como verificaram Diamond, Liddle, Hogue e Dakof (1999) na passagem da primeira para a segunda sessão. Por último, os terapeutas terem investigado e refletido sobre as experiências e histórias dos adolescentes, isto é, sobre os seus conteúdos pessoais, também poderá ter influenciado positivamente a aliança terapêutica, tal como se comprovou na primeira sessão do estudo de Russel, Shirk e Jungbluth (2008).

A presente investigação apresenta algumas limitações. A dimensão da amostra é reduzida ($n = 3$), pelo que os três terapeutas que participaram no estudo não podem ser representativos da população de terapeutas. Esta investigação é qualitativa de carácter descritivo, apesar de se terem analisado as médias das alianças terapêuticas dos terapeutas e dos adolescentes, pelo que não permite generalizar os resultados. Uma outra limitação foi, tanto as transcrições integrais das sessões grupais como a escolha das unidades de registo terem sido tarefas desempenhadas apenas por uma única pessoa, sem uma possível comparação com o trabalho de outro investigador.

A população juvenil nunca deixará de necessitar de um qualquer apoio, seja ele psicológico ou psiquiátrico, dadas as vicissitudes da própria adolescência que são vividas por cada jovem de uma maneira única, assim como pela psicopatologia que se poderá desenvolver neste período. Os grupos são em si uma forma imprescindível ou mesmo complementar de outras terapias e apoios, por ajudarem a ultrapassar as dificuldades e perturbações dos adolescentes. Posto tudo isto, seria importante existirem investigações futuras que pudessem perceber que intervenções da parte dos terapeutas são condicionantes da aliança terapêutica, de forma a

melhorar os serviços que são prestados em contextos hospitalares e noutros. Também seria pertinente realizarem-se entrevistas aos adolescentes após estes terem experienciado um grupo, para perceber que intervenções consideram como mais influenciadoras das alianças terapêuticas formadas.

Por fim, seria extremamente importante estudar se a componente objetivos falada por Bordin (1979), é igualmente relevante como as restantes, visto que se tem vindo a verificar que os adolescentes não a detetam tão eficazmente. Este tipo de estudo poderá acarretar alterações na definição de aliança terapêutica dos adolescentes. A aliança terapêutica poderá até adquirir uma conformação diferente nos grupos, uma vez que a relação com o terapeuta não é dual e existe mais do que um terapeuta.

REFERÊNCIAS

- Abraham, P. P., Lepisto, B. L., & Schultz, L. (1995). Adolescents' perceptions of process and specialty group therapy. *Psychotherapy, 32*(1), 70-76.
- Ackerman, S. J., & Hilsenroth, M. J. (2001). A review of therapist characteristics and techniques negatively impacting the therapeutic alliance. *Psychotherapy, 38*(2), 171-185.
- Alexander, J. F., Barton, C., Schiavo, R. S., & Parsons, B. V. (1976). Systems-behavioral intervention with families of delinquents: Therapist characteristics, family behavior, and outcome. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 44*(4), 656-664.
- Ammaniti, M. (1988). Transformations of the self in adolescence. *Rivista di Psiconalisi, 34*(4), 798-820.
- Auerbach, S. M., May, J. C., Stevens, M., & Kiesler, D. J. (2008). The interactive role of working alliance and counselor-client interpersonal behaviors in adolescent substance abuse treatment. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 8*(3), 617-629.
- Bachelor, A. (2013). Clients' and therapist views of the therapeutic alliance: Similarities, differences and relationship to therapy outcome. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 20*, 118-135. doi: 10.1002/cpp.792
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bickman, L., Andrade, A. R., Athay, M. M., Chen, J. I., Nadai, A. S., Jordan-Arthur, B. L., & Karver, M. S. (2012). The relationship between change in therapeutic alliance ratings and improvement in youth symptom severity: Whose ratings matter the most? *Administration and Policy in Mental Health, 39*, 78-89. doi:10.1007/s10488-011-0398-0
- Bickman, L., Andrade, A. R., Lambert, E. W., Doucette, A., Sapyta, J., Boyd, A. S., ... Rauktis, M. B. (2004). Youth therapeutic alliance in intensive treatment settings. *Journal of Behavioral Health Services & Research, 31*(2), 134-148.
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child, 22*, 162-186.

- Blos, P. (1968). Character formation in adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 23, 245-263.
- Bordin, E. S. (1979). The generalizability of the psychoanalytic concept of the working alliance. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 16(3), 252-260.
- Boxer A. M., Tobin-Richards M., & Petersen A. C. (2001). Puberty: Physical change and its significance in early adolescence. *Theory into Practice*, 22(2), 85-90.
- Brown, J. R., Holloway, E. D., Akakpo, T. F., & Aalsma, M. C. (2014). “Straight up”: Enhancing rapport and therapeutic alliance with previously-detained youth in the delivery of mental health services. *Community Mental Health Journal*, 50, 193-203. doi:10.1007/s10597-013-9617-3
- Burleson, J. A., Kaminer, Y., & Dennis, M. L. (2006). Absence of iatrogenic or contagion effects in adolescent group therapy: Findings from the cannabis youth treatment (CYT) study. *The American Journal on Addictions*, 15, 4-15. doi: 10.1080/10550490601003656
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, A. A., & Mateus, P., (2016, Março). *Portugal: Saúde mental em números – 2015*. Lisboa: Direção Geral da Saúde.
- Carvalho, I., Pereira, I., Zaragoza, P., Ramos, V., & Pires, P. (2013). Intervenção psicoterapêutica em grupo de adolescentes. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 35(2), 91-104.
- Church, E. (1994). The role of autonomy in adolescent psychotherapy. *Psychotherapy*, 31(1), 101-108.
- Clark, C. M. (2013). Irreducibly human encounters: Therapeutic alliance and treatment outcome in child and adolescent psychotherapy. *Journal of Infant, Child, and Adolescent Psychotherapy*, 12, 228-243. doi:10.1080/15289168.2013.822751

- Coie, J. D., Lochman, J. E., Terry R., & Hyman C. (1992). Predicting early adolescent disorder from childhood aggression and peer rejection. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 60*(5), 783-792.
- Creed, T. A., & Kendall, P. C. (2005). Therapist alliance-building behavior within a cognitive-behavioral treatment for anxiety in youth. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(3), 498-505. doi:10.1037/0022-006X.73.3.498
- Creswell, J. W. (1998). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions*. London: SAGE Publications.
- Diamond, G. M., Liddle, H. A., Hogue, A., & Dakof, G. A. (1999). Alliance-building interventions with adolescents in family therapy: A process study. *Psychotherapy, 36*(4), 355-368.
- Digiuseppe, R., Linscott, J., & Jilton, R. (1996). Developing the therapeutic alliance in child-adolescent psychotherapy. *Applied & Preventive Psychology, 5*, 85-100.
- Erikson, E. H. (1956). The problem of ego identity. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 4*, 56-121.
- Fitzpatrick, M. R., & Irannejad, S. (2008). Adolescent readiness for change and the working alliance in counseling. *Journal of Counseling & Development, 86*, 438-445.
- Foulkes, S. H. (1954). Group-analytic observation as indicator for psycho-analytic treatment. *International Journal of Psycho-Analysis, 35*, 263-266.
- Freud, S. (1958). The dynamics of transference. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 97-108). London: Hogarth Press. (Original work published 1912)
- Garcia, J. A., & Weisz, J. R. (2002). When youth mental health care stops: Therapeutic relationship problems and other reasons for ending youth outpatient treatment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 70*(2), 439-443. doi:10.1037//0022-006X.70.2.439

- Greenson, R. R. (1965). The working alliance and the transference neurosis. *The Psychoanalytic Quarterly*, *34*(2), 155-179.
- Hawley, K. M., & Garland, A. F. (2008). Working alliance in adolescent outpatient therapy: Youth, parent and therapist reports and associations with therapy outcomes. *Child Youth Care Forum*, *37*, 59-74. doi:10.1007/s10566-008-9050-x
- Hawley, K. M., & Weisz, J. R. (2005). Youth versus parent working alliance in usual clinical care: Distinctive associations with retention, satisfaction, and treatment outcome. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, *34*(1), 117-128. doi:10.1207/s15374424jccp3401_11
- Hogue, A., Dauber, S., Stambaugh, L. F., Cecero, J. J., & Liddle, H. A. (2006). Early therapeutic alliance and treatment outcome in individual and family therapy for adolescent behavior problems. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *74*(1), 121-129. doi: 10.1037/0022-006X.74.1.121
- Holmbeck, G. N., & Updegrave, A. L. (1995). Clinical-developmental interface: Implications of developmental research for adolescent psychotherapy. *Psychotherapy*, *32*(1), 16-33.
- Hopwood, C. J., & Grilo, C. M. (2010). Internalizing and externalizing personality dimensions and clinical problems in adolescents. *Child Psychiatry Human Development*, *41*, 398-408. doi:10.1007/s10578-010-0175-4
- Horvath, A. O. (2000). The therapeutic relationship: From transference to alliance. *Journal of Clinical Psychology*, *56*(2), 163-173.
- Horvath, A. O., & Greenberg, L. S. (1989). Development and validation of the working alliance inventory. *Journal of Counseling Psychology*, *36*(2), 223-233.
- Horvath, A. O., & Luborsky, L. (1993). The role of the therapeutic alliance in psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *61*(4), 561-573.
- Jungbluth, N. J., & Shirk, S. R. (2009). Therapist strategies of building involvement in cognitive-behavioral therapy for adolescent depression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *77*(6), 1179-1184. doi:10.1037/a0017325

- Karver, M. S., Handelsman, J. B., Fields, S., & Bickman, L. (2006). Meta-analysis of therapeutic relationship variables in youth and family therapy: The evidence for different relationship variables in the child and adolescent treatment outcome literature. *Clinical Psychology Review, 26*, 50-65. doi:10.1016/j.cpr.2005.09.001
- Karver, M., Shirk, S., Handelsman, J. B., Fields, S., Crisp, H., Gudmundsen, G., & McMakin, D. (2008). Relationship processes in youth psychotherapy: Measuring alliance, alliance-building behaviors and client involvement. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders, 16*(1), 15-28. doi:10.1177/1063426607312536
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury, & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* (24-59). Artmed: Porto Alegre.
- Kriščiūnaitė, T., & Kern, R. M. (2014). Psycho-educational intervention for adolescents. *International Journal of Psychology: A Biopsychological Approach, 14*, 29-50. doi:10.7220/2345-024X.14.2
- Laufer, M. (1986). Adolescence and psychosis. *International Journal of Psycho-Analysis, 67*, 367-372.
- Levy-Warren, M. H. (1992). Adolescent development. In J. W. Barron, M. N. Eagle, & D. L. Wolitzky (Eds.), *Interface of psychoanalysis and psychology* (pp. 266-283). Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/10118-011
- LoTempio, E., Forsberg, S., Bryson, S. W., Fitzpatrick, K. K., Grange, D. L., & Lock, J. (2013). Patients' characteristics and the quality of the therapeutic alliance in family-based treatment and individual therapy for adolescents with anorexia nervosa. *Journal of Family Therapy, 35*, 29-52. doi:10.1111/1467-6427.12011
- Marmorstein, N. R., & Iacono, W. G. (2004). Major depression and conduct disorder in youth: Associations with parental psychopathology and parent-child conflict. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 45*(2), 377-386.
- McLaughlin, K. A., Costello, J., Leblanc, W., Sampson, N. A., & Kessler, R. C. (2012). Socioeconomic status and adolescent mental disorders. *American Journal of Public Health, 102*(9), 1742-1750. doi:10.2105/AJPH.2011.300477

- Nagel, A. G., Guarnera, L. A., & Reppucci, N. D. (2016). Adolescent development, mental disorder, and decision making in delinquent youths. In K. Heilbrun, D. DeMatteo, N. S. Goldstein, K. Heilbrun, D. DeMatteo, & N. S. Goldstein (Eds.), *APA handbook of psychology and juvenile justice* (pp. 117-138). Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/14643-006
- Paus, T., Keshavan, M., & Giedd, J. N. (2008). Why do many psychiatric disorders emerge during adolescence? *Nature Reviews Neuroscience*, 9(12), 947-957. doi:10.1038/nrn2513
- Machado, P., & Horvath, A. (1999). Inventário da aliança terapêutica – W.A.I.. In M. Simões, M. Gonçalves, & L. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em portugal* (pp.87-94). Braga: APPORT/SHO.
- Mallinckrodt, B. (1991). Clients' representations of childhood emotional bonds with parents, social support, and formation of working alliance. *Journal of Counseling Psychology*, 38(4), 401-409.
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Robbins, M. S., Liddle, H. A., Turner, C. W., Dakof, G. A., Alexander, J. F., & Kogan, S. M. (2006). Adolescent and parent therapeutic alliances as predictors of dropout in multidimensional family therapy. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 108-116. doi: 10.1037/0893-3200.20.1.108
- Rogers, C. R. (1957). The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, 21(2), 95-103.
- Russell, R., Shirk, S., & Jungbluth, N. (2008). First-session pathways to the working alliance in cognitive-behavioral therapy for adolescent depression. *Psychotherapy Research*, 18(1), 15-27. doi:10.1080/10503300701697513
- Saunders, S. M. (2001). Pretreatment correlates of the therapeutic bond. *Journal of Clinical Psychology*, 57(12), 1339-1352.

- Shirk, S. R., Caporino, N. E., & Karver, M. S. (2010). The alliance in adolescent therapy: Conceptual, operational, and predictive issues. In D. Castro-Blanco, & M. S. Karver (Eds.), *Elusive alliance: treatment engagement strategies with high-risk adolescents*, (pp. 59-93). doi:10.1037/12139-002
- Shirk, S. R., & Karver, M. (2003). Prediction of treatment outcome from relationship variables in child and adolescent therapy: A meta-analytic review. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 71*(3), 452-464. doi: 10.1037/0022-006X.71.3.452
- Shirk, S., & Karver, M. (2006). Process issues in cognitive-behavioral therapy for youth. In P. C. Kendall, (Eds.), *Child and adolescent therapy: cognitive-behavioral procedures* (3rd ed.) (pp. 465-491). New York: Guilford Press.
- Shirk, S. R., Karver, M. S., & Brown, R. (2011). The alliance in child and adolescent psychotherapy. *Psychotherapy, 48*(1), 17-24. doi:10.1037/a0022181
- Smith, M. L., & Glass, G. V. (1977). Meta-analysis of psychotherapy outcome studies. *American Psychologist, 32*(9), 752-760.
- Sterba, R. (1934). The fate of the ego in analytic therapy. *International Journal of Psycho-Analysis, 15*, 117-126.
- Stiles, W. B., Shapiro, D. A., & Elliott, R. (1986). Are all psychotherapies equivalent?. *American Psychologist, 41*(2), 165-180.
- Taylor, L., Adelman, H. S., & Kaser-Boyd, N. (1985). Exploring minors' reluctance and dissatisfaction with psychotherapy. *Professional Psychology: Research and Practice, 16*(3), 418-425.
- Tracey, T. J., & Kokotovic, A. M. (1989). Factor structure of working alliance inventory. *Psychological Assessment: A Journal Of Consulting And Clinical Psychology, 1*(3), 207-210. doi:10.1037/1040-3590.1.3.207
- Young, I. L., Anderson, C., & Steinbrecher, A. (1995). Unmasking the phantom: Creative assessment of the adolescent. *Psychotherapy, 32*(1), 34-38.

Zack, S. E., Castonguay, L. G., & Boswell, J. F. (2007). Youth working alliance: A core clinical construct in need of empirical maturity. *Harvard Review of Psychiatry*, *15*(6), 278-288. doi:10.1080/10673220701803867

Zetzel, E. R. (1956). Current concepts of transference. *International Journal of Psycho-Analysis*, *37*, 369-376.

ANEXOS

Anexo A – Autorização do projeto de investigação “Psicopatologia e ajustamento psicológico de adolescentes” pela Comissão de Ética do Hospital Garcia de Orta (HGO)



Comissão de Ética

RELATÓRIO DA COMISSÃO DE ÉTICA

Assunto: TRABALHO Nº 48/2015

Projecto de Investigação intitulado “Psicopatologia e ajustamento psicológico de adolescentes”

- Trata-se de um estudo que pretende avaliar as intervenções terapêuticas em grupos de adolescentes realizadas pela Unidade de pedopsiquiatria do serviço de Pediatria do Hospital Garcia de Orta. Procura-se analisar a eficácia da intervenção na qualidade de vida dos adolescentes, analisar o processo terapêutico que se estabelece com base na qualidade da aliança terapêutica entre os intervenientes na relação terapêutica; analisar as percepções e expectativas das figuras parentais de adolescentes que se encontram num contexto de intervenção em grupo. Paralelamente o acesso a esta população clínica de adolescentes seguidos pela unidade de pedopsiquiatria, permite obter um conjunto de dados clínicos vastos, que possibilitarão desenvolver a caracterização da população clínica portuguesa, de modo a elaborar uma nova perspectiva sobre as necessidades destes adolescentes.
- O estudo realizar-se-á na Unidade de Pedopsiquiatria do Serviço de Pediatria do HGO, cujo diretor de serviço já autorizou a sua realização.
- Consistirá na aplicação de questionários em três momentos (no início e no fim do programa de intervenção e após seis meses do término do programa).
- A investigadora principal é a Professora Doutora Isabel Leal (William James Center for research, I&D do ISPA, e a assistente de Investigação Dra. Marta Pedreira, cujos curriculum vitae se encontram em anexo.
- O estudo não envolve qualquer intervenção terapêutica (diferente da já realizada) nos doentes nem encargos financeiros ao HGO e os dados recolhidos são anonimizados.
- O consentimento esclarecido para o Participante/jovem, Participante /pai e do u representante legal/Encarregado de educação dos doentes está escrito de forma completa e compreensível.

Do ponto de vista ético não vemos qualquer obstáculo ao início do estudo.

O estudo pode prosseguir.

A Comissão de Ética

Dr. Luis Antunes

Data - 12/10/2015



Exma. Senhora
 Professora Doutora Isabel Leal
 ISPA Instituto Universitário
 Rua Jardim do Tabaco, nº34
 1149-041 Lisboa

nossa ref. Centro Garcia de Orta 11825
 our ref.

vossa ref.
 your ref.

data
 date 16.10.2015

assunto
 subject

Pedido de autorização para realização do Projeto de Investigação intitulado:
 "Psicopatologia e ajustamento psicológico de adolescentes".

Em resposta ao solicitado, acima referido, somos a informar, que o mesmo foi
 autorizado pelo Conselho de Administração em 15-10-2015.

Com os melhores cumprimentos, 



Ana Jorge

Presidente do Centro Garcia de Orta

Anexo B – Consentimento informado dos profissionais

No âmbito de um projeto de investigação sobre intervenção em grupos de adolescentes desenvolvido pela Unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia da Orta e pelo Centro de Investigação William James do Instituto Universitário – Ciências Sociais, Psicológicas e da Vida (ISPA-IU), gostaríamos de solicitar a sua colaboração.

O protocolo de colaboração caracteriza-se pelo preenchimento de um questionário sociodemográfico e pelo preenchimento, em cada sessão da intervenção em grupo de adolescentes, de um questionário sobre o processo terapêutico.

As tarefas devem ser encaradas com seriedade e tendo em conta que não há respostas certas ou erradas.

A vossa participação é de extrema importância para o desenvolvimento do projeto de investigação, sendo igualmente voluntária, podendo retirar-se do estudo a qualquer momento, sempre que assim entender. Garantimos o anonimato e a confidencialidade dos dados que nos forem fornecidos.

Caso pretenda algum esclarecimento adicional, por favor entre em contacto com a responsável da instituição do projeto de investigação (Dr^a. Vera Ramos, n^o212721640) e/ou a assistente de investigação do projeto (Marta Pedreira, mpedreira@ispa.com).

Obrigada pela sua colaboração.

O estudo foi-me explicado, compreendi que a minha participação é voluntária e que sou livre de não continuar a mesma sem qualquer prejuízo. Além disso, compreendi que a confidencialidade dos meus dados pessoais será assegurada. Após ter lido e compreendido a informação anteriormente mencionada, declaro que aceito participar neste estudo.

Sim, concordo

Não concordo

(Assinatura do participante) Data ____/____/____

(Assinatura do investigador) Data ____/____/____

Anexo C – Questionário sociodemográfico dos profissionais

FEMININO	
MASCULINO	

IDADE	
-------	--

ESTADO CIVIL

Casado/a ou união de facto	
Tem uma relação	
Solteiro/a	
Divorciado/a ou separado/a	
Viúvo/a	

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Licenciatura	
Mestrado	
Doutoramento	
Pós-Doutoramento	

PROFISSÃO?

Obrigada pela sua colaboração.

Anexo D – Consentimento informado dos pais

No âmbito de um projeto de investigação sobre intervenção em grupos de adolescentes desenvolvido pela Unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia da Orta e pelo Centro de Investigação William James do Instituto Universitário – Ciências Sociais, Psicológicas e da Vida (ISPA-IU), gostaríamos de solicitar a colaboração do seu/sua filho(a).

O protocolo de colaboração do seu filho caracteriza-se pelo preenchimento de um questionário sociodemográfico e o preenchimento de um conjunto de questionários. Estas tarefas estão organizadas ao longo do programa terapêutico para não se tornar maçador para o seu filho.

O programa de intervenção requer a gravação áudio e vídeo das sessões de grupo, sendo o material visualizado unicamente pelos investigadores, salvaguardando a confidencialidade dos dados.

A participação do seu/sua filho(a) é de extrema importância para o desenvolvimento do projeto de investigação, sendo igualmente voluntária, podendo retirar-se do estudo a qualquer momento, sempre que assim entender. Garantimos o anonimato e a confidencialidade dos dados que nos forem fornecidos.

Caso pretenda algum esclarecimento adicional, por favor entre em contacto com a responsável da instituição do projeto de investigação (Dr^a. Vera Ramos, nº212721640) e/ou a assistente de investigação do projeto (Marta Pedreira, mpedreira@ispa.com).

Obrigado pela vossa colaboração.

Autorização do Encarregado de Educação

	Assinatura:	Data:
Aceito que o meu educando participe		
Não aceito que o meu educando participe		

Anexo E – Autorização para a utilização do IAT-R

E-mail enviado ao Professor Doutor Paulo Machado

Assunto: Autorização para utilização do IAT-R

Mensagem:

Boa tarde Professor Doutor Paulo Machado,

Solicito autorização para utilizar o instrumento intitulado *Inventário de Aliança Terapêutica - Versão Reduzida* (IAT-R) para clientes e terapeutas, no âmbito de um projeto de investigação com a orientação da Professora Doutora Isabel Leal.

Os melhores cumprimentos.

Data: 24/11/2015

Resposta do Professor Doutor Paulo Machado

Assunto: Re: Autorização para utilização do IAT-R

Mensagem:

Sim poderá utilizar sem problema. Se fosse possível partilhar os dados agradecia pois ajudava no nosso trabalho de validação da escala.

Cumprimentos,

Paulo Machado.

Data: 24/11/2015

**Anexo F – Inventário de Aliança Terapêutica - Versão Reduzida (IAT-R), Versão Cliente -
C**

Inventário de Aliança Terapêutica – Versão Reduzida (Versão C)

Instruções

Nas páginas seguintes encontrará frases que descrevem o modo como uma pessoa pode pensar ou sentir acerca do seu terapeuta.

Por baixo de cada afirmação existe uma escala de sete pontos:

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

Se a afirmação descrever o modo como se sente (ou pensa) **sempre** faça um círculo no número **7**; se **nunca** se aplica a si faça um círculo no número **1**.

Use os outros números para descrever variações entre estes dois extremos.

Este questionário é CONFIDENCIAL

Responda depressa, as suas primeiras impressões são as mais importantes.

(POR FAVOR NÃO SE ESQUEÇA DE RESPONDER A TODOS OS ITENS.)

1. Os meus terapeutas e eu estamos de acordo acerca das coisas que eu preciso de fazer em terapia para ajudar a melhorar a minha situação.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

2. O que eu faço na terapia permite-me ver o meu problema de novas formas.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

3. Acho que os meus terapeutas gostam de mim.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

4. Os meus terapeutas não percebem aquilo que eu tento conseguir com a terapia.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

5. Tenho confiança na capacidade dos meus terapeutas para me ajudar.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

6. Os meus terapeutas e eu trabalhamos para objectivos que foram mutuamente acordados.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

7. Sinto que os meus terapeutas me apreciam.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

8. Estamos de acordo acerca daquilo em que é importante eu trabalhar.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

9. Os meus terapeutas e eu confiamos uns nos outros.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

10. Os meus terapeutas e eu temos ideias diferentes acerca de quais são os meus problemas.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

11. Estabelecemos um bom entendimento quanto às mudanças que seriam boas para mim.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

12. Acredito que o modo como estamos a trabalhar com o meu problema é correcto.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

Obrigado pela sua colaboração.

Cliente # : _____

Terapeuta: _____

Sessão: _____

Data: _____

**Anexo G – Inventário de Aliança Terapêutica - Versão Reduzida (IAT-R), Versão
Terapeutas - T**

Inventário de Aliança Terapêutica – Versão Reduzida (Versão T)

Instruções

Nas páginas seguintes encontrará frases que descrevem o modo como uma pessoa pode pensar ou sentir acerca do seu terapeuta.

Por baixo de cada afirmação existe uma escala de sete pontos:

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

Se a afirmação descrever o modo como se sente (ou pensa) **sempre** faça um círculo no número **7**; se **nunca** se aplica a si faça um círculo no número **1**.

Use os outros números para descrever variações entre estes dois extremos.

Este questionário é CONFIDENCIAL

Responda depressa, as suas primeiras impressões são as mais importantes.

(POR FAVOR NÃO SE ESQUEÇA DE RESPONDER A TODOS OS ITENS.)

1. Os adolescentes e eu estamos de acordo acerca das coisas que eles precisam de fazer em terapia para ajudar a melhorar a sua situação.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

2. O que os adolescentes fazem na terapia permite-lhes ver o seu problema de novas formas.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

3. Acho que os adolescentes gostam de mim.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

4. Os adolescentes não percebem aquilo que eu tento conseguir com a terapia.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

5. Tenho confiança na capacidade dos adolescentes em ajudarem-se a si próprios.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

6. Os adolescentes e eu trabalhamos para objectivos que foram mutuamente acordados.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

7. Sinto que os adolescentes me apreciam.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

8. Estamos de acordo acerca daquilo que é importante os adolescentes trabalharem.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

9. Os adolescentes e eu confiamos uns nos outros.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

10. Os adolescentes e eu temos ideias diferentes acerca de quais são os seus problemas.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

11. Estabelecemos um bom entendimento quanto às mudanças que seriam boas para eles.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

12. Acredito que o modo como estamos a trabalhar com o problema deles é correcto.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Por vezes	Frequentemente	Muito	Sempre

Obrigado pela sua colaboração.

Cliente # : _____

Terapeuta: _____

Sessão: _____

Data: _____

Anexo H – Temáticas, objetivos e atividades de cada sessão

Tabela 1

Temáticas, objetivos e atividades delineadas para cada sessão grupal

Sessões	Tématicas	Objetivos	Atividades
1ª Sessão	Apresentação do grupo	Promover o conhecimento entre os jovens.	4
2ª Sessão	Caraterísticas da comunicação – aprendizagem da assertividade e direitos pessoais	1.Aprendizagem de formas corretas de manifestar direitos pessoais; 2. Consciencialização de que os direitos são a base para se ser passivo, agressivo ou assertivo; 3.Conhecimento das regras.	5
3ª Sessão	Situações de stresse	1.Consciencialização das respostas ao stresse.	2
4ª Sessão	Funcionamento académico e rendimento escolar - planeamento	1.Promover a organização das rotinas (ênfase nas escolares); 2.Treinar as competências de planeamento da ação.	3
5ª Sessão	Funcionamento académico e rendimento escolar – tomar decisões e pressão dos colegas	1.Praticar a técnica da tomada de decisões; 2.Discutir os diferentes tipos de pressão vindos dos colegas e como estes podem prejudicar o rendimento escolar.	1
6ª e 7ª Sessão	Autoimagem e autoestima	1.Reconhecimento do corpo e da auto-imagem.	4 e 3 respetivamente
8ª e 9ª Sessão	Psicomotricidade	1.Potenciar a mentalização das questões corporais; 2.Promover o conhecimento tónico; 3.Promover a noção corporal.	4 e 8 respetivamente
10ª Sessão	Família	1.Promoção da mentalização das relações familiares.	3
11ª Sessão	Autonomia	1.Consciencialização do desejo de autonomia; 2.Despedida do grupo.	2

Anexo I – Questionário sociodemográfico dos adolescentes

QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO

GÉNERO

FEMININO	
MASCULINO	

IDADE

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

TIPO DE ENSINO		ANO LETIVO
Ensino primário		
Ensino básico		
Ensino secundário		
Ensino profissional		

COM QUEM VIVES?

NAMORAS?

SIM	
NÃO	

JÁ VIVENCIASTE ALGUMA DESTAS SITUAÇÕES?

Doença	
Doença de familiar	
Divórcio/Separação dos pais	
Morte dos pais/cuidadores	
Adoção	
Institucionalização	
Maus-tratos	
Abandono por um dos pais/por ambos	
Abuso sexual	
Dificuldades na dinâmica familiar	

QUAL FOI O MOTIVO QUE TE LEVOU À CONSULTA NA UNIDADE DE PEDOPSIQUIATRIA?

Queixas depressivas	
Alterações do comportamento	
Ideação/Tentativa de Suicídio	
Dificuldades de socialização	
Rituais obsessivos	
Queixas físicas	
Alterações do comportamento alimentar	
Outro motivo. Qual? _____	

QUE TIPO DE ENCAMINHAMENTO?

Por tua iniciativa	
Por conselho de familiar e amigo	
Por indicação médica	

QUE TIPO DE TRATAMENTO TENS NESTE MOMENTO?

Psiquiátrico	
Psicológico	
Ambos	

Obrigada pela tua colaboração.

Anexo J – Transcrições das sessões de grupo

Sessão 1

T1 – É para se levantarem todos, e para começarem a deambular pela sala, ou seja andarem dentro da sala olhando uns para os outros. Primeiro, olhando naturalmente uns para os outros. Ok, pode ser? Vamos andar todos. Vamos começar? Vamos passear.

T2 – Não é andarem em fila indiana, está bem?

T1 – É só olharem uns para os outros. Lembrando-se um bocadinho dos nomes, daquilo que dissemos até agora que foi só o nome, não é? Pronto, agora queria que vocês tentassem fazer uma cara zangada, como se estivessem zangados uns com os outros. Como se tivessem realmente qualquer coisa de... de zangado uns com os outros. Não se conhecem. Pode ser? Continuar a andar. Isto é para continuar a andar, só que o olhar é zangado, é irritado. Olhar uns para os outros. Vá olharem uns para os outros zangados. J2! A J2 consegue fazer melhor a parte de... sorrir não é? Ok. É um bocadinho difícil esta parte. E agora fazer um grande sorriso como se gostassem uns dos outros.

T3 – Eu estou a ver poucas caras contentes.

T1 – Agora estes aqui vão-se virar para ali e ficam a andar para aquele lado. Vá lá, pode ser?

T3 – A J11 é sorridente e a J5 também.

T1 – E pronto acabou e agora podem sentar.

Sentaram-se.

T1 – Então, foi mais fácil a cara sorridente ou a cara zangada? Ou nada disto foi muito fácil? Só para descontrair um bocadinho os músculos não é? A parte do grande sorriso.

T2 – Bom, penso que os médicos ou psicólogos que vos acompanham, pronto não vamos falar de ninguém individualmente não é? Mas vamo-nos apresentar aqui um bocadinho uns aos outros está bem? Eu vou fazer aqui umas perguntas. Posso começar pelo J8. Peço desculpa se me esquecer de algum nome.

T3 – E respondem o que vos vier à cabeça, pode ser?

T2 – Então, quantos anos tens?

J8 – Tenho catorze.

T2 – Como?

J8 – Catorze.

T2 – Como te chamas?

J3 – J3.

T2 – Em que ano estás?

J2 – Sétimo.

T2 – Qual é o título do último livro que leste?

J7 – A...

T2 – Podem passar está bem? Qual é o programa da televisão que tu vês? (para J10) Passas? Qual é o teu prato favorito?

J1 – Atum.

T2 – Qual é o teu signo?

J6 – Peixe.

T2 – Qual é o teu jogador de futebol favorito?

J2 – Messi.

T2 – A... qual é o teu destino favorito?

J11 – Paris.

T2 – Em que área gostarias de trabalhar?

J5 – Ciências.

T2 – Gostas mais de cães ou de gatos?

J8 – De gatos.

T2 – Gostas de animais?

J3 – Sim

T2 – Gostas de crianças?

J2 – Sim.

T2 – Qual é o teu clube?

J7 – Porto.

T2 – Qual é o teu desporto favorito?

J10 – Futsal.

T2 – Qual é a viagem dos teus sonhos?

J1 – Passo.

T2 – Qual é o teu maior medo?

J6 – A... passo.

T2 – O que farias se ganhasses cinquenta milhões no totoloto, ou no euromilhões vá?

J2 – Dava a uma instituição ou tentava...

T2 – Como te chamas?

J11 – J11.

T2 – E quantos anos tens?

J5 – 12.

T2 – Em que ano estás?

J8 – Sétimo.

T2 – Qual é o teu livro preferido?

J3 – A Melodia do Adeus.

T2 – Qual é o programa de televisão que preferes?

J2 – Não sei.

T2 – Qual é o teu prato favorito?

J7 – Lasanha.

T2 – Qual é o teu signo?

J10 – Carneiro.

T2 – Qual é o teu jogador de futebol favorito?

J1 – Passo.

T2 – Qual é a tua disciplina favorita?

J6 – História.

T2 – Em que área gostarias de vir a trabalhar?

J2 – Artes.

T2 – Gostas mais de cães ou de gatos?

J11 – De gatos.

T2 – Gostas de animais?

J5 – Não muito.

T2 – Gostas de crianças?

J8 – Sim.

J3 – Qual é o teu clube?

J3 – A... benfica.

T2 – Qual é o desporto que praticas?

J2 – Andebol.

T2 – Qual é a viagem dos teus sonhos?

J7 – A... passo.

T2 – Qual é o teu maior medo?

J10 – Passo.

T2 – Passam todos. (rindo-se) O que farias se ganhasses o euromilhões ou o totoloto?

J1 – Passo.

T2 – Como te chamas?

J6 – J6.

T2 – Quantos anos tens?

J2 – Catorze.

T2 – Em que ano estás?

J11 – Sétimo.

T2 – Qual é o teu livro favorito?

J5 – Não é livro, é banda desenhada.

T2 – Qual é o programa de televisão que preferes?

J8 – Passo.

T2 – Qual é o teu prato favorito?

J3 – Bitoque.

T2 – Qual é o teu signo?

J2 – Leão.

T2 – Qual é o teu jogador de futebol favorito?

J7 – Ronaldo.

T2 – Qual é a tua disciplina favorita?

J10 – Físico-química.

T2 – Em que áreas gostarias de vir a trabalhar?

J1 – Passo.

T2 – Gostas mais de cães ou de gatos?

J6 – De gatos.

T2 – Gostas de animais?

J2 – Sim.

T2 – Gostas de crianças?

J11 – Sim.

T2 – Qual é o teu clube?

J5 – Nenhum.

T2 – Qual é o desporto que praticas?

J8 – Não tenho.

T2 – Qual é a viagem dos teus sonhos?

J3 – Passo.

T2 – Qual é o teu maior medo?

J2 – Passo.

T2 – O que farias se ganhasses cinquenta milhões?

J7 – Passo.

T2 – Como te chamas?

J10 – J10.

T2 – Quantos anos tens?

J1 – Doze.

T2 – Em que ano estás?

J6 – Oitavo.

T2 – Qual é o teu filme preferido?

J2 – “Divergente”.

T2 – Como?

J2 – “Divergente”.

T2 – Qual é o programa de televisão que preferes?

J11 – Passo.

T2 – Qual é o teu prato favorito?

J5 – Lasanha.

T2 – Qual é o teu signo?

J8 – Caranguejo.

T2 – Qual é o teu jogador de futebol preferido?

J3 – Neymar.

T2 – Qual é a tua disciplina favorita?

J2 – Educação física.

T2 – Em que área gostarias de vir a trabalhar?

J7 – Passo.

T2 – Gostas mais de cães ou de gatos?

J10 – Gatos.

T2 – E tu, gostas de animais?

J1 abana a cabeça em sinal de afirmação.

T2 – Gostas de crianças?

J6 – Sim!

T2 – Qual é o teu clube?

J2 – Benfica.

T2 – Qual é o desporto que praticas?

J11 – Nenhum.

T2 – Qual a viagem dos teus sonhos?

J5 – Nova Iorque.

T2 – Qual é o teu maior medo?

J8 – Passo.

T2 – O que farias se ganhasses cinquenta milhões?

J3 – Passo.

T2 – Ok. Então daqui quem é que tem animais?

Puseram as mãos no ar.

T1 – São bastantes não é?

T2 – Quem é que gosta de cães e de gatos? Gatos? A J5 ali não quer gatos, não é?

T3 – A J5 não é muito fã de animais.

T2 – Então e quem é que é do benfica?

T3 – Temos ali um portista. Há mais alguém portista? Estás sozinho!

Riram-se.

T2 – E sporting?

T3 – E do sporting?

T2 – Mais... ora a lasanha, quem é que gosta de lasanha?

Puseram as mãos no ar.

T2 – Então e ninguém sabe o que faria com cinquenta milhões?

J3 – Dava à minha família.

T2 – Hum.

T3 – A J2 também já tinha respondido.

J6 – Podia dar também a uma instituição...

T3 – Se ganhassem o euromilhões?! O que é que vocês faziam? (silêncio) Nada?

T1 – Muito bem, vocês agora vão receber um disco, igual a este e nós vamos pedir-vos para vocês colocarem o vosso nome, idade, e depois vão responder a seis destas perguntas aqui nestes espaços. E depois vão se apresentar, quer dizer há um colega que vos vai apresentar.

Distribuíram-se as folhas.

T3 – Põem o vosso nome no centro, a idade, e depois nessa lista de perguntas que têm escolhem 6, e respondem nesses cantos dos círculos. Põem o que escolheram e a resposta. Estão a perceber?

T1 – Já acabaste? (para J6)

Completaram a tarefa a pares.

J5 – Chama-se J11 e tenho doze anos o filme preferido dela é “Divergente”. A melhor amiga dela chama-se L.. O mês de nascida é março. O lugar preferido para estar com os amigos é a praia. O dia mais feliz da vida dela é dezasseis de março. O desporto favorito dela é futebol e pronto.

T2 – Agora a J11 apresenta a J5.

J11 – Chama-se J5, tem doze anos. A minha banda favorita é... ai não sei dizer. O mês de nascimento...

T3 – Não perceberam o nome da banda. Qual é o nome da banda?

J5 – É “Langfield Fight”.

J11 – O meu mês de nascimento é novembro. Os meus animais de estimação são gatos. A minha música favorita é...

J5 – (não audível).

J11 – O meu filme preferido é (não audível). O meu desporto favorito é futebol.

J2 – Chama-se J6, tem quinze anos, o seu melhor amigo chama-se B.. Tem um cão. As melhores férias da vida dele foram na Tailândia. Nasceu em fevereiro. O seu desporto favorito é basquetebol.

J6 – Então chama-se J2, tem doze anos, a sua melhor amiga chama-se B.. Nasceu em novembro. As melhores férias da sua vida foram no Algarve. O desporto favorito é voleibol. O seu filme favorito é “A Culpa é das Estrelas” e a sua música favorita é “Agir”.

J1 – Chama-se J10, tem doze anos, anda no sétimo ano, o mês de nascimento é abril, o seu melhor amigo chama-se R., os animais de estimação são dois cães. O seu desporto favorito é futebol.

J10 – É o J1, tem doze anos, o seu lugar favorito para sair com os amigos é praia e as suas melhores férias da sua vida foi na Holanda. Os seus animais de estimação são dois cães e um

pássaro. O seu mês de nascimento é quatro de julho. O seu desporto favorito é futebol. E o seu número favorito é o número dois.

T2 – J7 queres apresentar a J2?

J7 – É a J2, tem doze anos, o seu lugar preferido para sair com amigos é no cinema. A melhor amiga dela chama-se M.. O mês de nascimento é agosto.

T2 – Agora a J2 apresenta o J7.

J2 – Então...

T3 – Chama-se J7...

J2 – Ele nasceu em julho. O desporto favorito dele é futebol.

J3 – Ele chama-se J8, tem catorze anos, anda no sétimo ano, o seu mês de nascimento é julho. Os seus animais de estimação são sete gatos e um cão. O seu desporto favorito é futsal. O seu filme favorito é a “Velocidade Furiosa” sete. E a sua música preferida é “Normal”. E o seu lugar preferido para sair com os amigos é no cinema.

T1 – A música preferida era qual?

T3 – É o título da música? “Normal”? Qual é que era o título da banda?

J8 – NGA. Então ela chama-se J3, tem treze anos, anda no sétimo. O seu mês de nascimento é setembro. Ela tem um cão. O seu desporto favorito é voleibol.

T2 – Todos já se ficaram a conhecer-se um bocadinho melhor. Há muita gente com gatos aqui. Todos gostaram do futebol, é isso? Era a J5...

T1 – Houve o J10, o J7. A J11 também é futebol? Gatos também há muito não é?

Riram-se.

T1 – Há mais gatos do que cães.

T2 – Quem é que aqui tem gatos?

T1 – O J7 tem sete, o J10 tem dois, não é?

T2 – A J5 quantos tem?

T3 – Quantos tens J5?

J5 – Três.

T2 – Três. Mais, mais gatos.

T3 – Mais ninguém tem gatos?

T1 – Então agora, nós estivemos aqui a ver características... fora, não é? Daquilo que são os vossos interesses, daquilo que vos define. Os interesses de fora. E agora vamos perguntar, vamos

passar agora a outra folha, vamos vos perguntar as vossas características, como é que vocês são. Têm que pôr três características físicas ou psicológicas, à vossa escolha.

T2 – Cada um pode ficar com a sua bola.

T3 – Três características positivas que vocês tenham!

T1 – Não têm de ser adjetivos, podem ser como são, como são, como são em certas situações, coisas que vos definem.

Distribuíram-se os cartões.

T2 – J6 trocas com a J5, está bem?

T3 – Portanto, trocam os lugares.

T2 – A J11 pode... ali com a J2.

T3 – E o J7?

T2 – A J3 vai para ao pé da J2.

T1 – Outro cartão, que é como vocês gostariam de ser. Não é como são, mas como gostariam de ser.

J2 – Tem de ser uma coisa negativa?

T3 – Tem de ser uma coisa negativa?! Não!

J2 – Ah.

T1 – Coisas que vocês não são ainda, mas gostavam de ser, que dava jeito...

J2 – Já acabei.

T1 – Tão rápido?!

T3 – Pensa lá.

T1 – De certeza que tens coisas que gostavas de mudar, que gostavas de ser de outra maneira. Nós só pedimos coisas positivas mas de certeza que vocês também têm coisas negativas, que não gostam, de ser assim, e que gostavam de ser de outra maneira.

T3 – Gostavam de mudar qualquer coisa.

J11 – Podemos mentir?

Riram-se.

T3 – Sim, podes!

T1 – Quer dizer acho que negativas, ninguém quer... ninguém quer dizer coisas negativas, não é? Então J3? Esta é mais difícil que a outra?

J11 – Eu gostaria de ser tímida.

T1 – Eu gostaria de não ser tímida.

O grupo completou a tarefa.

T3 – Agora vocês os dois. J10 tu explicas ao J7e o J7 explica-te a ti. Ok, pode ser? Força!

J6 – Tu gostavas de ser alta, tu gostavas de ser sociável...

T3 – Vamos começar?

T2 – Começa a J11 vá.

J11 – Começo eu!

T2 – J2!

T3 – Vai! Diz o nome.

J11 – A J2!

T2 – Vá, vamos lá começar. O que é que a J2 é?

J11 – A J2 é agitada, divertida e alegre. Eu gostaria de... Ela! Ela gostaria de não ser tímida, gostaria de ser esperta. Espertos são os cães! E engraçada.

T2 – Agora a J2 explica o da J11.

J2 – A J11! Ela gostaria de ser inteligente, carente e simpática.

T1 – Carente?

J2 – Sim. Caneta...

J11 – Não é caneta, é carente.

T3 – Gostavas de ser carente?

J11 – Sim! Disseram que podia mentir!

T2 – Mas dissemos que era positivo, não é?

T3 – Achas que ser carente é uma coisa positiva?

Tânia – É! Eu nem sei o significado da palavra portanto!

T1 – Ah! Então aqui alguém pode ajudar a J11?

T3 – Espera aí. Diz lá J3! Estavas a responder!

J5 – Pessoa que está sempre em baixo.

T1 – Pessoa que está sempre em baixo. Diz lá J6.

J6 – Eu não tenho a certeza, mas acho que é uma pessoa um bocado sentimental. Pessoa muito... pessoa que está sempre... que quer sempre receber mimos.

T3 – Que quer receber mimos?

J6 – “Ya”, é isso.

J11 – Então eu quero ser carente.

T1 – Oh J11 então vamos lá ver, tens aqui duas definições, uma era uma pessoa que está sempre em baixo. Achas que queres ser assim? E outra é uma pessoa que quer sempre mimos e é muito sentimental, pode ser?

J11 – Pode ser essa sugestão!

T2 – O J7 agora vai dizer o do J10, está bem?

J7 – O J10 é amigo, ele é pequeno, e às vezes é chato.

T3 – Isso é positivo J10? Às vezes ser chato?

T1 – Mais ou menos... Mais ou menos positivo... Pode querer dizer persistente.

T3 – Exato.

T1 – Parece-me que foste buscar umas características mais ou menos negativas não foi J10?

J7 – Ele gostaria de ser rico, maior e gostaria de ser mais esperto.

J10 – O J7 é sociável, ajudante e boa pessoa. Ele gostaria de ser melhor aluno, que fizesse melhor as coisas que faz e gostaria de ser mais sociável.

T2 – J3.

J3 – A J9 é amigável, gosta de detalhes, é boa a desenhar e a pintar com aguarelas. Ah, ela gostava de ser mais descontraída, e gostava de ser mais forte a lidar com alguns problemas que possa vir a ter.

J2 – A J3 é alta, inteligente, gosta do seu amigo. Às vezes não gostava de ser má para os pais.

T2 – O que é que ela gostaria de ser?

J2 – Gostaria de ser diferente.

T3 – Gostarias de ser diferente?

J3 – Ah... não sei, diferente.

J6 – Então, a...

T3 – J5.

J6 – J5, é aquela pessoa que gosta de piadas, é leal aos amigos, e boa mentirosa.

T1 – Boa mentirosa é uma característica positiva?

J5 – Claro que é! Hoje em dia ninguém se safa sem ser mentiroso.

J6 – Ela gostaria de ser alta, sociável, extrovertida e um rapaz.

T1 – Queres explicar porquê que gostarias de ser um rapaz?

J5 – Sim! Mas não quero explicar. Ele é divertido, engraçado, amigo e teatral. Ele gostaria de ser melhor ouvinte, melhor em todos os aspetos para estar sempre a evoluir e ser menos maluco porque já é o suficiente.

Riram-se.

J6 – É o primeiro dia por isso...

T3 – Vais-te calar?

J6 – Estou a aguentar-me ao máximo.

J8 – Ele é simpático e brincalhão. Ele gostaria ser mais inteligente e ter mais tempo de reação.

J1 – O J8 é simpático e brincalhão. Ele gostaria de ser mais inteligente.

T3 – Cada qual fica com os seus cartões, está bem?

T1 – Eu gostava de vos perguntar o que sentiram ao dizer um bocadinho aquilo que vocês são. Houve pessoas que disseram coisas mais pessoais, houve outras que se defenderam um bocadinho mais. Digam lá.

J6 – Para mim foi...

T3 – E assim, o grupo foi mais ou menos aquilo que vocês estavam à espera, estavam à espera de uma coisa diferente, o que é que acharam, como é que acharam que ia ser? O que é que achaste que ia ser? Achavam que ia ser uma aula? Assim uma coisa...

J7 – Não, não!

T1 – Não sei o que é que os vossos pais vos explicaram, ou os técnicos que estavam convosco nas consultas. Se alguém vos explicou o que ia ser feito?

J6 – Explicaram que iríamos estar, assim num círculo, a falar sobre os problemas ou a nossa vida.

J11 – Disseram que ia estar presa numa sala.

T3 – Epa! Achas que estás presa numa sala?

T1 – Isso não J11!

T1 – Bem, vamos lá, vamos só falar um de cada vez. O que é que achaste? O J10 não porque já conhecia. J7o que é que tu achavas que ia ser?

J7 – Não sei.

T1 – Alguém te explicou alguma coisa?

J7 – Não.

T1 – Não. Ninguém te explicou nada.

T3 – Disseram assim, J7 tu vais ao grupo, pronto!

T1 – Foram os teus pais que decidiram que tinhas que vir?

J7 – Sim

T1 – E tu estavas assim receoso?

J7 – Não.

T1 – Bem nós vamos aqui falar, e não sei o que vos disseram nas consultas, mas o objetivo é pudermos, e isso pode assustar outras pessoas, não é? De terem de falar dos vossos problemas, ninguém aqui vai ser obrigado a falar dos seus problemas pessoais, nós vamos é abordar alguns assuntos, que são assuntos gerais que vos tocam a todos, na vossa vida, seja na família, seja na escola, devido à vossa idade e vamos aqui falar desses assuntos e como é que vocês reagem a esses assuntos. Claro que evidentemente, se vocês quiserem falar, à medida que vão conhecendo o grupo, se sentirem à vontade de falar de coisas pessoais somos sempre abertos a isso, mas não é necessário falarem dos assuntos pessoais. Então, se calhar o J8... O que é que o J8 achou?

J8 – Foi o que disseram.

T1 – Já te tinham explicado?

J8 – Sim.

T1 – E foi mais ou menos aquilo dentro do que estavas à espera?

J8 – Sim.

T3 – Mas foi mais fácil, mais difícil? Igual aquilo que estavas à espera?

J8 – Mais fácil.

T3 – Mais fácil... estavas à espera que fosse um bocadinho mais?

T2 – Bom, mais alguém quer partilhar alguma coisa?

T1 – Vocês sabem mais ou menos os temas das sessões ou? (silêncio) Queria só acabar com o J10. Queria só perguntar à J2. A J2 e o J10 já estiveram em grupos anteriores. O J10 esteve o ano passado, não é? E a J2 teve mas talvez com 11 anos, não? Qual é que é assim a vossa memória?

J10 – Lembro-me de algumas coisas.

T1 – Lembraste? Queres partilhar com o grupo como foi para ti? Queres contar? Terá sido uma experiência positiva?

J10 – Lembro-me que gostei.

T1 – Não te lembras assim de pormenores?

J10 – Não.

T2 – Podes divulgar tudo...

Riram-se.

J11 – Sim!

T1 – Alguém se conhecia aqui? Ou não? Não? Ninguém está em nenhuma escola? Então se calhar agora vamos passar a palavra à Dr.^a...

Sessão 2

T2 – Oh J4 queria só que tu disseses... tu és J4... aqui ao grupo, qual é a tua idade, em que ano andas, não é? É só dizeres em que ano é que andas e que idade tens.

J4 – Vou passar agora para o 8º, tenho treze anos, mais nada.

T2 – Ok.

T1 – Então vamos começar a ler os direitos, vamos ali começar pelo J8, pode ser? Lê um e depois vão sempre lendo o a seguir.

J8 – “O direito a agir de maneira a promover a tua dignidade e respeito por ti mesmo sempre que não são violados os direitos dos outros”.

J1 – “O direito a ser tratado com respeito”.

J3 – “O direito a dizer que não e não te sentir culpado”.

J2 – “O direito a experimentar e expressar os teus sentimentos”.

J4 – “O direito a ter tempo para parar, pensar, refletir e decidir”.

J7 – “O direito a mudar de opinião”.

J10 – “O direito a pedir o que queres”.

J6 – “O direito a não fazer mais do que és humanamente capaz de fazer”.

J9 – “O direito a pedir informação”.

J11 – “O direito a cometer erros”.

J5 – “O direito a sentir-se bem consigo próprio”.

T2 – Então afinal, estão de acordo com estes direitos? Têm muitos direitos. Dessa lista quais são os direitos que vocês acham que têm, quais acham que não têm? O que é que vos faz mais sentido? J3 achas que tens esses direitos?

J3 – A... alguns...

T2 – Quais, por exemplo?

J3 – “O direito de cometer erros”.

T2 – É o que te faz mais sentido?

J3 – Sim.

T2 – Então são só alguns, há ai uns que achas que não tens?

J3 – Praticamente são todos, que fazem sentido.

T2 – Então se tivesses que escolher um escolhias esse?

J3 – Sim.

T2 – Ok, e os outros? Qual é que escolhiam? J10 queres dizer um?

J10 – “O direito a mudar de opinião”.

T2 – J7.

J7 – “O direito a ter tempo para parar, pensar, refletir e decidir”.

T2 – J4.

J4 – “O direito a mudar de opinião”.

T2 – J2.

J2 – “O direito a ser tratado com respeito”.

T2 – A seguir. A J3 já disse.

J1 – “O direito de cometer erros”.

J8 – Também.

T2 – Também? J5... J11.

J11 – “O direito a dizer que não e não te sentir culpado”.

T2 – A J9.

J9 – Também.

T2 – O mesmo que a J11?

J9 – Sim.

J6 – “O direito a ser tratado com respeito”.

T2 – Hum. Então desses direitos todos, eu vou pôr aqui algumas situações, que provavelmente muitos de vocês já passaram. E vocês têm essa lista, não é? E vão dizer que direito é que vocês têm, nesta situação, ou nestas situações que eu vou dizer.

Primeira: “Imagina que o teu amigo te está a tentar convencer para que vás ver um filme de terror com ele mas tu não queres ir ver. Ele diz-te que se fores um amigo de verdade o acompanharás.

Mas tu não gostas deste tipo de filmes.”

Que direito é que vocês têm aqui?

J3 – “A dizer que não e não te sentir culpado”.

T2 – É o que todos acham?

J10 – Sim.

T2 – Sim, está tudo de acordo? Alguém não está de acordo?

J6 – Também pode ser o seis, “o direito de mudar de opinião”. Por causa do filme, ele pode dizer que quer ir ver outro filme, ou...

T2 – Como assim J6?

J6 – Esta a ser “o direito de dizer que não e não te sentir culpado” mas também é “o direito de mudar de opinião”. Ele pode dizer que quer ver o filme de terror mas pode dizer que quer ver outro filme.

T2 – Não. Ele é que tem de mudar de opinião.

J6 – Sim, sim.

T2 – Ai ele teria de mudar de opinião. Então agora vou expor outra situação.

Situação 2: “Um professor dá-te um trabalho que tu não compreendes e não sabes se serás capaz de o fazer.”

J10 – “O direito a pedir informação”.

T2 – Hum! Está tudo de acordo.

Terceira situação: “Os teus amigos acham que é divertido “grafitar”. Disseste que irias com eles, mas agora queres voltar atrás e não ir.”

J10 – “O direito de mudar de opinião”.

T2 – Última situação: “Um amigo devolve-te um filme que lhe emprestaste, mas este encontra-se estragado. Sentes-te irritado com a situação.”

J7 e J3 – “O direito a cometer erros”.

T2 – Como?

J3 – “O direito a cometer erros”.

T2 – O amigo? Tu estás irritado...

J6 – “O direito a experimentar e expressar os teus sentimentos”?

T2 – Sim. Queres que eu leia outra vez J7?

J7 – Não, não, não é preciso.

T1 – Porque tu pensaste no amigo que estraga mas nós estávamos a perguntar do amigo que de repente não tem o CD de volta porque o outro o estragou.

T2 – Vocês já passaram por alguma situação semelhante a esta? Ninguém passou por isto?

J6 – “O direito a pedir o que queres”?

T2 – Eu estava a perguntar, destas situações, nunca vos aconteceu isto, com um amigo, ou com professores? Não? Bom, então agora...

T1 – Então agora temos de passar para...

T2 – Para estas colunas.

T1 – Ora bem, como vocês estão a perceber nós temos, por vezes, os nossos direitos colidem com os direitos dos outros, como neste caso exatamente, o colega que estragou o CD tinha o direito de

cometer um erro, tinha o direito de estragar o CD, mas o colega que fica com o CD estragado fica chateado, e também tem o direito a expressar a sua opinião. E portanto, por vezes, as situações, às vezes, o meu direito e o direito do outro entram em colisão, entram em conflito, então, nós agora vamos trabalhar um bocadinho a maneira como dizemos aquilo que pensamos aos outros quando entramos em conflito nesses direitos.

T2 – Portanto vamos falar um bocadinho da comunicação. Das formas de comunicar, está bem?

T1 – Porquê?! Porque quando o colega estraga o CD nós podemos não dizer nada, ou então podemos dizer que queremos o CD de volta... e de que forma é que nós dizemos isso? Podemos dizer de forma mais agressiva, podemos dizê-lo de forma assertiva, podemos bater nele, podemos nunca mais lhe emprestar nada, podemos deixar de falar com ele. Portanto há várias formas de comunicação.

T2 – Se calhar eu agora vou pedir, a... pode ser... vou começar aqui pela J5, para ler, há três formas não é? Uma forma é ser passivo outra forma é ser agressivo e outra forma é ser assertivo. Queres ler o que é ser passivo, J5?

J5 abanou a cabeça.

T2 – Não queres ler?

J5 abanou novamente a cabeça.

T2 – Então J11?

J11 abanou a cabeça.

T2 – Bom, J9.

J9 – “Ser passivo significa evitar dizer o que pensas, sentes, queres e até mesmo as tuas opiniões: porque tens medo das consequências; porque não acreditas nos teus próprios direitos/opiniões pessoais; porque não sabes como manifesta-los; porque acreditas que as ideias/opiniões dos outros são melhores que as tuas”.

T2 – Agora o J6 pode ler a outra parte do ser passivo.

J6 – “Ser passivo significa que não respeitas o teu próprio direito de expressar as tuas ideias, necessidades, desejos, sentimentos e opiniões. Quando te comportas passivamente evitas os conflitos mas se ninguém sabe como te sentes nunca conseguirás o que precisas ou queres. Por outro lado, sentirás que ninguém te respeita e que os outros não te têm em consideração”.

T1 – J10.

J10 – “Ser agressivo significa dizer o que pensas, sentes ou queres: sem respeitares o direito dos outros a serem tratados com respeito; sem respeitar os direitos/sentimentos/opiniões dos outros”.

T1 – O J7.

J7 – “Ser agressivo significa expressar como te sentes sem respeitar o direito dos outros a serem tratados com respeito. Quando és agressivo podes conseguir o que queres mas os outros terão medo de ti e podem fazer-te sentir culpado por atuares dessa maneira”.

J4 – “Ser assertivo significa dizer o que pensas, sentes ou queres: sem esquecer o direito dos outros a serem tratados com respeito; de maneira franca e honesta; respeitando os teus próprios direitos pessoais”.

T2 – J3, a última vá.

J3 – “Ser assertivo significa que tu expões honestamente os teus sentimentos sem deixar de ter em conta os teus direitos (contrário de passividade) e sem faltar ao respeito aos outros (contrário de agressividade). Ao seres assertivo consegues que as pessoas respeitem o que pensas e terás a oportunidade de conseguir o que desejas ou precisas. Evitarás sentimentos de ressentimento, raiva e culpabilidade e ao mostrares respeito pelos outros, eles também te respeitaram”.

T2 – Sim, então do vosso ponto de vista, qual é que é a melhor forma de comunicar?

J3 – O assertivo.

T2 – Quem é que aqui é, se sente mais agressivo, ou se sente mais passivo, ou mais assertivo?

J3 – Depende da situação.

T2 – Um exemplo? Se quiserem partilhar alguma coisa individualmente que já vos tenha acontecido...

J3 – Para não causar... por exemplo é um grupo grande e... tipo nós costumamos ter outras decisões com o grupo, por exemplo... e para não causar tipo discussões somos mais passivos pronto, para ninguém perceber...

T2 – Sim, mas percebemos todos. Mais alguém já passou por situações destas, ou parecidas?

Momento de silêncio.

T1 – Então, vocês vão agora receber uma folha com várias frases, e aquilo que vamos pedir é para vocês identificarem que tipos de frases é que têm à frente... se a comunicação é assertiva, agressiva ou passiva. Portanto vocês têm de escrever só se for passiva “PAS”, se for agressiva “AGR” e se for assertiva “ASE”. E se, no caso da frase não ser assertiva como é que vocês... têm um “R”, que é para porem outra frase. Como é que vocês poderiam dizer de outra maneira não sendo, dessa maneira.

Distribuíram-se as folhas e canetas.

(Por lapso não foram registados em formato áudio e vídeo os dois primeiros exercícios)

J3 – Eu pus assertivo.

T2 – Podes ler a frase?

J3 – “Podes colocar a roupa suja no cesto depois de tomares banho?”.

T2 – Estão todos de acordo? Tudo de acordo? A, a quarta, vai calhar à J2.

J2 – Meti passiva.

T1 – Mas lê lá a frase. Lê lá a frase.

J2 – “É possível, seria possível, quer dizer, podes-me dar uma “Pepsi”? Bom, está bem, provavelmente não querias. Não faz mal.”.

T2 – Então como é que dirias de uma forma assertiva?

J2 – Não sei.

T2 – Porquê que achaste que era passiva J2?

T1 – Quando tu vais ao café e queres uma “Pepsi” como é que fazes J2?

J2 – Não sei.

T1 – Ok.

J10 – Metes “Compras-me uma “Pepsi”?”.

T2 – J10 também achaste que era passiva? J10 achaste que era passiva?

J10 – Achei.

T2 – Outras respostas? Diz J3.

J3 – “Pode dar-me uma “Pepsi” por favor? Aqui tem. Obrigado.”.

T2 – Hum.

J6 – Tenho igual.

T2 – O J6 tem igual. Alguém tem diferente? Outra sugestão? Não. Agora calha ao J4.

J4 – Pus agressivo.

T2 – “Cala-te estúpido.”, pelos vistos! Estamos todos de acordo! E então, outra forma de dizer de uma forma assertiva?

J4 – “Podes fazer um bocadinho de silêncio se faz favor?”.

T2 – Outras sugestões?

T1 – Diz lá J10.

J10 – “Podes não falar por favor?”.

T1 – J6.

J6 – “Podes não afirmar isso por favor?”.

T2 – Hum. Mais?

J3 – Eu pus “Acalma-te e não fales tanto.”.

T2 – Mais? J5.

J5 – Não consigo transformar isto numa frase assertiva.

T2 – Já ouviste aqui várias hipóteses.

J5 – Oh, está bem! Mas eu pus: “Por favor cala-te!”. É um ato de desespero. Quando eu digo a uma pessoa «Cala-te estúpida!» é um ato de desespero. Estou à procura desesperadamente que ela se cale. Não consigo transformar isto numa frase assertiva.

T2 – Mas está melhor. “Cala-te por favor!”, não é?

T1 – Não é o “estúpido”... não achas que é o “estúpido” é um bocadinho agressivo? Não achas que é o “estúpido” que transforma a frase mais impulsiva?

O2 – Acho que a J5 quer dizer que é difícil ser assertivo quando estamos muito irritados.

J5 – Sim.

T2 – Agora vou trocar as voltas, a J5 pode dizer o seis?

J5 – “Preciso de dez euros para a visita de estudo de amanhã”, assertiva.

T2 – Toda a gente está de acordo? Alguém não está? J11, a próxima.

J11 – Eu pus passivo.

T2 – Lê a frase, está bem?

J11 – “Estudei muito para fazer este trabalho. Mas vou deixar-te copiar”. Eu escrevi outra coisa, mas agora pensando bem, eu acho que se calhar para pôr de uma forma...

T2 – Achas que é o quê, que é passivo, que é agressivo?

J11 – Passivo. Para pôr de uma forma mais assertiva se calhar punha “Não leves a mal mas estudei e acho que também devias ter feito isso para o trabalho”.

T1 – Mas está bem. J3.

J3 – Eu pus “Estudei muito para fazer este trabalho, devias ter pensado nisto antes.”

T2 – Hum... Outras formas? J6.

J6 – “Estudei muito para este trabalho, não te posso deixar copiar.”

T2 – Mais... queres dizer J4?

J7 – Não, era igual ao dele.

T2 – É igual... J10? Então diz lá, é exatamente igual ou é diferente?

J10 – Só um nome também: “Estudei muito para fazer esse trabalho por isso não podes copiar.”

O2 – Queres dizer J8?

J8 – É igual!

O2 – É igual, igual? Não puseste nada? Mas achaste que a frase era o quê?

T2 – Achaste que era uma frase passiva, agressiva?

J8 – Passiva.

T2 – Passiva. J2? Achaste o quê, que era passiva, sim. Como é que punhas isso de outra forma?

J2 – Já disseram.

T2 – O quê?

J2 – Já disseram.

T2 – Não ouvi querida.

J2 – Já disseram.

J3 – Já disseram.

T2 – Ah! Já disseram! Então agora, isto estava na J11 não é, vamos passar ali para a J9. Vai ler a oito.

J9 – “Quero que me pagues o dinheiro que me deves da semana passada.”, assertiva.

T2 – Todos estão de acordo?

J11 – Não, eu pus agressivo.

T2 – Agressivo, porquê?

J11 – Ai não sei. “Quero”, podia ser “Podes pagar o dinheiro que me deves?” agora “quero”... é muito forte, se calhar, para o sentido da frase.

T2 – Portanto achas que é agressivo por causa do “quero”. Alguém quer dar a opinião à J11?

J5 – Depende...

T2 – Diz J5.

J5 – Da forma como se diz.

T2 – Do tom de voz também, não é?

J5 – Sim.

T2 – A J11 imaginou assim um “quero” agressivo. Mas estão de acordo? O tom de voz também interessa não é? O tom de voz.

J10 – Pus assertivo.

T2 – Puseste assertivo.

J10 – Se calhar é agressivo.

J6 – Podia-se dizer de outra forma: “Podes dar-me o dinheiro da semana passada?”. Eu pus os dois.

J3 – Mas a pessoa que emprestou o dinheiro também tinha todo o direito de te pedir. Porque a outra pessoa estava a dever e...

T2 – Acham que estava a faltar ao respeito à outra pessoa quando diz “quero”?

J3 – Não, mas tem todo o direito em pedir.

T2 – Mas acho que, houve aqui uma coisa importante, o tom de voz, não é? Pode ser uma forma, posso dizer a mesma frase num tom de voz mais assertivo, ou mais agressivo, não é? Pronto, vamos passar ao J6.

J6 – “Ok, posso emprestar-te o meu dinheiro para o almoço sem problemas.”, eu acho que isto, eu não sei se é passiva ou se é assertiva, porque é conforme também... como, sim, pronto. Pode ser passiva porque a pessoa pode-te emprestar o dinheiro para não, a outra pessoa não estar a chatear a cabeça e isso tudo. Pode ser assertiva, porque pode ter um amigo que não tem dinheiro, e pode emprestar o dinheiro ao amigo e depois ele paga-lhe! Por isso...

T2 – Aqui há outro aspeto, a relação que se tem e a forma como nos foi pedido. E os outros o que é que acham?

J10 – Eu pus passivo.

T2 – Porquê?

J10 – Parece que está com medo e por isso vai-lhe dar o dinheiro, não sei...

T2 – Tem a ver com o outro, neste caso.

J10 – Sim.

J3 – Eu acho que isto, na frase no final diz “sem problemas” e acho que é assertivo porque por exemplo se a pessoa tivesse com medo não dizia “sem problemas”.

T2 – Hum!

J11 – Mas isso também depende da pessoa. E depende do medo.

T2 – Pode-se emprestar com medo ou posso emprestar porque se quer, de boa vontade, é isso? J7 queres dizer alguma coisa?

J7 – Eu acho que é passivo.

T2 – Queres explicar porquê?

J7 – Isso ai já foi explicado.

T2 – Ok. Eu queria ouvir a tua opinião. Mas tem a ver com a relação... achas que só emprestavas se fosses obrigado a isso, seria isso?

Abanou a cabeça a confirmar.

T2 – J4.

J4 – Eu pus assertivo.

T2 – Assertivo. J1.

J1 – Pus assertivo.

T2 – E o J8.

J8 – Eu pus passivo.

T2 – Então? Como seria de forma...

J8 – Já explicaram também.

T2 – E a J2 que está ali tão caladinha. J2?

J2 – Passivo.

T2 – Passivo?

J2 – Sim.

T2 – Queres explicar porquê?

J2 – Já explicaram.

T2 – Então vamos para a última, que vai calhar ali ao J10.

J10 – Eu pus assertiva: “Senti-me mal por não me teres convidado para a tua festa.”.

T2 – Hum. Quem é que está de acordo e quem é que não está? Diz J11.

J11 – Eu estou de acordo, porque como aqui na folha, aqui ele disse o que pensava.

T2 – Hum. Portanto usou um direito, não é? J6 querias falar também?

J6 – Não! Ia dizer que também estava de acordo.

T2 – Estão todos de acordo? Ok!

O2 – Ele pôs outra coisa.

T2 – Ah, está ali alguém que não está de acordo. Diz lá J1. Mas o que tinhas posto?

J1 – Passivo.

T2 – Porquê que achaste que era passivo?

J1 – Não sei.

T2 – Mas estavas a usar um direito, pessoal, ofendeste alguém? Portanto tínhamos visto um direito que era “o direito a expressar os sentimentos”, não é? Bom, vamos agora fazer uma coisa um bocadinho diferente, está bem? Eu vou juntar-vos em grupos, portanto o J6 vai-se juntar à J5, à J2 e ao J7. Portanto, podem-se levantar todos.

T1 – Se calhar vamos ficar... venham cá para aqui vocês.

T2 – Vão ali para ao pé da Doutora Paula.

T1 – J2, J5, e o J4, vão ficar comigo vocês. As cadeiras...

T2 – Depois com a Doutora Catarina: vai ficar, calma, a J3, vai ficar o J8, e podem se levantar vocês. J1 fica aqui. A J9 vai para ao pé da J3 e do J8. O J10 vai aqui para este grupo. Vocês... Portanto falta-me alguém. O J1 está, a J11, e o J4. Não te estava a ver!

Grupos: T1 – J6, J2, J5 e J7; O2 – J10, J3, J9 e J8; T2 – J1, J4 e J11.

Trabalharam em grupos.

T2 – Já toda a gente sabe o que tem que fazer, não é? Já toda a gente sabe o papel que vai desempenhar, e os restantes elementos vão tentar adivinhar quem é que são os agressivos, os passivos e os assertivos. Está bem? Portanto, isso é, vocês é que sabem, ali sabem e aqui provavelmente também sabem. Está bem? Vamos começar aqui...

T1 – E os grupos que vão ter muito boa nota, são aqueles que conseguirem que os outros acertem em quem está a ser agressivo, quem está a ser passivo, e quem está a ser assertivo.

J11 – Porquê?!

T2 – Sim! Pode começar por este grupo.

J1 – Tens um recado na caderneta.

O2 – Assim não se ouve nada.

T2 – Eu vou só dizer qual é a situação.

T1 – Sim e o J1 não pode estar sentado ali. Vê de fora.

T2 – Pois não. Então eu vou explicar, nós temos ali uma situação, que eu não vou dizer quem é o passivo, agressivo ou assertivo, como é evidente, em que temos uma mãe, já toda a gente sabe quem é, nem todos podiam ser... temos um pai e temos um filho, ora o filho vai chegar a casa com uma queixa complicada na caderneta feita pelo professor, que vai apresentar aos pais.

J1 – Tenho um recado na caderneta da professora de história.

J8 – Que porcaria é esta?

Riram-se.

J8 – Não devia... não devia ser assim. Vais ficar dois meses de castigo!

J11 – Dois meses? Tanto? Eu acho que podia ser só uma semana.

J1 – Pois, nem sequer fui eu a falar, foi o amigo do meu irmão.

J11 – É capaz de ele não ter tido muita culpa, mesmo assim dois meses é muito.

J8 – Não interessa! São dois meses e pronto.

T2 – J1 então?

J1 – Já não tenho mais nada para dizer, já disse tudo.

T2 – Então vá o resto do grupo adivinha.

J2 – Agressivo! (apontando para o J8)

T2 – É fácil!

Riram-se.

T2 – Agora entre o passivo e o assertivo, vamos lá ver. Quem foi passivo e quem foi assertivo?

J8 – Passivo foi a J11.

J6 – Eu acho que passivo foi... foi o filho e não a mãe, a mãe foi mais assertiva.

J11 – Eu fui assertiva?

J6 – “Ya”. Mais ou menos. Disseste muito o que pensavas ele já não, não sei... ah pois ele também disse.

J7 – Estavas a protegê-lo!

J11 acenou com a cabeça.

T2 – Então em quê que ficamos? Os outros o que é que têm a dizer? Então quem é que foi passivo e quem é que foi assertivo? Da mãe e do filho.

J3 – Eu acho que quem foi passivo foi mais a J11.

T2 – Hum... e os outros o que é que acham? J9.

J9 – J11.

T2 – Passivo... e vocês? Quem é que foi passivo, a mãe ou o filho?

J7 – Eu acho que foi o filho.

J6 – “Ya”, o filho.

T2 – Diz J5.

J5 – O filho.

T2 – O filho foi? Passivo?

J5 – Não sei...

T2 – Mais ou menos. Quase que ganhavam, foi: o agressivo, o passivo e o assertivo. Tu tinhas de ser mais assertiva um bocadinho que assim eles... ok, vá. (para J1) A Doutora Catarina vai só explicar qual é a situação.

O2 – Pronto, então, eles são um grupo de amigos, eles são...

T2 – Agora vão ouvir. Agora vão ouvir! Têm que adivinhar.

O2 – Tenham muita atenção, porque eles são quatro, é muita gente, são muitas coisas diferentes, e há um que está a tentar convencer os amigos para irem ao cinema ver um filme, mas eles não querem ir por várias razões. Pronto.

T1 – Ah, eu fiz essa também. Essa não era a minha, a situação dois?

T2 – A tua era a situação um Paula.

T1 – Então fiz a situação dois... pensei que era a minha essa situação.

T2 – Então podemos fazer a mesma situação, também já agora.

T1 – Sim.

O2 – Eles já sabem do que é que se trata, só vocês é que não.

T2 – Então mas tem de se explicar.

O2 – Mas acho que já expliquei, não queria dizer muito mais, que é para eles conseguirem...

T2 – Então há aqui um amigo, que tenta convencer os outros três a faltarem às aulas, não é? E ver um filme que eles não gostam. Não lhes apetece ir nem querem faltar às aulas. E depois, portanto esse amigo vai ser um bocadinho chato, não sei quem é, pronto. E depois, um deles vai ser passivo, os outros três, um vai ter uma atitude passiva, outro vai ter uma atitude agressiva e outro uma atitude assertiva. Vamos ver.

O2 – Então vá, vocês estão no intervalo não é? Na escola.

T2 – Então quem vai ser o amigo, que vai tentar desencaminhar os outros?

O2 – Podes-te levantar se quiseres.

T2 – Isto é mesmo para estar levantado... um teatro sentado?! J8 já percebi que tu és o que vai tentar desencaminhar.

J8 – Sou.

Riram-se.

O2 – Tens de os convencer. Assim não estás com ar de quem esteja convencido quanto mais que vai conhecer.

J8 – Vamos ver aquele filme novo de terror que saiu, vamos faltar à aula de matemática. Uma seca!

J3 – Estás parvo! Eu não vou faltar a aula nenhuma.

J8 – Só triângulos!

J10 – Por mim eu vou.

J9 – Eu não sei... não sei...

J8 – Anda logo “xê”! Mesmo falsos!

J3 – Tens uma letra de drogado.

J9 – Eu não tenho a certeza...

J8 – Ele já vai, só faltam vocês as duas. Venham logo “xê”!

J9 – Eu não sei.

J8 – Decide-te! Sim ou não.

J9 – Acho melhor não ir, não quero desiludir ninguém, mas acho melhor não.

J8 – Vai ser a estreia, vai estar bué gente!

T2 – Eu acho que é fácil de adivinhar. Vá lá.

J11 – Agressivo, passivo, ah assertivo, só ele é que eu não sei se é passivo.

O2 – Não percebi nada!

J5 – Ele é agressivo!

T2 – Mas nós queremos os três amigos.

J6 – Ela está bué agressiva!

J11 – Não, ela era a assertiva.

T2 – Daqueles três...

O2 – Vocês não sabem os nomes ainda? É que assim é difícil.

T1 – A J3! O J10... o J10 vocês acharam que o J10 é o quê?

J6 – Eu acho que é passivo.

J11 – Passivo!

J2 – Passivo.

J7 – Passivo.

T1 – Passivo. A J3?

Todos – Agressiva!

J7 – “Estás estúpido!”.

T1 – Ok, agressiva. E a J9?

T2 – E a J9?

J6 – Passiva.

J7 – Assertiva, ela disse...

J6 – Eu acho que ele foi assertivo e ela a passiva.

J7 – Não, mas ele teve medo. Viu-se bem que ele teve medo e disse...

T2 – Oh J6, então mas o J10 não queria ir, disse: Pronto, está bem eu vou. Isso é o quê?

O2 – Não, eu acho é que o J10 queria mesmo ir.

T2 – Mas a questão aqui é que eles não querem ir! E a J9 conseguiu dizer que não. Não foi?! Eu também não sei...

J7 – Mas eu acho que ela foi assertiva porque disse que não queria ir.

T2 – Que não queria ir, exato. E o J10 também não queria ir e disse que ia.

J7 – E o agressivo foi o J8.

T2 – Pronto mas isso já é suposto.

J3 – Mas ele disse logo que queria ir. Ela ainda estava na dúvida.

J11 – Ela foi a passiva.

O2 – E a J9 disse uma coisa muito importante que foi «eu não quero desiludir ninguém».

T2 – Então não era assim, não acertámos? Tu eras a passiva?

J3 – Era ele o assertivo. (J10)

T2 – Eras o assertivo? Ai era?

Riram-se.

T1 – Eu pensei que o J10 fosse o passivo. E vocês o que é que pensaram deste grupo? Pensavam que o J10 era passivo ou assertivo?

J4 – Assertivo.

T1 – Assertivo ok. Então se calhar vimos isto um bocadinho...

J11 – Eu também pensei que ele era passivo.

J4 – Só porque pronto, ela percebeu-se que era passivo.

T2 – Então vamos lá ver.

T1 – O J4 foi por eliminatória, como já viu o agressivo e já viu o assertivo ele achou que aqui só podia ser passivo, já percebi.

T2 – Então vamos ver aquele grupo, a situação é a mesma.

T1 – Bom, então eu faço a campainha, já conhecem a situação. Eles estão no refeitório, estão a almoçar todos juntos e de repente toca a campainha: “Trim”! Hora de ir para as aulas!

J6 – Querem ir ao cinema ali? Há um novo filme de terror: “Zombies doença dança”... bom!

J7 – “Ya”, vai ser bué fixe. Venham lá!

J5 – Não, não quero obrigada!

J2 – Não sei...

J7 – Andem lá!

J6 – Estás a brincar? Só pode. Estás a brincar?! Vais estar na aula a fazer o quê? Vais estar tipo a dormir. Vais estar assim (fazendo uma posição a dormir).

J5 – Vou sonhar.

J7 – Vai ser muito fixe.

J6 – Não vais, por isso mais vale.

J5 – Não, não quero, vou estudar.

J6 – É a última semana de aulas.

J7 – Vai ser bué bacano, andem lá!

J2 – Tem calma!

J6 – Tem calma *lol (laughing out loud)*! Não te faço mal, vê lá!

Riram-se.

J6 – Vá venham lá, ele já vai, eu já vou, ainda por cima vai estar lá bué gente vai ser bué fixe!

J5 – Não obrigado.

J7 – Vai ser estreia não é?

J6 – E tu, não vais?

J7 – O bilhete vai ser grátis. Venham lá.

J6 – Ei não acredito, tu não vens? Tu não vens?

J7 – Nunca mais vos falo! Nunca mais vos falo!

J5 – Ela está a chorar, não parece mas está.

J6 – Tu não vens? Ei não sabia que eras dessas, pensava que eras de outras. Tu não... e tu também não... deixa estar. Ficamos nós.

J7 – Vocês são bué fixes, andem lá, andem lá!

J6 – Vá lá meu! Vá lá!

J7 – Nós vamos à nossa vidinha e vocês ficam na vossa.

J6 – Vão estar a aturar a professora para quê? Ele não pode com vocês à frente!

J7 – “Ya” a “stora” de português é bué chata.

J6 – Vamos ter português?! Ah, nem sequer sabia.

J7 – Oh cromo olha para o calendário!

J6 – Pronto, não sabia! Estás a ver é a professora de português! Calendário?! Ei calendário, calendário...

J4 – Calendário *what*?!

T2 – Ok, obrigada! Acho que já toda a gente percebeu. Vamos ouvir este grupo.

J3 – Agressivo, assertivo e passivo.

T2 – Tens de dizer os nomes. O J6, o J6 foi o quê?

J3 – O J6 não era aquele que convidava?

T2 – É, o J6. Levanta lá o dedo J6! O J6 foi o quê?

J3 – Também foi agressivo, um bocado.

T2 – Hum, e o J4?

J3 – Agressivo.

T2 – Hum! E a J5?

J3 – Assertivo.

T2 – E a J2?

J3 – Passivo. Quase não falou!

Riram-se.

J6 – Só chorou! “Ya”, estava a chorar.

J5 – Ela estava a rir e a chorar!

Riram-se.

T2 – E este grupo o que é que acha?

J8 – Eu para mim é o mesmo.

T2 – Então vocês ganharam pá!

Festejaram.

J6 – Obrigada!

J7 – Calma rapaz! Calma rapaz!

T2 – Ora bem, temos um quarto de hora. Eu vou entregar as cartas agora e vocês vão pôr isso na pasta, está bem?

J6 – Disseste calendário em vez de horário! Calendário em vez de horário!

J7 – O calendário escolar na minha escola chama-se calendário escolar!

J6 – Calendário! Ah, cromo!

J7 – Na minha altura chamava-se calendário escolar portanto!

J5 – No teu tempo?!

T2 – Podem arrumar na vossa capa já.

T1 – No meu tempo?! Vocês que idade têm? Já dizem «no meu tempo».

J6 – Esta juventude está perdida.

Distribuíram-se as bolas de algodão.

T1 – Ora bem, então agora, eu tenho um balde com bolas de algodão, e vou pedir-vos para vocês tirarem 3 bolas cada um.

J7 – Azul.

J6 – Não precisas de dizer a cor alto.

T1 – A cor é indiferente. É só três bolas! Já estão desmanchadas, um bocado... estas estão desmanchadas. Ok, então como é que é o algodão?

J2 – Fofinho.

J11 – Macio.

T1 – Macio, fofinho, agradável no toque não é?

J7 – É!

Riram-se.

T1 – Então o que nós vamos pedir-vos é para vocês darem um elogio a algum dos vossos colegas e ao mesmo tempo que dão um elogio entregam uma bola de algodão. Portanto, como têm três bolas de algodão vão ter de escolher três colegas e vão ter ao mesmo tempo que entregam a bola de algodão, vão ter que dizer um elogio. O elogio pode ser físico, como pode ser psicológico ou seja «és simpático», ou por exemplo «gosto da tua *t-shirt*», ou se for os ténis, o que vocês quiserem. Portanto, coisas boas, que vocês escolhem nos colegas presentes, e dão uma bola e um elogio. Quem é que quer começar?

J10 – Eu!

T1 – Força J10!

J10 para J7 – És fixe!

T2 – Tens de dizer alto para toda a gente ouvir. Agora tens de dar as outras bolas.

T1 – Tens de dar todas as bolas.

J10 – De uma vez?

T1 – De uma vez. Quando és tu, és tu! Dá as três. Força!

J10 – Não sei...

T1 – Vá escolhe!

J7 – Escolhe lá rapaz, aqui há tanta gente!

J10 bateu com os pés no chão, ansioso.

T1 – E também não podes dar mais que uma ao J7! Já deste uma ao J7 já está! Agora tens de escolher outras pessoas!

J7 – Força jovem.

T2 – Então um elogio. Uma coisa boa.

J4 – Não sei.

J10 – Tanta gente.

T2 – Uns ténis que tu gostes, uma pessoa que aches simpática...

T1 – Bonita, também pode ser.

O2 – Vá J10 força! Toda a gente vai ter que fazer...

J10 – Eu não sei.

J7 – Olha faz ao calhas.

T2 – Queres esperar um bocadinho? Pode entregar depois?

T1 – Não! Tem de ser as três juntas! As três porque se não, nunca mais saímos daqui!

T2 – Eu sei...

T1 – Vá J10!

J10 para J4 – Gosto da tua *t-shirt*.

J10 para J6 – E és fixe!

T2 – Pronto. J3.

J3 para J6 – És divertido.

J3 para J4 – Gosto dos teus olhos!

J3 para J8 – A... és querido.

T2 – Agora é a J9. Também tens que entregar três! Só três.

J9 para J11 – És simpática.

J9 para J7 – Amigável.

J9 para a J2 – É bonita.

T2 – J8. J8?

J8 para J6 – És engraçado!

J8 para J4 – Gosto da tua *t-shirt*!

J8 para J7 – És simpático.

T2 – J1.

J1 para J4 – Gosto da tua *t-shirt*!

Riram-se.

T2 – Vem sempre a *t-shirt* agora!

J1 para J7 – És fixe.

J1 para J11 – És simpática.

T2 – J11 tens que entregar três.

J11 para J6 – És bom ator!

J11 para J5 – Gosto da tua camisola!

J11 para J7 – Gosto dos teus ténis.

T2 – Tu J4!

J4 para J1 – Gosto da tua *t-shirt*.

J4 para J6 – És divertido.

J4 para J7 – Gosto dos teus ténis.

T1 – Os ténis também estão...

Riram-se.

T2 – J6.

J6 – Já nem sei quais é que são!

T1 – São só três!

J6 para J5 – És divertida.

J6 para J4 – Gosto da tua *t-shirt*!

J6 para J8 – És um bom amigo.

T2 – J2!

J2 tentou atirar uma bola para o lado de J3, J9 e J8.

T1 – Nem pensar J2! Levantas-te!

J2 para J3 – És bonita!

J2 para J1 – Gosto do teu cabelo!

J2 para J4 – E dos teus olhos!

J2 atirou com as bolas e fugiu.

T1 – E ela atira com as bolas, meu deus...

T2 – Olha oh J2 não percebi, para o J1 foi o quê?

J2 – Gosto do cabelo dele e dos olhos!

T2 – Ok. Agora é a J5.

J5 para J11 – És boa pessoa!

J5 para J6 – És engraçado!

J5 para J2 – E és fofinha!

T2 – J4 tens de entregar três!

J7 para J11 – És boa pessoa.

J7 para J4 – Gosto da tua *t-shirt*.

J4 para J6 – E és boa pessoa.

T1 – Muito bem, então como vocês vêm há uns que ficaram com muitas bolas de algodão e outros com menos. Portanto, aqueles que ficaram com mais agora vão ter de voltarem a dar elogios até ficarem todos com três. Eu vou pedir só que vocês ponham as vossas bolas em cima da mesa portanto assim toda a gente pode ver quem tem e quem é que não tem. Agora tens que

ficar com três J7, e vais ter de dar essas três aos colegas que não têm três. De maneira a que todos fiquem com três. Força, podes começar tu J7!

J7 para J5 – Tens quantas? És boa pessoa.

J7 para J10 – És fixe.

J4 para J9 – Também és boa pessoa.

T1 – Então, o J4 está, a J5 está, a J2 também está, tem duas... e o J6.

T2 – Deixas três em cima da mesa!

T1 – Deixas três em cima da mesa.

J6 para J10 – A... então és fixe.

J6 para J3 – És fixe.

J6 para J9 – És fixe.

J6 para J1 – És fixe!

T1 – Ok!

J4 – É tudo fixe.

J6 – “Ya”!

T2 – Bem agora à custa dessa *t-shirt*... essa *t-shirt* fez um sucesso.

Riram-se.

T1 – Mas podes dizer onde compraste a *t-shirt*.

J4 – Acho que isso é muita informação.

J4 para J10 – *T-shirt*.

J4 para J3 – Mala.

T2 – Não percebi.

J4 – Mala!

J4 para J8 – Tens... és fixe.

T2 – Quem é que falta?

J4 para J2 – *T-shirt*.

O2 – O que é que disseste?

J4 – *T-shirt*.

O2 – Como toda a gente disse *t-shirt*...

T1 – J11 tens uma para dar.

J11 para J3 – Gosto do teu casaco.

T1 – Ok.

T2 – Então soube bem receber elogios?

T1 – Toda a gente tem três? Ah! Então gostaram desta atividade? Dos elogios. É difícil dar elogios, às vezes? Não?

J7 – Não é difícil.

T1 – Mas causa algum embaraço? Às vezes?

J7 – Não.

T1 – Não?

J7 – A mim não!

T1 – Ok. Bom, então estamos no fim desta nossa sessão e alguém sabe qual é a próxima sessão? Qual é que é o tema? (silêncio) A próxima é sobre o stresse!

J6 – Ei!

T1 – As situações de stresse e a maneira como nós lidamos com as situações de stresse.

Sessão 3

T1 – Ora bem alguém sabe qual é que é o tema da sessão de hoje?

Em conjunto – Stresse.

T1 – Ah ok! Há imensos que sabem qual é o tema. Então e o que é o stresse? (silêncio) Todos vocês já sentiram stresse, ou não? (silêncio) Não? (silêncio) Acho que todos sentiram. Queres tu dizer (J6)?

J6 – Estou a sentir-me muito...

T3 – Estás a sentir-te stressado agora! (Rindo-se)

J6 – Mais ou menos... sim, já senti stresse.

T1 – Ok. E em que circunstância é que foi? Na escola, foi em casa?

J6 – Na escola, quando vou ter um teste por exemplo.

T1 – Hum, ok. E o que é que acontece nas situações de stresse? No corpo acontece alguma coisa? (silêncio) Não? Quando tu sentiste stresse na escola como é que foi?

J6 – Então ficamos enervados, ficamos a pensar nas coisas mais negativas e depois, podemos ficar...

J7 – Nervosos?

T1 – Hum! Mas o que é que é estar nervoso, no corpo? Há alguma coisa que acelere no corpo, alguma coisa se passa, ou não?

J6 – O batimento cardíaco talvez.

T1 – É verdade, e mais? Mais fatores, mais situações no corpo. Será que nós ficamos...

O2 – Com o pezinho a dar a dar!

T1 – Exato! Com o pé a dar!

Riram-se.

T1 – Ficamos se calhar com as mãos mais suadas. Não sei se isso já vos aconteceu? (silêncio)
Não?

J10 – Só às vezes...

T1 – O coração a bater mais depressa... normalmente isso são tudo sinais de maior ansiedade e maior stresse, não é? (silêncio) Então hoje nós vamos falar um bocadinho de... dos motivos que nos levam a ter stresse, porque não há só nos exames da escola, embora o stresse da escola seja um tipo de stresse contingente. E, também da nossa resposta ao stresse. E então para começarmos a pensar nestes assuntos todos nós vamos vos apresentar um filme que dura... aliás não é um filme, é um excerto de um filme, que dura aproximadamente dez minutos e como nós tivemos aqui um problema, também ficámos com algum stresse hoje de manhã, porque o nosso computador não funcionou para a leitura do filme, nós só conseguimos através do “Ipad” que temos, vamos no fundo mostrar-vos o filme. Mas, como vocês são muitos e o ecrã é um ecrã bastante mais pequeno que aquele do computador vamos pedir-vos o máximo da vossa atenção e vamos ver como é que nós nos organizamos para vocês todos poderem ver. Mas antes de mais eu queria vos falar um bocadinho deste excerto, de um filme muito antigo para a vossa idade, que é o chamado “2001 Uma odisseia no espaço” e tem quatro momentos. Portanto... este excerto tem quatro momentos, e portanto vamos pedir-vos a vossa atenção a esses quatro momentos. Todos esses momentos vão ser depois falados entre nós, uma vez que tenhamos todos visto o filme, para tentarmos identificar o que é que ali se passou. Mas como às vezes a imagem não é muito clara, não há diálogos, não há nada escrito nem nada falado, mas há ruídos e há imagens. E portanto, depois vamos todos falar um bocadinho sobre o filme, está bem? (silêncio)

Visualização do filme 2001 Odisseia no espaço.

T1 – Lembram-se que eu falei em quatro momentos do filme, o que é que vocês identificaram? O que é que se estava a passar neste filme?

T3 – Logo no início, o que é que aconteceu? (silêncio) Ninguém se lembra? (silêncio) O que foi J2?

J2 – Nada.

T1 – Então quem é que quer falar do filme? O J10, o que é que tu percebeste?

J10 – Não sei, tanta coisa que aconteceu.

T1 – O que é que aconteceu, na primeira cena do filme, lembraste?

J10 – Apareceu a chita e os macacos ficaram com stresse.

T1 – Hum! Ok. Então porquê que os macacos ficaram com stresse quando apareceu a chita?

J10 – Porque estavam com medo.

T1 – Hum! Porque a chita é um animal perigoso, para eles não é? E depois o que é que aconteceu, a chita atacou ou não atacou?

J10 – Atacou.

T1 – E o resto do grupo, o que é que fez?

J10 – Fugiu!

T1 – Eles ficaram com stresse e como é que tu... vocês viram... os macacos com muito stresse. Como é que se manifesta o stresse deles?

J10 – Ruído.

T1 – Com?

J10 – Ruído.

T1 – Ruído. Mas não era só ruído, eles não ficam quietos pois não?

J10 – Estavam sempre a mexer-se.

T1 – Então, e no segundo momento? O que é que vocês viram? Outro momento de stresse, não é? Porque, aliás, tudo o que nós vimos foram vários momentos de stresse que os macacos tiveram.

Qual é que foi o segundo momento?

J10 – Foi outros dos macacos.

T1 – Espera aí deixa-me só, deixa só o resto do grupo falar, pode ser J10? J5, lembraste o que aconteceu no segundo momento? Não queres dizer?

J5 abanou a cabeça em sinal de negação.

T1 – Não? J1?

J1 abanou a cabeça.

T3 – Não te lembras ou não queres dizer?

J1 – Não me lembro.

T3 – Não te lembras.

T2 – Se calhar a J5 dizia o que é que se lembra para relembrar os outros só. O que é que aconteceu J5?

J5 – Não quero dizer.

T2 – Hum. O J7 ainda não estava nessa altura, não é?

T1 – J9 lembraste o que é que aconteceu no segundo momento? Ninguém consegue lembrar a J9?

T3 – O J10 já falou noutra grupo de macacos. Ninguém se lembra, o que é que aconteceu?

J6 – Acho que estavam à luta os dois grupos, queriam talvez uma carta, que o outro grupo conseguia. Depois apareceu... depois não percebi muito bem, depois acho que eles estavam a rezar para um pau de metal, qualquer coisa que eu não sei o que era.

T1 – Isso já era do terceiro.

T3 – Isso era outro!

T1 – Estávamos ainda no segundo momento.

J6 – Ah, ok!

T1 – Exatamente, portanto os dois grupos estavam a lutar por um território mas qual era a importância desse território?

J6 – Era o seu habitat? Era o seu local, para eles irem lá viver. Não sei! Só vi macacos aos gritos e pronto não percebi quase nada!

T3 – Viram mais alguma coisa?

J4 – Água.

T3 – Água.

T1 – Água.

J6 – Ah!

T1 – A imagem não é muito fácil, mas sim, o território, o mais importante... daquele território em particular era a água. Porque a água é o essencial para a vida e eles estavam a lutar para terem acesso à água. E quem é que venceu?

J2 – Um grupo.

T1 – Diz J2.

J2 – Foi um grupo de macacos.

T1 – Um dos grupos de macacos, mas venceu devido a quê? Porquê que um grupo venceu o outro? (silêncio) Então o que é que tu achas J2? Porque é que há um que vence o outro? Andaram à luta, não é? Ou não chegaram a lutar?

J6 – Não sei mesmo, não sei... pronto talvez fizeram um concurso de quem era mais estúpido ou mais deficiente mental!

J10 – A macacada!

J6 – “Ya”! Só os vi aos gritos e aos saltos.

T1 – Mas se calhar uns foram mais fortes não? Ou os outros trabalharam mais. Diz.

J7 – Se calhar trabalharam em equipa.

T1 – Trabalharam em equipa. Se calhar eram um grupo maior também, não é? Alguma coisa levou a que um dos grupos ganhasse, não é? Mas não andaram verdadeiramente à luta, só foi por gestos que eles acabaram por dissuadir os outros, não é? Agora vamos ao terceiro momento. Como é que foi o terceiro momento? J11 lembraste do terceiro momento?

J11 abanou a cabeça.

T1 – J4, lembraste?

J4 – Ah, como ele disse, pronto, estavam a contemplar uma coisa, também não percebi. Acharam, acho que acharam interessante e foram, e foram... estavam com medo...

T3 – Uma coisa que eles portanto tinham visto, se calhar não é?

T2 – E estavam com medo porquê? Porquê que tu achas que eles estavam com medo?

J4 – Não sei muito bem, não conheciam, não sabiam.

T2 – Hum, do desconhecido?

J4 – Sim.

T1 – Portanto na verdade aquilo era um objeto vindo do futuro. Se eles não conhecem aquele objeto, não é da época deles, é feito de metal, eles estão longe da era de metal, e eles ficam muito stressados, e como é que eles reagem?

J4 – A...

J6 – A agarrar o pau?! Ok, isto não tem lógica. Mas... sim, estavam a contemplar o “coiso”...

J11 – Foram tocar.

J6 – Sim!

T2 – Foram-se aproximando, devagarinho.

T1 – Mas há de repente um que se aproxima mais que os outros. É um bocadinho mais corajoso que os outros. Os outros ficam receosos, mas quando há esse que se aproxima os outros também se aproximam e tocam todos. Então e o quarto momento? Agora já podemos perguntar ao J7 não é? Ele já cá estava.

J7 – Só vi a baterem com ossos?

T1 – O que é que ele estava a fazer? Porque que ele parece que...

J10 – Arranjou uma arma.

T1 – Arranjou uma arma.

J7 – Mandaram o som é? Não vi mais nada!

T1 – Começou a vibrar com os ossos mas depois de repente ele percebeu que podia fazer alguma coisa com o osso.

J10 – E os outros macacos ficaram stressados por causa disso.

J7 – Depois começaram todos à porrada, foi a única parte que eu vi.

T1 – Portanto ele, ele começou a olhar para os ossos, não sabia que podia usar os ossos dessa maneira, terá sido assim? (silêncio) E depois começou a usar o osso como uma arma. Era assim... vocês estão de acordo com o que o J10 disse?

J6 – Sim, mais ou menos, ele estava estranho por ter conseguido mexer os membros superiores, depois foi mostrar aos outros macacos batendo no outro.

J11 – Se ele ao menos soubesse...

T1 – Diz J11! Não percebi o que disseste.

J11 – Nada, nada... se ele ao menos soubesse que aquilo era o membro.

T1 – Sim mas isso fez, causou uma mudança, não é, quando os dois grupos se encontraram. Houve um grupo que foi claramente mais forte que o outro. E porquê?

J6 – Porque... falta-me o nome. Porque mexeram as mãos e começaram, tinham arcos e foram...

J2 – Um pau.

J6 – Sim isso.

J2 – Um pau com osso.

T1 – Um pau com osso, e tornaram-se assim mais fortes que os outros e chegaram mesmo a atacar e a magoar, não foi? Ok, e transpondo isto para a nossa... para a vossa vida, há alguma situação parecida que vocês tenham reconhecido aqui?

J6 – Acho que nunca bati em ninguém com um osso. Suponho. Não sei.

T3 – Não literalmente.

T2 – Digamos que há aqui várias formas de agir ao stresse, não é? A situações de stresse. Como é que vocês gostavam de reagir quando estão mais ansiosos ou numa situação desconhecida, ou quando estão com medo de alguma coisa? Aqui apareceram várias formas de reação.

J10 – Eu quando estou com stresse costumo jogar jogos de guerra.

T2 – Como? Diz, diz, diz.

J7 – Ele disse que quando está com stresse joga jogos de guerra.

J10 – É verdade!

T2 – Diriges-te para os jogos, é assim J10? (silêncio) Quando vocês são confrontados com uma situação no vosso dia a dia de ansiedade, aqui mostraram recusa, não é? Medo, mostraram ataque, mostraram a disputa. (silêncio)

T1 – Diz J5.

J5 – Quando eu estou stressada eu faço duas coisas, ou toco música ou então entro em pânico. Um dos dois.

T3 – Hum.

T2 – Hum. Mais, outras formas de reagir?

J7 – Eu vou dormir.

T3 – O quê?

T2 – Vais dormir J7?

J7 – Sim. Quando estou stressado vou dormir.

T1 – É que normalmente o stresse impede os sonhos.

T2 – Tens uma situação de stresse na escola, não é?

T3 – Não consegues ir dormir!

T2 – Não vais dormir! Portanto tentas-te distrair, é assim?

J7 concorda com a cabeça.

T2 – Diz J3.

J3 – Eu chateio-me com toda a gente!

T3 – Espera ai vocês agora.

T2 – Vamos ouvir a J3 agora está bem?

J3 – Eu tipo respondo mal às pessoas e assim. Chateio-me com toda a gente, pessoas que estão sem culpa.

T3 – Acabas por atacar verbalmente digamos assim, é?

J2 – Fisicamente.

T3 – Fisicamente também? (silêncio) Tu atacas fisicamente?

J2 concorda rindo-se.

T3 – E mais?

T2 – J11.

T3 – Quando estás stressada o que é que fazes?

J11 – Nada.

T3 – Nada? Ficas impávida e serena no teu cantinho quando te chateiam e quando te provocam, quando ficas stressada? (silêncio)

J11 concordou com a cabeça e de seguida desprezou.

T3 – Mais ou menos? (silêncio)

J11 ignorou a questão.

T2 – E o J6?

J6 – A... conforme a pessoa que me esteja a chatear ou irritar, por exemplo se for assim um colega meu, aí respondo mal e também pronto. Se for o meu pai, vou para o quarto, pronto, e começo a falar sozinho. Basicamente não sei mais do que isto.

T2 – São situações diferentes não é? J4.

J4 – Eu quando estou mais stressado ou assim, ando, corro, ando de bicicleta para gastar as minhas energias.

T3 – Hum!

J4 – Ou então afasto-me um bocado das pessoas para não ralhar com elas ou assim.

T2 – J10.

T3 – Além dos jogos de guerra!

J10 – Não sei!

T1 – Se estás na escola não podes recorrer aos jogos de guerra.

T2 – Diz J5.

J5 – Eu tinha um saco de boxe em casa, recomendo!

J7 – Eu sei, eu conheço.

T2 – Também?

T1 – Também tens um saco de boxe?

J7 – É do meu tio.

T2 – E a J9?

J9 – Na escola vou dar uma volta a pensar no assunto até que ele passe. Se tiver em casa, pego numa coisa e mando para o chão. Primeira coisa que me vier.

T2 – Hum. Portanto na escola evitas é isso?

J9 concordou com a cabeça.

T1 – E o J1 como é que é?

J1 – Nunca fico stressado.

T1 e T3 – Nunca ficas stressado?!

J1 – Na escola não.

T2 – E em casa?

J1 – Também não.

T2 – Não há nenhuma situação que te stresse? (silêncio) E por exemplo os testes? Vocês falaram dos testes à pouco.

J10 – Fico mais stressado quando recebo testes.

T2 – As pessoas ficam mais stressadas quando não estão preparadas é isso?

T3 – E quando tens de apresentar um trabalho para a turma?

J1 – O trabalho que apresento é em grupo, é mais fácil.

T3 – Espera lá, deixa ouvir o teu colega. Diz lá.

J1 – Os trabalhos quando são em grupo é mais fácil.

T3 – Portanto apoias-te nos outros e fazes também?

T2 – Junta-se em grupo não é? (silêncio) Os testes, queres falar dos testes J2?

J2 – Não.

T2 – Quem falou dos testes? Foi o J6. Como reages?

J6 – Fico stressado, às vezes fico stressado, fico a suar. Quando é por exemplo um teste que eu preciso da nota ou qualquer coisa, tenho medo de ter má nota, mas não sei bem como reajo. Não vou estar agora como os macacos... as pessoas ainda ficam a pensar que sou maluquinho.

T2 – Nós sabemos que não és como os macacos.

J6 – Começava a atirar os lápis... não, não. Eu fico normal, fico. Ok, fico nervoso mas fico normal.

T1 – Mas por dentro?

J6 – Sim, por dentro estou todo, todo... por fora «Olá!» mas por dentro estou tipo quase a morrer.

T2 – Porque provavelmente tens uma forma de lidar com esse stresse.

J6 – Sim.

T2 – Queres partilhar?

J6 – É isso.

T2 – Consegues fazer o teste?

J6 – Sim! Pronto, faço o teste normal e depois passa. Quando acabo de fazer o teste já acabou tudo. Mas não tenho assim uma forma de reagir para tudo passar.

O2 – Ias dizer alguma coisa? Diz diz.

J7 – Para mim é quando volta o teste. De vez em quando o problema é quando volta o teste.

J6 – Hum! Isso também é uma fonte de stresse.

O2 – Não percebi, quando o quê?

J6 – Quando volta o teste, por exemplo quando eu entrego sim, quando entrego o teste. E aí por exemplo também ficamos com stresse.

T2 – Quando é para receber a nota.

J6 – Sim, mas eu não fico. Acabo de fazer o teste acaba o stresse, quando tipo vou entregar volta o stresse e depois...

J3 – Mas se correu bem não é preciso teres stresse.

J6 – Conforme. Sim, se correu bem, não tens stresse. Se correu-te mal...

J10 – Eu fico sempre stressado.

T1 – Mas vocês conseguem fazer uma boa avaliação? Às vezes se calhar pensam que correu bem e correu mal. Como é a vossa avaliação?

J10 – A mim pode ter corrido bem ou pode ter corrido mal, eu fico sempre stressado.

T1 – Ah, tu ficas sempre stressado.

O2 – E o que é que fazes?

J10 – Bato sempre com o pé no chão.

T2 – Há aqui outra situação, aqui do filme não é? Que... tem a ver com o medo do desconhecido. Todos vocês já tiveram situações novas, ou mudaram de escola ou... conheceram pessoas novas.

T3 – Como aconteceu antes de virem aqui para o grupo.

J3 – Na primeira vez.

T2 – Na primeira vez provavelmente um pouco ansiosos, vêm para uma situação nova, desconhecida, não é? À exceção da J2 e do J10 que já se conheciam. Como é que é isto das situações novas? Adaptam-se com facilidade, há stresse ou não?

J5 – Para mim há sempre stresse, porque não me consigo dar com ninguém. Demoro muito tempo para fazer amigos.

T2 – Portanto conhecer pessoas novas.

J5 – Estou sempre a andar sozinha. Normalmente ando sozinha na escola, ou então estou com uma colega minha de lá da turma.

T2 – Portanto conhecer pessoas novas é uma situação de stresse?

J5 – É, não gosto.

T3 – Demoras a confiar é isso?

J5 – Não, eu demoro é a conversar com a pessoa. Confiar... eu sou assim, eu fico o primeiro período sem falar com ninguém, depois no outro começo a dar um pouco da minha confiança às pessoas, e no último é que eu começo a ser amiga deles.

J2 – Mas começa a chorar.

J11 – E depois nunca mais vê a pessoa.

J5 – Não, depois tenho o “Facebook”.

O2 – Mas porquê? Vocês identificam-se com eles e depois quando chega as férias ficam tristes por já não verem os vossos amigos, é isso?

J5 – Eu fiquei feliz este ano por já não ter aulas.

O2 – Então porquê que estavam a dizer isso do chorar?

J2 – Saiu.

J11 – Foi ela.

J2 – Fui eu.

O2 – Ah, não percebi.

J5 – Ela fica com muitas saudades dos amigos.

J2 – Não, por acaso não...

T2 – Quem é que daqui assim como a J5, ou parecido, tem dificuldades em conhecer novas pessoas?

J4, J9 e J10 puseram a mão no ar.

T2 – O J4 e a J9.

T3 – E o J10.

T2 – E o J10. Querem partilhar? A J5 explicou um bocadinho a parte dela. J4?

J4 – Eu, pronto, não consigo muito, dar-me muito bem com as pessoas porque no primeiro ano até ao quarto, as pessoas que eu conheci da minha turma foram só essas, só havia uma que falava comigo. É o meu melhor amigo, estou com ele até agora. Hum, batiam-me e sei lá mais o quê, então não conseguia estar com mais ninguém. Tinha a turma toda sem falar comigo, então nunca me consegui dar com ninguém.

T2 – E desde aí ficaste com dificuldades em conhecer novas as pessoas. Também foi difícil aqui no grupo?

J4 – O grupo não, o grupo agora já não foi difícil porque já foi à algum... à três anos, quatro, que já não os vejo por isso já estou melhor, acho.

T2 – Eu estou a falar aqui deste grupo daqui.

J4 – Hum. Sim.

T2 – Não foi difícil para ti?

J4 – Para mim, o primeiro dia, para mim não foi difícil.

T2 – J9.

J9 – Não confio nas pessoas.

T2 – Não confias nas pessoas? Tens uma história para contar?

J9 – Quer dizer, quando era pequena tinha dois amigos, e quando passei para o 5º ano um deles chumbou e nunca mais o voltei a ver e o outro, a rapariga, nunca mais falou comigo. Por isso eu confiava neles, e depois nunca mais confiei em ninguém.

T1 – Diz J5.

J5 – Eu acho que temos em socializar com as pessoas porque quando eu era pequenina tinha uma amiguinha do prédio e depois ela morreu... não sei o que é que ela tinha mas ela morreu. Era a única rapariga que falava comigo na “pré”, então depois comecei a andar muito sozinha na pré. Depois fui para o primeiro ano e então como eu não... é aquela coisinha “ai eu vou ficar igual às outras meninas porque assim vou fazer mais amigas e não sei o quê, e “blá” “blá” “blá”. E no terceiro ano, porque no primeiro eu andava um bocadinho sozinha e só tinha uma amiga também, e pronto... depois no 5º ano mudei de escola, foi mau, levei porrada, gozavam comigo. No sexto ano também gozavam comigo mas agora estou mais contente porque finalmente acabaram as aulas. E, finalmente já não quero ser daquelas menininhas “Vamos todos ao *shopping!*”, agora estou feliz comigo.

T2 – Outras situações de stresse em casa por exemplo.

T3 – J2 por exemplo.

J2 – Eu?

T3 – Situações de stresse. Outras situações que possas ter.

J2 – Por exemplo?

T3 – Por exemplo? Uma assim, vamos andar à discussão uma com a outra também.

Riu-se e apontou para J11.

J11 – Tenho cara de J2?!

T3 – A J2 tenta passar a batata quente às outras pessoas.

T2 – J11 queres falar?

J11 – Eu? Não. Ei, eu não tenho nenhuma coisa de stresse, só mesmo nas aulas e depende só quando é teste de matemática, só.

J7 – Toda a gente!

T2 – J3.

J2 – Eu não tenho.

T2 – Tens alguma situação de stresse?

J3 – Em casa?

T3 – Pode ser na casa ou na escola.

J3 – Eu acho que a minha situação é tipo, o que eu faço é tipo em too o sítio, seja em casa. Eu na escola, tipo, reajo sempre da mesma maneira, que é responder mal a toda a gente.

T2 – Quer em casa quer na escola. Outras situações que queiram partilhar. Alguma situação de stresse.

J2 – Eu não tenho stresse por causa dos testes, estou sempre à espera da mesma nota.

T3 – Estás sempre à espera da mesma nota?

T1 – Que é? (silêncio) Uma boa nota?

J2 – Uma nota!

T1 – Uma nota como?

J2 – Uma nota!

J3 – A sério?!

T2 – O J10 está ali a querer falar.

J10 – Quando eu estou a jogar e aquilo começa tudo a travar só me apetece partir a “tv” toda.

J5 – (batendo palmas) Estou com ele!

J7 – Isso é verdade.

T3 – Os jogos enerva-vos às vezes?

J6 – Volta para trás e depois aquilo volta ao início.

T3 – Mexem em qualquer coisa e aquilo bloqueia é?

J6 – Ei!

J5 – Eu estou a jogar *online*, eu estou a perder, estou no meu quarto, começo a gritar aos altos berros a dizer «eu vou descobrir onde é que tu moras, não sei o quê, “nanana”». A jogar *online*. A pessoa nem me está a ouvir mas eu estou a gritar só mesmo à toa.

Falaram todos ao mesmo tempo.

T2 – Bem, um de cada vez! J7 espera só um bocadinho. Diz J3.

J3 – Ou então quando estamos em casa...

T2 – Vamos ouvir a J3, está bem? A J3 estava a falar.

J3 – Ou então quando estamos em casa e há qualquer cena com os pais e depois fechamos a porta e começamos a gritar para uma almofada.

T2 – Uma discussão com os pais, é isso? Depois também o J10 queria falar e o J7.

J10 – Depois quando aquilo começa assim, está aqui, depois está aqui, depois volta atrás, sempre a travar! Fogo! Isso enerva-me bué.

T3 – Estás a falar dos jogos é?

J10 concordou com a cabeça.

T2 – O J7 queria dizer também.

J7 – Eu quando estou a jogar jogos, de vez em quando, quando estou a jogar o “Fifa”, de vez em quando estou, estou... aos noventa minutos nos descontos marca o bolo!

J10 – Isso irrita bué!

J7 – Parto a televisão com isso.

Falaram todos paralelamente.

Distribuiu-se a tarefa.

T1 – Ora bem, então isto não são ainda os questionários da Dr.^a.

Riram-se.

J6 – Ai! Eu estava a achar que era muito pouco!

T1 – Não, não! Isto não são os questionários da Dr.^a, os questionários da Dr.^a são sempre no fim.

T3 – Causam stresse às vezes, não é? Um bocadinho?

T1 – Isto é uma lista de stressores, é muito simples, vocês só têm que pôr aqui por exemplo: um determinado professor se é um tipo de stresse moderado é três. Dois algum stresse, um nenhum stresse, quatro bastante stresse e cinco muito stresse. Fazem uma bolinha à volta dos stressores, está bem?

Concluíram a tarefa.

T2 – A parte situações de stresse na escola, o que vos vamos pedir... Estão a ouvir? Ali a J2 não está a ouvir.

J2 – Estou, estou.

T2 – Pronto, então agora o que nós vos vamos pedir... esta primeira parte portanto... situações de stresse na escola, e o que vamos pedir é que cada um de vocês que digam só os quatros e cinco que têm.

J11 – E os uns (1) também contam?

T2 – Uns não contam, não são factores de stresse.

J11 – Eu só tenho uns (1).

T2 – Está bem, podes dizer, que só tens uns. Vamos começar. J3, na escola?

J3 – A... com determinado professor pus stresse moderado.

T3 – Diz só os quatros (4) e cincos (5).

T2 – Quatros e cincos...

J3 – Eish!

T2 – São muitos?

J3 – Um determinado colega; Sentir-me menos inteligente que os outros; Alguns colegas; Preocupação com o fracasso; Medo de não ser selecionado para a equipa; E o cinco pus Medo de parecer ridículo.

T2 – J2!

J2 – Ah.

T2 – Só os quatros e cincos na escola.

J2 fez um gesto para passar ao colega do lado.

T1 – Não não não, tu agora.

J2 – Um determinado professor meti um cinco. Com um determinado colega meti um cinco. Sentir-me ofendido com o meu irmão/ã meti um cinco.

T2 – Não, só na escola.

T3 – Não.

T2 – Já está?

J2 – Ah, então já está! Então só tenho dois.

J11 – Não tenho nem quatros nem cincos.

T2 – Na escola?

J11 – “Ya”.

T2 – Não? J6.

J6 – Praticamente... deixe cá ver... Um determinado professor; O diretor; Um determinado colega... praticamente é tudo, exceto Medo de não chegar à universidade.

T2 – Mas podes ler...

J3 – Diz os quatros e os cincos.

J6 – Então são os quatros e os cincos... pus quase tudo quatro.

T2 – Vá diz...

J6 – Um determinado professor; O diretor; Um determinado colega; Sentir-me menos inteligente que os outros; Alguns colegas; Preocupação com o fracasso; Medo de não ser selecionado para a equipa; Medo de parecer ridículo, não esta... pronto, Medo de desiludir professores e pais e Medo de não chegar à universidade.

T2 – Tem tudo quatro e cinco?

T3 – Não chegar à universidade?

J6 – Não chegar à universidade é três.

T1 – Ainda está longe, não é?

T3 – Ainda está um bocadinho longe para vocês.

J6 – Eu não vou para universidade mas pronto...

T2 – Não sabes.

T3 – Não sabes.

T2 – J4.

J4 – Um determinado colega; Medo de desiludir professores e pais.

T3 – Hum!

T2 e T3 – J10!

J10 – Da escola?

T2 – A parte da escola sim.

J10 – Não pus nenhum nem quatro nem cinco.

T3 – Ok. J1.

J1 – Medo de não chegar à universidade.

T3 – J5.

J5 – Um determinado colega; Alguns colegas; Medo de parecer ridículo.

J4 – Não tenho nenhum quatro nem cinco.

T2 – J9.

J9 – Um determinado professor.

T2 – Agora vamos passar para... pelos vistos muitos de vocês têm stresses com os professores não é? E com colegas.

J6 – Eu acho que sou a pessoa mais stressada aqui da sala.

T2 – A mais stressada!

Riram-se.

T1 – A J3 também tem várias.

T2 – Alguém quer falar numa situação com um professor? Um exemplo. Diz J3.

T1 – Diz lá J3.

J3 – Por exemplo um professor que nós não gostamos e ele tenta ter razão e depois nós a teimarmos...

T2 – Desculpa, assim não consigo! Diz, diz.

J3 – Por exemplo, com um professor que nós não gostamos muito e ele depois tipo ele a tentar ter razão e nós a teimarmos. Isto causa stresse, da minha parte.

T2 – E a J5 também queria dizer qualquer coisa dos professores, não? Queres dizer tu J7?

J7 – Eu também ganhei stresse com os professores, também tenho com alguns professores.

T2 – Com alguns?

J7 concordou com a cabeça.

T2 – E então queres partilhar uma situação que tenhas vivido?

J7 – Ah, eu uma vez fui para a direção porque o professor disse que eu fiz qualquer coisa e foi o colega de trás.

T3 – Sentiste-te injustiçado?

J7 concordou com a cabeça.

J7 – E depois o professor ficou suspenso. O professor teve de ficar suspenso da escola.

T2 – Teve o quê?

J7 – Teve de sair da escola porque eu fiz participação.

J10 – Ei “granda” sorte!

T2 – E o J6, queres falar dos professores?

J6 – A... por exemplo, normalmente sempre, ao início das aulas porto-me um bocado mal mas depois uma pessoa tenta mudar, mas não! Tem de ser sempre a mesma coisa. E depois quando a pessoa faz, por exemplo tenho um colega ao meu lado e depois ele faz alguma coisa e ele «Ah cá para mim tu estás envolvido» e eu... (fazendo uma cara com a boca aberta)

T3 – Achas que ficas marcado é isso?

J6 – Sim, e eu depois tenho de fazer tudo e mais alguma coisa. Você veja lá, eu quando vim da Páscoa perguntei à professora como é que tinha sido a Páscoa, e que estava muito bonita hoje, ela disse à direção que eu estava a assediá-la. Metade daqui não deve saber o que quer dizer assediar! (Apontando para os colegas)

J11 – Vão ver ao dicionário!

J7 – Toda a gente sabe!

J6 – Eu disse à diretora isso e pronto fiquei... isso sim irrita.

T1 – Queres explicar ao grupo o que é assediar?

J6 – Assediar é quando alguém se mete com a outra pessoa e pode, não...

J7 – Violador!

J6 – Sim, mentalmente. É uma coisa muito grave! Tanto que depois o meu pai foi lá à escola e falou, e a professora pediu desculpa mas mesmo assim.

T2 – Portanto não era só um elogio, era mais que isso. Não seria só um elogio...

J6 – A professora estava mal disposta.

T2 – Vamos agora ouvir a J5 que está ali a pedir à algum tempo.

J5 – A... eu desatino sempre com professoras de português e elas irritam-me porque eu o período passado falhei um único trabalho de português e a professora disse «Fez o trabalho de casa por vezes».

T2 – Mas não é com todas as professoras de português, é só com uma?

J5 – Não, é com todas! Não gosto de português nem gosto das professoras porque são sempre chatas!

T2 – A J11 é mais com a matemática e ali a J5 é mais com o português, “ham”? Bem, outras palavras, o medo de parecer ridículo. O que é isto de parecer ridículo?

T3 – O que é isto de parecer ridículo, o medo de parecer ridículo? É o quê?

J2 – Nada.

J5 – Chegar à escola, tropeçar numa pedra, cair, e os outros ficarem a rir.

J3 – Exatamente.

T3 – E ficarem todos a olhar para vocês.

J7 – É mesmo as pessoas ficarem a ver a pessoa como se fosse uma pessoa estúpida, ou que não tivesse piada.

J11 – Eu acho isso ridículo!

T1 – Porquê que tu achas isso ridículo?

J11 – As pessoas ficarem-se se a rir, porque essas pessoas também podem fazer o mesmo erro, também podem tropeçar e cair por exemplo. E eu começo a rir da pessoa por estar a ser estúpida ao rir-se de mim! Está feito!

T1 – Diz J2.

J2 – Mas há uma diferença, os adolescentes podem gozar à vontade porque é estúpido. Fazem coisas estúpidas. Eu faço coisas estúpidas pelo menos!

T3 – Tu achas que ser adolescente significa fazer coisas estúpidas, é isso?

J5 – Para mim no dicionário adolescente: «Pessoa estúpida que faz coisas estúpidas e não pensa no que está a fazer». Pensar, de vez em quando... quando o rei faz anos.

T2 – Temos de falar melhor do que é que é um adolescente, está bem?

J10 – É a idade dos armários.

T1 – Alguém está de acordo com a J5, ou não?

O2 – O J10 diz que é a idade do armário.

J6 – Ah “ya”! A idade do armário!

J10 – Eu fui pesquisar na *internet* a idade dos armários.

T1 – E porquê que se chama a idade do armário J10?

J6 colocou o dedo no ar.

J10 – Por causa que somos parvos.

T1 – Diz lá J6.

J6 – Porque a idade do armário é por exemplo, como diz o nome, é quando os nossos pais, normalmente utiliza-se mais este provérbio para os pais, querem-nos pôr dentro de um armário para nós não chatearmos mais.

J10 – Não! E é um livro.

J6 – Estamos sempre a...

T1 – Estão sempre a chatear os pais?

J6 – Por exemplo, quando eles nos dizem alguma coisa para nós fazermos nós é que impo-mos a regra que eles nos mandam fazer e depois... normalmente acontece com toda a gente.

T2 – Então e toda a gente... a J5 disse aqui, os adolescentes são estúpidos por natureza...

T3 – A J5 disse ali... J2 e J11.

J11 – J11?

T3 – A J5 disse ali... não te estou a chamar à atenção... a J5 disse ali que o ser adolescente significa, como é que era?

T1 – Fazer coisas estúpidas.

J5 – Ser estúpido e não tem utilidade nenhuma.

T3 – E não ter utilidade nenhuma! O que é que vocês acham dessa definição de adolescente?

J6 – Errado.

J11 – Errado. Nem todos os adolescentes são estúpidos!

J5 – Os adolescentes de hoje em dia para mim não têm utilidade nenhuma, andam aí... a dizer que têm “vodca” na “coca-cola”! E a fazer coisas estúpidas.

J6 – Mas isso é conforme as pessoas, por exemplo, há aqueles que por exemplo estão a fazer qualquer coisa e isso...

T2 – Calma calma! A J3 quer falar.

J3 – Eu acho se calhar que isso não é bem assim porque... sim os adolescentes também são assim, mas há bastantes, acho eu, que ainda têm alguma mentalidade para pensar nas coisas antes de as fazerem.

T2 – Diz diz J5, desculpa. Agora vamos ouvir a J5 se faz favor.

J5 – Eu aqui não vejo pítas portanto eu concordo que há adolescentes que têm cabeça.

J7 – Na minha escola há pítas.

T2 – Oh J6 daqui a bocado mudas ali com a Dr.^a Raquel!

T3 – Este cantinho aqui, daqui a nada estamos a trocar lugares.

T2 – Sai a J11, sai o J6... Bem vamos, não sei se alguém quer acrescentar mais alguma coisa a esta situação dos adolescentes?

J10 – Há aqueles adolescentes parvos que comem canela.

T1 – Isso chama-se hábitos alimentares dos adolescentes! Há muitos hábitos alimentares na adolescência. Vocês lembram-se de alguns?

Falaram paralelamente.

T2 – Oh J6! Passa para aqui e a Dr.^a O2 passa para aí! Obrigada! Se não, assim ninguém se entende. (silêncio) Portanto a J5... J5 queres acrescentar alguma coisa? J2 queres trocar com a T3 também? Aí!

J5 – Tenho duas coisas a dizer. Não provem café com sal, porque essa mistura que eu fiz é horrível!

T2 – Café com sal?

T3 – Café com sal?

J5 – É horrível!

T3 – É aquela combinação... estranha no mínimo?!

J5 – Sim é. Temos um *mix* de *feelings* na cabeça e portanto é horrível!

T3 – E como é que tu achas que isso passa para a idade adulta? Como é que as pessoas passam a fazer coisas estúpidas e depois para a idade adulta?

J5 – É, é isso que eu digo. As pítas, pronto, já toda a gente sabe o que é... eu digo que são...

T2 – As quê?

J5 – São uma junção entre “The Walking Dead” e “The Bad Girls Club”!

T3 – Ok, são *zombies* mas que se vestem?

J5 – Não, estão em todo o lado! Tal como os *zombies* mas só que são como as miúdas do “Bad Girls Club”, que eu vi um episódio e foi para esquecer! É isso! A adolescência serve para nós fazermos porcaria mas ao mesmo tempo estamos todos confusos da cabeça.

T3 – E se calhar aprendem alguma coisa com essas coisas que vão fazendo? Diz.

J3 – Às vezes traz consequências.

T3 – Diz.

J3 – Às vezes traz consequências.

T3 – Às vezes traz consequências.

T2 – Então vamos passar agora para fatores de stresse em casa. Ora podemos começar pelo J6 que está aqui ao pé de mim não é?

J6 – Tudo cinco!

T1 – Tem tudo cinco! Podes ler? O J6 não tinha stresse nenhum no início. Então diz lá.

J6 – A, os primeiros eu não tenho, ambos, o medo do divórcio nem...

T2 – Não são todos! São só os cinco, os quatros e os cinco. Vamos ouvir!

T1 – Mas só há dois que ele não tem.

J6 – Sentir-me ofendido com outro membro da família; Não ter roupa suficiente... ah não esta é um, enganei-me! Não receber atenção suficiente; Não receber ajuda quando tenho problemas; Doença de um familiar; Lidar com padrastos e madrastas; Irritar-me com os meus pais; As discussões entre os meus pais, pronto.

T2 – Então agora vamos aqui para a J9.

J9 murmurou.

J9 – Sentir-me ofendido com outro membro da família...

T2 – Tem de falar um bocadinho mais alto, está bem querida!

J9 – Sentir-me ofendido com outro membro da família e Irritar-me com os meus pais.

T2 – Hum. J7!

J7 – Não tenho nenhum.

T2 – Não há quatros e cinco.

J7 abanou a cabeça.

T2 – J5!

J5 – Sentir-me ofendido com um membro da família, nomeadamente os meus pais; Não receber atenção suficiente; Não receber ajuda quando tenho problemas; Irritar-me com os meus pais.

J1 – Não tenho.

T2 – J10.

J10 – Não tenho nenhum.

J4 – As discussões entre os meus pais.

J11 – Não tenho nenhum.

T3 – Não tens nenhum. (silêncio) J2!

J2 – Sentir-me ofendida com o meu irmão; Sentir-me ofendida com outro membro da família; Irritar-me com os meus pais; As discussões entre os meus pais.

T2 – J3!

J3 – Não ter roupa suficiente; Não receber atenção suficiente; Doença de um familiar; Lidar com padrastos e madrastas; Irritar-me com os meus pais.

T2 – Muitos de vocês se irritam com os pais?

J11 – Eu não!

T2 – Oh J10 onde é que tu vais? Muitos de vocês discutem... irritam-se com os pais?

J11 – Não...

J6 – Sim.

J7 – Eu discuto com os meus pais.

T2 – A J3 sim...

J7 – São meus pais, mas eu discuto com eles.

T1 – Mas o J6 falou aqui de uma situação que muitas vezes é habitual na adolescência. Que é a situação das tarefas domésticas. Os pais obrigarem a fazer coisas que vocês não querem fazer, isso nunca vos acontece?

J7 – Isso é verdade! De vez em quando eu acordo às sete da manhã e a minha mãe já está «Vai lavar a loiça que não lavaste ontem à noite!», «Vai fazer a cama!».

J6 – Isso é normal, tens de fazer isso! É uma coisa que tens que fazer porque assim no futuro...

T1 – Mas isso causa-te stresse ou não J7?

J7 – Causa stresse!

T1 – Ah! Mas puseste nenhum, não tens stresse.

J7 – Tenho stresse moderado.

J11 – Lavar a loiça... não comeu, não sujou? Limpa! Depois estender a roupa, não se sujou a roupa, não é? Limpa-se! Limpar a casa, não sujou não desarrumou? Arruma! Não há que ter stresse nisso!

T2 – Lidas bem com essa situação?

T1 – J5!

J5 – Sente-te com sorte por só lavares a loiça e fazer a cama porque eu limpo a casa-de-banho! Eu vivo com o meu pai e com a minha mãe, nomeadamente o meu pai!

J7 – A minha casa tem três casas-de-banho, eu tenho que limpar três casas-de-banho.

J11 – A minha casa tem casa-de-banho para rapariga e para rapaz.

T1 – E tu J3 diz lá.

J3 – O stresse em casa com os meus pais é tipo... Os pais fazerem de conta que nunca eles foram adolescentes e que nunca embirraram com os pais.

T2 – Eles fazem de conta?

J3 – Ou então quando falam do passado «Ai eu na tua idade não era assim, não saía de casa.», estás no século vinte e um!

T2 – Mais situações com os pais.

T1 – Diz J6.

J6 – A... quando... pronto quando o meu pai discute com a minha madrasta, ele às vezes vem ter comigo e faz coisas que depois arrepende-se. Isso é uma coisa que por acaso não me irrita, porque não falo sobre o assunto, só que, pelo que as pessoas me dizem está mal feito pela parte dele e que... pronto, é isso.

T2 – Mais alguém sentiu isto como o J6?

T1 – J5.

J5 – Não poder ser eu ao pé dos meus pais. Não posso ser eu. Estou com eles «Então filha o que é que fizeste hoje na escola?», tenho de dizer que estive com as minhas amigas e que gostei muito da escola. Gostei da escola, não tive com as minhas amigas e não sei o quê... ah, «Então filha o que é que tu queres usar amanhã?», «Ah tenho aquela camisola com flores» e não sei o quê, mas depois eu troco de camisola.

T2 – Vestes as das flores mas levas outra para trocar é isso?

J5 – Sim. «O que é que estás a fazer?», «Ah estava aqui a guardar o mini isqueiro, vou agora falar com as minhas amigas no “Facebook”». (Respirou fundo) Na verdade eu estava a brincar com o mini isqueiro.

T3 – E vais fazer outra coisa?

T1 – J3...

T2 – Portanto o tentar agradar aos pais, é isso?

T3 – Fazer um bocadinho de teatro.

J5 – Se eu não agradar fico de castigo.

T2 – Há discussões e há problemas.

J5 – Está difícil.

T2 – A J3 também queria...

J3 – Já não sei o que ia dizer.

T3 – Esqueceste-te do que ias dizer.

T2 – Estávamos a falar das discussões com os pais ou situações de stresse.

J3 – Ah, a mim é o meu padrasto se meter bué entre mim e a minha mãe, são assuntos entre mim e a minha mãe, e eu depois explico à minha mãe que ele não é meu pai, e não pode dizer ou fazer, e exacto, depois à bastante stresse em casa.

J7 – Depois quando já chegámos a casa da escola e os pais «Tens recados na caderneta?», «Eu?! Eu não! Eu não!».

T2 – É um stresse?

J7 – Depois com vinte recados no final: «Tens tantos recados?», «Foi hoje!».

T3 – Foram vinte recados só num dia! Sofres tudo de uma vez, é isso?

T2 – Não têm data? Não?

J7 – As professoras esquecem-se.

T2 – Diz J6.

J6 – Mais uma coisa, que por acaso também acontece, por exemplo, quando... foi parecido, pronto, com o que ela disse, é quando, a minha madrasta por exemplo fala mal sobre a minha mãe por ela ter vários problemas.

J3 – Isso acontece muito.

J6 – A... por exemplo, é um bocado difícil para mim saber o que a minha mãe está a passar, e ela falar constantemente mal, e depois se eu pedir a ela, por acaso nunca falei mal com a minha madrasta porque eu até gosto dela. Mas se eu pedir para ela falar de outro assunto o meu pai diz que lhe estou a faltar ao respeito e que não posso diz assim, e o problema para além disso, é que ela também, às vezes inventa histórias, e eu não percebo porquê. Já estive a pensar se é para o

meu bem, já estive a pensar se é porque ela quer ter uma melhor relação com o meu pai, só que ainda hoje tenho esse enigma que não consegui desvendar porque, pronto.

T2 – Bom, vamos passar para a última, neste momento, está bem? Vamos falar de fatores de stresse nas relações com os outros. A... nas relações sociais, com os colegas, amigos. Vamos começar por quem? Ali pelo J4.

J4 – “Perder um amigo”, “ter poucos amigos”, “saber que um amigo me mentiu”, “saber que um amigo me critica”, “sentir-me isolado”, “não ter namorada”, “não saber como fazer amigos”, “não saber defender os meus direitos”, “sentir-me pouco atraente”.

T2 – Hum. J11.

J11 – Eu não tenho nada. Eu tenho tudo um.

T2 – Dos três, até agora?

J11 – Hum.

T2 – Não tens 4 ou 5.

J11 concordou com a cabeça.

T3 – A J11 não stressa!

J11 concordou com a cabeça.

T2 – J2 então e tu?

J2 – “Perder um amigo”.

T2 – Perder um amigo. J3.

J3 – “Perder um amigo”, “saber que um amigo me mentiu”, “saber que um amigo me critica”, “sentir que os outros são diferentes de mim”, “sentir-me pouco atraente”.

T2 – Hum. J6.

J6 – “Perder um amigo”, “ter poucos amigos”, “saber que um amigo me mentiu”, “saber que um amigo me critica”, “sentir-me isolado”, “sentir que os outros são diferentes de mim”, “não saber como fazer amigos”, “não saber defender os meus direitos”. Ah calma... “não saber fazer amigos” não. “Não saber defender os meus direitos”, só!

T3 – J9!

J9 – “Perder um amigo” e “não saber como fazer amigos”.

T2 – J7.

J7 – Só “perder um amigo”.

T3 – J5.

J5 – “Perder um amigo”, “saber que um outro amigo me critica”, “sentir-me isolada”, “sentir que os outros são diferentes de mim” e “não saber como fazer amigos”.

T2 – J1.

J1 – Não tenho.

T2 – Portanto “perder um amigo” foi o que me saltou mais à... Portanto já todos já perderam amigos? A J5 já partilhou uma situação.

J7 – Eu também.

T2 – J3.

J3 – Se for um amigo com quem estamos constantemente a falar ou estamos sempre com ele... perder esse amigo tipo, por exemplo é como se faltasse aquela base, tipo para os nossos problemas...

T2 – Mais?

J7 – O meu melhor amigo tinha um problema e não melhorou...

T3 – E a J9 também já falou de uma situação.

T2 – Alguém quer fazer algum comentário? Podemos passar para outro, está bem? Podem guardar esse, está bem?

T1 – Esta vocês também vão ter de preencher também esta grelha pondo uma cruz. Se vocês se zangam por exemplo, se não conseguir o que eu quero, é com a mãe, com o amigo, com o irmão ou com o professor.

T2 – É só pôr uma cruz. J2.

J2 – “Não conseguir o que quero”, meti a mãe, o pai e o irmão. “Tratamento injusto”, mãe, pai e professor. “Perder um jogo”, pai e um amigo. “Faltar ao respeito”, amigo e professor. “Não cumprir o que prometeu”, todos.

J3 – Eu fiz de acordo tipo em quem é que eu... descarrego. Eu pus: “não conseguir o que quero”, professor. “Tratamento injusto”, mãe e amigo. “Perder um jogo”, tudo menos irmão. “Faltar ao respeito”, tudo menos o irmão. E, “não cumprir o que prometeu”, irmão.

T2 – Hum. J6.

J6 – “Não conseguir o que quero”, pai, amigo e professor. “Tratamento injusto”, pai, amigo e professor. “Perder um jogo”, pai e amigo. “Falta de respeito”, amigo. “Não cumprir o que prometeu”, mãe, pai, amigo e professor. E, pronto.

T2 – Tinhas acrescentado alguma...

J6 – Não, deixe estar...

T2 – J9.

J9 – “Não conseguir o que quero”, pai...

T2 – Vamos ouvir a J9, está bem?

J9 – “Tratamento injusto”, professores. “Falta de respeito”, professores. “Não cumprir o que prometeu”, mãe.

T2 – J7.

J7 – “Perder um jogo”, o meu irmão e o amigo.

T2 – J5.

J5 – “Tratamento injusto”, mãe e pai, e professor. “Perder um jogo”, pai e outro jogador qualquer. “Falta ao respeito”, professor. “Não cumprir o que prometeu”, pai e mãe.

T2 – É assim quase todos se zangam com algumas situações. A zanga é má? A zanga é uma coisa má?

J5 – Sabe bem às vezes!

T3 – Sabe bem.

J6 – Quando nós estamos a falar aí e a discutir sobre um assunto mesmo que tenhamos uma zanga ela, no final se correr tudo bem, se ambos os lados aceitarem as opiniões um dos outros até se dá bem. Se ambos não consideram os lados uns dos outros, aí não, vão se dar mal.

T2 – Digamos que a zanga não é uma coisa má nem boa, não é? No fundo o que o J6 introduziu aqui...

J5 – Quando eu me zango, como eu não falo muito com as pessoas, quando eu me zango deito tudo cá para fora.

T2 – Se calhar a forma como se lida com a zanga é que é importante, não é? Volto a dizer, se conseguir lidar com a zanga com assertividade. Na sessão passada falámos de assertividade.

J6 – É preciso que haja uma zanga, se um pai vai educar um filho...

T3 – Vamos ouvir o J6.

J6 – Por exemplo quando um pai está a educar um filho e ele não quer, o pai tem de ser zangar para conseguir educar um filho. Isso... zangar, conta falar alto e pronto essas coisas que pronto, faz parte da zanga.

T2 – Mais alguém quer fazer algum comentário?

T3 – Em relação à zanga e ficarem zangados.

J10 – Às vezes apetece-me espancar outra pessoa...

O2 – Quando se zangam contigo?

J10 – Às vezes apetece-me espancar outra pessoa...

T2 – Nós já tínhamos falado das formas de comunicar não é?

J7 – Um amigo meu já se zangou com a professora que é muito pior.

T3 – Hum? Então?

J7 – Ela chamou-lhe um nome que ele não gostou e ele levantou-se da cadeira e queria mesmo dar porrada na professora.

J10 – Um amigo meu deu uma chapada à professora e depois chamou-a cabra de mer...

J11 – Ah!

J10 – Ainda por cima foi à “DT” (Diretora de Turma) que ele chamou.

T2 – Teve as suas consequências com certeza. A J3 está ali com o dedo no ar à muito tempo.

Burburinho na sala.

J2 fez gestos comunicativos para J3.

T3 – Vamos ouvir a J3, então?

T2 – Oh J2 não sei se queres trocar de lugar.

J3 – Ah, que quando, por exemplo, estamos chateadas com aquelas professoras, eu sei que não devo fazer isso mas consigo chamar todos os nomes possíveis. Descarregar alguma coisa, sei lá.

T2 – Que formas boas é que vocês têm para lidar com a zanga?

J6 – Tirar as coisas positivas...

T2 – Como? Vamos, um de cada vez.

J6 – Tirar as coisas positivas e ver o lado positivo, que a zanga é para as pessoas chegarem a um acordo conforme o caso.

T2 – Conversarem?

J6 – Sim, praticamente a zanga é conversar mas de uma forma mais bruta, para abrir os olhos à pessoa, porque há pessoas por exemplo, a falar normalmente não vão lá, então é preciso construírem uma zanga para... ir lá pronto.

T1 – É uma forma de expressar um estado emocional, não é? Uma forma de expressar o vosso estado emocional.

J5 – Não se percebe que eu me zango, porque é tipo assim, eu quando me zango com a minha mãe por exemplo, eu falo com ela a ser irónica e ela detesta e eu gosto, então eu estou zangada por dentro, estou a arder, estou a deitar a mesa da cozinha para o teto e dar murros nas coisas, na minha cabeça, mas por fora eu estou a brincar com ela. Mas depois sabe-me bem porque depois fico mais calma. Eu sei que isso é errado mas sabe bem.

J7 – Eu sou irónico com as teorias do meu pai.

T2 – Diz J7.

J7 – Sou irónico com as teorias do meu pai: «Isso é verdade, ya fixe!».

T1 – Também é uma forma de agressividade, não é?

J5 – Ela odeia e eu fico tão feliz por ver a cara dela zangada.

J7 – E depois há aquela parte «Eu não sabia...».

T2 – O J1 quer dizer alguma coisa.

J7 – «Ah! Eu não sabia. Eu não sabia...».

J3 – Eu não sei lidar com a zanga positivamente.

T3 – Não sabes lidar com a zanga?

J3 – Não consigo.

T2 – A J3 disse que não conseguia lidar com a zanga. Alguém quer ajudar?

Barulho na sala.

J7 – Eu consigo lidar.

J11 – Depende dos assuntos.

T2 – Hei! Hei! Hei! Vamos ouvir a J11.

T3 – Vamos ouvir as sugestões.

J11 – Depende...

T3 – Meninos vamos ouvir a J11!

J11 – Depende dos assuntos para lidar com a zanga, se for por exemplo assim uma coisa bué simples que tu te zangas com um amigo, mesmo que saibas que ele está errado, podes ir sempre pedir desculpa para voltares a falar com ele e não sei o quê...

J5 – Não peças desculpa.

T2 – Estou a ver a cara da J3.

J3 – Eu não consigo, eu não consigo.

T2 – Outras, outras... (falam) J3!

J6 – Quando tu te chateias com os teus pais o que tu podes ver é o lado positivo da coisa. Mesmo que tu fiques chateada podes ir para o teu quarto e pensar que eles estão a fazer aquilo para o teu bem e que talvez no futuro tu possas ver isso. Tipo pensas bué... não é logo tipo... estares a dizer «não percebo, não sei o quê não sei que mais», tens de pensar as coisas positivas que eles estão te a fazer e também será um dia se fores mãe vais ter de fazer a mesma coisa pelo teu filho, tipo...

T2 – Mais uma sugestão!

J5 – Dependendo do caso nunca peças desculpa, dependendo do caso.

T3 – Dependendo do caso o quê?

J5 – Dependendo do caso pedes desculpa. Vou explicar, se estiveres a falar com os teus pais e... estás a discutir com os teus pais e estás mesmo irritado, ou és irónico, mas se eles não gostarem vais para o teu quarto e descarregas nas tuas coisas, nas almofadas é bom. Gritas com eles.

J3 – Mas isso não parte, se fosses vidro ou qualquer coisa...

J5 – Parte! Faz qualquer coisa, eu mando as coisas para o chão às vezes.

T2 – Nós hoje vamos ter de determinar.

Sessão 4

T2 – Ora bem, vocês sabem o que vamos falar hoje?

T1 – Alguém tem ideia?

J7 – Nem por isso.

T1 – Não?

T2 – Então bem, vamos falar hoje de escola...

Riram-se.

T2 – Não sei se é bom se não é... mas pronto.

T3 – E o J10 suspira.

T2 – Então quem é que aqui gostava de ter melhores notas e ser melhor?

J7, J1 e J6 levantaram as mãos no ar.

T1 – Todos.

T3 – Completamente.

T2 – J11 não?

T3 – J11 não?

J11 – Eu meti.

T2 – A J2 também pôs. Pôs assim baixinho.

T3 – Lentamente...

T2 – Então e o que é que vocês acham que é preciso para terem boas notas?

J10 – Estudar.

T2 – Hum. Podem falar, um de cada vez, mas podem. Diz lá J7. Ou o J7 vai passar para ali porque tu e o J10 estão sempre a conversar um com o outro.

J7 mudou de lugar.

T2 – Vocês podem falar para o grupo, está bem?

J7 – Aplicar, podemos-nos aplicar.

T2 – E aplicar é o quê?

J7 – Nos estudos. Não deixar os estudos para trás.

T2 – Hum. Mais alguém quer dar ideias? (silêncio) Como é que vocês se costumam organizar no dia a dia a estudar?

T3 – Ideias?

J6 – A... pronto estudamos da maneira como os professores indicam e organizamos os estudos...

T3 – Fazes isso todos os dias?

J6 – A por exemplo todos os dias...

O2 – Todos os dias que tem teste!

J6 – Quer dizer não só também às vezes faço mais. Conforme o teste, se tiver, por exemplo se for matemática aí estudo dia... pronto praticamente quase todos os dias e por exemplo história, como gosto de história só estudo mesmo antes dos testes.

T3 – Organizas conforme aquilo que precisas e do que achas que precisas. Está bem. Mais ideias.

O2 – O J7 ia dizer qualquer coisa.

J7 – Eu não estudo.

O2 – Não estudas! Porquê?

J7 – Gosto de pegar nas disciplinas que tenho mais dificuldades.

J10 – Em história tirava sempre bom e não precisava sempre de estudar.

O2 – Em quê?

J10 – Em história tirava sempre bom e não precisava sempre de estudar. E agora preciso de estudar...

T2 – J1!

J1 – Não sei.

T2 – Como?

J1 – Não sei.

T3 – Não sabes? Então? Como é que tu fazes para organizar o teu estudo?

J1 – Estudando.

T3 – Estudas como? Todos os dias, na véspera?

J1 – Todos os dias à tarde.

T3 – Estudas todos os dias à tarde?! Fazes os trabalhos de casa e aquelas coisas todas, é isso?

J1 – Praticamente.

T2 – Trabalhos de casa, têm muitos trabalhos de casa, vocês?

J10 – Nem sequer tenho.

T2 – Como?

J10 – Não tive trabalhos.

T3 – Durante o ano não tiveste trabalhos?

T2 – Não estamos a falar agora das férias, estamos a falar durante o período de aulas.

J10 – Ah, então tive.

J7 – A matemática eram logo duas ou três páginas de... agora não me lembro.

T2 – De trabalhos de casa?

J7 – Eram três páginas de matemática.

O2 – E o J8?

J8 – Eu não estudo.

T3 – Tu não estudas? Então?

J8 – Repeti o ano, já sabia tudo.

T3 – Repetiste o ano, já sabias tudo. E passaste desta vez?

J8 – Passei.

T3 – Boa!

T2 – E fazias os trabalhos de casa?

J8 – Não!

T2 – Mas tinhas muitos trabalhos de casa?

J8 – Tinha.

T2 – Vocês têm trabalhos de casa diários?

T3 – Tens trabalhos de casa J11?

J11 acenou com a cabeça.

O2 – Fazes os trabalhos de casa J2?

T3 – Às vezes...

J2 – Às vezes.

T2 – Então e o que é que os professores dizem quando vocês chegam sem trabalhos de casa?

T3 – Não vêm os recadinhos nas cadernetas?

J7 – Recadinho na caderneta. Três faltas! Toma!

T2 – Pois as faltas também contam para terem melhores notas, não é?

J7 – Eu de vez em quando fazia mesmo na aula os “tpc’s” (trabalhos para casa).

T2 – Como? Desculpa J7.

J7 – De vez em quando fazia os “tpc’s” na aula.

T2 – Que era para evitar a falta?

J7 – Às vezes à frente do professor.

O2 – Mas isso deve ser um bocadinho stressante não?

J7 – Não.

O2 – Não?

J7 – Basta só, a matemática, fazeres tudo ao calhas e já está!

T3 – É? Ou então vais às soluções, estou mesmo a ver, para fazer as coisas mais depressa.

J7 – Não, não gosto de ir às soluções.

T2 – Portanto aqui o J8 disse que o ano passado reprovou e este ano passou. Então qual foi a diferença J8?

J8 – Não sei, não sei porque eu também passei... fui, fui a Conselho de Turma e passei.

T2 – Hum, mas houve alguma diferença, não é?

T3 – As notas nos testes melhoraram?

J8 – Algumas.

T2 – O teu comportamento, a tua atitude foi diferente, a tua organização?

J8 – Isso foi praticamente igual.

T2 – Então as notas caíram assim?

J8 permaneceu calado.

T2 – Ok! Então vamos passar aqui a uma tarefa. Vamos pôr dois a dois. Vocês os dois podem ficar juntos (J8 e J7), está bem? A J2 fica ali com o J10. J2 podes sentar ao pé do J10? Vocês ficam assim juntos (J6, J1 e J11), J1 vem aqui para o meio, está bem?

Distribuíram-se as folhas.

T2 – Bom vocês têm aí cinco perguntas, não é? Têm cinco questões, vão tentar responder e depois vão partilhar isso com os vossos colegas. O J7 com o J8, a J2 com o J10, e vocês os três, está bom? Precisas de ajuda J11?

J6 – Uma pergunta: “Quando trabalham, jogam, dormem ou comem?”.

T1 – Quais são as tuas rotinas.

J6 – Ah, ok!

T2 – No período de aulas, ok?

T1 – No período da escola, quando é que vocês se deitam, quando é que dormem, quando é que... Se vocês têm rotinas para estudar, ou se não têm rotinas, ou se é quando calha... ou quando têm testes.

J10 – No período de escola.

T2 – Em tempo de escola sim.

T1 – Claro que trabalhar aqui é trabalhar para a escola, não é como os adultos.

Trabalharam em grupo. T1 com J2 e J10; T3 com J8 e J7; T2 com J6, J1 e J11.

T2 – J8 podes começar? A primeira questão: “Como trabalhas, jogas, dormes ou comes?”, mais ou menos. O teu dia de aulas no geral.

J8 – Eu jogo e como.

T2 – Como?

J8 – Sim, eu jogo e como.

T2 – No dia de aulas?

J8 – Sim.

T2 – Então onde é que ficam as aulas?

J8 – No horário delas.

T2 – Pronto, então não te esqueças de pôr essa parte, não é? J7 e tu?

J7 – Eu estudo e jogo.

T2 – Mas mais ou menos, quando é que estudas, tens rotinas?

J7 – Quando acabo de estudar vou jogar.

T2 – Quando?

J7 – Quando acabo de estudar ou de ver um filme vou jogar.

O2 – J7 porque não dizes como me estiveste a dizer a mim? Sais da escola quase todos os dias a um quarto para as cinco, não é? E depois?

J7 – A seguir estudo um pouco e vou jogar.

T2 – Sim. E a J2. J2.

J2 – Começa ele primeiro.

T1 – Não J2.

T3 – Não J2, começas tu!

T2 – Eu estou a fazer a rodinha.

J2 – De manhã vou para a escola, a meio da manhã como e depois à tarde jogo.

T2 – A parte de estudar não entra?

J2 – Entra.

T2 – Onde?

J2 – Não sei.

T2 – Não sabes? (rindo-se) **J10**.

J10 – De manhã como, lavo-me, jogo, vou para a escola, depois vou para o explicador e depois chego a casa lavo os dentes, como e vou dormir.

T2 – **J6**.

J6 – Hum... ok, quando tenho algum trabalho para fazer acabo-o, depois estudo um pouco, muito provavelmente uma disciplina que tenha dificuldades. Depois faço a minha rotina, higiene e tudo, e depois janto e vou para a cama.

T2 – **J1**.

J1 abana a cabeça.

T2 – E a **J11**?

J11 – Não posso ler.

T2 – Vocês não comem, não dormem?

T3 – Vivem do ar!

T2 – Não, não comem não dormem?

J1 – Eu como.

T2 – Ah! Vais para as aulas. E a **J11** também!

T3 – Mas tu escreveste qualquer coisa **J11**. Lê lá o que escreveste nem que seja para descrever exatamente aquilo que tu fazes.

J11 – Vou para as aulas, almoço, tenho aulas, não faço nada.

T3 – Não fazes nada, nada, nada? Sais das aulas e é direta para casa? A **J2** concorda.

T2 – “Já alguma vez estiveram muito ocupados ou com muito trabalho? O que aconteceu?”.

Queres começar **J6**?

J6 – Sim! Foi um dos casos foi quando eu tive três testes seguidos a... e os professores não avisaram. Ter ficado muito stressado com más notas por não conseguir estudar. Pronto, mais nada.

T2 – **J10**.

J10 – Não.

T2 – Nunca ficaste, nunca te sentiste stressado?

J10 – Por acaso tive uma semana cheia de testes no outro dia.

T3 – E como é que foi?

T2 – E sentiste-te ansioso?

J10 – Fiquei stressado, e tive de estudar muito.

T2 – E a J2?

J2 – Não.

T2 – Nunca aconteceu isto como aconteceu ao J6 e ao J10?

J2 – Não.

T2 – J7.

J7 – A mim também... a mim também é os testes e depois apetece-me descansar.

T2 – J8.

J8 – Nunca tive.

T2 – Nunca tiveste... nunca te sentiste assim. E a J11?

J11 – Não.

T2 – Também não. E o J1?

J1 – Eu fiquei desorientado, de ter muitos testes juntos.

T2 – A terceira questão “Conhecem algum adulto que trabalhe demais? Como é que ele faz?”.

Podes começar J10?

J10 – A minha avó.

T2 – Sim.

J10 – Primeiro trata das coisas e organiza-se e depois faz... vai para o trabalho dela.

T2 – E tu J2?

J2 – Sim.

T2 – Quem?

J2 – A minha mãe, ela organiza-se primeiro e depois faz tudo de seguida.

T2 – J7.

J7 – Eu conheço, o meu pai, ele também... organiza-se e depois trabalha a arrumar caixas e paletes.

T2 – Não percebi.

J7 – Ele organiza-se e depois trabalha a arrumar caixas e paletes.

T2 – Hum. J8.

J8 – Eu não conheço.

T2 – J11.

J11 – Também não conheço.

J1 – Também não.

T2 – J6.

J6 – A minha madrasta. Sempre que ela acaba o seu trabalho e alguém pede para fazer mais alguma coisa ela excede sempre o que devia ter feito no seu horário normal.

T2 – Outra “O que acontece a uma pessoa que não organiza o seu tempo?”. Queres começar J2?

J2 – Não.

T2 – Não queres começar?

J2 acena com a cabeça.

T2 – Então começa o J7?

J7 – Uma pessoa... quando uma pessoa não organiza o seu tempo não tem tempo para fazer outras coisas.

T2 – J8.

J8 – Desorienta-se.

T2 – Hum. J11.

J11 – Acho que não acontece nada.

T2 – Hum. Aquilo que o J8 e o J7 disseram não faz sentido? Não? Queres explicar na tua opinião?

T3 – As coisas aparecem, aparecem feitas? (silêncio) Hum?

J11 – Não aparecem feitas mas também não...

O2 – Também não é por isso que acontece alguma coisa de mal, é isso? Ou fica tudo igual?

T2 – J1.

J1 – Fica-se atrapalhado.

T2 – Hum. J6.

J6 – Não se consegue ser bem sucedido.

T2 – Hum. J10.

J10 – Não tem tempo.

J2 – Atrapalha-se e corre tudo mal.

T2 – Não percebi.

J2 – Atrapalha-se e corre tudo mal.

T2 – Vamos para a última (“Como te sentes quando não há nada para fazer?”). Queres começar J2?

J2 – Quero! Aborrecida.

T2 – Hum. J7.

J7 – Rabugento.

T2 – Como?

J7 – Rabugento.

T2 – J8.

J8 – Eu fico contente.

Riram-se.

T2 – E a J11?

J11 – Indiferente.

T2 – J1.

J1 – Bem.

T2 – J6.

J6 – Eu conforme da situação, se não tiver nada para fazer e poder estar no sofá deitado a ver televisão sinto-me bem, se não tiver nada para fazer e estiver em casa...

T3 – Se não tiveres nada para fazer e a televisão estiver avariada e os jogos também nada funcionar, como é que é?

J6 – Ei! Ai suicido-me!

J10 – A *internet*, ei que mau!

O2 – Se cortarem a luz?

J11 – Joga-se futebol.

T3 – A J11 diz que joga-se futebol, arranja uma atividade diferente.

J7 – E se for à noite e não puderes ir com tudo escuro?

J11 – Fazes um jogo de futebol noturno.

T2 – Falta só ouvir o J10 nesta última.

J10 – Aborrecido.

J7 – Vamos para um país onde haja luz.

T2 – Agora vamos fazer uma atividade. Podem guardar.

Distribuíram-se os cartões e falaram em paralelo.

T2 – Então vocês todos têm... têm ai vários cartões. Posso falar? Posso falar? Vocês têm ai vários cartões de várias cores diferentes, cada cartão significa uma coisa, não é? Vou dar aqui várias hipóteses. Vamos pensar num dia de aulas por exemplo. Num dia de aulas vocês...

T1 – Segunda-feira às nove e meia.

T2 – Sim, uma segunda-feira às nove e meia da manhã. Vocês atiram o cartão para ali para cima.

T3 – Sobre o quê que fazem.

T1 – O que é que estavam a fazer numa segunda-feira às nove e meia em tempo de aulas?

T2 – É para atirar para cima da mesa!

T1 – Escolhem o que é que estavam a fazer segunda-feira às nove e meia.

J8 – Posso mandar?

T2 – Podes!

J8 atirou um cartão e caiu fora da mesa.

T1 – Não, não, não, têm de se levantar.

J8 – O que é isso?

T2 – Têm de se levantar!

T1 – Têm de se levantar e colocar o cartão em cima da mesa.

Escolheram-se os cartões.

T3 – Segunda-feira em tempo de aulas, o que é que estão a fazer?

J2 colocou um cartão em cima da mesa, e J10 também.

J6 – Podemos pôr mais do que um?

T2 – Não!

T1 – Não, é só uma coisa.

J6 – Ah, é só um. Então é aulas, boa!

T1 – Não, vocês podem ter aulas à tarde por exemplo.

J6 colocou um cartão na mesa.

J6 – Comer e dormir.

T3 – J1, faltas tu.

J1 colocou o cartão na mesa.

O2 – Está tudo nas aulas.

T1 – Está tudo nas aulas segunda-feira às nove e meia da manhã.

T2 – Está tudo nas aulas. Podem é ir buscar os cartões, está bem?

Os jovens retiraram os cartões.

T1 – Se calhar o mais fácil é, aproximem as cadeiras... vamos fazer assim para ser um bocadinho mais fácil. Agora, segunda-feira às seis e meia, T2?

T2 – Sim.

T3 – Seis e meia da tarde.

T1 – Segunda-feira às seis e meia.

T2 – Em tempo de aulas.

T1 – Em tempo de aulas!

J11 – Estou a acabar as aulas.

T1 – Segunda-feira, seis e meia!

J6 – Seis e meia?

T1 – Seis e meia. Mas estás em aulas, às seis e meia? Mas a que horas acabas as aulas?

J10 – Às seis e meia.

J11 – Eu também.

T1 – Também tens aulas às seis e meia?! Então seis e meia não é uma boa hora!

J7 – O ano passado tinha, não o ano passado eu acabava às seis e meia.

T2 – Já toda a gente pôs?

T3 – Já toda a gente pôs?

T2 – Esperem, esperem, não tirem! Portanto a maioria, às seis e meia está a comer e a dormir.

Vocês dormem às seis e meia da tarde?

J6 – Da tarde?

T1 – Seis e meia da tarde.

J6 – Ah! Ai mas dormir...

T1 – Dormir?

J6 – Dormir ai comer!

T1 – Estás a dormir às seis e meia da tarde?!

J6 – Não, não! Um segundo, um segundo a...

T1 – Às seis e meia à segunda-feira, estás a dormir? Da tarde.

J7 – Eu estou sempre a jogar à bola.

T3 – Jogar computador ou *internet*.

T1 – Então o J6 está a jogar computador e o J7 está a fazer desporto.

T2 – Podem recolher. Então e na mesma à segunda-feira...

J2 – Outra vez à segunda-feira.

T2 – Em tempo de aulas, às oito?

J11 – Não tenho aulas.

T2 – Ou às sete e meia.

T3 – Já não tens aulas?

J6 – Às oito?

T2 – Não, às sete e meia, 19h30min.

J6 – Eu já nem me lembro a que horas que eu me... não é em tempo de aulas, pode ser...

T2 – Em tempo de aulas, sim!

T3 – Sem ser agora nas férias.

J10 – Mas eu tenho explicador.

T1 – Mas não é em tempo de férias, é em tempo de aulas.

T2 – J2 faltas tu!

T2 – Ora portanto, o que aqui há... estar com amigos... vocês estão com os amigos às 19h30min é isso?

T1 – Numa segunda-feira?

T2 – Numa segunda-feira em tempo de aulas?

J6 – Nós não estamos nas aulas, estamos fora... com os amigos.

T1 – Estamos a falar das sete e meia da manhã ou das sete e meia da tarde?

J6 – Estão a falar da tarde?

T2 – 19h30min é à tarde.

J10 – Ah, 19h30min!

J6 – Espera aí... Ei, fogo, que cena!

T1 – 19h30min!

J6 – Também estou com os amigos...

T2 – Ora há aqui uma desportista. É o quê? Que desporto?

J11 – Futebol.

J10 – “BTT” (Bicicleta todo o terreno). Eu faço “BTT”.

T2 – E depois há aqui meninos que primeiro dormem e a seguir vão estar com os amigos, em tempo de aulas.

T3 – Epa oh J8.

T2 – Sim senhor! Então podem tirar os cartões! Então e se for em tempo de aulas um sábado às onze da manhã?

J2 – A dormir!

J6 – Onze da manhã...

T3 – Sábado às onze da manhã! J2! J7!

J7 – Perder tempo!

J10 – Espera ai deixa-me só ver.

T2 – O que é isso de perder tempo?

J7 – Perder tempo... posso estar a dormir até ao meio dia e vou estar a acordar cedo?

T3 – E achas que isso é perder tempo?

J7 – Acho!

J6 – Como é, aqui não está...

T1 – E para ti J8, como é que é perder tempo?

J8 – Então... não se está a fazer nada às onze, num sábado, na escola!

T1 – Não, não na escola, em casa!

T3 – O que é que tu estás a fazer?

T2 – Estás em tempo de aulas sim... mas é sábado de manhã!

J7 – Ao mesmo tempo é perder tempo.

J8 – Ah, então se estou em casa...

T1 – Estás em casa, o que é que estás a fazer?

J8 – Estou a dormir!

T1 – Ah, estás a dormir!

T2 – E aqui estás a comer ou a dormir?

J11 – Estou a dormir.

T3 – O J1?

T1 – Todos a dormir ao sábado de manhã! O J10 já está a jogar.

T3 – E o J1 está um bocado aborrecido.

T1 – O J1 está acordado. Não estás a dormir J1?

J1 – Estou sem fazer nada.

T2 – E então no tempo de aulas também...

T3 – Podem recolher! Podem recolher.

T2 – Domingo às quinze horas, quinze horas são três da tarde.

T3 – Domingo às três da tarde!

T1 – Domingo às três da tarde.

T1 – Mas estão em tempo de aulas, não se esqueçam que à segunda-feira têm aulas outra vez.

J6 – E!

T3 – Então quando vocês... O que é que fazes para não estar aborrecido?

J7 – Por acaso domingo à tarde estou aborrecido!

T3 – Vais dormir? Tu dormes, estás aborrecido...

J7 – Não há nada para fazer!

T3 – Comes!

J8 – E vou dormir...

T3 – E vais dormir!

J3 – Ele disse que estava sempre a dormir.

J7 – Quando eu não tenho jogo lá para o campeonato regional é uma porcária!

T3 – Quando não tens jogos é uma porcária!

T2 – É preciso dormir à tarde?

J11 – Não se faz nada!

T2 – Não se faz nada...

J10 – “Ya”!

T2 – Há quem faça, deixa ver. O J1 vê televisão.

T3 – O J10 está a perder tempo. O que é isso J10? O que é perder tempo?

J10 – Não há “playstation” aqui nestes cartões!

T1 – Há jogar! Então é jogos, aquele jogar computador.

J10 – Jogar computador não é “playstation”.

T3 – Está bem mas...

T1 – Está bem... então tens de pôr o azul! Se estás a jogar tens de ser o azul! Ok então, há alguma cor que vocês não tenham usado até agora?

J2 – O cinzento.

J11 – Muitas!

T3 – Mostrem lá os cartões, ponham lá os cartões...

T1 – Não! Que vocês não tenham usado. Que ninguém tenha usado no grupo!

J6 – Trabalho doméstico.

T1 – Trabalho doméstico.

J11 – Atividades com a família.

T1 – Atividades com a família. Então mas espera lá, o trabalho doméstico como é que é? Ei! O J1 há imensos que não usou. Ora bem então vamos começar pelo trabalho doméstico, vocês não fazem nada? Não há nenhuma atividade de trabalho doméstico que vocês façam?

J11 – Isso não!

T3 – No horário que dissemos não.

T1 – Ah, no horário que nós dissemos não, J11, ok. Mas tu fazes algum tipo de atividade doméstica? Ajudas a tua mãe a fazer alguma coisa?

J11 – Não.

J10 – Eu arrumo a loiça!

J11 – A minha mãe não ajudo de certeza!

J7 – Eu tenho de fazer!

T3 – Ajudas sem ser a tua mãe é?

J7 – É só nos dias de semana.

T1 – Então quais é que são as tuas tarefas domésticas?

J11 – Depende, eu estou num colégio ou estou num apartamento logo é distribuído, há várias coisas.

T1 – Hum!

J7 – Eu tenho azar com os trabalhos domésticos...

T3 – Então, o que é isso?

J7 – Tenho de limpar a casa-de-banho, tenho de aspirar, tenho de limpar o pó.

T3 – Epa nós tivemos muita pontaria, tu fazes muita coisa, mas nunca apanhámos esse horário!

Riram-se.

J7 – É só às quintas!

T1 – Ah, é só às quintas.

J7 – É praticamente o dia inteiro!

O2 – Então mas quais eram as atividades que tu preferias fazer em vez dessas? Domésticas.

J7 – Jogar.

O2 – Não, domésticas.

J7 – Doméstica... se dormir fosse uma atividade doméstica...

T3 – Ah, já percebi tudo.

J11 – Polir o sofá.

J7 – Eu não gosto de nenhuma atividade doméstica.

T3 – E mais? Aqui J8, como é que é? Atividades domésticas.

J8 – Não faço nada.

T3 – Não fazes nada? Aparece tudo feito.

J8 – Claro.

T3 – Claro? Não ajudas a fazer comida?

T2 – Fazer a cama?

T3 – Fazer a cama, arrumar o quarto...

J8 – Isso é uma coisa, fazer a cama!

T3 – Isso é uma atividade doméstica! Não é?

T2 – Isso é uma atividade doméstica! J2 tu fazes alguma coisa? Conta lá, partilha lá.

T3 – Fazes a cama?

T2 – Fazes a cama?

J2 – Não...

T3 – Ai nada? Tudo o resto aparece feito?

J2 concordou com a cabeça.

T2 – E ali o J10?

T3 – Estás muito mal habituada.

J10 – Arrumo a loiça.

T2 – Arrumas a loiça.

J10 – Ponho a loiça na máquina.

T3 – Hum.

T2 – Hum.

J7 – Mas depois nunca lavas! Malandro!

J10 – É a máquina!

T2 – Então e o J6?

J6 – Tudo.

T3 – Fazes tudo?

J6 – Quase praticamente. Eu é que... pronto no quarto, tudo, sou eu que faço, pronto. A sala... também a maior parte das vezes sou eu que trato, só não trato da casa-de-banho e do quarto do meu pai e da minha madrastra. De resto, sala eu é que aspiro, eu é que lavo certas coisas à parte, ah... eu é que praticamente também faço, também, estendo a roupa e só não passo a ferro porque eu não sei. Quer dizer, eu sei mas...

J7 – Tens sorte, tens sorte!

J6 – A única coisa que eu não faço, e graças a deus, não lavo a casa-de-banho.

J7 – Tens sorte não lavas a casa-de-banho, aquilo é um horror!

T3 – E a cozinha?

J6 – A cozinha... a cozinha também já lavei!

J7 tentou falar mas com barulho de fundo.

T3 – Espera ai J7.

J6 – Às vezes dividimos e é... quem é que faz o jantar ou sou eu ou a minha madrastra, ou eu ou a minha madrastra, se for o almoço é o meu pai, limpamos todos! É sempre assim, praticamente é sempre assim! E depois temos de estar a sorrir, quase a vomitar no chão, a dizer «Ah que bom...». Praticamente é sempre assim, o jantar... é que...

T3 – Então se calhar tens de ensinar o teu pai a cozinhar. Dar umas dicas.

J6 – Não, não vale a pena.

T3 – Não vale a pena.

J6 – Acaba sempre tudo por, por...

T2 – Quem é que mais aqui cozinha?

J7 – Agora a *internet* resolve tudo bem!

J6 – Não, não ele não consegue. Põe... pede para pôr canela ele põe tipo o frasco e depois pede para pôr mais.

J7 – É sempre a meter canela “tá” vendo? (fazendo um sotaque brasileiro)

J6 – É muito... não, ele não consegue. É muito mau. A única coisa que ele sabe fazer bem... é estar sentado!

T2 – E sabe comer também!

J6 – Ai, isso então!

T3 – E a comida dele também se calhar sabe comer.

J6 – A comida dele... não...

T3 – Não gosta?

J6 – Ele diz assim «Ah tomem lá, está muito bom!», «Oh-oh está muita bom, come, come!».

O2 – Ele faz assim e deita para o chão.

J6 – Não deita para o chão... faz tipo...

T3 – E tu oh J1, atividades domésticas, como é que é?

J1 – Limpo o meu quarto.

T3 – Limpas o teu quarto. Mais alguma coisa?

J1 – Não.

T3 – E em que dia é que limpas o teu quarto?

J1 – Aos fins de semana.

T3 – Aos fins de semana.

J1 – É quando está porco.

T2 – E para além do J6, quem é que cozinha mais aqui? Quem é que sabe cozinhar? A J2...

J7 – Eu de vez em quando...

J8 – Eu sei.

T2 – Ah!

J7 – Eu de vez em quando!

J10 – Eu sei fazer ovos.

T1 – Boa! Sabem todos cozinhar!

J7 – Eu sei fazer crepes!

T3 – Sabes fazer crepes.

J10 – Sei fazer ovos.

J6 – Sei fazer *raviolis*!

J1 – Sabes fazer ovos?!

T3 – Sabes fazer *raviolis*?

J6 – Sim, é bué fixe!

T1 – Os ovos já estão feitos J10! (rindo-se)

J10 – Ovos cozidos.

J7 – Eu sei fazer *canelones*!

Riram-se.

J11 – Eu sei fazer lasanha.

T3 – Sabes fazer o quê?

J11 – Lasanha. Vou comprar, meto no micro-ondas e depois já está!

T3 – Há alguma coisa que saibas fazer que não seja pôr no micro-ondas?

J11 – Eu sei fazer quase tudo. Quase tudo salve seja não é? Sei fazer massa, arroz.

T3 – Oh J7 agora está a falar a J11. Diz J11.

J11 – Eu sei fazer massa, arroz, chili...

J10 – Eu estou a aprender a fritar batatas.

Riram-se.

T2 – Ora bem podem juntar os cartões e pôr o elástico se faz favor.

T1 – Então e as atividades com a família? Ninguém aqui faz atividades com a família?

J11 – Não.

J6 – No horário que disseram não.

T1 – No horário que dissemos.

T3 – E sem ser no horário em que dissemos?

J2 – Dormir!

T1 – Dormir não são atividades com a família.

J2 – São sim!

J6 – Atividades com a família?

T1 – J6 quais são... diz lá uma atividade que faças com a família.

J7 – Dormir era uma atividade em família, a minha mãe chamava-me para ir para o quarto dela.

J6 – A... ok, por exemplo, uma atividade em família é a minha avó obrigar-me a ver o “Achas que sabes dançar” com ela?

Riram-se.

J6 – Ou nós talvez...

T1 – J6 a televisão é uma actividade é isso?

J6 – Em família não, com a minha avó pronto, mas também às vezes vejo um filme com o meu pai e com a minha madrasta, às vezes também.

T1 – E ninguém faz isso? Ninguém vê televisão com a família?

J7 – Não. Uma atividade em família é quando a minha avó me mete a ver programas, assim programas bem antigos, e diz que aquilo é bué giro! E eu «Oh avó!».

J6 – A minha avó mete-me a ver o Goucha! Fogo!

T1 – E tu vês televisão com a família, ou não J7? Com a tua avó vês.

J7 – Eu não!

T1 – E vocês não vão à praia com a família?

J2 – Eu vou!

J7 – Não, este ano ainda não fui, não sei porquê!

J10 – Nem eu!

J6 – Eu vou mais com os amigos, mas também com a família costumo ir, às vezes.

T1 – E ao cinema, ninguém vai ao cinema com a família?

Em conjunto – Não!

J6 – Algumas vezes.

T2 – Ninguém vai ao centro comercial com a família?

J7 – Quando eu vou com a minha família, é para ai uma vez por ano!

T1 – E fazem compras? Não? Com a família.

J7 – Eu vou com os meus pais.

J10 – Se eu for fazer compras é só se formos à loja de roupa para rapariga e isso não!

T1 – Mas espera lá J10, como é que compras a tua roupa?

J10 – Vão lá a minha mãe e a minha irmã à loja.

T1 – E tu não escolhes, não provas, não experimentas?

J10 – Sim, às vezes vou.

T1 – Ah.

J7 – Eu só tenho um problema, se eu não for com os meus pais às compras eu já sei que eles vão comprar camisolas tamanhos dez-onze anos!

T1 – Ok, então se calhar é melhor tu ires. Até para escolheres a tua própria roupa, o teu próprio estilo, será?

J7 – Eu tenho camisolas que me ficam à “atequinha”.

O2 - Ficam o quê?

J7 – Ficam-me à “atequinha”.

J10 – Ficam à Tó Zé!

T3 – Então é melhor também ires escolher.

J10 – À Tó Zé Manel!

O2 – Então e tu J1?

T1 – Também vais às compras com a tua família?

J1 – Raramente.

T3 – Raramente. Oferecem-te as coisas é?

T1 – Mas quem é que compra a roupa?

T3 – E sabem o tamanho e aquilo que tu gostas?

T1 – Não percebo, vocês não escolhem a vossa própria roupa?

J10 – A mim também, dão-me bué roupa!

J1 – Escolho, no dia seguinte tenho lá!

T1 – Escolhes mas os teus pais compram sem tu veres?

J1 – Às vezes...

T3 – Eu gostava de ouvir a J2 por exemplo. Como é com a tua roupa J2? Escolhes tu ou compram por ti?

J2 – Compro eu.

T3 – Compras tu, vais tu escolher.

J2 – Sozinha.

T2 – Sozinha?

J2 concordou com a cabeça.

J6 concordou com a mão.

T3 – O J6 também.

J6 – Quer dizer às vezes vou com o meu pai ou com a minha avó. De vez em quando vou eu.

J7 – Às vezes gostava de ser rapariga, às vezes gostava.

T3 – Então? Porquê?

J10 – Então só há lojas de roupa para raparigas!

T2 – Ai é?

J7 – A secção das raparigas...

T1 – Isso não é verdade!

J6 – Isso não é verdade, “ya”.

T1 – Isso não é verdade. Há imensas lojas para rapaz.

J2 – É sim!

T1 – Há, não são assim tão poucas.

J7 – Há um cantinho a dizer assim, há um cantinho a dizer, há um cantinho a dizer “Rapazes”...

J6 – Há um quadradinho, que diz *Chicas* e depois com baratas e com uma camisa só, a dizer “rapazes”. «Experimente e depois devolva se morrer com cancro a culpa não é nossa». É sempre assim! Mas também há lojas para rapaz, não é só raparigas!

T3 – Por exemplo?

J10 – Mas é raro.

J6 – A “Zara”. A “Zara” não...

J7 – A “Zara” é de rapariga!

T1 – Não! Vocês têm a “Zara” para rapaz e a “Zara” para rapariga!

J6 – A “Ericeira”! A “Ericeira” tem mais para rapaz!

J7 – A “FootLocker”! A “FootLoker”!

T1 – Depende das lojas claro. E as lojas desportivas? Também têm muita roupa para rapaz. A “Sport Zone”...

J10 – Também têm para rapariga. Deviam ter uma loja só de roupa para rapazes.

T1 – Há só para rapazes!

J7 – Oh bacalhau com natas, há a “Ericeira”!

J6 – A “Ericeira” também é para raparigas! Vês ali a um canto, é coisas de rapariga.

J7 – Se não gostar venha trocar, desculpe não dá para trocar!

T2 – Ok, agora vão novamente para os vossos lugares está bem?

Os jovens voltaram aos lugares e distribuíram-se as folhas.

J6 – Vamos receber as suas fichas outra vez?

Riram-se.

T1 – Ok, vá, agora trabalhamos nós, está bem? Leiam lá o que é que vocês vão fazer!

T2 – Vamos tirar daqui a mesa?

Trabalharam em conjunto.

T2, J8, e J7 T1, J2 e J10. T3, J6, J1 e J11.

T1 – Pronto, vamos então começar por aqui.

J2 – Quero avisar que nós rebentámos o barco.

T1 – Vamos então começar a ouvir o nosso grupo. J10 diz lá como é que vai ser.

T3 – Vamos ver como eles fizeram.

J2 – Saltámos o barco.

T1 – Vá J10! Explica ao grupo. Olhem ninguém está a ouvir o J10.

J10 – Podia ser ela.

T3 – J6, J6, espera lá.

T1 – Então J2 vá!

J2 – Nós para irmos para Espanha vamos de carro.

T1 – Vão para onde?

J2 – Para Espanha!

T1 – Vamos ouvir a J2!

J2 – Para irmos para Espanha vamos de carro. De gasolina gastamos cento e cinquenta de ida e cento e cinquenta de volta.

T1 – E vamos para que cidade em Espanha?

J2 – Madrid.

T1 – Ok. Vá gastamos cento e cinquenta para ir e cento e cinquenta para voltar. Continua lá.

J2 – Agora é ele.

J10 – Então já disse, vamos a Madrid pela estrada nacional.

T1 – Vamos pela estrada nacional para não pagarmos portagens.

J2 – Para irmos para Madrid para irmos às piscinas. No verão! No verão!

T1 – Vão no verão por causa de?

J2 – Das piscinas.

T1 – Por causa das piscinas.

T3 – Por causa das piscinas, boa.

J2 – Vá vai.

J10 – Nós gastámos mil quatrocentos e dezasseis.

J2 – Eles não ouvem.

T1 – Olha mas tens de explicar porquê que é esse dinheiro que gastaram. Explica lá o dinheiro que vão gastar.

J10 – Vamos para um hotel de cinco estrelas... e vamos estar cinco dias. Gastámos mil euros.

T1 – Vamos ouvir, vamos ouvir o J10.

J10 – Depois para comer vamos gastar sessenta euros.

T1 – Porquê?

J10 – É cada dia.

T1 – Não!

J6 – Fogo estás a fazer dieta!

J10 – Não, cada dia... todos os dias...

J6 – Fogo!

J10 – Fica a sessenta euros, o comer.

T3 – Já disseram que vão no verão, para as piscinas.

T1 – Vão às piscinas no verão e diz lá onde é que vocês vão comer.

J10 – No “Burger King”.

T1 – Vão comer no “Burger King”.

T3 – Pronto!

O2 – Todos os dias, no “Burger King”?

J10 – Sim.

Riram-se.

T1 – E então quanto é que vocês vão gastar na viagem?

J10 – No total?

T1 – Sim!

J10 – Mil quatrocentos e dezasseis euros.

T2 – Bem, vamos aqui agora para o...

J10 – Vocês roubaram um banco não foi?

J6 – Não! Estás lá perto.

T3 – Então vá.

J2 – Ainda não acabámos!

T1 – Esperem! Vá vamos só ouvir aqui o resto da viagem do grupo. J2 acaba lá. O que é que vocês vão levar para a viagem?

J2 – Ele disse protetor solar...

J6 – Mantimentos!

J2 – Biquíni e...

J10 – Eu não vou levar biquíni!

Riram-se.

J2 – Chinelos, ténis, peças de roupa, e produtos higiénicos.

T3 – Sim.

J2 – Já está.

T1 – Então mas onde é que vocês vão? Vocês esqueceram-se de explicar ao grupo onde é que vocês vão.

J2 – Vamos a Madrid!

T1 – Sim?

J2 – À discoteca!

T1 – Ah!

T3 – Ah!

T1 – E com quem é que vocês vão?

J2 – Ele trás uma pessoa e eu trago outra.

T1 – Não é uma pessoa!

J2 – É!

T1 – Ele trás a mãe!

Riram-se.

T1 – Traz um amigo. E a J2 traz uma amiga.

J2 – E contratamos um motorista!

T1 – Não, isso não está no orçamento.

J2 – Vai estar agora.

T1 – Ok.

T3 – Esta viagem daqui, J1 começa! Como é que é?

J1 – Como viajar? Viajar de carro.

T3 – Vão viajar de carro. Para onde?

J1 – Para quê?

T3 – Para onde?

J1 – Para Madrid.

T2 – Vai tudo para Madrid, pelos vistos.

T3 – Vai tudo para Madrid!

J1 – A rota... vamos seguir... vá diz (rindo-se)

J6 – Vamos parar à descoberta.

T3 – Têm duas paragens.

J11 – Temos um condutor... privado.

J6 – Temos um condutor privado!

O2 – Qual é que era a primeira paragem?

J6 – A primeira... a primeira paragem (rindo-se) é na fronteira de Portugal e Espanha e a segunda é... a “Happy Bunnies Party”.

T3 – Não, não, a sério vá!

J6 – É outra ao pé de Espanha.

T3 – Algures entre a fronteira e Madrid.

J11 – À descoberta.

T3 – À descoberta! E J11 vá agora.

J11 – Vamos na altura da Páscoa.

T3 – Vão na altura da Páscoa, e porquê?

J11 – Não está frio nem está calor.

J6 – Nós para irmos de carro no verão faz muito calor.

T3 – É assim um intermédio.

Conversaram em grupo.

T3 – Mas pronto e a seguir? Quantidade de dinheiro que vão levar? Contem lá o vosso orçamento.

J6 – Gastar em gasolina, hotel, comida, diversão do parque *double* e é só isto.

J11 – Cinema.

J6 – Cinema. Vai dar mil e quinhentos euros.

J11 – Atenção eles são cavalheiros, eu só pago o cinema.

T3 – Eles combinaram que vão ao cinema, vão ao parque da “Warner Brothers”...

J6 – Da “Warner Brothers” e do coelhinho.

T1 – Ah, o da “Warner Brothers”. Então mas isso... é preciso contar bastante dinheiro.

J6 – No total temos 1500 euros. Durante uma semana.

J8 – Temos aqui um assalto ao banco.

T1 – Mil e duzentos... estão a ver a viagem deles até é mais barata que a nossa.

T3 – E que tipo de roupa é que querem levar?

J6 – Nós vamos levar... cada um vá, o que é que querem levar?

T3 – Primeiro as senhoras vai!

J11 – Não sejam tão cavalheiros!

J11 – Camisolas, calças, as coisas habituais que eu não preciso estar a dizer! Biquíni e por causa que o hotel tem lá uma coisa...

Riram-se.

T3 – Vá J1, vá!

J1 – Eu vou levar calções...

O2 – Olhem vocês ouviram o que é que o J1 disse?

J8 – Não se ouviu.

O2 – Bem me parecia. Calções? Vá lá J1.

J1 – Calções, camisolas, *t-shirts* e pode ser calças, pronto.

J11 – E nenhum biquíni?

Riram-se.

J6 – Camisolas, calções, umas calças, calções de banho, *t-shirts*...

T3 – Ainda bem que vais de carro e não tens limite de peso da mala!

Riram-se.

J6 – Pronto, escova de dentes! E vamos ficar no hotel “Warner Brothers”!

J11 – Opa, e quem é que vos vai pagar o hotel?

J6 – O hotel está incluído nos mil e quinhentos euros!

O2 – Vocês não disseram em quê que vão gastar o dinheiro?

J11 – Já!

O2 – Em quê?

J6 – No hotel...

T3 – Então pronto, agora vamos ouvir.

T2 – J7! Ei!

T3 – Ei! Ei! Ei!

T1 – Vamos ouvir aqui o J8 e o J7.

J8 – Pronto nós também vamos para Madrid, não é?! É muito famoso! Ainda não sei como vamos para lá. Vamos de avião.

T1 – Vão de avião!

J2 – Não têm uma rapariga no grupo?

T2 – Vamos acabar de os ouvir. Vão de avião, onde é que vão ficar?

J8 – Nós vamos no verão.

T1 – Vão no verão...

J7 – A rota vai ser de Lisboa a Madrid.

T3 – Vão de voo direto. Espera ai J6!

T1 – Vamos ouvir! Vamos ouvir este grupo.

T2 – Vão durante quanto...

J8 – Vamos lá ficar duas semanas.

T2 – Duas semanas.

J8 – E vamos gastar no mínimo dois mil e quinhentos.

T1 – Ei!

J6 – Fogo!

J7 – No mínimo!

J8 – Podia ser mais!

Gerou-se uma onda de comentários.

T1 – Mas onde é que vão ficar? Onde é que vão ficar?

J8 – Num hotel de cinco estrelas.

T1 – Ah, ok!

T2 – Com 2500 euros...

J7 – Vamos para uma rulote mas de cinco estrelas.

T3 – Vá mas continua. Continua, quero ouvir!

J8 – Então, o quê que nós vamos levar? Vamos levar *t-shirts*, calções...

J7 – Roupas de verão!

J8 – Sim, também vamos levar biquínis, vamos! É que...

J11 – Cor de rosa?

J8 – Às bolinhas amarelas!

T3 – Vá!

Riram-se.

T2 – Vocês já viram...

T1 – Então já acabaram?

T3 – Então mas o quê que vão fazer em Madrid?

T1 – O que é que vocês vão fazer lá? O que é que vão visitar?

J7 – A...

J8 – As praias!

T1 – As praias?

J7 – Praticamente turismo. Vamos gastar o dinheiro.

J11 – Onde é que vão gastar o dinheiro?

J7 – Vamos andar assim com a máquina fotográfica «Oh olha!».

J8 – Eu como também!

T3 – Tu vais comer.

T1 – Ok, o J7 vai fazer uma grande reportagem!

T2 – Para a piscina podem ir, estão num hotel de cinco estrelas.

T3 – Sim, um hotel de 5 estrelas deve ter uma piscina.

T1 – E comem onde? Onde é que vocês vão comer?

J8 – No hotel.

T1 – No hotel.

J7 – Picanha!

T2 – Bom vamos terminar. Portanto como vocês... Posso falar? Como vocês já perceberam planear não é fácil.

J7 – Por acaso até foi.

T2 – Foi fácil planear uma viagem? É preciso...

T3 – J7! Parem lá um bocadinho!

T2 – Portanto é preciso pensar em várias coisas, quer seja planear uma viagem, quer seja para planear o estudo, ou não? Planear! Planear a viagem.

Sessão 5

T2 – O J6 está ali, o J1 também já vi, e a J5. Então vocês sabem o que vamos falar hoje?
(silêncio)

T3 – Não? (silêncio) O que é que falámos a semana passada?

J7 – Olá.

T3 – Olá J7.

T2 – Olá J7.

T3 – O que é que foi a semana passada?

J10 – O stresse.

J6 – O stresse.

T3 – Isso já foi à duas!

J10 – Ai foi?

J11 – Foi da escola!

T3 – Exatamente, foi da escola!

T1 – Que é uma coisa que vocês não... não gostam muito.

J11 – A viagem!

T3 – A viagem a Espanha!

J6 – “Ya”, viagens!

T3 – A viagem!

T1 – A viagem a Espanha não foi?!

J10 – O melhor da escola são os amigos!

J6 – Tive pesadelos...

T1 – Então nós hoje vamos fazer, vamos falar também, ainda do grupo de colegas, só que não vai ser da mesma maneira que nós falámos antes. A sessão passada falámos mais do rendimento, da maneira como vocês organizam o vosso tempo e agora vamos falar dos colegas e da pressão dos colegas, e de às vezes os colegas nos poderem pressionar a tomar algumas decisões, e dessas decisões às vezes serem um bocadinho difíceis de serem tomadas e então esta sessão vai ser toda à base de músicas. Ou seja, nós temos quatro músicas para falarmos todos em conjunto, e para debater-mos em conjunto, essas músicas podem não ser do vosso agrado, vocês todos terão gostos diferentes a nível musical, são músicas portuguesas obviamente. Precisamos de pensar nas letras e portanto têm de ser músicas portuguesas, e são músicas... Nós vamos distribuir as letras e vamos vos pedir para vocês sublinharem uma ou duas frases que vos façam sentido, das músicas

que nós vos vamos apresentar, e depois falaremos todos em conjunto sobre isso, pode ser? Vamos começar com, se calhar com a “Decisões”.

Tocou a música “Decisões”.

T2 – Vamos aguardar. Alguma frase que faça mais sentido? Alguma ou algumas, vamos lá ver, alguma coisa tem de fazer sentido... (silêncio) **J8?** (silêncio)

T1 – Então quem é que quer começar? (silêncio) Alguém quer começar a falar sobre a música? (silêncio)

T3 – Não temos voluntários.

T1 – Não temos voluntários?

T2 – Quem é que sublinhou alguma coisa? Foi a **J5**, o **J10**...

T1 – A **J11**.

T2 – A **J11**...

T1 – A **J3** também.

T2 – A **J3** também? Então quem é que quer começar? (silêncio)

T3 – **J7** sublinhaste alguma coisa?

J7 – Não.

T3 – Não. Não **J1**? **J6**?

J6 – Eu pus, sublinhei “ou ainda duvidas que o futuro depende do presente!” também sublinhei “Tu abre os olhos putito”, também sublinhei “Decisões são feitas num minuto e mantenho a minha força nesta vida que eu luto!”.

T3 – E porquê?

J6 – A primeira é porque...

T2 – Qual é a primeira **J6**? Desculpa.

J6 – “Ou ainda duvidas que o futuro depende do presente!”, e pronto o que eu estou a dizer é que, o futuro depende do que nós fazemos agora no presente. Nós não podemos esperar que no futuro tudo possa mudar, nós temos de esforçar-nos para no futuro conseguirmos ser bem sucedidos e no futuro é... o que... deu... pronto!

T1 – Diz lá **J1**!

T3 – Então?

J6 – É o...

O2 – É a procura do que trabalhamos.

J6 – Sim! Praticamente. O “Tu abre os olhos puto” é... pronto, para as pessoas abrirem os olhos e verem a realidade que muita gente normalmente está no seu próprio mundo.

J10 – O mundo da lua, é como se diz.

J6 – “Ya”. “Decisões são feitas num minuto”, porque eu acho que muita gente, uma decisão... acho que temos de fazer uma decisão mas depois o que ela... o que nós decidimos...

J10 – Podemos ter dúvida.

J6 – Sim, podemos estar arrependidos ou assim. Este não sei muito bem explicar este. Não sei bem explicar este...

T3 – Há decisões que têm de ser tomadas rápido, e depois outras que têm tempo para pensar não é?

J6 – Sim, normalmente... e “mantenho a minha força nesta vida que eu luto!” é nós termos força em nós próprios, termos, pronto, conseguirmos ter força em nós próprios para lutarmos...

J10 – Contra o que ai vem.

J6 – Exato.

T1 – Contra o quê, J10?

J10 – Contra o que ai vem... podem vir coisas más e coisas boas.

T1 – Alguém sublinhou as mesmas frases que o J6? (silêncio) Não? O grupo concorda com isto que ele esteve a dizer?

J10 – Eu concordo.

O2 – Sim, tu até ajudaste aqui.

T1 – Bom, vocês têm de tomar decisões ou não?

Em conjunto – Sim.

T1 – E é fácil tomar decisões?

J10 – Algumas sim, algumas não.

J7 – É fácil de vez em quando, é a mesma situação.

J5 – Depende da situação.

T1 – Depende da situação?

J5 – Há aquelas situações em que... eu tenho de tomar rápido, eu entro em modo militar, como eu lhe chamo é “tu fazes isso o que eu estou a dizer” não interessa se é pai ou mãe, é as decisões rápidas que às vezes eu tomo. Ou então, aquelas que eu posso pensar, não sei o quê.

T2 – E com os colegas vocês também têm de tomar decisões? (silêncio) Às vezes rápidas. (silêncio) Ninguém?

T1 – Às vezes os colegas perguntam se vocês querem alguma coisa, e vocês têm de tomar a decisão rápida se querem ou não. Não é? Ou não? (silêncio) Isso não acontece? (silêncio) E tomamos... as decisões erradas tomam-se rapidamente ou tomam-se lentamente, o que é que vocês acham?

J10 – Rapidamente ou lentamente.

T1 – Pode ser das duas maneiras, ou será que quando pensamos temos mais opções ou será que quando temos mais tempo, para não errar tanto?

J6 – Quanto mais tempo tivermos para pensar, menos hipótese temos de errar pronto.

T1 – Achas isso?

J7 – Quando a gente vai pensando vai percebendo as coisas todas que estão erradas.

T1 – E se não pensares, às vezes não tens tempo...

J7 – Não tenho tempo para decidir.

T1 – Não tens tempo, para decidir da melhor maneira, não é?

T3 – Para prever se vai correr bem ou se vai correr mal.

J10 – Fazer as contas.

T1 – Então e vocês acham que o vosso futuro depende do vosso presente, ou não?

Em conjunto – Sim.

T1 – Todos acham?

J7 diz algo à T1.

T1 – Achas que agora é importante já começares a trabalhar para o teu futuro?

J7 concordou com a cabeça.

T3 – Mais opiniões. (silêncio) J3 disseste que sim. Porquê? Porquê que o futuro depende do presente?

J3 – Sim, na escola se nós nos portarmos mal e nunca passarmos, ficarmos lá praticamente todos os anos, não vamos ser ninguém no futuro.

J10 – As nossas próprias decisões no presente também estão no futuro.

T2 – Hum.

T1 – Ok, então outras frases que tenham sublinhado. Diz lá tu J10.

J10 – “Perguntas à verdade mas não queiras que ela responda, achas que é cedo demais para fazer a ronda”.

T3 – E porquê que sublinhaste essa frase? Porque que sublinharam essa frase?

J10 – Por causa que às vezes a verdade dói e é melhor saber mais tarde do que mais cedo.

T3 – Hum. J3 concordas? Ou qual foi a outra letra que tu escolheste?

J3 – Sim. A que ele disse.

T3 – Mais alguém sublinhou esta frase? “Perguntas à verdade mas não queiras que ela responda...”. (silêncio) Mais ninguém sublinhou? (silêncio) Mais frases, J3! Vamos a ti!

J3 – A...

T3 – Sublinhaste 4 frases giras. (silêncio) Queres falar mais daqui a um bocadinho? Ok. J11 queres falar?

J11 – Não.

T3 – Não? Só sublinhaste uma também. Não custa assim muito.

J11 – Não tenho uma explicação.

T3 – Então mas fala e falamos sobre isso, diz a frase e falamos sobre isso.

J11 – “A escolha que é feita não vem em forma de botões, nesta vida vais ter de tomar decisões!”

T3 – Então e porque é que achas que essa frase te chamou à atenção?

J11 – Sei lá.

T3 – Mais alguém sublinhou esta?

J3 – Também sublinhei.

T3 – Então porquê que sublinharam? Entre as duas. (silêncio) Se sublinharam é porque houve qualquer coisa que vos saltou assim...

J3 – Não sei explicar.

T2 – O que é que os outros acham desta frase?

J6 – É qual?

T1 – “A escolha que é feita não vem em forma de botões, nesta vida vais ter de tomar decisões!”

J6 – Porquê botões?

J7 – Em forma de botões... porque os botões são para, para encaixar...

T1 – Não vêm em forma de botões, quer dizer...

J7 – Não vêm já feitas...

T1 – Não vêm já feitas, exatamente, não é qualquer coisa que tu compras. As escolhas não são qualquer coisa que tu compras como botões, não é?

J7 – Depois a parte de tomar decisões é porque a pessoa tem de tomar decisões e... é isso.

T2 – J9, não sublinhaste? Não sublinhaste nada? Nem a J5.

J5 – “Quero viver sem negatividade, falta-me o poder e a força de vontade.”

T1 – Queres explicar J5, porquê que sublinhaste isso?

J5 – A explicação é porque é verdade.

T1 – Mas de onde é que vem a negatividade? Porquê que às vezes temos negatividade?

J5 – A... eu tenho sempre negatividade porque eu sou uma pessoa preocupada com tudo, mas certas situações provocam stresse às pessoas, e depois podemos reverter as situações, ou fazer qualquer coisa para se tornarem positivas, só que às vezes não dá.

T1 – Também concordas com o que a J5 está a dizer?

J7 – Sim, acontece-me o mesmo.

T1 – Também te acontece a ti.

J3 – Eu pus outra frase que é “Se não lutas pelo que queres tu caís no desprezo.”. Por exemplo se não lutares pelo que queres, pelo que queremos, nunca iremos ter, uma cena assim.

T3 – “E tu caís no desprezo” o que é que achas que é isso quer dizer?

J10 – Fica no segundo degrau.

T3 – Diz J10, não percebi.

J10 – Fica no segundo degrau.

T3 – Fica no segundo degrau. Mais alguém sublinhou esta frase?

J10 – Não vais ter nada na vida.

T1 – Então quer dizer por um lado têm de lutar por aquilo que querem mas por outro às vezes têm negatividade, será assim? E falta a força de vontade para lutar. (silêncio) É?

J7 – De vez em quando.

T3 – De vez em quando estão cansados.

J3 – Força de vontade, depois estás farto de lutar até desistir, é assim, não sei.

T1 – Mas quando é que a força de vontade acaba ou quando é que ela começa a ficar mais fraca?

J3 – Quando vês que não vai dar em nada, e estás farta de lutar e não chegas a conclusão...

J5 – Quando nos cansamos!

T3 – Hum.

T1 – E quando é que nos cansamos e o que é que nos...

J10 – Tentar.

T1 – Quando as coisas não dão em nada, não é? Como a J3 disse.

J7 – De vez em quando, quando as coisas não dão em nada nós pensamos que não vale a pena tentar, não vai servir de nada, vai ser um esforço para nada.

T1 – Mais alguém quer acrescentar alguma coisa? (silêncio) Vamos passar para a próxima. Agora...

Tocou a música “Há gajos” da banda “Mind da Gap”.

T2 – Oh J7 eu não acredito que não há nada para sublinhar.

J3 – Não faz sentido.

T3 – Achas que esta música não faz muito sentido, então porquê?

J3 – Não sei, não faz sentido.

J7 – Eu também não percebi.

T3 – Não percebeste bem a música.

J3 – Há frases que baralhavam, já não sabia onde é que ia.

T3 – Por exemplo?

J3 – Sei lá.

J5 – O homem não sabia “repar” pronto.

T3 – Vamos fazer queixas aos Mind da Gap a dizer que não funciona...

T2 – J8! (silêncio)

J10 – Vamos fazer queixa à polícia e pronto ficam resolvidos.

T2 – A J9 sublinhou que eu vi. J5 não sublinhaste?

T1 – A J9 estava...

T3 – Diz lá J9!

J9 – “E julgam e insultam, mas não são eles que se sujam”.

T3 – Hum! E então? Porquê que sublinhaste essa frase?

J9 – Eu vejo todos os dias pessoas que vão na rua e põem-se a apontar o dedo, para os outros. Por exemplo, ou conhecem uma pessoa que esteve presa, só que por essa pessoa esteve presa não quer dizer que tenha sido culpada do crime, ou só porque uma pessoa... vemos uma pessoa suja na rua, não quer dizer que seja...

T3 – Achas que julgar, julga-se muito só o visual da pessoa é isso? Aquilo que se vê por fora. Mais alguém sublinhou esta frase?

T2 – Querem comentar o que a J9 disse?

J3 – Eu acho que ela tem razão, as pessoas só vêem o exterior da... nem sequer ligam ao interior do que está a falar.

J7 – Cá para mim... Eu também concordo. Cá para mim eles não olham para eles próprios, só olham para os outros.

J3 – E os outros é que têm defeitos, eles não!

J7 – Só olham para os outros.

T2 – O J6 também tinha sublinhado esta?

J6 – Sim, também sublinhei uma que era “Há gajos que se imaginam a valer mais do que valem”, por exemplo, há pessoas que se...

J10 – Que acham que são as melhores mas por dentro não são!

J6 concordou apontando com uma caneta.

J6 – Não só por dentro, há pessoas que se armam pronto que... acham-se melhores que os outros por algum motivo, há algumas que é por talvez saber dançar, outras talvez por saber...

J10 – Jogar melhor?

J6 – Praticamente.

T3 – Que sentem necessidade de falar muito alto em relação a isso é?

J5 – Quando eu andava no quinto ano eu tinha um colega meu que tirava super más notas mas o pai dele era rico, trabalha numa universidade, e uma vez eu tirei uma boa nota a matemática e ele disse assim «Ah J5 não sei como é que tiraste boa nota com a educação que tu tens» e eu disse: «Porquê?», e ele «Ah porque a minha carteira se eu quisesse a minha carteira podia pagar uma escola privada para mim» e eu: «Ya, mas mesmo assim tiraste um doze a matemática e eu tirei um noventa!». E ele depois disse assim: «Uah!» com a carteira dele. Ele tem um cérebro muito pequeno em relação à carteira.

O2 – É um bom exemplo.

T3 – É um bom exemplo.

T2 – E porquê que achas que ele teve esse comportamento?

J5 – O quê?

T2 – Porquê que achas que ele teve esse comportamento?

J5 – Porque é ignorante e...

T2 – É ignorante?

J5 – É ignorante e uma pessoa que se valoriza mais do que ela é, e... que não pensa.

T3 – Ou se calhar é ao contrário.

J6 – Que se valoriza através do dinheiro.

T3 – Se calhar é um bocadinho insegura.

J6 – Ah, “ya”!

J5 – Sim.

J6 – Normalmente as pessoas que se comparam às outras pessoas é que se estão a defender, e têm medo que depois a outra pessoa goze com elas.

T3 – Então atacam primeiro?

J6 concordou com a cabeça.

J5 – Mas eu não lhe disse nada, ele chegou ao pé de mim...

J6 – Ele se calhar ele tinha medo que tu te armasses gozar por causa da tua nota então ele, ele arranjou logo uma coisa para te...

J10 – Atacar!

T2 – Mas a J5 não disse, a J5 teve uma nota melhor.

J6 – Sim.

T2 – É uma forma de dizer.

J6 – Mas ele tinha medo que ela... que ela se gabasse por causa dessa nota por isso é que atacou.

J5 – Então azar, não falava comigo.

J6 – Se calhar não bate bem da “cachola” por isso...

T3 – Mais frases!

T1 – Então e vocês como é que reagiriam com este rapaz? Se estivessem estado no lugar da J5.

J10 – Eu se estivesse num sítio virava costas.

J7 – Se eu estivesse irritado, depende, se eu estivesse irritado, era com os cinco dedos que resolvia as coisas.

J5 – Eu pegava... eu peguei e fiz «Bah!» para ele também, para ele se comportar.

J6 – Não é que, ele não deve mesmo bater bem... com a carteira, quem é que faz tipo?!

J7 – Eu dizia-lhe: «Eu tenho cinco dedos para a tua cara».

T2 – Alguém quer comentar o que o J7 disse?

T3 – O J7 e o J1, foram os dois mais ou menos na mesma linha!

T2 – Ai o J1 também?

T3 – Foi. Falou foi baixinho.

J7 – Quando eu não tenho paciência acontece isso de vez em quando!

T2 – Então e outras formas de reagir?

J6 – Eu talvez ignora, e dizia: «Ah desculpa lá mas não vou responder para não descer ao teu nível, mas tu valorizas o dinheiro então vai mas é... vá...».

J10 – Para aquele sítio que eu cá sei!

J6 – Não, não precisava de dar problemas, «Não vou falar contigo para não descer ao teu nível, valorizas tanto o dinheiro então vai ali comprar...».

J7 – Vai comer couves!

J6 – Talvez!

J5 – Vai comprar um teste!

J10 – Vai comer couves Zé das Couves!

J3 – Vai comprar um teste!

J6 – “Ya”, «Vai subornar a professora a ver se ela te dá a mesma nota!». A ver se ficas feliz.

T1 – Eu acho que este exemplo da J5 concentra as duas frases, não é? As pessoas que julgam ao mesmo tempo, porque ele julgou a J5 porque achou que ela não tinha de ter noventa por causa da educação dela, ou que a educação dela não deveria permitir ter noventa.

J7 – Isso não tem nada a ver.

T1 – Mas foi o que ele julgou, não é?

J5 – Tinha mais educação do que ele.

J6 – Pois, porque há pessoas também que confundem...

J5 – Se não tinha-lhe dado um par de estalos na cara!

J10 – Isso é que se chamam falhados!

T1 – Pronto, mas houve esta questão de ele julgar e ao mesmo tempo houve a questão de ele estar mais convencido das capacidades dele sobretudo através do dinheiro, não é? Porque foi isso que ele usou para mostrar à J5 que era melhor que o noventa dela.

J6 – Até devias levar isso como um elogio, porque se ele falou do dinheiro porque não tem mais nada para falar para comparar contigo. Teve que arranjar qualquer coisa.

J5 – Ele tem dinheiro para comprar, para comprar coisas extravagantes, eu tenho dinheiro para comprar “oreos” que eu gosto mais!

T3 – E ainda não se compra neurónios!

J6 – Se não ele já...

J7 – “Granda” dica!

T1 – Pois é, mas o que é que motivou este rapaz dizer isto à J5? O que é que vocês acham que foi?

J7 – Eu acho que foi inveja.

T1 – Inveja, exatamente. Inveja é complicado resolver não é? Às vezes se calhar as pessoas... usam muito esta inveja para atacarem os outros, será? Ou para...

J10 – Às vezes, como a minha mãe diz, às vezes pode ser que tenham uma vida má por isso gozam com os outros, para se entreterem. Mas eu acho que é uma coisa que não se diz.

J6 – E depois há pessoas que quando vêm pessoas com uma grande vida começam sempre a arranjar desculpas: «Ah este aqui com esta crise está a gastar dinheiro», isso é a minha avó e exatamente o argumento do resto da família! Começam logo a dizer «Ah este aqui aposto que não sei o que é que fez e patati patata» mas eu digo: «Mas então ele tem a vida dele, tem a boa, então, deixa-o em paz». E ela diz «Ah mas com esta crise ele agora está a ir para esses bares, custam montes de dinheiro ou não tem mais nada para fazer», e... isso é um bocado complicado. Porque isso também é uma pessoa ter ciúmes, ciúmes não, tem a ver com a inveja da vida que a outra pessoa tem por isso tenta arranjar outros caminhos para... a explicação.

J7 – E o único problema é que isso, se aquela pessoa é das que trabalha para conseguir ganhar dinheiro ou se é daquelas que fica sentadinha e ganha o dinheiro.

T1 – Como a J9 estava a dizer julgam sem saber, sem saber exatamente o que é que as pessoas fazem, não é?

J10 – Há muita gente assim, cada vez há mais.

T1 – J10 vamos ouvir agora o resto das frases?

J10 – Aquela que o J6 disse: “Há gajos que se imaginam a valer mais do que valem” e “Tentam a sorte mas acabam por perder o Norte.”

O2 – Mas o que achas que isso significa?

J10 – Eles podem gozar muito, eles podem tentar, podem tentar por exemplo passar de ano e isso, mas não conseguem por causa que são muito gozões e não estudam também.

T1 – A maioria da tua turma é assim?

J7 – Na minha passaram quase todos.

J10 – Só tenho um gozão na minha turma, chumbou!

J7 – Só um gozão?

T2 – Achas graça ao que o J10 disse?

J7 – A minha turma o ano passado foi a pior turma da escola.

J10 – A minha também foi deste ano, foi a pior da escola.

J5 – Quem é que anda na Anselmo aqui?

J10 – Na quê?

J5 – Na Anselmo de Andrade? Ninguém pronto.

J6 – E quem anda na Elias Garcia, só para saber. Um à parte. Ninguém ok.

T1 – Está tudo... Querem saber as escolas onde andam, é isso? Para ver se... vocês não se conhecem.

T2 – Andam onde?

J7 – Na Escola Carlos Ribeiro.

T2 – E o J8 também, é isso?

J7 – Sim.

T3 – E o J1 anda em que escola?

J1 – Na Amélia Rey Colaço.

T3 – Qual?

J1 – Na Amélia Rey Colaço. É em Lisboa.

T3 – Ah! Então pronto.

T2 – E a J9?

J9 – Colégio São Jorge.

T2 – A J5 fez esta pergunta e depois acrescentaste qualquer coisa...

J5 – Ah, eu disse o sexto D é a pior turma, sim, têm todos entre catorze e dezassete anos acho eu, e estão no sexto ano, são a pior turma da minha escola e mesmo assim são os mais populares.

T2 – Mais populares, o que é que é isso, mais populares?

T1 – Frisando o que a J5 disse, porquê que são mais populares?

J6 – Porque são os que quebram as regras, normalmente os que quebram as regras são os que são mais populares.

J7 – Porque são os mais velhos e os putos que entram no quinto ano querem seguir o exemplo deles, normalmente é assim.

J5 – Eles têm mais amigos do que os amigos que eu fiz são amigos desde a “pré”.

J7 – Porque chumbaram muitos anos. E conheceram quase toda a gente da escola. Tenho um colega da minha turma que também conhecia quase toda a escola.

T1 – Os mais populares são os que quebram as regras diz o J6, é verdade?

J6 – E não só, e não só. Quer dizer hoje em dia é, antigamente já não. Mas hoje em dia, agora são os que quebram mais as regras.

T1 – Ai é?

J6 – Antigamente não era bem assim porque... antigamente eu acho que eram mais pelas pessoas que faziam... acho que antigamente estava mais correto, era os mais populares eram aqueles que se conseguiam dar com mais pessoas...

J7 – Mais sociais...

J6 – Sim, pronto, ajudar também as pessoas. Agora já não é nada disso, agora é só quem consegue quebrar mais as regras.

J7 – Atualmente acontece aos miúdos que entram no quinto ano, que vão se influenciando com os mais velhos.

J10 – Eu não percebo porquê que os populares são sempre mais gozões...

T3 – São os mais quê?

J10 – Gozões.

T3 – Ah!

J5 – São os mais populares. Se alguém for lá para lhes dar tarefa têm o outro *gang* amigo deles.

J3 – “Ya”!

T2 – Vocês estão todos de acordo com o que foi dito?

T1 – Quer dizer, ser bom aluno não é ser popular?

J6 – Não, infelizmente...

J7 – Infelizmente...

T1 – Há bons alunos que são populares ou não?

J11 – Há!

J5 – A não ser que sejas muito amigo dos maus e tires boas notas, aí no mínimo... és semi popular, no mínimo, no máximo, enganei-me!

J6 – Se nós quebrarmos as regras e tirarmos boas notas na mesma também somos populares. Eu próprio tinha boas notas e mandava o professor para pronto e era popular, sempre fui.

T1 – Mas o J10 estava aqui a dizer que os mais populares são geralmente os maus alunos.

J6 – Não, nem sempre somos, são os que quebram as regras, não é preciso terem más notas.

J10 – Tenho um amigo meu que é um bocadinho popular e não quebra as regras, raramente.

J6 – Dizem que os mais populares são aqueles que têm más notas porque são aqueles que quebram as regras e não estudam, mas há uns que estudam e mesmo assim fazem porcaria.

T2 – O que é isto de quebrar as regras? O que é que é quebrar as regras?

T1 – Diz J3.

J3 – Por exemplo na minha escola, na minha turma também há, há um sítio na nossa escola que é a rampa e está sempre escondida por arbustos e não sei o quê, e depois muita gente que é, vá os mafiosos que vão para lá, que é um grupo de pessoas que, quase todos são do sétimo mas têm todos dezasseis ou dezassete anos, e depois vão sempre para a rampa fumar, e depois pronto. E depois eles são bué populares lá na escola.

J10 – Já encontrei droga na escola...

J6 – Ei isso é “granda” estupidez, serem pessoas populares por causa de fumar...

T1 – Eles quebram regras porque fumam na escola é isso?

J3 – E já lançaram um petardo na nossa escola.

T2 – Diz lá? Desculpa não percebi.

J3 – Lançaram petardos, daqueles que rebentam...

J6 – Isso do fumar eu acho que é “granda” estupidez, uma pessoa ser popular por causa de fumar ou de beber...

J7 – Na minha escola não é assim, brinca-se pão pão queijo queijo.

J5 – E depois há um que tem oitenta anos e vive debaixo da ponte.

J10 – Isso é infeliz.

J7 – Encontrei uma bicicleta no ferro velho!

T1 – Mas isso do pão pão queijo queijo é como? Isso faz deles populares?

J7 – Na minha turma eu tinha muita gente a brincar a acender e a apagar os isqueiros e a pôr o isqueiro assim na mão...

T1 – A mostrarem que não têm medo será?

J11 – Na minha escola cortam-se.

J3 – Na minha escola até saem dos pavilhões com o cigarro na boca com os contínuos a passarem e tudo.

J5 – Olha no meu quinto ano eu tinha uns alunos que fumavam com os contínuos, estava lá a contínua da porta e estava a fumar com eles...

J3 – “Ya” os contínuos também fumam na minha escola.

J10 – Então os contínuos estão a dar mau exemplo. Ainda falam de nós!

Tocou a música “Tá-se Mal” da banda “Mind da Gap”.

J5 – Nunca mais tragam músicas deste performer por favor! Estou desesperada!

T3 – Já falamos disso no fim! Já falamos disso no fim.

T1 – Não gostas de Mind da Gap é isso?

J6 – Tenho só uma dúvida. Tenho só uma dúvida muito rápida.

T3 – O quê?

J6 – Não percebi: “Quando acordo penso me-merda.” O quê, ele acorda e pensa logo em merda? É?

Riram-se.

- J6** – Quando acorda tipo... ai e começa logo a pensar... isto é um bocado perturbador!
- J7** – Tem que ir à casa-de-banho.
- J6** – O rapaz se calhar tem problemas!
- T3** – Já vamos ouvir a tua análise sobre os problemas do rapaz.
- J6** – Pois.
- T3** – Eu agora quero ouvir dos três voluntários à força iniciais, quem é que se quer estriar?
- J7** – Posso ser eu!
- J1** – Eu!
- T3** – Lê o J1! O J1!
- J1** – Eu sublinhei “Epa sete da manhã tá-se mal...”
- T3** – Porquê?
- J1** – Porque qualquer pessoa que acorde às sete da manhã não se quer levantar, por isso é que está mal...
- J10** – Eu acordo às sete da manhã e estou bem.
- J1** – Ah, tu!
- J10** – Eu sou bom, está certo!
- T1** – Então é difícil para ti acordar, é J1? Às sete da manhã?
- J1** – Sim.
- T1** – Então o que é que tu tens vontade de fazer às sete da manhã?
- J1** – Dormir.
- J6** – Dormir.
- T1** – A almofada é a tua melhor amiga também?
- J1** – É.
- J7** – No tempo de escola é.
- T1** – No tempo de escola é, a almofada.
- J7** – Se eu pudesse levar uma almofada na mochila, levava!
- J6** – A almofada é a tua... (rindo-se)
- T1** – Mas também é difícil para ti acordar J7?
- J7** – É.
- T1** – Ai é? E quem é que vos acorda?
- J1** – O despertador.
- J7** – O despertador também.

J3 – A minha mãe.

T1 – Ah não é a mãe? Como aqui na música que andaram aos gritos no quarto?

J5 – A mim é a minha mãe e o despertador.

J7 – De vez em quando é a minha mãe.

J5 – De vez em quando adormeço outra vez e depois é a minha mãe que me vai acordar: «Já estás aí à vinte minutos a mais!».

J7 – A minha mãe vai bater nas escadas assim pum-pum-pum, «Acorda!».

J6 – Ou é o despertador ou é a minha avó, o problema é que ela é um pouco stressada. Acorda começa logo aos gritos, e eu: «Oh meu deus não me faças mal!», e pronto eu despacho-me.

T1 – Então e o J8? Agora chegou a vez do J8.

J8 – Então, todos os dias a almofada é a minha melhor amiga.

T1 – Ah, tu também tens dificuldades em acordar de manhã?

J8 – Eu não me levanto quase.

T1 – Como assim não te levantas?

J8 – São sete da manhã e eu ainda estou a dormir, não acordo com nada.

T1 – Mas quem é que te acorda? Tens escola de manhã ou não?

J8 – Tenho mas é a minha mãe que me acorda.

T1 – Ah! É qual é que é a estratégia dela?

J8 – Roubar a minha almofada.

Riram-se.

T1 – Ok.

O2 – Estavam aqui a dizer que gostavam de levar a cama para a escola.

T3 – É e gostavas de ter aulas “deitadinho” na cama, achas que ouvias alguma coisa?

J10 – Quentinho!

T3 – Uh!

T1 – Olha J7 diz tu o que sublinhaste?

J7 – Foi isto.

T1 – Sais da cama arrastado. Portanto o J7 e o J8 saem da cama arrastados!

J7 – Em tempo de escola prefiro deitar-me. Então quando é matemática agora de manhã! Matemática e português...

J1 – Então história de manhã é para dormires.

T1 – Aqui só temos uma pessoa que acorda bem que é o J10. Diz lá.

J6 – Já me vai esclarecer sobre o “Quando acordo penso em merda!”?

T3 – Então mas tu querias analisar isso não era?

J6 – Pode ser... eu posso... eu posso analisar.

T1 – Mas o que é que o grupo acha aqui da pergunta do J6? O J6 fez uma pergunta.

T3 – Quando ele acorda ele pensa...

J6 – Em necessidades sólidas pronto! Se calhar o rapaz acorda, e...

J7 – Haviam de ser líquidas?!

J7 e J1 riram-se.

J6 – Se calhar vem lhe a vontade e sai-lhe...

T3 – Achas que é isso?

J6 – Se calhar o problema do rapaz é as fezes, não sei! Acorda pensa isto e não é preciso fazer nada. Não é preciso levantar e ir à casa-de-banho faz logo na cama.

T1 – Diz lá J3.

T3 – Espera ai. J7, J7 espera ai. Diz lá J3.

J3 – Quando não gostas de fazer qualquer coisa por exemplo, não gostas de fazer aquilo ou dizes «Porra!» ou dizes «Bolas!», ou dizes qualquer coisa mas não estás a pensar naquilo.

J6 – Mas no contexto “Quando acordo penso em merda”...

T1 – No contexto será tipo «Fogo!», «Bolas!», não é?

J6 – “Quando acordo penso em bolas”, também fica bem!

T3 – Vamos ouvir a J11.

T2 – J6! Deixem ouvir a J11!

T3 – Diz lá na quarta linha diz o quê?

T1 – O que é que tu viste na quarta linha? Eu não sei, não tenho... J6 o que é que está na quarta linha?

J6 – “Aix”, “Tá-se...”. Ok, isso é ainda pior porque ele faz sons “Aix! Tá-se mesmo mal! Merda”. Ok, se calhar, está...

Riram-se todos.

J6 – Se calhar não há papel higiénico e ele está chateado.

J7 – O gajo não tem papel higiénico no quarto!

J6 – “Ya”.

T1 – Vá!

T2 – Mais pessoas. J11! Isso é a quarta?

T3 – Ala dai calma!

T2 – J3.

T1 – J3 diz lá.

J3 – Eu escolhi mais duas: “Hoje vou ficar na cama não aguento mais” e a outra “Ainda por cima na escola fica tudo a olhar para mim”.

T1 – Ok e então porquê? “Ainda por cima na escola fica tudo a olhar para mim”?

J3 – Sim porque depois...

J1 – “Grandas” olheiras.

J3 – “Ya”, “grandas” olheiras e depois com “granda” cara de morta.

J5 – Todos, olham para toda a gente.

J3 – Ou então no corredor. Toca e depois fica tudo nos corredores, aqui de lado e depois estás a passar sozinho.

J6 – “Ya”, isso é bué mau! Eu estou sempre à espera que alguém venha comigo, «Vá lá por favor estou a morrer», e passar sozinho não dá jeito.

J3 – “Ya”!

J7 – Na minha escola têm mesmo cara de sargentos.

J3 – No último piso os rufias a fazerem um corredor da morte. E depois queres ir à casa-de-banho e não podes.

J7 – Sexta-feira é o pior dia da escola para mim!

T3 – Diz lá J11.

J11 – Eu tenho uma pergunta, então ele primeiro diz que sai cá para fora não sei o quê, não sei o quê, e depois aqui já está a dizer que vai ficar na cama. Aqui está a dizer “Saiu para a rua não sei o quê...” e aqui já está a dizer “Hoje vou ficar na cama, já não aguento mais”.

J7 – Se calhar ele mora de baixo da ponte!

O2 – Ele sai para a rua e o que é que diz a seguir?

J6 – Está onde isso? Está onde isso?

T1 – Mas ele vai para onde J11?

J6 – Vai para a escola.

T1 – “Han”?

J6 – Para a escola.

T1 – Para a escola. Como é que vocês sabem que ele vai para a escola?

J6 – Está aí a dizer “os meus colegas”.

J1 – Vai ter aulinhas.

J10 – Vai para a prisão.

J11 – “Já é tarde”, “Estou lixado” “Daquele grande chato que se diz professor”.

T1 – Ah ok!

J11 – Vai onde? Vai para a explicação, acha?!

T1 – Vai para a escola. Olhem lá e porquê que olham todos para ele?

J6 – Porque ele..

J11 – Porque ele está com as botas apertadas... as calças.

T1 – E qual é que é o estilo dele?

J7 – Chunga!

J6 – Estava mesmo à espera que dissessem isso.

T1 – Não sei vocês sabem? O que é que é chunga?

J5 – São os mitras.

J11 – É os *niggas*!

T1 – É mitra ou é chunga?

J7 – É chunga!

J11 – É chunga!

T3 – Qual é a diferença?

J6 – É o que tens de fazer. “Aix!” Quando está a fazer cocó passa a chunga! Deve ser isso.

T1 – Expliquem lá. Toda a gente sabe o que são mitras e o que são chungas? Então explica lá a diferença que eu não sei.

J7 – Eu não sei o que é mitra mas sei o que é chunga.

J5 – É um chunga, é um chungo, só que em vez de se chamar chungo chama-se mitra. Eles dizem que são mitras, e que os chungos são diferentes, mas é tudo igual!

J11 – Pois é, os mitras põem o *cap* para trás e os chungos põem o *cap* para a frente.

T3 – É a posição do *cap*?

T1 – Ai é a posição do *cap*?

J11 – Não, não...

J6 – Para o lado já estragou tudo, já não é chungo nem mitra é...

T1 – Olhem e as calças largas a cair e as botas desapertadas isso é dos chungos ou dos mitras?

J7 – Isso é mesmo o chungo, está com os *boxers* à mostra.

J1 – A mostrar-nos o cinto.

J7 – A mostrar os *boxers* da “Hello Kitty”!

J6 – As calças estavam grandes. Isso já me aconteceu... não foi a um amigo meu.

T1 – Vocês conhecem mais algum estilo para além de chungas e mitras?

J5 – Pitas.

J3 – *Hardcore*.

T1 – Hum.

J11 – Pitas?

J6 – Pitas “ya”!

J7 – Sim, pitas.

J1 – São aquelas que andam ai só de cuecas.

T2 – Vamos ouvir! Vocês os dois...

J5 – Betinho.

T2 – Betinhos...

J6 – Pessoa normal.

J5 – Pessoa normal.

J6 – Eu não sou normal, mas em termos de...

J5 – Eu sou uma *nerd* disfarçado, sou um *hardcore* com *nerd*!

T1 – Ok, alguém... vocês, que estilo é que vocês são? Espera ai...

T2 – Eu não sei o que é uma *hardcore*, era só para saber...

J6 – Não sabe o que é que é uma *hardcore*.

T2 – Não sei não.

J6 – Eu também não.

T1 – O que é uma *hardcore*?

T2 – Vamos ouvir J6!

J5 – Andar com roupas escuras, despentear o cabelo todo assim...

T3 – Sim...

T1 – Sim...

J6 – Tipo afro?

J5 – Não, o meu cabelo se fosse liso ficava melhor. Tenho o cabelo encaracolado portanto não se nota. Agarrava assim o cabelo todo em cima, com roupas escuras, essas coisas, gosto de usar coisinhas assim simples, opa...

T3 – E qual é a diferença entre esse e uma gótica?

J5 – Uma gótica... supostamente fazem aquelas coisas dos góticos, aquilo das espadas e não sei o quê e os *hardcores* fazem, simplesmente ficam no quarto isolados do mundo, é o que eu faço, eu gosto, é bastante bom.

T2 – Hum.

J5 – Se eu pudesse ainda ficava melhor se tivesse uma semana de silêncio. Quando todo o mundo ficasse quieto. Só se ouvia a respiração.

T1 – Então J11 diz lá. Espera, espera (para J10).

J11 – Uma semana?!

T1 – Então J11 tu não acreditas na J5?

J11 – Eu não disse que não acreditava. Só disse que tinha de ir ao Google.

T3 – Tinhas de ir ao Google? Ver o que é *hardcore*?

J11 – Tenho.

T2 – Bem vamos ouvir!

T1 – Então e vocês sabem o que é que é... qual é o vosso estilo? Pronto, a J5 sabe.

J7 – Eu não sei, eu não tenho estilo.

T1 – Tu, o teu estilo.

J6 – Lá está, eu sou normal.

J11 – Compro do meu tamanho, levo, compro, depois uso, depois já está. Eu não vou estar lá a ver. Maria-rapaz!

J5 – Eu sou como ela. A primeira coisa que eu vejo, é barato é, é básico, pronto já está.

T1 – Então afinal são parecidas, mesmo tendo estilos diferentes são parecidas.

J11 – Quem?

T3 – Tu e a J5.

T1 – A J11 e a J5 escolhem a roupa assim, aquilo que for mais prático, é assim?

J11 – Não!

T1 – Então como é que é?

J11 – Chego à loja vejo o meu tamanho levo. Só o trabalho de estar a ver qual é que é a mais prática.

J5 – Então, é isso que eu estou a dizer.

J11 – E mesmo assim nem sou eu que, nem sou eu que compro a minha roupa portanto, é um bocado esquisito.

J5 – Pela minha mãe eu andava com um vestido todos os dias às flores, com umas meias e com umas sandálias.

J1 – Ei! Meias com sandálias.

J5 – Não, umas sandálias de salto com aquelas meias fofinhas com coisinhas por cima.

J11 – Pipi das meias altas.

T1 – Então todos vocês compram a vossa roupa ou não?

J6 – Eu sou.

J3 – Eu sou.

J11 – No outro dia eu disse que não.

J10 – Não.

T1 – Já aqui falámos...

J7 – Eu não vou.

T1 – Então só há aqui uma pessoa, que é a J5, que se define num determinado estilo, os outros...

J11 – Eu também, maria-rapaz!

J6 – É conforme a moda!

T1 – Diz lá o teu estilo.

J11 – Maria-rapaz.

J7 – O estilo do J7.

T1 – Ah, maria-rapaz.

J11 – Mas é só para a escola.

T1 – O teu estilo é o estilo J7! (rindo-se)

J11 – Eu visto a roupa do meu irmão, e isso tudo...

T2 – Vá vamos ouvir mais frases. Quem é que ainda não partilhou as frases? J5.

J5 – “A minha mãe aos berros deita a porta abaixo”, “Saio da cama arrastado”, “Ainda por cima na escola fica tudo a olhar para mim porque ninguém entende como me posso vestir assim”. Mas é mais a minha mãe a gritar, a deitar a porta a baixo.

T2 – Ninguém quer comentar? Mais alguém pôs mais esta frase? Comentários! (silêncio)

T1 – Portanto vocês não se levantam e as mães perdem o controlo, gritam?

J11 – Atiram-me da cama a baixo! Ou então põe-se a saltar em cima de mim!

J7 – E quando a minha mãe agarrava no computador e metia na cabeça.

T3 – Se vocês não se levantarem...

T2 – J9!

J6 – Estou a imaginar só a minha avó a abrir a porta do quarto...

T2 – Oh J6, J6!

T3 – Não estou a ouvir a J9, diz lá J9.

J9 – Eu meto o despertador para as seis da manhã, depois acorda às seis, meto o despertador para as seis e meia, o despertador acorda-me às seis e meia, depois durmo mais meia hora, até às dez para as sete, a minha mãe acorda-me e já acordo normalmente.

T3 – Isso é um processo, tem de ser um processo lento.

J11 – A partir da meia-noite é de meia em meia hora para acordar.

Riram-se.

J11 – Eu às onze da manhã ainda tenho sono.

T2 – E a J3?

J3 – O quê?

T3 – Como é que é a acordares? A tua mãe acorda-te, acordas sozinha?

J3 – Não, é a minha mãe, depois sento-me e depois começo a ver televisão, depois distraiu-me e depois volto a dormir e depois a minha mãe vai-me buscar outra vez.

T3 – Se não te levantares a tua mãe não te faz esta coisa do bater à porta? Aos berros e deitar a porta a baixo?

J3 – Aquilo é tipo tenho o meu quarto e depois ao lado tenho a cozinha, mas aquilo faz eco por causa dos azulejos e depois é bué mau. Aí é que tenho de me levantar mesmo.

T2 – Acho que falta a J9 dizer a frase.

J11 – Ai eu tenho, frase.

T3 – Diz J11.

J11 – “São duas da tarde na minha cabeça é madrugada”.

T3 – Porquê?

J11 – Dormir não é, são quatro da tarde não é... e na minha cabeça ainda é meia-noite. Eu tenho testemunhas de como eu sou de manhã.

T3 – É um bocadinho cedo é? (silêncio)

J11 – Pronto já falei, já podem continuar...

T2 – J9.

J9 – Não tenho nada.

T2 – Não meteste nada.

Acenou com a cabeça.

Tocou a música “Tu és mais forte” de “Boss AC”.

J7 – Este menino deve...

J6 – É o filho dele acho eu.

T1 – Então! Quem é que sublinhou alguma coisa?

J7 – Eu!

J11 – Eu não sublinhei mas eu sei de cor.

J7 – Eu sei! Eu sublinhei, eu sublinhei!

T1 – Espera aí, então são dois pronto. J11! Vamos lá.

J11 – “És o que és, não és o que tens. A tua essência não se define pelos teus bens”.

J6 – É parecido lá com a J5.

T1 – Com a J5.

J6 – Com o miúdo.

J7 – Esta música reflete todas as músicas que estivemos a ouvir.

T1 – Hum! Então diz lá tu J7.

J7 – “Só reconhecês a vitória quando souberes o que é a derrota”.

T1 – “Só reconhecês a vitória quando souberes o que é a derrota”.

J7 – Isto aqui tem a ver que se nós não soubermos perder não sabemos ganhar.

J5 – Isso é uma frase...

J11 – Essa frase encaixa-se na frase em cima.

T2 – Não percebi.

T1 – Qual é a frase em cima?

J11 – “Só perdes se não tentares. E não desistas se falhares”.

T1 – Diz lá J10.

J6 – Eu praticamente sublinhei tudo mesmo. Porque eu acho que tudo faz sentido e tudo...

J3 – Eu também pus isso.

J6 – Eu tenho vindo a sublinhar uma aqui em baixo, uma aqui em cima, uma aqui, eu acabei por ver e sublinhei tudo. Tudo aqui faz sentido, praticamente, eu acho que de todas as músicas esta foi a que conseguiu transmitir mais...

J3 – “Ya”!

J10 – Clareza.

J6 – Só não sublinhei foi o “Tu és, tu és, tu és. Mais forte e no fim vais vencer. Tu és, tu és.”.

J10 – Ele é mesmo chato estava sempre “Tu és, tu és, tu és”.

T1 – Diz lá J5.

J5 – “Às vezes as pessoas...”

T2 – Vamos ouvir J6.

T1 – Vamos ouvir a J5.

J5 – “Às vezes as pessoas desiludem. Mas não fiques em casa parado à espera que mudem”.

J7 – “Muda tu rapaz!”

J6 – “Ya”, essa!

T1 – Ok, J10 diz.

J10 – Eu disse aquela só, que o J7 disse: “Só reconheces a vitória se souberes o que é a derrota”, “Nem tudo é fácil mas assim dá mais gosto”.

J7 – Também sublinhei “É como andar de bicicleta”.

T1 – J3 diz.

J3 – “Um dia tudo fará sentido. E vais ver que terás o prémio merecido”.

J10 – Onde é que está “andar de bicicleta”?

T1 – A J9.

J9 – “Segue o teu caminho e escuta a voz dentro de ti”.

T3 – Não percebi.

T1 – “Segue o teu caminho e escuta a voz dentro de ti.”

J7 – Sublinhei tudo!

T2 – J8.

J8 abanou a cabeça.

J7 – “Tu és, tu és!”

T2 – Não sublinhaste nada? J3.

J3 – “Quando acreditas a força nunca se esgota”.

T1 – Então das quatro músicas agora que nós estivemos aqui a dar hoje, qual é que vocês gostaram mais?

J6 – Desta!

T1 – O J6 já disse que era desta.

J10 – Desta.

J11 – A primeira.

J3 – A primeira.

T1 – A primeira.

T3 – “As decisões” do “Sam the Kid”.

T1 – “As decisões”.

J11 – Foi a única que eu não ouvi!

J6 – Não, gostei mais desta.

T1 – Não ouviste a primeira?

J5 – A primeira.

T1 – Não? Ainda não estavas.

J10 – Não, para mim foi esta.

T1 – Ainda estavas ligada à tua almofada interior?! (rindo-se)

J11 – Hum!

T2 – Então, e sugestões? Gostávamos de ouvir sugestões.

T3 – Sim, sugestões de músicas!

J11 – “Prodigio”!

T3 – Calma, calma!

T2 – Um de cada vez! Que é para escrever!

J8 – Então “Prodigio”, “NGA”...

T3 – “Prodigio”!

T1 – “Prodigio” é uma banda ou uma música? Vamos lá a saber!

J11 – É um homem.

T2 – Sim, qual música?

T3 – Ah, e qual música?

J7 – Kubi2.

J11 – Ah!

J8 – “Homens não choram.”

T1 – “Homens não choram.”

T2 – Obrigada, queremos músicas em português está bem?

T3 – Mais sugestões. Diz J3!

T1 – J3!

J3 – Ah, “Agir” “Bola de Cristal”.

T1 – “Agir”, “Bola de Cristal”.

J11 – Esse também... estão sempre a cantar fogo, eu já sei as músicas de cor.

J6 – “Ya”, mesmo!

T2 – J11, J11, queres dar uma sugestão?

J11 – Eu já dei, ele é que me imitou!

T2 – É a mesma?

T3 – Tu é que concordaste com o J8.

T1 – O J8 não imitou, o J8 concordou contigo é diferente! J5.

J5 – Não sei se é português ou brasileiro.

T3 – Qual é? Podes dizer.

J5 – “Hewie” (Kiwi), “O mundo vai mudar”.

T2 – Ai, vamos ouvir!

T3 – Quem é que é? Qual é que é a banda?

T1 – Qual é que é a banda J5?

T2 – Quem canta?

J5 – “Hewie” (Kiwi), “O mundo vai mudar”. Acho que é assim.

T1 – Kiwi?

J10 – Kiwi (fruto)!

T3 – É com h?

J5 – É h-e-w-i-e.

T3 – H-e-w-i-e?

J5 – Sim.

T3 – “Hewie”.

J11 – Nada parecido a kiwi!

T3 – “O mundo vai mudar”?

J5 – Sim! Acho que é isso.

T2 – J9 queres dar uma sugestão?

J9 abanou a cabeça.

T2 – A J3 quer.

J3 – Esqueci-me da letra, do nome.

T3 – “Prodigio”, “Agir”...

J3 – É do “Dengaz”.

T3 – “Dengaz”.

T2 – Quando te lembrares está bem... é que às vezes dá essas brancas.

T1 – J6.

J6 – “Abram alas para o noddy!”. Quer dizer não...

J11 – Não é “Abram alas para o noddy!” é só “noddy”! Daqui a nada dizes a “barbie”!

T1 – Não aceitamos essa sugestão! Não é uma boa música para pensar!

J6 – Então...

J7 – Eu sei uma!

T2 – Espera! Estes meninos! Não ouvi J3.

J3 – Já disse.

T3 – “Homem sem alma”, “Dengaz”.

T1 – Vá J7!

J7 – “Kubi2”, “Escuridão”.

J11 – Quem?

J6 riu-se.

J7 – “Kubi2”.

T1 – “Kubi2”? Com k...

J3 – Isso é do “Scooby-Doo”?

J7 – Não!

T1 – “Kubi2”, “Escuridão”.

T2 – K?

T1 – K-u-b-i? É assim?

T2 – “Escuridão”, sim!

T1 – É o J8.

J8 – “NGA”, “Fama”.

T3 – O quê?

J8 – “NGA”, “Fama”.

T2 – Ok, diz J3.

J3 – Eu tenho uma mas é um bocado pesada mas também é em português. É a “Moster Trafuga”.

T1 – Qual é que é?

J3 – É a “Moster Trafuga”.

T3 – Quem?

J3 – “Monster Trafuga”.

T3 – Assim? Qual é a música?

J3 – “Empresa”.

T2 – J10 queres dar uma sugestão? J6 queres dar uma sugestão?

J6 – Eu estava a pensar mas praticamente todas as que eu queria já disseram. Mas agora estava a pensar, para irritar a J11, se calhar vou dizer Barbie. Não, não! Põe, põe! Eu por acaso não gosto das músicas mas põe. Não, deixa estar.

T3 – Mais músicas!

T2 – Vá nós temos de terminar. J1, J1, vamos ouvir?

J1 – Valete.

T3 – Valete. Qual?

J1 – Não sei, há tantas.

T3 – Qualquer coisa do “Valete”.

J11 – Ah “Valete”, é aquilo das cartas não é?

T3 – Qualquer uma, vou pôr aqui.

T2 – Muito obrigada!

Sessão 6

T1 – A J9 está, a J5 está e a J11 está. Muito bem, alguém sabe qual é o tema da sessão de hoje?

J11 – O amor de si próprio.

T1 – Então o que é isso do amor de si próprio?

J10 – Gostarmos de nós próprios.

T1 – Todos acham? Então a... vamos começar por uma tarefa um bocadinho diferente daquelas que temos tido sempre. É um saco. Este saco tem vários objetos, e vocês vão ter de pôr a mão dentro do saco.

T3 – Sem verem.

T1 – Sem olharem para o que está dentro do saco. Vão ter de tatear o objeto sem olhar e depois quando perceberem vão ter de o descrever.

J6 – Mas nós não podemos olhar?

T1 – Não, sem olhar.

T3 – Não! Vais só sentir e vais dizendo como é que é.

T1 – Vão tentar... vão tentar falar...

T3 – O objetivo é dizer se é grande, se é pequeno, se é fofinho, se é rugoso.

T1 – Porque quando nós falamos de autoestima nós falamos do amor que temos por nós, não é? A... consideração, e nós também estamos a falar de sentimentos. Vamos começar por perceber

como é que nós podemos descrever um objeto, mas apenas da forma como o sentimos, ou seja sem ver, só pelo tato. E vamos tentar sentir e descrever, e depois quando vocês souberem mais ou menos o que é então atribuem (não se percebe), está bem? Então vamos começar aqui pelo J8.

T1 deu o saco a J8.

J8 – Parece uma pinha!

T1 – Porquê que parece uma pinha?

J8 – Sei lá, uma pinha.

T1 – Ok, então mostra lá.

J8 mostrou o objeto.

T1 – E é mesmo uma pinha. (rindo-se) Então vá, agora ficas aqui com a pinha e passas o saco à tua colega.

J8 passou o saco a J9.

T3 – Agarra qualquer coisa e vai descrevendo como é que é, se é pequena, se é fofinho. Vamos ouvir!

J9 – É pequeno.

T3 – Ok.

J9 – Reto.

T3 – Reto. J6 vocês os dois estão aqui, estão “separadinhos”.

J9 – Parece que tem rodas.

T3 – Parece que tem rodas. O que é que será?

J9 – Um carrinho de brincar.

J9 mostrou o objeto e de seguida passou o saco a J11.

J11 – Que raio! Isto é uma almofada.

Riram-se.

J11 mostrou de imediato o seu objeto.

T3 – O objeto é para descrever antes de verem primeiro, para a gente tentar adivinhar o que é.

J11 passou o saco a J10.

T3 – Vai J10 descreve para o grupo, não digas o que é.

J10 – É fofo.

O2 – Oh J10 tens de esconder, eles não podem ver.

J10 – É rugoso.

T3 – Ok. É pequenino, é grande?

J10 – É médio.

T3 – Ok.

J10 – É grande por acaso.

J10 tirou dois objetos do saco dado estarem agarrados. T1 foi separá-los.

T3 – J6 vá, vamos lá ver a tua capacidade de descrever.

J6 – Oh meu deus. Isto é um peluche.

T3 – Então? É grande?

J6 – É tipo médio, parece que tem bigodes, ou é um rato.

T3 – Ok. Tem pêlo?

J6 – Tem, eu acho que é tipo só nesta parte (apontando para o cimo da sua boca). E tem dois corninhos... espera...

T3 – Vá!

J6 – Isto é um cão?

T3 – Sei lá, se isto é um cão ou não!

J6 – Posso ver?

T3 – Podes.

J6 – Já sei... deixa ver quantas patas é que tem. Uma, duas...

T3 – Achas o quê?

J6 – É capaz de ser um cão. Ah já sei! É aquele que tem a cauda, um castor ou é um...

J6 tirou o objecto do saco.

J6 – É um esquilo.

J6 passou o saco a J1.

T1 – Acho que é um castor.

T3 – Agarra lá numa coisa qualquer e descreve, não é dizeres: «Ai é um esquilo!».

J1 – É vazio por dentro. Por fora...

T3 – Por fora coincide?

J1 – Não, não, não.

T3 – E mais?

T1 – E é de que material? De madeira? Rugoso?

J1 – Posso ver?

T1 – Podes.

J1 retirou do saco um objeto (não visível) e passou o saco a J7.

T3 – Vá J7 começa!

J7 – É redondo.

T3 – Ok. Como é que é? É grande?

T1 – É uma bola?

J7 – É pequeno.

T3 – É pequeno, é redondo.

J7 – Eu acho que é um berlinde.

T3 – Achas que é um berlinde.

J7 tirou do saco o seu objeto.

T3 – Mais uma volta?

T1 – Sim.

T3 – Mais uma volta. Agora descrevem um bocadinho melhor, na segunda volta.

J8 – É liso.

T1 – Vamos ouvir! Vamos ouvir o J8.

J8 – É liso.

T3 – Ok.

J8 – É retangular.

T3 – Hum.

J8 – Acho que tem papel por cima.

T3 – Papel por cima.

T1 – Liso, retangular, papel por cima. Mais alguma coisa? Não? Ninguém sabe o que é que é?

J8 – Tem botões.

T3 – Tem o quê?

J8 – Botões.

T3 – Tem botões.

T1 – Tem botões.

T3 – Liso, retangular, e tem botões.

J11 – É retangular...

J7 – Será que é uma ligação.

J11 – É uma figurinha.

J7 – Tem botões?

T3 – Sim.

J11 – É tipo buracos?

J6 – Dominó!

J7 – Eu acho que deve ser uma ligação para...

J11 – É um comando da “Wii”.

J7 – É uma ligação para ligar da televisão à consola.

T1 – É isso?

J6 – Ligação *usb* (*Universal Serial Bus*).

J11 – É um comando para o... ar condicionado.

J6 – Ya!

J8 – Posso ver?

J6 – É um mini comando da box.

J7 – Eu acho que é uma ligação.

J8 – Já posso tirar?

T3 – Já, já podes tirar.

J8 retirou o objeto do saco, observou-o e deu o saco a J9.

T3 – Agora vamos ouvir a J9. J7!

J9 – É fofo.

T3 – É fofo.

J9 – Parece que é feito de espuma.

T3 – Parece que é feito de espuma. A forma, como é que é a forma?

J9 – É assim como uma cenoura.

T3 – Como uma cenoura.

J9 – Tem uns bicos.

T3 – Quem é que acha o quê?

J9 – É mais ou menos grande.

T3 – Mais ou menos grande.

J6 – Talvez uma cenoura.

J7 – Uma banana.

T3 – Uma cenoura de peluche ou uma banana. Parece-te que enquadra bem?

J9 – Sim.

T3 – Então vamos ver.

J9 retirou o objeto do saco, olhou-o e passou o saco a J11.

T3 – É uma bola anti stresse. Vai! Vamos ouvir, vamos ouvir a J11!

J11 – Eu não sei descrever, eu sei que isto é...

T3 – Não, não, não.

J11 – É aquela coisinha assim e é uma colher.

J11 retirou a colher do saco e passou o saco a J10.

J10 – É dura.

T3 – Ok.

J10 – É mais ou menos pequena.

T3 – Hum.

J10 – Parece que é um cinto, não sei.

T3 – Um cinto?

J10 – Sim.

T3 – Hum.

J10 – Posso tirar?

J10 retirou o objeto, riu-se e passou o saco a J6.

J6 – Isto é uma medalha? É uma coisa redonda.

T3 – É uma coisa de plástico ou é uma coisa de metal?

J6 – É uma coisa de metal.

T3 – Ok.

J6 – Parece que é... ou é uma medalha ou é... eu acho que é uma medalha sim.

T3 – Então?

J6 retirou o objeto e passou o saco a J1.

J6 – Bem me parecia.

J1 – Tem um buraco. Uma coisa de relevo.

T3 – Mas tens de descrever, não é só dizer: «Ah...».

T1 – Qual é que é o material?

T3 – Como é que é a forma?

J1 retirou o objeto do saco e passou o saco a J7.

T3 – O J7 está a escolher. Vá, vá, vá!

J7 – É redondo, tem cenas bonitas e é uma bola de *golf*.

J7 retirou uma bola do saco.

J6 – A ti calhou-te duas bolas.

Recolheram-se os objetos.

T1 – Foi bom, descreverem os objetos? E vocês acham que por vezes é difícil descrever os sentimentos?

J7 – De vez em quando, e também depende da situação.

T3 – Então? Há coisas que te deixam mais atrapalhado e não consegues descrever, é?

J7 – Nem por isso.

T3 – Nem por isso, então?

J7 – Por nada, nem por isso...

J6 – Eu acho que é conforme a pessoa, conforme o que é que afeta mais uma pessoa, e o que é que afeta mais outra pessoa.

J7 – Depende.

J6 – Por exemplo ele é mais preocupado com a escola do que eu... e depois ele a falar com os professores sobre uma nota, talvez possa ter mais...

J7 – Facilidade.

J6 – Mais facilidade a falar enquanto que se calhar eu não tenho tanta.

T1 – Quando a pessoa está mais afetada então é mais fácil falar ou não?

J7 – Quando a pessoa está nervosa.

J6 – É mais difícil falar.

T1 – E é bom falar dos sentimentos ou não?

J6 – É.

T1 – Ou é melhor guardá-los?

J10 – Dependia da situação.

T1 – Então?

J10 – É diferente.

T1 – Porquê?

T3 – Há coisas que tu preferes não falar? (silêncio)

J6 colocou o dedo no ar.

T1 – Diz lá J6.

J6 – Eu por acaso não faço isso, mas acho que toda a gente devia... as coisas mais complicadas devia-se sempre partilhar, e não guardar para eles. Toda a gente devia fazer isso.

T3 – E porquê que tu dizes que não fazes?

J6 – Porquê eu não faço. Toda a gente devia, principalmente eu, mas infelizmente não faço. Porque quando tenho problemas, alguns que me afetam... mais, eu não consigo falar.

T3 – Tens dificuldade em dizer as coisas?

J6 – Eu por acaso sim...

T3 – Ou achas que as pessoas que te estão a ouvir... não ouvem?

J6 – Não... eu por acaso sou uma pessoa que se arma muito não é... e “coiso”...

T3 – Mas há assuntos...

J6 – Há assuntos que são... vá sou boa pessoa pronto, é melhor dizer assim, é mais assim.

T3 – Ok.

T1 – Então agora como o amor por nós próprios também passa pela nossa imagem... alguns de vocês são mais altos, outros são mais magros, gordos, outros gostavam de ter o cabelo mais comprido, e outros mais curto. E portanto nós vamos agora propor-vos, vocês vão desenhar, fazer um contorno do vosso corpo num papel cenário que nós temos aqui. A tarefa vai ser dois a dois, há um que faz o contorno do outro e depois trocam, e depois... Dois a dois, portanto quem é que?

T3 – Querem ser vocês os dois é? (para J6 e J1) Vocês são os dois altos.

J6 começou o contorno de J1.

T1 – Sem pintar a roupa. Vá isso bem feito.

J7 – Pinta-lhe o cabelo!

J6 – Nunca pensei fazer isto a ninguém.

T1 – Está bem. O mais perto possível mas sem manchar a roupa.

J6 – É preciso fazer a mão?

T1 – É, é.

T3 – Vá lá, vá lá. Vamos lá ver as vossas capacidades de desenho.

J6 – Oh meus deus! Isto vai parecer... Eu nunca vou para cirurgião plástico!

J11 – Não te mexas! Porquê?

J6 – Não, eu estou a dizer que nunca vou para cirurgião. Olha tens de afastar um bocadinho este dedo. Obrigada.

J1 – Tenho os dedos inchados.

T1 – J11!

J6 – Este é obeso, está com obesidade dedal! Ai dói-me a cabeça.

T1 – Diz-lhes para escreverem o nome.

T3 – Têm de escrever o nome.

T1 – Agora o J6 vai-se deitar.

J7 – Tu nem vais caber. J6 tu nem vais caber ai no papel.

J1 fez o contorno de J6.

J6 – Oh *god!* Pode ser assim? (fazendo uma posição)

J1 – Não oh! Assim é mais difícil.

T1 – Pode ser assim pode.

J11 – Tens de pôr a perna para dentro da folha se não vais ficar

J7 – Não vais ter perna.

J6 – Eu vou ficar bué obeso! Vou chegar lá a casa e vou dizer “Ah estive no chão!”.

J7 – Esta é a pose de um camião no meio da estrada e agora...

J6 – “Ya”!

J7 – O coelhinho pedófilo não gosta de ti. Encara isso rapaz!

T3 – Ah! Era uma posição confortável...

J6 – Pois! A minha posição inicial já foi.

J1 – Está bom.

J6 – A fazer uma aula de...

T3 – Para o CSI vá!

J6 – Vou parecer assim um monstro.

T1 – Não mexas! Não mexas a cabeça.

T3 – Agora vais ficar quietinho.

T1 – Fazes até aqui.

J11 – Parece um cavalo.

J6 – Oh *god*, oh *god!*

Riram-se ao ver o contorno de J6.

T1 – Mais dois. J6 agora escreves ali o teu nome, ao lado da tua cabeça, em grande.

J6 – Ok.

T1 – Quais é que são as próximas?

J11 – Sou eu!

T3 – Vá!

J10 deitou-se de costas sobre o papel cenário para J7 fazer o seu contorno.

T1 – Então tu ficas de costas é?

J8 deitou-se de barriga para fazer o seu contorno. Seguiu-se J9, a quem J11 fez o contorno.

J7 – Eu acho que os dedos estão um pouco tortos.

J11 – Tu nem olhas-te para os dedos sequer.

T1 – J11 vá, vamos lá! Vá desce, exato.

J7 foi cantando brasileiro.

T1 – Vá J11. Agora mais perto, mais perto. Aqui. Muito bem. Ok, pronto, está ótimo.

J11 – Ficou bom.

T1 – J11.

J11 deitou-se sobre o papel cenário e J9 fez o seu contorno.

T1 – Não queres pôr as mãos?

J11 – Não!

T1 – Ok.

J6 – O cabelo!

J1 – Olha o cabelo. Olha ela a fazer o cabelo!

J6 – Está fixe.

T1 – Agora deste lado.

J11 – Eu não tenho caracóis, eu tenho o cabelo liso. A sério?!

J11 escreveu o seu nome no papel cenário.

J6 – Queres ajuda?

J11 – Quero!

J6 – Parecem os dedos da minha avó! Queres que eu faça?

T1 – Não!

J11 – Eu não consigo!

J6 – É só o “e”.

J11 – É só o “e”!

Os jovens sentaram-se novamente nas cadeiras em círculo.

T1 – Vamos só agora ouvir a terceira tarefa, que tem a ver com o vosso nome. Nós agora vamos falar um bocadinho do vosso nome. Ok?

J11 – O meu nome significa verdadeira e não sei mais o quê.

T1 – Já vamos falar. Vocês sabem, têm alguma ideia, vocês têm alguma ideia de quem escolheu o vosso nome?

J7 – A minha mãe.

T1 – Então vamos começar pelo J1, pode ser? (silêncio)

J1 – Foi um jogador de futebol.

T1 – Qual? De qual clube?

J11 – Não conhece.

T1 – Quem é que escolheu J1? Foi o teu pai, foi a tua mãe?

J1 – Foi o meu pai.

T1 – Foi o teu pai. Há mais alguém da tua família que se chame J1?

J1 – Não.

T1 – É um jogador de futebol de quem o teu pai gostava muito, é isso?

J1 – Sim.

T1 – Oh J1 e gostas do teu nome?

J1 – Sim.

T1 – Gostas, ok. J6.

J6 – O meu pai.

T3 – Então?

J6 – O nosso nome é completamente igual, só temos um nome de diferença.

T1 – Ok.

J6 – O meu pai por exemplo, uma vez pensou em Carlos, mas lembrava-se de um Carlos que tinha andado à porrada, depois pensou no Feliciano.

J11 – Feliciano?

J6 – Ya! Graças a deus não me chamo Feliciano! Mas pronto.

T3 – J7 porquê que te chamas J7, sabes?

J7 – Porque os meus pais quiseram...

T3 – Não há nenhum familiar que se chame J7?

J7 – Não.

T3 – És só tu.

J7 – Não, o nome do meu avó também é A., é tipo o contrário.

J6 – São os opostos.

T1 – Sabes se é da tua mãe ou do teu pai?

J7 – É do meu pai.

T1 – J8.

T3 – J8.

J8 – Foi a minha mãe que me deu.

T3 – Foi a tua mãe que te deu. Não sabes porquê?

J8 – Não.

T3 – Gostava do nome só?

J6 – J8!

T1 – Ok. J11.

J11 – Eu era para me chamar Sara, mas eu percebi tudo e disse que não, então mudaram para J11 e pronto é só.

T3 – E sabes porquê que te chamas J11?

J11 – Sei lá! A minha avó queria que me chamasse J11, estavam ali a fazer um escândalo no hospital a dizer que queriam que eu me chamasse Sara, mas a minha mãe deu Sara à minha irmã mais nova.

T1 – Ok. J9.

J9 – Havia uma produção científica que era da “Lara Croft”.

J6 – Devias dizer isso à “Lara Croft”. Ela ia dizer: “Oh meu deus!”.

T1 – E tu já viste o filme e gostaste?

J9 acenou com a cabeça.

T1 – Também há um jogo também.

J11 – Eu jogo, é bué fixe! Mas nunca o consigo passar de nível.

T1 – Olha algum de vocês sabe quem é a atriz que fazia de “Lara Croft”?

J11 – Era a J9...

T1 – Não, Angelina Jolie. Alguém conhece a Angelina Jolie?

J7 – Era a mulher do Brad Pitt.

T3 – Calma, calma!

T1 – Oh J7 ainda é a mulher do Brad Pitt.

J6 – Eu vi um filme com a minha prima e com a minha mãe, eu acho que é esse. É aquele filme que é a “Maléfica”.

T1 – Não, “Maléfica” é um filme com a Angelina Jolie.

J6 – Pronto, é isso.

T1 – Só que o filme chama-se “Lara Croft”.

J6 – Ah ok.

T1 – J10. Vamos ouvir o J10, vá lá!

J10 – Foi a minha irmã que me deu.

T3 – Foi o quê? O teu irmão?

J10 – A minha irmã.

T3 – A tua irmã.

T3 – E tu não sabes?

J10 – Por causa daquele o Alexandre o grande.

T1 – Ah! Não conhecem o Alexandre o grande? É uma personagem histórica não é?

J10 – Não sei.

T3 – É, é!

T1 – Bom, agora vou pedir... se calhar ao J8, para vir para aqui. Ficas de costas. Então agora...

Têm três bandeiras diferentes consoante os cartões que eu vos vou entregar, está bem? Um grupo vai chamar de uma forma simpática e outro grupo vai chamar de uma forma indiferente. E tu vais ter de dizer como é que eles te estão a chamar. Então começam vocês.

J6 – Então vá. J8!

T1 – Ok, agora vocês.

T3 – Um, dois, três. (silêncio)

Riram-se.

T1 – Oh J10 então? (rindo-se) Oh J10!

J10 – Ah já percebi! J8.

T1 – Então vá agora é o grupo da esquerda vá.

J10 – J8!

T1 – Agora vocês.

J11 – Eu não sei.

J7 – Um, dois, três.

J11 – J8.

T1 – Há um grupo que foi zangado, outro grupo que foi simpático e outro grupo que foi indiferente.

J11 – E é muito difícil de descobrir.

J8 – Zangado, indiferente e simpático.

T1 – Muito bem!

J8 trocou com J1.

T1 – Ok, então começa o grupo da J11 e J7. Vá assim o J1 não se concentra. Vá vocês os dois primeiro.

J7 – J1.

J11 – J1.

T1 – Vocês os dois (para J6 e J8).

J6 e J8 – J1!

J6 – Atrasado!

Riram-se.

J9 – J1.

J10 – Robertinho.

J1 – Indiferente, zangado e simpático.

T1 – Boa. J1 troca com a J11 agora se faz favor.

J7 – Eu também queria ir.

J1 trocou com J11.

T1 – Vá vamos com calma. Vamos com calma agora. Olha vamos fazer silêncio para a J11 conseguir ouvir. Vocês. (para J9 e J10)

J9 e J1 – J11!

J11 – Sim?

T1 – Agora vocês (para J6 e J8).

J6 – J11 (“inha”) meu amor!

J8 – J11.

Riram-se.

T1 – Agora vocês. (para J1 e J7)

J1 – J11! (gritando)

J7 – J11!

Riram-se.

J11 – Indiferente, simpático e zangado.

J11 trocou com J6.

T3 – Têm aqui a oportunidade de chamar o J6.

J6 – Eu sinto-me tão observado!

Riram-se.

T1 – Vá! Começam vocês. (para J1 e J7)

J7 – Oh J6 (“inho”)!

Riram-se.

J6 – Oh meu deus!

J6 trocou com J9.

J11 – J9 (usando o diminutivo do nome da jovem) vai lavar a loiça.

J6 – Oh J11 isso foi mau. Isso é mau.

T3 – Vá J11.

T1 – J8.

J11 – Não, agora é ele.

T1 – Vá J8.

J8 – J9.

T1 – Ok, vocês agora.

J7 e J1 – J9! (gritando)

J6 – Vocês vão traumatizá-la.

J11 – Parece aquele anúncio do IVA. Estão a chamar o IVA, “Oh IVA!”.

J9 – Indiferente, simpático e zangado.

T1 – Agora é o J10 não é? Como ainda não foste ainda.

J9 trocou com J10.

T1 – Quem é que ainda não foi?

J11 – Eu!

J7 – Eu!

J11 – Eu ainda não fui indiferente. Indiferente.

T1 – Não, tu já estiveste. Quem é que ainda não esteve na cadeira?

J11 – Toda a gente.

J7 – Eu sou o único que ainda não tive?

J11 – Como é que ele se chama? J10 não é?

T1 – Ok, vocês é que começam. (para J11 e J8)

T3 – Vá, vá, vá, meninos, meninos.

T1 – Vá, olha nós não conseguimos ouvir. J6, J6, J7, vamos só ouvir. Vamos lá.

J8 – Um, dois, três.

J11 e J8 – J10?

J11 – Calem-se.

T1 – J7 e J1. Vá J10 a... J7 e J1 vá.

J1 – J10 (“zinho”) vai para a banheira!

J7 – J10 (“zinho”) vai tomar banhinho!

T1 – E vocês agora.

J6 – Um, dois...

J6 e J9 – J10 anda cá!

J10 – Indiferente (apontando para J11 e J8), simpático (apontando para J1 e J7) e zangado (apontando para J6 e J9).

T1 – Ok.

J11 – Espera ai, o que é que vocês disseram?

J6 – «J10 anda cá».

T1 – Vá J7 vai lá.

J10 trocou o lugar com J7.

J7 – Já agora isto aqui é o J7. (pondo os óculos na cabeça virados para trás)

T1 – Então qual é que vocês querem?

J10 – A sério? Outra vez! Isto é a quinta vez seguida que eu vou fazer!

J11 – Seguida é que não é de certeza.

J10 – É, é!

J11 – Acabaste de ser ali como é que é seguido?

J10 – Oh!

J11 – Pois.

J7 – Vá não sejam maus. Eu sou muito sentimental!

J10 – Troca lá!

T1 – Quem é que começa agora? Vocês. (para J1 e J10)

J1 – Olha o coelhinho pedófilo! (rindo-se)

T1 – Vá vocês façam lá, comecem lá.

J1 – Um, dois, três.

J1 e J10 – J7.

T1 – Ok. Vocês. (para J11 e J8)

J7 – Sim eu sou o J7 porquê?

T3 – Vá! J7 para a frente.

T1 – Vá.

T3 – Vai vocês.

J6 – Não grem, que ele agora está muito sensível.

Riram-se.

T1 – J8 e J11.

T3 – Vá! Um, dois, três.

J8 – J7 anda cá, seu coelho pedófilo!

J7 – Tem cuidado com quem estás a falar! (rindo-se)

J11 – Cala-te J7! Fogo, já estou farta de te ouvir!

J7 – Eu sou muito sentimental!

J6 – Podemos?

T3 – Vá, um, dois, três.

J1 e J9 – J7 “fofuxo” vem cá!

J7 – Ok avó!

J6 – Oh meu deus.

T1 – Diz lá.

J7 levantou-se.

T1 – Então tens de te sentar. Vá diz lá.

J7 – Já estava a ir.

T1 – Diz lá, quem foi indiferente, quem foi simpático e quem foi zangado.

J7 – Cá para mim quem foi indiferente foram eles (apontando para J1 e J10).

T1 – Sim.

J7 – Os zangados foram aqui atrás. (apontando para J11 e J8) E a minha avó foi ali.

T1 – Ok.

T1 – Agora eu só peço. Agora, atenção! Portanto para terminar.

J10 – Eu tenho defensor da humanidade.

J7 – Eu sou corajoso.

J6 – Eu sou o quê? Pessoa com muita disposição e um otimismo contagioso. Eu consigo pôr uma pessoa que está a chorar, à beira da morte, com um sorriso na *face*.

T1 – Bom, olha, vamos começar...

T3 – Agora ouvem.

T1 – Só temos cinco minutos para acabar e ainda temos os inqueritos. Vamos só ler, cada um de vocês vai ler. Olha cada um de vocês vai ler o significado do vosso nome e vão dizer só se concordam ou não, está bem? J9 podes começar.

J9 – “A deusa do silêncio eterno”.

T1 – Ok, então? Concordas? Tem alguma coisa a ver contigo?

J9 – Sim. (rindo-se)

T1 – J6.

J6 – “Pessoa com muita disposição e um otimismo contagioso, do latim”... Verdade! Eu ainda sou mais mas sim.

T3 – J8.

J11 – Mais do latim ou mais?

J6 – Sou japonês, sou italiano.

T1 – Vá, J8.

J8 – “Forte sentido de liderança, impulsivo”. Impulsivo acho que sim mas forte sentido de liderança não, não é?

T1 – Ainda não.

T3 – Se calhar ainda não.

T1 – Tu ainda te vais revelar. J11.

J11 – “Verdadeira do latim”. Quer mesmo que eu diga? Se uma pessoa estiver a morrer eu digo: “No cesto” e vou-me embora. (rindo-se).

T1 – J10.

J10 – “Defensor da humanidade”, nada a ver!

T3 – Não é nada...

J6 – O quê, o quê, o quê?

J11 – Ele também não (apontando para J1).

J6 – Tu matas as pessoas, não as salvas.

J10 – Não.

T3 – Pronto. J1.

J1 – “Famoso e glorioso”.

J11 – O que é que é glorioso?

J6 – J1 famoso e glorioso.

J11 – Eu acho que foram só tirar os aspetos positivos.

T1 – Concordas J1?

J1 – Concordo.

T1 – J7.

J7 – É “Corajoso do grego”, eu concordo!

T1 – Ok, pronto.

Sessão 7

T1 – Muito bem, então quem é que não estava na semana passada?

T3 – Quem é que não estava na semana passada?

T1 – J2, então se calhar vamos começar por fazer o... ou fazemos depois.

T3 – Sim.

T1 – Então pronto, na altura quando pusermos as coisas na parede começamos a fazer isso, não é? Nós estivemos a fazer na semana passada o desenho do contorno do corpo. E então os teus colegas fizeram todos e só tu é que não fizeste. Então hoje vamos trabalhar sobre isso, não é? E convinha que tu fizesses também, está bem J2?

T3 – Sabem sobre o quê que é a sessão hoje?

J7 – Acho que é pintar os moldes e trabalhar.

T3 – Sim, mas qual é que é o tema? Qual é que foi o tema a semana passada?

J7 – Não sei!

T3 – A autoestima!

J7 – Ah!

T3 – Ah! Isso! O que é que era, o que é que é a autoestima? J7 o que é que é a autoestima?

J7 – A esta hora estou cheio de sono.

T3 – Estás cheio de sono? São onze e meia da manhã!

J7 riu-se.

T3 – A autoestima? (silêncio) Não acredito que não têm nada para dizer.

T1 – Então não se lembram o que é que é? Nós falámos sempre disso, na semana passada. O amor por si, não é? O amor por si próprio. Não era isso? (silêncio) Então primeira... vamos distribuir as coisas da primeira tarefa.

T3 – Têm todos caneta já? Então vá agora vão pensar... então vá vão pensar em coisas que gostam em vocês e coisas que não gostam assim tanto. E vão escrever aí.

J1 – Eu nunca pensei nisto.

T1 – Vá escrevam pelo menos três coisas que gostam e três coisas que não gostam.

T3 – Pode ser coisas físicas, coisas que tenham jeito para fazer ou não, coisas em que gostavam de ser melhores.

J7 – Brócolos.

T1 – O J10...

T3 – Coisas que tenham jeito, coisas que gostem em vocês.

T1 – Duas...

J10 – Eu gosto de desenhar.

T3 – Podes dizer que gostas de desenhar.

J7 – Tenho de pensar primeiro o que é que gosto em mim ou não, eu nunca pensei nisso.

T1 – Então pensa lá o que é que tu gostas de fazer. Quais são as características que tu tens que gostas em ti?

J7 – A minha altura.

T1 – Então pronto, o teu aspeto, a tua altura.

J7 – E psicológico? Vou pôr um psicológico.

T1 – Então mas podes pôr também características de personalidade que tu gostes em ti, e quais os que não gostas, os teus defeitos.

T3 – Se és simpático, se és divertido.

T1 – Podes ter defeitos também. Não têm defeitos? Coisas que vocês não...

J1 – Posso escrever ser simpático?

T1 – Sim, podes. A J9 já acabou. E J11? Então? Coisas que gostas em ti, da personalidade? Não gostas? De nada?

T3 – Não gostas de nada da personalidade?

T1 – Então e as características da personalidade?

J11 – Eu escrevi mais coisas que gosto do que não gosto e estão a dizer que eu não gosto de nada.

T3 – Ah! Vá... vá, vá, vá.

J11 – Gosto dos meus brincos. Coisa que não tenho.

T3 – Brincos...

J10 – Já está.

T3 – A J9 também já fez. (silêncio) Vá já estão adiantados ou nem por isso?

J11 – Não!

J7 – Agora estou a escrever o que gosto em mim!

T3 – O quê?

J7 – Não gosto de ter que gostar de brócolos!

T3 – O que gostas em ti é gostares de brócolos?

J7 – Não, o que não gosto em mim é gostar de brócolos.

J10 – O quê?

J7 – Faz bem à saúde e não como.

J10 – Gostavas de gostar de brócolos?

J1 – Brócolos! (rindo-se)

J7 – Claro!

T3 – Não queres escrever mais nada J11?

J11 – Não.

T3 – Certeza? Coisas que gostas em ti e coisas que não gostas assim tanto. Da tua personalidade há alguma coisa que não gostes assim tanto? Ou que achavas que podias ser melhor?

J11 – Hum... não.

T1 – Os rapazes, já está? Ou ainda não?

T3 – O J8 está bloqueado.

J2 – É preciso escrever mais?

T3 – É!

J11 – É preciso escrever mais? É preciso escrever mais?

T3 – É!

T1 – Oh J11 por favor, então não há nada que tu gostes em ti? Nem que não gostes?

J11 – Ai, eu já pus uma coisa que eu gosto em mim, já está bom!

T3 – Ah está bem?!

T1 – Está bem e... mais coisas! São três coisas só, que estamos a pedir.

J11 – Eu não sou má!

T3 – Não tens nada mau?! Menos...

T1 – Isto é uma tarefa muito difícil o que vos estamos a pedir!

T3 – Meu deus!

J1 – Eu não sei coisas más.

T1 – Não tens coisas más tu?

J1 – Tenho, mas não sei.

T1 – Defeitos, defeitos! Não tens defeitos J1?

T3 – Ou coisas que gostavas de melhorar.

J1 – Eu tenho defeitos.

T3 – Então!

J11 – Toda a gente...

T3 – Sim. Então o que gostavas de melhorar em ti?

J11 – Nada.

T3 – Nada?

T3 – Estagnaste completamente?!

T1 – Então vamos lá começar!

T3 – Quem é que quer começar?

J7 – Eu não acabei, faltava-me aqui uma linha.

J7 riu-se.

T3 – És tu J7? És tu que vais começar?

J7 – Eu não! Eu não! Eu não!

J1 – Está a ter um ataque de riso, meu deus!

T3 – J9 queres começar? (silêncio) Vá começa a J9! Coisas que gosto em mim.

J9 – Cabelo.

T3 – Sim!

J9 – Ser amigável com todos e de não julgar ninguém.

T3 – Ok, coisas que não gosto em mim.

J9 – Altura.

T3 – A tua altura.

J9 – Mania de ser perfeita.

T3 – Hum.

J9 – Não ter confiança no que faço, e é só.

T3 – J10, gostas do teu nome é?

J7 – Gostas de saladinha?

J10 – Gosto de salada.

T1 – Então gostas do teu nome e mais coisas?

T3 – Mais coisas? Vá vamos ouvir o J10. Diz lá, o que é que escreveste mais?

J10 – Nome.

T3 – Só escreveste que gostas do teu nome?

J10 concordou com a cabeça.

T3 – E o quê que tu não gostas?

J7 – Ele não gosta de brócolos!

T3 – O quê que não gostas?

T1 – O que é que tu não gostas J10?

J10 – De nada, eu gosto de tudo!

J7 – Tu não gostas de brócolos?

T3 – Não há assim nada em ti, da personalidade que tu não...

J10 – Sou teimoso.

T1 – Então pronto!

T3 – Então pronto!

T1 – És teimoso!

J11 – Não gosto de escrever.

T3 – Gostas de escrever?

J11 – Nem um pouco.

T3 – Detestas escrever. Isso não é uma característica de personalidade.

J11 – Vai dar tudo à mesma, não gosto.

T1 – Então e o J1?

J1 – O que gosto em mim é o meu aspeto, simpatia, e a minha alegria.

J7 – E o que não gostas em ti vá lá!

J1 – O branco.

J7 – Os teus dentes!

T1 – E o quê que tu não gostas? O quê que tu não gostas em ti?

J1 – Sei lá!

T1 – É mais difícil o que tu não gostas. (silêncio) Ok. J7.

J7 – A... gosto do meu aspeto, da minha altura e gosto de ser simpático.

T3 – Hum.

J7 – Não gosto de não gostar de brócolos.

T3 – Não gostas de não gostares de brócolos ok!

J7 – Não gosto de não gostar de couve de Bruxelas. E não gosto da minha estupidez. Aqui está a dizer!

T3 – Ok.

T1 – J8.

J8 – Gosto da minha preguiça, da altura e de ser simpático.

T3 – Gostas da tua preguiça?!

T1 – Ai gostas? Isso é raro!

T3 – E o que é que não gostas?

J8 encolheu os ombros.

T3 – Não te ocorreu nada?

J8 – Não.

T3 – Não há assim nada que não gostes muito em ti?

J8 manteve-se calado.

T1 – Parece que é mais fácil falar do que se gosta, do que o que não gosta, não é?

T3 – Hum.

T1 – J2!

J2 – Gosto da minha cor, gosto do meu cabelo e gosto de ser simpática.

O2 – Vamos ouvir a J2!

J2 – Não é preciso ouvirem.

O2 – É é!

T3 – Tem de ser mais alto! J2 não oiço nada! Vá vá! Vá J2 vá!

J2 – Gosto da minha cor, do meu cabelo e de ser simpática.

T3 – Ok.

T1 – E o que é que não gostas?

J2 – Dos meus olhos, de ser mal educada, não gosto da minha cara e não gosto de... de ser preguiçosa.

T1 – Hum, não gosta de ser preguiçosa, estás a ver J8, ela não gosta de ser preguiçosa...

T3 – A J2 não gosta de ser preguiçosa.

T1 – E tu gostas de ser preguiçoso. (rindo-se) Há gostos para tudo! Ok, então vamos para a segunda tarefa, nós hoje temos...

J2 – Falta a J11!

T1 – Ai a J11, desculpa pensava que...

T3 – Vá o que é que tu gostas? Oh J7! Vamos ouvir.

T1 – Então o que é que a J11 gosta? Nela.

T3 – Vai J11.

J1 – Fala mulher!

J11 – Dos meus olhos...

T1 – Dos teus olhos.

T3 – Mais?

J11 – Nada!

T1 – E o que tu não gostas?

J11 – Não pus nada.

T3 – Não escreveste nada.

T1 – Isto é muito difícil...

T3 – É! É um exercício muito complicado!

T1 – Mas como é tão difícil assim nós vamos ajudar-vos agora. Vamos dar-vos uma série de adjetivos.

J1 – Ai, não!

T1 – São três adjetivos bons...

T3 – Calma!

T1 – São três adjetivos bons e três maus. E agora vocês todos vão ter agora um bloquinho com vinte adjetivos.

J7 – Vinte?

T1 – Desses vinte adjetivos têm dez mais positivos e dez mais negativos. E nós vamos agora passar-vos um envelope. Cada um de vocês... cada um não, para a J2 não... Ora bem, vocês agora... não vão querer mudar de lugar ou vão? É assim agora a única coisa que vamos pedir que vocês façam... têm de escolher um adjetivo.

J11 – Não há caneta pois não?

T1 – Vocês vão ter que escolher um adjetivo, um adjetivo daqueles que têm na mão. Se vocês têm dez positivos e dez negativos escolhem um adjetivo e põem esse adjetivo em relação à pessoa que está no envelope, portanto, ou seja o J1 tem aqui J7, tem que escolher um adjetivo que ele ache que o caracteriza.

J1 – Há atrasado?

T1 – Não, não há atrasado obviamente. Vê lá bem quais são os adjetivos, põe se calhar aqui em cima da mesa para veres todos e escolhes um e não mostras ao J7 aquele que escolhes e pões dentro do envelope. Vá, vamos lá!

Realizaram a tarefa.

T1 – Vá pensem na pessoa em quem estão... a quem têm que pôr o adjetivo e escolham aquele que parece essa pessoa e metam dentro do envelope. Já está?

J11 – “Ya”!

T1 – Pronto.

J2 – Esperem ainda não fiz!

T1 – E agora vamos sempre circulando assim T3, cada vez que... não podemos é fugir desta situação se não corre mal.

J11 – A... depois quando chegar ao meu...

T1 – Quando chegar ao teu passas.

J11 – Só tenho que fazer mais, o meu é o último portanto...

T3 – Já escolheram?

J8 – É só para escolher um?

J10 – É um positivo e um negativo.

T1 – Dão só um! Não é um positivo e um negativo, é só um!

J11 – Ah!

Terminam o exercício.

Passaram-se os envelopes correspondentes a cada pessoa.

T1 – Só um! (silêncio) Atenção! Vá não vale mostrar! Não vale mostrar J10! Escolhes... Tu estás a fazer de quem J10? Da J2?

J2 – “Han”?

T3 – Então já está? Epa oh J10!

T1 – J10 põe aqui na cadeira os... põe aqui os teus. Faz assim (ajudando-o). Já estás muito atrasado!

J11 – Toma J2 correio por expresso!

J7 – Já está.

T1 – Já está?

T3 – Já está? J10 já está? Estás a travar aqui isto tudo!

T1 – Vá J10! Concentra-te J10!

Colocaram as folhas com cada nome na parede e terminaram a tarefa.

T1 – Muito bem! Então vou pedir ao J10, J10 vem para aqui se faz favor! J2 vais então sublinhar a caneta verde, lê lá os teus adjetivos.

J2 – Envergonhado, aborrecido, simpático.

T1 – Ok, então vais sublinhar a caneta verde, não aliás, com a caneta azul aquele que tem mais pontuação.

J2 – Aquele o quê?

T1 – Que tem mais pontuação. O que tem mais votos.

J2 – Este (sublinhando o “envergonhado”).

T1 – Ok, então agora tens de sublinhar com a caneta verde aquele que te faz mais sentido, que realmente és tu, que tu achas que estás de acordo.

J2 sublinhou a verde o “simpático”.

T1 – Ok, e agora com a caneta vermelha aquele que tu achas que não faz.

J2 sublinhou a vermelho o “aborrecido”.

T1 – Ok. J8 vai lá, ao pé do teu, para sublinhares aquele que tem mais pontuação.

T3 – Está empatado!

T1 – Então sublinha os dois.

J8 sublinhou “de confiança” e “com dificuldades em fazer amigos”.

T1 – Ok.

T3 – Ok.

J11 – Junta-se o bom ao mau dá satisfaz!

T1 – Agora a verde aquele que te faz mais sentido J8.

T3 – A verde o que te faz mais sentido.

J8 sublinhou a verde “simpático”.

T3 – Boa!

T1 – E o vermelho aquele que não te faz sentido.

J1 – Eu não tenho aquele que não me faz sentido.

J2 – Paciência.

T1 – Ok!

T3 – Ok.

J8 sublinhou “envergonhado” e “com dificuldades em fazer amigos”.

T1 – Agora o J7... não desculpa, J1! J1 bora!

T3 – Agora és tu J1.

J1 – Não preciso de vermelho.

J2 – Mas precisas sim.

T1 – O azul primeiro, o azul primeiro J1. O azul primeiro... o azul primeiro. Então precisas de vermelho ou não? A azul aquele que tem mais pontuação.

J1 sublinhou “simpático”.

T1 – Ok, agora aquele que te faz sentido e aquele que não te faz sentido.

J1 sublinhou a verde “provocador”.

T1 – E mais nada? Aquele que não te faz sentido? Todos te fazem sentido?

J1 – Sim.

T1 – Ok. J11!

J11 – Sim!

T1 – Bora, força!

T3 – *Your turn!*

J11 – Levo que marcadores?

T1 – Leva dois.

J11 – Então diga-me lá como é que é.

T3 – O azul é o que tem mais pontuação.

J11 – Estou empatada.

T3 – Então sublinhas as duas.

J11 – Então diga lá o resto.

T1 – A verde é o que faz mais sentido e a vermelho o que não te faz sentido nenhum. Toma o vermelho. Não precisas?

J11 – Não.

J11 sublinhou a azul “agressiva” e “inteligente”.

J11 – O verde era o quê?

T1 – O que faz mais sentido.

T3 – O que concordas.

J11 sublinhou a verde o “agressiva”.

T3 – J9.

T1 – Ok, então e as outras fazem todas sentido?

J11 – Claro!

T1 – Mesmo “querida”?

J11 – Se for para um animal talvez!

Riram-se.

T1 – J9!

T3 – A azul é a que tem mais pontuação.

T1 – A J9 tem “com dificuldade em fazer amigos”...

J9 sublinhou a azul “simpática”.

T3 – E agora a verde aquele que te faz mais sentido.

J9 **sublinhou a verde “dificuldade em fazer amigos”.**

T3 – Ok, e aquela que não te faz sentido.

J11 – Onde é que ele é orgulhosa? Ah, aquela coisa de ser perfeita, já percebi.

J9 **sublinhou a vermelho “orgulhosa”.**

T3 – J10.

T1 – Ok, J10!

J1 – J10!

T3 – Bom, o azul é o que tem mais pontuação!

J10 **sublinhou a azul “de confiança”.**

T3 – Agora com verde o que te faz mais sentido.

J10 – Fazem todas sentido...

T3 – Há assim algum que te faça mais? Que se destaque, ou não?

J10 – Posso riscar vários?

T3 – Podes.

J10 **sublinhou a verde “teimoso” e “de confiança”.**

T3 – Ok, ok. E agora a vermelho, há algum?

J10 – Não.

T1 – J7!

J7 – Finalmente!

J10 – Milagre!

J7 – Sou eu!

T3 – Vá, com azul o que tem mais pontuação.

J7 **sublinhou a azul “agitado”.**

J7 – Não queria mais vai ter de ser.

T3 – Pronto, agora com verde a que te faz mais sentido.

J7 – Talvez esta.

J7 **sublinhou “amigo do seu amigo”.**

T3 – Ok, e com vermelho aquela que não te faz sentido.

J7 – Posso pôr mais que uma?

T3 – Podes.

J1 – Põe todas!

T3 – Vá!

J7 – Eu não sou orgulhoso nem provocador.

J10 – Só faltava o agitado!

J7 sublinhou a vermelho “orgulhoso” e “provocador”.

T1 – Muito bem! Então não foi assim tão difícil descobrir as coisas que vocês tinham boas e as coisas que vocês tinham más.

J11 – Continuo a não saber o que é que eu tenho de mal.

T1 – Então o que é que tu tens de mau J11? Há alguma coisa negativa no teu cartão?

J11 – Não...

T1 – Não?

J11 – Não, está tudo positivo!

T1 – Está tudo positivo ok. Alguns de vocês têm características negativas.

J11 – Disseram que eu era “inteligente” julgo que é mentira, mas pronto.

T1 – Outros só têm características positivas.

J7 – Não fui eu.

T1 – É meio, meio. Não é? Então parece que é mais fácil o grupo dar-vos as vossas próprias características positivas do que quando vocês têm de preencher a folha.

J11 – “Ya”!

T3 – É mais fácil, do que falar de vocês próprios, não é?

J1 – Eu não encontro as palavras na minha cabeça.

T1 – É mais fácil falar sobre, falar sobre os outros do que sobre si. Nós também ajudámos dando-vos os adjetivos. Então pronto agora vamos passar à última tarefa.

Fez-se o contorno do corpo da J2, que não esteve na sessão 6.

T1 – Vocês já podem começar. É assim vocês vão ter que, agora vão cortar das revistas imagens que tenham a ver com os vossos interesses, com qualquer coisa que vocês gostem e vão começar a colar essas imagens no vosso contorno. Ok? Perceberam o que têm de fazer? Vocês vão ter de encontrar olhos e nariz e boca para fazer a vossa cara. Oiçam lá! Vocês vão ter de cortar cabelo, olhos, nariz, para fazer as vossas caras, ou então desenham as caras. E têm de encontrar nas revistas imagens que tenham os vossos interesses e depois cortam as imagens e depois colam na parede.

Escolheram as revistas.

T1 – Ainda estou a ver os contornos sem imagens! Vá, despachem-se lá!

J11 – Alguém gosta de relógios? Tenho muitos.

T1 – J11 então?

T3 – Epa eu ainda não estou a ver nada colado! Ainda não estou a ver nada colado. Quero começar a ver imagens coladas!

J7 – Sapatinho de vela... (a cantar)

T1 – Pronto já estão todas coladas as figuras!

T3 – Vá quero começar a ver coisas coladas! Vá!

J11 – Já vi, quer ver? Vou pôr um motoqueiro.

T3 – Põe o motoqueiro.

T1 – Olha vamos, mas é começar a pôr os rostos, encontrar olhos, cabelos...

J11 – Não, não, primeiro quero o relógio.

J2 – Dá-me um relógio!

T1 – Então ponham um relógio. Vá tem de ser decorado com os vossos interesses.

J11 – O meu relógio, bué lindo!

J1 – Podemos fazer olhos de relógio? É que eu só vejo relógios!

J11 – Posso pôr aqui? Só uma pergunta, o relógio é mesmo para pôr no pulso? É que isto não cabe.

T1 – É onde tu quiseres J11.

J11 – Já está!

T3 – Pronto! Coisas do vosso futuro. Coisas que vocês gostem!

J2 – Eu só encontro relógios!

J11 – Alguém tem os olhos azuis?

T1 – Podem desenhar podem!

T3 – Podem desenhar vocês. Porque é que não desenham vocês os olhos?

J7 – Alguém quer um cavalo?

J10 – Eu quero um cavalo!

J7 – Eu quero um cavalinho! Eu vi um passarinho! (a cantar)

J11 – Olha aqui J2. Posso pôr dois relógios?

T3 – Podes.

T1 – Alguém gosta de *surf*? Olha, alguém gosta de *surf*?

J2 – Eu!

J1 – Eu faço *surf*!

J2 – Eu gosto de *surf*!

J1 – Eu faço *surf*.

T1 – Então vá escolhe lá uma. Tens aqui uma revista de *surf*.

T1 e T3 ajudaram os jovens a juntar recortes.

T1 – Quem é que faz *surf*? J1 és tu que fazes *surf*?

J1 – “Ya”.

T1 – Então escolhe lá uma. Vou deixar aqui para escolheres uma para ti, está bem?

T3 – Vai colando J9, vai colando.

J7 – Posso ser eu a fazer a cara?

T1 – Podes.

J7 – Ok. Licença, eu vou desenhar a cara!

J11 – Ai quê isso?

J7 – Eu vou desenhar a cara.

T1 – Mas isso é a tua cara?

J7 – Qual é o problema? Fogo.

J10 – Tens uma pala.

J7 – Olha está ao contrário! Espera ai...

T3 – Vai ser essa cara J7? Vai ser essa?

T1 – Boa!

J7 – “Ya”, o pescoço está virado ao contrário a menos que eu queira fazer assim!

T1 – Não, está bom. Mas como assim ficou virado ao contrário? Dá cá que eu corto.

J7 – Não, porque a minha cara está virada para este lado e se eu puser aqui a cara fica virada para este. Eu quero fazer a minha própria cara.

T3 – J8, J1, isso está vazio ainda?

J11 – Fiquei com o *tablet*.

T1 – Quem é que quer um perfume?

J11 – Quem é que quer um *tablet*?

J2 – Eu!

J7 – Quem é que quer um telemóvel?

J2 – Eu quero! Eu quero!

T3 – Olhem a brigada desta parede, onde é que estão?

T1 – Atenção! A J9 está a colar imensas coisas. J8, zero! J1, zero!

T3 – J10 zero! Bora!

T1 – J10! Calma J7... o que é que estás a fazer? Está a ficar tudo mal. Tenta lá cortar com a tesoura. Alguém gosta de cães?

T3 – Bom... as miúdas estão vos a dar trinta a zero. É o que eu tenho a dizer!

J10 – Ah! Não faz mal!

J11 – Esse relógio é meu, ladrão! Ele roubou-me um relógio! Há colas?

T3 – Havia colas para aí.

J7 – Alguém tem uma tesoura?

T1 – Olhem praias de sonho, carros de sonho! Vamos lá. Praias, viagens... Vá lá usem a vossa imaginação! Quem é que quer a cara da Julia Roberts?

J11 – Quem é que o quê?

T3 – Quer a cara da Julia Roberts.

J11 – Ninguém!

T3 – Cãezinhos, quem é que quer cãezinhos?

J2 – Eu já tenho um!

T3 – Mais, *surf*, quem é que gosta de *surf*? Quem é que quer ficar com o *surf*?

J7 – Eu posso ficar com o *surf*.

T3 – Quem gosta de ténis? Ténis?

J7 – Ténis, eu quero os ténis.

J11 – Eu tinha amigos...

T3 – Queres os ténis?

T1 – Olha carros. Estão aqui desportivos, por exemplo um “Audi Sports”. Quem é que quer carros?

J1 – Eu gosto de carros antigos modificados.

J11 – Onde é que está a cola?

T3 – Quem é que gosta do “McDonald’s”?

J2 – Eu, eu!

J11 – O que é que é aquilo? É um penso? (para J1) É o raio da morte, é um “x”?

J1 – Não é um “x”...

T3 – *Balet*, alguém gosta de *balet*?

J8 – Bah!

J7 – Bah!

T1 – Um carro... J8! J8? Gostas deste?

J8 – Eu gosto de carros antigos.

T1 – Antigos?!

T3 – Alguém vai querer um quarto moderno ou assim? Uma casa moderna?

T1 – Olhem uma moto. J8 não gostas de motos?

J8 – Não.

J11 – Só vejo *surf*.

T1 – Um olho, encontrei um olho.

J11 – Vou pôr aqui coisas de *bricolage*.

T3 – E Paris? Alguém gosta de Paris?

J11 – Não, eu quero Espanha.

T3 – Espanha.

J1 – Quem gosta do benfica?

J11 – “O que diz o povo, segundo Marcelo Rebelo de Sousa”. Alguém gosta de Portugal?

T1 – Alguém quer ser astronauta?

J10 – A minha avó.

J7 – Tenho uns ténis!

T1 – J8, anda lá J8! O que é que tu gostas?

T3 – Gostas de carros... mas podes colar um carro sem ser antigo e depois explicas.

T1 – Diz lá o que é que tu gostas? Ah, não gostas de carros, de motos, de...

J1 – Alguém me quer dar um carro? Só se for antigo.

T1 – Olha praia, futebol, o que é que gostas?

T3 – Raparigas!

J8 – Raparigas!

J11 – Claro não é?! Se fosse rapazes até me admirava não é!

T1 – Olha uma rapariga tão gira, não gostas desta, não?

J7 – Queres uma rapariga? Está aqui!

J10 – Mostra lá!

T1 – E de praia, não gostas de praia?

J8 – Gosto de piscina.

T3 – Havia ai uma piscina.

T1 – Não tinha uma piscina a Catarina? Há bocado.

O2 – Era uma piscina sim, estava aqui.

J8 – Não é assim! “Hondas” antigos.

T3 – “Hondas” antigos acho que é difícil encontrarmos aqui! Olha, aqui tens ferramentas com fartura!

J11 – Olha o Luís Oliveira.

T1 – Aqui... olha aqui este carro tão giro.

T3 – Olha queres este? Olha (mostrando a revista).

J8 – Não.

T3 – Também não...

T1 – Olha um barco tão giro! Que lindo este barco! Um iate!

T3 – Esta miúda da capa também é gira!

J11 – Encontrei um álbum. Alguém quer um álbum?

J1 – Um álbum?

T1 – Olha um sofá, amarelo para tu relaxares! “Han”, para ver televisão, não?

J8 – Se fosse uma cama.

T1 – Uma cama.

T1 – Catarina vá lá!

O2 – Sim!

T1 – Olha aqui este sofá é quase uma cama, não J8?

J11 – Ele ainda não tem nada (J8).

T3 – Tatuagens, alguém gosta de tatuagens?

J2 – Eu!

J7 – Eu, eu, eu! Eu gosto, eu gosto!

T3 – Pode ser um braço de cada um!

J7 – Não, obrigado! Não, obrigado!

J10 – Se fosse uma rapariga!

J11 – Se ainda fosse bonito, agora nem isso...

T1 – Vá mais coisas! De animais gostas J8?

J8 – Não.

T1 – Não. Répteis, não gostas de répteis?

T3 – Um grande sofá, gostas?

J2 – Falta-lhe o olho. Espera isto é onde? (J2 coloca as suas imagens no cartão)

J10 – É aqui!

T3 – E se for uma cama, pronto?

J11 – Olha um carro! Não eras tu que querias um carro? (para J1)

O2 – Ele só gosta de carros antigos.

J11 – É bem passado!

J9 fez os olhos no cartão.

T3 – “Um casal encontrou mala em...”

J11 – Não! Fogo, eu vou para Espanha, para ser espanhol... Eu vou ser dona do “YouTube”, do “Google”. Vou ser dona do “MineCraft”...

J7 – E do “Facebook”?

Continuaram a escolher imagens.

O2 – Queres mais alguma coisa J8?

J7 – Alguém quer um “GPS” (*Global Positioning System*)?

O2 – Boa! Está muito giro! Vê lá se ficava giro nas escadas, é muito fixe. Música?

T1 – Olha ninguém gosta de cavalos?

J2 – Eu!

J11 – Não! Eu já lhe mostrei um cavalo! Vê eu já lhe mostrei um cavalo. Alguém quer a roda de um carro?

O2 – Quem gosta de esqui? Ou de *snowbord*?

T1 – Vá, olha vocês vão ter de começar a arrumar que é uma hora, agora já!

J11 – Eu gosto de dormir e agora? Também tenho uma cama.

J2 – Eu encontrei uma.

J11 – Mas eu não quero!

J2 – Eu tenho uma cama!

J11 – Dá cá, deixa ver!

J1 – Pára lá meu (J10)! Pára lá caraças! Oh! Alguém quer fazer umas pestanas?

J10 – É o namorado da J2! J2 olha o teu namorado! J2? J2 olha o teu namorado!

J2 – Está bem.

J10 – Oh vês!

T1 – J10 tens aqui o cavalo.

J10 – A cola?

J7 – Isto! Isto! (apontando para a sua imagem)

T3 – Olha? Porquê o “Azeite Galo”?

J7 – Porque eu gosto de azeite do galo!

J11 – Quer ser dono do galo.

J10 – Ele é azeiteiro!

J11 – E eu vou ser dona do “YouTube” e do “Google” e ele vai ser do galo!

J7 – Eu quero a cola!

J11 – Alguém me pode dar cola?

J7 – Alguém tem aí uma revista com mulheres giras?

J10 mostrou uma revista e puxam-na ambos para seu lado.

J10 – Eu já disse que queria esta! Eu já disse que queria esta! Eu já disse que queria esta.

T3 – Então?

Largaram a revista, ficando J10 com ela.

J7 – És grande invejoso!

T3 – Têm de começar a terminar...

J7 – És invejoso!

O2 – Esta também é muito gira. Olha esta.

J10 – Esta é a que mata tudo. Esta é a que mata tudo. Esta é a que mata tudo...

J2 – Eu já acabei.

T1 – J7 calma aí. Qual é que é a revista? Então tentamos encontrar outra *surfista*.

J10 – Onde é que está a tesoura? Preciso de uma tesoura... preciso de uma tesoura.

J2 – Olha uma sereia!

J1 – Isso é uma sereia?

J7 – António dentuças!

T1 – Vá vamos pensar em terminar! Já é uma hora têm de preencher os questionários da Dr.^a.

J11 – J7, encontrei a perfeita para ti!

O2 – Aqui há montes de miúdas J7, não gostas de nenhuma?

J7 – Não.

Sessão 8

P1 – Hoje vamos fazer algumas atividades, não sei se algum de vocês teve já psicomotricidade, ou sabe o que é?

T3 – Alguém sabe o que é psicomotricidade?

J6 – Se não tiver fichas...

T1 – E aquilo que vocês acham que pode ser?

P1 – Não têm nenhuma ideia? (silêncio) Pronto, a psicomotricidade é uma técnica que relaciona a mente e o corpo, é mais... com a expressão corporal, e vamos fazer algumas atividades relacionadas com isso, depois, está bem?

P2 – Então vamos começar com uma atividade aqui com um objeto, eu acho que vocês já viram e sabem o que é. Gostaria que vocês todos se metessem de pé, se faz favor. É um paraquedas. Vamos fazer assim um círculo. Vamos todos agarrar no paraquedas, mais para aqui para este lado. Podes vir mais para este lado se faz favor? Então esta atividade... o que vamos fazer nesta atividade, é por exemplo, a J3 vai dizer 3 caraterísticas da sua colega à direita e sucessivamente. Sempre três adjetivos, ok?

T3 – Queres começar J3?

J3 – Bonita, simpática... e sorridente. (sobre J2)

T3 – Então J2 não concordas é? São boas coisas para se dizer sobre ti!

J2 – Simpática, engraçada e fofinha. (sobre J9)

J9 – Simpática... (sobre J11)

J11 – Podes mentir... (disse sussurrando)

J9 – Um bocado agressiva.

T3 – Um bocado agressiva.

J11 – Um bocado?!

J9 – E leal.

J11 – Ah sou eu não é?!

T3 – Vá!

T1 – Vá lá, então três caraterísticas positivas.

T3 – Três caraterísticas do J1.

T1 – Positivas ou também pode ser negativas?

J11 – Pois, é positivas não é?

T2 – Pode ser o que quiserem.

T1 – É o que quiserem. Pode ser também negativas.

J11 – Simpático, alegre, divertido. (para J1)

T3 – Ok!

J11 – Pronto!

- J1** – Alto, engraçado e... (para J6)
- J6** – Não sabes mais?
- J1** – É boa pessoa, não sei.
- T3** – Pronto.
- J6** – A... (para J7)
- J7** – Boa pessoa, bom amigo...
- J6** – Sou eu a ti! (rindo-se) Amigo, amigo, boa pessoa e és fixe pronto.
- T3** – Agora é que és tu. Falar do J10, três do J10.
- J7** – Boa pessoa, inteligente e bom amigo. (para J10)
- T3** – Vai J10 agora da J3.
- J10** – Não sei.
- T3** – Não sabes?
- T1** – Então ninguém ajuda o J10? Oh J6, não dás aí uma ajuda ao J10?
- J6** – Ai eu posso ajudar?! A... então a... simpática...
- J2** – Bonita, engraçada...
- T1** – Vá J10!
- J6** – Bonita, ou simpática ou engraçada.
- J7** – Inteligente, qualquer coisa assim.
- J11** – Vocês só dizem coisas boas.
- T1** – Então?
- J2** – Ele já disse.
- T1** – Já disse?
- J2** – Simpática.
- T1** – Simpática mas são três.
- T1** – Vá J10!
- J7** – Diz inteligente, qualquer coisa assim!
- J6** – Já dissemos tanta coisa!
- J7** – E sociável, qualquer coisa assim!
- J10** – Inteligente e sociável pronto.
- J7** – Fui eu que disse.
- P2** – Agora vamos fazer ao contrário, agora para este lado.
- Riem-se.**

- J3** – Simpático, divertido e um bocado tímido. (para J10)
- J10** – Fixe, divertido e bom amigo. (para J7)
- J6** – Podes ir vá! Anda! (a rir-se)
- T3** – Podes ir vá vá!
- J7** – Alto (para J6)
- J6** – Alto?!
- J7** – Bom amigo e sociável.
- T3** – Sociável. J6 agora do J1.
- J6** – Então... a... bom amigo, fixe, e pessoa que ainda não foi atacada pelo coelhinho pedófilo. (para J1)
- T3** – Já faltava a personagem! Adiante!
- J11** – Foi em Espanha.
- T3** – Foi em Espanha?
- J6** – “Ya”.
- T1** – Eles falaram muito do coelhinho pedófilo a semana passada (rindo-se)
- J11** – Sempre.
- J6** – Eu estava dentro de um ovo com ele, foi muito mau!
- J7** – Eu estou com pesadelos. Um dia vai acontecer.
- T3** – Mas pronto, adiante!
- T1** – Vamos lá J1!
- J1** – Agressiva... (para J11)
- T3** – Sobre a J11.
- J1** – Agressiva... agressiva... agressiva...
- J11** – Mais agressiva. Um bocadinho mais agressiva...
- J6** – Pessoa que não foi atacada pelo coelhinho.
- J11** – Agressiva.
- J1** – Boa amiga.
- T3** – Boa amiga.
- J1** – De vez em quando.
- J11** – Quando convém.
- J1** – Decidida.
- J2** – Já está! Já disse!

T1 – Vá vamos lá! Vamos lá! Estamos a dispersar! J11 três características da J9. Vamos embora, vá!

J11 – Não faças essa cara não sou assim tão má! Inteligente.

T3 – Hum.

J11 – Simpática e amiga. (sobre J9)

T3 – Hum.

T1 – Ok. J9 força! J2.

T3 – Vamos ouvir!

J9 – Tímida.

J2 – És tu.

J9 – Alegre...

T3 – Sim!

J9 – E amigável. (sobre a J2)

T1 – Ok! J2 da J3.

T3 – Respira J3, respira!

J2 – A...

T2 – Disseste tantas coisas...

J2 – Inteligente, bonita e boa amiga. (sobre a J3)

P2 – Está tudo?

P1 – Então vamos agora arrumar, licença. Então agora vamos fazer um grupo de seis pessoas, seis pessoas... pronto, um grupo de seis pessoas. Vão ficar duas de fora mas depois trocamos.

J11 – Eu fico de fora!

J2 – Eu fico de fora!

J6 – J2 anda.

P2 – Mas depois trocamos.

J11 – Sim, sim, eu fico de fora!

J6 – Ai J2...eu a chamar-lhe J2. J11! Desculpa.

J2 – Eu fico de fora.

P2 – Então venham aqui para o meio se faz favor.

J11 – J2 anda para ao pé de mim J2.

J6 – Anda J11.

J11 – Não, eu fico de fora.

T1 – Vá! Vamos embora.

T3 – Duas meninas! Duas meninas!

J11 – Uma, duas. (apontando para as restantes)

T3 – Na, na, na!

T1 – Vá J11 vá lá.

J2 – Vai tu (para J3).

P2 – Agora vamos fazer uma espécie de um teatro.

J2 – Agora dançam.

Grupo: J10, J7, J6, J1, J11 e J9.

P1 – Alguém vai ser um pai e o outro um filho... e o filho vai tentar...

T3 – Quem quer ser o pai e quem quer ser o filho?

J6 – Eu sou o pai!

T3 – És o pai, pronto!

J7 – Eu sou o filho!

T1 – Um filho ou uma filha... um filho ou uma filha vá.

J7 – Eu sou o pai.

T3 – Isso depois troca tudo. Quem é que quer começar como pai e filho? Vocês os dois, é o pai e o filho, ok.

P1 – É o professor, não é o pai.

T3 – És o professor.

P1 – Quem é o aluno?

J7 – Eu!

T3 – É o J7?

J6 – E tu és quem (para J1)?

T3 – Calma!

J10 – Vais chumbar!

P1 – Olha tu estás em risco de chumbar, vais ter de convencer o professor a não te chumbar, mas ele está sempre a dizer que não.

J11 – Leva o coelhinho pedófilo.

P1 – Estão a ver aqueles desenhos animados em que têm um diabo e um anjo a falarem por trás?

T3 – São as outras personagens.

P1 – São as outras personagens! O aluno vai ter um diabo e um anjo e o professor um diabo e um anjo.

J6 – Diabo (apontando para J11) e anjo (apontando para J9), perfeito!

Riem-se.

P2 – Uma menina para cada lado.

T3 – Uma menina para cada lado.

J6 – Ela é o meu diabo (J11).

T3 – Quem é que quer fazer o anjo?

T1 – Quem é que quer fazer o anjo vá? O J6 fica aqui. Agora preciso do diabo (J11). O anjo passa para aquele lado. Vá.

J6 – Quem é que é o meu anjo?

J10 – Eu sou o diabo.

T2 – Ai o J10 é o diabo e a J9 é o anjo.

T3 – A J9 é o anjo.

P1 – Então, o professor vai sempre dizer que não, vai estar o diabo a dizer não, não. Tu vais tentar convencê-lo mas o diabo vai ter sempre que dizer não, não, não, e dar razões para estar a dizer que não. E o anjo vai dizer vá lá, pensa melhor, e vai dar razões para que ele diga que sim. Aqui o anjo... és o anjo ou és o diabo? És o anjo. Então aqui o anjo vai estar a dizer ao aluno... diz assim “Pronto, deixa estar, pensa melhor.” E o diabo vai dizer assim “Não, vais ter de passar!”. Tens de o convencer, está bem? Quando quiserem.

J6 – Então bom dia Carlos, o que é que está aqui a fazer? Na minha hora do almoço... o que é que está aqui a fazer?

J7 – Por favor professor não me chumbe! (com voz de choro)

J6 – Um segundo.

J6 virou-se para trás e riu-se.

J6 – Você descuidou-se na sala, acha que eu vou passar-lhe com essa atitude? Isso é uma atitude muito perturbadora!

J7 – Vá lá, eu estou quase sem negativas!

J6 – Um segundo. É suposto falares! (para J1 – anjo) Eu estou a falar sozinho. Eu às vezes não...

T3 – Está a pensar alto!

P1 – O que tens a dizer o anjo?

T3 – Anjo o que tens a dizer anjo? Anjo?

J1 – (não se percebe)

J6 – Para além disso?

J1 – (não se percebe)

J6 – Não, fala sobre o miúdo!

J1 – O ambiente em casa.

J6 – Ok pronto. É isso, eu tentei muito mas não, não dá.

T3 – Diabo, diabo!

J6 – Diabo fala.

T3 – O que é que tens a dizer?

J11 – Se for com uma miúda, não?

J6 – Ok...

J11 – Uma miúda pá! Uma miúda!

J6 – “Ya” uma miúda. Uma miúda inofensiva que tinha problemas com os pais! E ele fez o quê?

Ele fez o quê? Não ouvi o que tu disseste?

J11 – Espancou.

J6 – Espancou! O que é que tu vais fazer no futuro? O que é que tu vais fazer?

J7 – Então, não tenho culpa, ela chateava-me...

P2 – Vocês os dois também têm de dizer.

T1 – Vá J10, o que dizes?

J10 sussurrou algo a J7.

J7 – Eu para a próxima trago o coelhinho pedófilo!

J6 – Ainda por cima está-me a ameaçar?! Oh filho se eu tivesse uma régua já estavas a levar umas tantas!

J7 – Senhor professor, senhor professor chegue aqui. E que tal vinte e cinco milhões de euros?

J11 – Ele nem um euro tem!

J6 – O que é que o anjinho diz? Você não tem!

J1 – Ele não tem.

J6 – Foi o anjo que disse que você não tem.

J11 – O anjo devia estar a ajudar!

J6 – Eu acho que tenho dois diabos!

T3 – Era isso que eu ia dizer agora! Não sei qual deles é o J1.

J6 – Isso vai ser muito complicado, tenho de pensar bem sobre o assunto. Tem de se pentear melhor? (repetindo o que J1 diz) Tu és o anjo!

Riram-se.

J6 – Tem de se pentear melhor?!

J11 – E comprar óculos de jeito, já agora!

J6 – Você não vê um cu à frente!

T3 – Vá, vá, um professor!

J6 – Ok, é assim...

T3 – Mantém o nível!

J6 – Através das suas notas e classificações eu vejo que o seu comportamento não passa de um...

J1 – E a sua média.

J6 – E a sua média sim, basicamente porque você só teve negativas. Conseguiu tirar positiva a português mas foi por causa que copiou, não copiou trocou o teste com o colega do lado por isso nós ainda fomos simpáticos, mas ouvi dizer que você também assediou a professora de matemática e ela é uma velha com sete gatos em casa, eu não sei o que você viu nela, é perturbador!

J11 – Oito.

T3 – Espera ai, espera ai.

J11 – Olha primeiro é oito gatos.

J6 – Peço imensa desculpa.

J9 – Se calhar devias esforçar-te no próximo ano.

J1 – Tu não estás a ouvir!

J6 – Ah pois é, não estou a ouvir.

T3 – Diabo!

J10 sussurrou algo a J7.

T3 – Insiste vá!

J10 – Mostra quem é que manda!

T3 – Tenta convencer!

J7 – Cheiras mal! (rindo-se)

T3 – Ai, achas que assim que vais conseguir?!

J6 – É assim, eu sou uma pessoa adulta, eu não vou estar a responder para... por... mas é assim se o senhor veio ao gabinete...

J11 – Pára de ser velho! Pára de te armar em velho.

J6 – Em quê?

J11 – Em velho.

J6 – Em quê?

J11 – Velho. Pareces aqueles “stores” que andam assim (gesto de bengala).

J6 – Como é meu! Não podes! Tiveste a matemática! “Coiso”!

T3 – Não, não, não! J11 ele estava a encarnar uma personagem, vá!

J7 – Mas você subornou os outros professores antigamente.

J6 – Não, foi só o professor de físico-química e dois...

J11 – Não era de matemática?

P2 – Então como é que fica, como é que fica? O professor vai passar ou não passa?

J6 – Vou ser lhe sincero. Agora vou-lhe ser sincero. Quem está a falar é o anjo. Eu vou ser sincero. Eu sei que você...

Riram-se.

J11 – Dá-lhe um zero! Dá-lhe um zero!

J6 – Epa tu és o anjo!

P2 – O anjo tem de fazer papel do anjo!

J6 – Tu és assim «Mata-o, mata-o!». É assim, pelo que eu vi, pelo que eu vi, você pode-se ter esforçado ao início, mas no segundo período, terceiro, você teve muitos problemas no comportamento e nas notas e por isso eu não lhe posso. Você talvez possa ir a outros professores e perguntar se pode passar, mas por enquanto, nas minhas disciplinas não lhe vou poder passar.

J7 – Desculpe, você é que criou os problemas!

J6 – Eu estou a ser simpático!

J11 – Ele furou-te um pneu...

J6 – Você furou-me um pneu! Lembrei-me agora não sei porquê!

J7 – O seu pneu está “furadinho”!

J9 – Não insistas.

P2 – Então não vão insistir mais? O aluno não vai insistir mais?

J6 – Eu vou pensar.

J7 – Eu vou chamar os meus vinte e cinco irmãos!

J11 – É cigano! Já vi de onde vêm os óculos! É cigano!

J7 – Os meus vinte e cinco irmãos!

J6 – Mas eu não sou racista!

J7 – Os meus quarenta e cinco primos!

J10 – *What?*

J6 – Esta conversa está a ser perturbadora. É assim, nós vamos no concelho... o seu caso vai para a ata e nós vamos logo decidir.

J11 – Vai para o quê?

J6 – Ata! Não sabes o que é que é? Não sabes o que é ata?

J1 – Continua a insistir! E ele: «Está bem, eu chumbo!».

J9 – Ias acabar por chumbar no próximo ano...

J6 – Finalmente alguém faz o papel de anjo!

J11 – De anjo? «Ias acabar por chumbar no próximo ano»?

J6 – Então, é verdade, está a ser sincera! Está a ser sincera! Então vá...

T3 – Ei! Menos, menos!

J6 – Eu peço imensa desculpa, o meu anjo neste preciso momento está a dar o “treco”! Está a ficar um bocadinho diabo.

J11 – Cala-te lá, que eu quero ir almoçar!

J6 – Então é assim, peço imensa desculpa, acho que não vai funcionar porque... vai ter de ir para a ata, vamos ter que falar muito bem por causa que você fez, teve muitas negativas... e é assim, depois logo decidimos.

P2 – Então agora vamos trocar.

J6 – Andem, vá nós os três.

J7 – Boa boa boa, anda anda!

T1 – Não. Agora oh J3 e J2 vá, vamos lá!

P2 – Mais quatro pessoas vá lá.

T3 – És o diabo, és o diabo de quem da mãe, do pai?

J1 – Ele substitui-me.

J2 – Daquele.

T1 – Eu quero um filho.

T3 – Queres ser diabo do filho é? (para J6)

T1 – A J3 é a mãe e a...

J6 – Eu sou o filho?

J7 – Eu quero ser o diabo!

T3 – Não, aqui calma, calma.

T1 – Nós temos uma mãe, não é? És a mãe? Precisamos de um filho.

J7 – Eu quero o filho!

J6 – Ele agora pode ser o diabo.

T1 – Não.

J11 – Não, eu é sou o diabo. Se for para fazer, eu sou o diabo.

J6 – Então ela é o diabo e eu sou o anjo.

T3 – Calma, calma.

T1 – Não, não, não vão ter os mesmos papéis.

J6 – Então tu és o quê? Ela pode ser a filha. (para J11)

T2 – Tu vais ser o anjo (para J6). Quem é que é o pai?

J11 – É ele (para J1).

T1 – Não, a mãe... a J2 é a mãe. A J3 é a mãe?

J6 – Porquê que eu sou o anjo? Eu acho que faço mal o papel de anjo.

T2 – Então passa para aqui, tu és o anjo (Para J3). Tu és o diabo pronto. (para J7) Para aqui.

P2 – Quem é que é o filho?

T3 – A J2.

T1 – J2 anda cá.

T3 – Vá a J2 é o diabo deste lado.

T1 – A J9 pode ser o filho.

T2 – Anda J9.

P2 – Falta um anjo. Falta um anjo.

T2 – A J11 é o anjo.

J6 – Tu és o anjo?! Eu também sou anjo, é anjo contra anjo.

T1 – Vá!

P1 – Então vá agora é uma situação diferente.

J1 – Ação bora!

P1 – Agora aqui a J9 queria ir a uma festa de anos de uma amiga que acaba às duas da manhã e a mãe não deixa. Tens de convencê-la a deixar, está bem?

T3 – Pronto, e o anjo tem de dizer o quê?

P1 – O anjo vai dizer “Vá lá deixa a tua filha, pensa bem”, mas o diabo diz “Não, não deixes”. O diabo da filha vai dizer “Vá insiste, ela tem de te deixar ir” e o anjo “Vá tens de pensar melhor”, está bem?

T3 – Vá começa. J9!

T1 – J9.

J9 – A... uma amiga convidou-me para ir a uma festa de aniversário só que temos um problema... só acaba às duas da manhã.

J3 – Primeiro, às duas da manhã sabemos lá o que está na rua! Segundo, quem é a amiga?

J9 – Catarina.

J3 – Não gosto dessa rapariga!

J6 – Penseis bem, ela...

Riram-se.

J11 – Ela é maior e vacinada. Tu és maior e vacinada.

J6 – Ela é uma rapariga que precisa de viver o mundo. Penseis... Eu sou um anjo que é Buda! Eu sou um anjo que é Buda! Que é Budista!

J7 – Esse anjo bate mal da carola! Deixa-a ir, ela sabe que não vai dar uma de coelhinho pedófilo e é uma animação!

T1 – Vá, vá, vá!

J2 – Mata-a!

T1 – Oh J2!

T3 – Vá J2 tu sabes pedir as coisas, convence lá. Portanto como é que podes convencer uma mãe?

J2 sussurrou.

T3 – Não, vá!

T1 – Vá, apresenta argumentos!

T3 – Argumentos!

J2 – Ela é maior e vacinada vá!

T3 – Não é nada maior e vacinada!

J11 – É menor e vacinada!

J1 – Queres um chupa-chupa?

J11 – Tu ainda dormes com o teu ursinho, pensa bem no assunto!

T1 – J11!

J9 – Sou menor, mas podem-me ir lá buscar.

J11 – O Tobias! Sabes lá, ela pode ter medo da rua. Não vás, pobrezinha!

J6 – Ela está-se a esforçar para conseguir ir. Ela precisa de também estar a conviver com outras pessoas.

J7 – Eles não estão a ouvir. Ela fala, fala, mas depois vai apanhar o autocarro!

J6 – Importaste? Tenho aqui pessoas que estão a tentar ser calmas e serenas, mas contigo não dá!

T3 – Vá, vá, vá J6!

T1 – Mãe.

T3 – O que é que a mãe diz agora?

J3 – Eu confio em ti, só não confio é nas outras pessoas.

J11 – Diz que vai lá estar a J11 pá. Diz que vai lá estar a J11.

J1 – Tu és diabo?

J6 – Não, sou anjo.

J11 – Mãezinha ouve lá!

P1 – O que é que o diabo tem a dizer?

J2 – Já disse!

J11 – Diz lá que vai lá estar a J11?

J9 – Vai lá estar lá aquela, aquela rapariga, a filha daquela... daquela.

J11 – A J11 pá!

J9 – Uma amiga, a J11.

J6 – Eu acho que devias deixar ir porque epa devias confiar na tua filha...

J7 – Cala a boca!

J6 – Eu espeto-te com a auréola meu!

Riram-se todos.

J6 – Eu espeto-te com a auréola meu! (rindo-se)

J1 – Com o arpão oh! Com o arpão!

J11 – Para ele não é auréola, é coroa!

J1 – O arpão, com o arpão!

J6 – Arpão. “Ya”, dou-te com a harpa que tu até vais ver como é que vais!

J7 – Quem manda aqui sou eu!

J6 – Olha eu mando-te com a harpa e vamos ver como é que é, quem se safa aqui... Tens que confiar. Mesmo que corra mal ela vai aprender e ser melhor pessoa. Ser melhor pessoa.

- T3** – Eu acho que a mãe está a ficar um bocado confusa.
- T3** – “Todas as minhas amigas vão lá estar”, vá, vá!
- J11** – Todas as tuas amigas vão lá estar!
- J6** – Mas ela não é o anjo? Ela não quer que ela vá?
- J11** – “Ya”, eu sou o anjo.
- T1** – Ela quer que ela vá.
- J11** – Ai quer?
- J6** – Não, o anjo não quer que ela vá. Ah!
- J11** – Diz que eu vou lá estar então!
- P2** – O anjo vai dizer “Tens de ouvir a tua mãe, ela tem razão”.
- T1** – Ah!
- J2** – Eu bem disse que não!
- J11** – A tua mãe tem razão, tu vais mas voltas às cinco da manhã.
- T3** – E pode ser perigoso.
- J11** – E pode ser perigoso...
- J1** – Às duas da manhã.
- J7** – Ainda apanhas uma ressaca.
- J9** – Eu posso sair um bocado mais cedo, não tenho problemas com isso.
- J11** – Pode até nem haver drogas.
- J3** – Exato, onde é que é a festa?
- J11** – Como é que se chama a aquela cena do coelho?
- J9** – Na praia.
- T3** – É na praia!
- J6** – Oh filha, vá deixa lá! Eu sei que aconteceu aquela porcaria do Meco mas ela...
- J3** – Não estás a ajudar!
- J7** – A moça ainda vais beber um pouquinho mais e ainda vai... ainda vai...
- J6** – Não vai nada! Confia na tua filha!
- J1** – Tu és o diabo oh puto!
- J11** – Na praia é onde há mais...
- J6** – A tua filha teve cinco!
- J7** – Ela é que sabe, deixa estar!
- T1** – Vá “Tive boas notas”!

J7 – Deixa-a ir.

T3 – Calma, calma!

J9 – Tive boas notas, eu mereço, este ano até portei-me bem. Sabes que eu sou responsável por isso...

J11 – Ela tem razão, eu também não gosto da Catarina!

J3 – Na praia não, não concordo.

J7 – É isso ela teve satisfaz, são muito boas notas. Deixa-a ir agora!

J6 – Eu acho engraçado, porque a mãe e a filha estão a falar a um metro de distância! “Ya” mãe! Está assim.

J11 – Ela tem razão pá! Também não gosto da Catarina.

T1 – Vá, a “Catarina é minha amiga”! Vai vai!

J6 – Tens que confiar na tua filha.

J11 – Roubou-te o namorado pá!

J9 – A Catarina é uma amiga, até... até... conheces aquela, a tua amiga...

J11 – Só te roubou o namorado!

J9 – Que anda na faculdade, que não faz nada de mal!

J6 – Não interessa os outros, pensa na tua filha.

J11 – Só te roubou o namorado!

J7 – Ela... deixa-a ir ela vai arranjar montes de namorados!

J6 – Deixa-a ir? Tu és o diabo, é suposto dizeres para ela não ir!

T1 – Justamente!

J7 – Não, o diabo tem de dizer que ela tem de ir, tu é que tens de dizer as coisas corretas!

J6 – Eu é que digo para ela ir, tu é que dizes para ela não ir!

J7 – Não! Não!

J6 – Ah, ele tem razão! Eu sou o anjo, devia dizer para ela não ir!

T1 – Calma! A mãe quer falar!

T3 – Vamos ouvir a decisão final! Vá J3 diz!

J3 – Tenho uma condição.

T3 – Ok.

J11 – Desde que o J6 não vá, podes ir!

J3 – Só te deixo ir se... se falar com os pais dessa tua amiga... e te derem boleia para casa.

T3 – Com boleia para casa!

J10 – J6 está feito!

P2 – Posso falar?

J6 – Pode! Pode!

J7 – Pode!

P2 – Vai haver um defensor que vai discutir, não é discutir é falar com o *buly*. Vocês sabem o que é que é o *buly*? O professor, ok, vai perguntar “Porquê que fazes isso?” e “Porquê que fazes isso?” e “Tu não podes continuar a fazer isso.” E tem que haver um anjo e um diabo. O anjo do defensor vai dizer... “Ele não pode fazer isso!”, “Ele não pode fazer esse tipo de coisas!”, e o diabo vai dizer “Não queiras saber, não queiras saber, não te metas com ele”. E o do *buly* vai dizer “Ouve, ouve bem as palavras da outra pessoa” e o diabo vai dizer “Anda embora, não quero saber desta conversa”.

T2 – Então vá, tu és o quê? (para J11) Quem agride?

J11 – Não! Eu queria...

J2 – És o anjo! (para J9)

J11 – Não! (a chamar J6) Ele é o meu diabo.

J2 – Não! Ele é o meu diabo!

J6 – Calma!

J7 – Eu quero ser o diabo! Eu sou o diabo.

T2 puxou **J6** para o meio.

J6 – Eu vou ser quem?

T1 – Não, não, o J7 já participou duas vezes agora é o J10.

P2 – J10!

T1 – J10!

J2 – Eu é que sou o defensor.

P2 – Quem é que já participou duas vezes?

J11 – Eu! Posso sair!

J1 – Eu sou o filho do diabo!

T1 – Bora, J1!

J11 – Eu já participei duas vezes!

T3 – Queres sair? J1 és o agressor vá! Vá, vá, vá!

T2 – És o agressor J1!

J2 – Falta-me um anjo!

T2 – Calma. Queres ser o anjo?

J9 – Quero.

J1 – Eu vou matar quem?

J6 – Também não sei.

J2 – Eu sou o defensor.

J11 – Devia de ser ele (J7), ela já foi duas vezes, não foi?

T2 – Já foi muita gente duas vezes.

J11 – Já foste quantas?

J7 – Três.

J11 – Três?! Só fizemos duas vezes!

T2 – Vá, vá lá, comecem!

T3 – Quem é que é o agressor?

J10 – Eu sou o diabo. O que é que o diabo tem de dizer?

J6 – Sempre me disseram que o diabo é sempre muito atraente!

J7 – J6, J6!

J6 – Ela é a que leva?

T1 – Ela... tens de continuar a fazer perguntas, porquê que ele fez isso...

J6 – Ok.

T1 – Oh J2 tu agora tens de perguntar ao J1 porquê que ele agrediu.

T3 – Então vá vamos começar!

T2 – J11 e J7 vocês agora não estão a fazer!

J2 – Porquê que o agrediste?

J1 – Eu não agredi ninguém então?!

T1 – Já agrediste, isto já se passou depois da agressão.

J11 – Já estou no hospital.

J6 – Ela foi agredida.

T1 – Então vá, vá J2.

J6 – Não liguês, coitado ele não bate bem da bola! Vai dar uma volta! Manda-o dar uma volta.

J9 – Pergunta se ele tem algum problema em casa.

J2 – Tens algum problema em casa?

J1 – Não.

J6 – A cara dele já enoja à distância, vai dar uma volta! O rapaz já está morto, já está morto. Isto parece tão mal meu!

P1 – Então anjo e diabo o que é que têm a dizer?

J1 (ouvindo J10) – Vou-me embora?

T3 – Oh J10 é para todos ouvirem!

J6 – “Ya”!

J10 – Porquê que não podes ir?

J1 – Não tenho sítio para onde ir.

J10 – Vai dar um passeio.

J6 – Ele é pobre! Ai que horror!

P2 – E tu J3, o que tens a dizer como anjo? “Ele ouvir as palavras do outro”, não é?

J3 – A...

T3 – “Sabes que não fizeste bem”...

J1 – Fala mulher! O que é que tens para dizer?

J6 – Diz assim...

J1 – Não és tu, é ela!

J6 – Anjo fala vá!

J9 – Pergunta se ele tem algum problema na vida.

J2 – Tens algum problema na vida?

J1 – Não!

Riram-se.

J6 – “Não!” Diz assim, “oh filho tu baixa a bola que eu não sou da tua idade!”.

J1 – Não!

J11 – Mas ela não ouve o anjo e o diabo.

J6 – Diz “Filho baixa a bola, não estou a gostar... da tua atitude”. “Deste porrada no outro deste mas agora só te estou a perguntar porquê!”.

J1 – Pois é, e agora és tu que levas!

J6 – “Dá lá, dá lá!” diz lá, “Parto-lhe a boca!”, bora!

J7 – *Fight, fight, fight, fight!*

J9 – O que é que a outra pessoa lhe fez?

J2 – O que é que a outra pessoa te fez?

J6 saltou fazendo posições de luta.

J2 – Cala-te!

J1 – A outra pessoa é meu irmão calma, estava sempre a tirar... as coisas.

J6 – Era teu irmão?

J10 – É assim mesmo!

J7 – Roubou-lhe as namoradas!

J2 – Fala com os teus pais.

J1 – “Han”, o quê?

J2 – Fala com os teus pais.

J1 – Eu já falei.

T3 – Espera, espera. Calma, diz lá anjo, diz, diz.

J3 – Eu disse que é um bom conselho.

T3 – É um bom conselho!

J2 – Ouviste, é um bom conselho!

J1 – E depois?

J11 – Conselho, então, mas estamos onde?

J9 – Onde é que ele vive?

J2 – Onde é que vives?

J1 – Isso já é muita coisa!

J2 – Foi o que ela perguntou.

Riram-se.

T1 – Então?

J10 – Vai-te embora!

J1 – Só tens isso para dizer? Estás aí à meia hora “Bora”.

J6 – Calma, calma, calma, vai anjo se não ela vai-lhe dar porrada! Eu estou a fazer de?!

J2 – Ficaste triste?

J6 – Olha está na minha hora do almoço, tenho de ir, t-chau!

J11 – *Fight, fight, fight!*

P2 – Temos de definir aqui como é que isto fica. Tens de conseguir perceber porquê que ele fez aquilo. Tens que perceber... tens que inventar ai uma maneira!

J7 – Concentra-te!

J11 – Eu tenho uma pergunta. Então mas ela está a defender e estão a dizer para eles andarem à porrada?

J6 – Porque... ai estou confuso!

J11 – Eu assim *fight*!

J6 – Porque ele disse “Queres levar porrada?” e eu como sou o diabo “Oh amiga não deixes ele falar assim, agora dá-lhe a ele”, bora!

J1 – Também tens de falar com ele. Eu não consigo ver, tu consegues! (para J10)

J2 – Vá vamos! Vá falem. (para J9 e J6)

J11 – Ai, mas o anjo já está sentado?

J1 – Ela já se transformou em pó.

Riram-se.

J11 – Isto é uma injustiça, é preciso o diabo sentar-se para toda a gente se sentar, sinceramente!

J2 – Senta-te! (para J10)

J10 – Posso? Posso-me sentar?

J6 – Posso?

J2 – Xiu! O que é que o teu irmão te fez?

J11 – Roubou-lhe a namorada.

J1 – Não sei.

J11 – Roubou-lhe a namorada.

J1 – Está calada, tu nem sequer estás aqui.

J10 – Está calada!

J1 – Pronto, acabámos, prazer em conhecer-te, adeus, até amanhã!

P2 – Ai ficou assim? Não conseguiste saber?

J2 abanou a cabeça.

J6 – Vá, dá-lhe, força!

J11 – Roubou-lhe a namorada, eu já disse!

J6 – Pergunta-lhe!

J10 – Cala-te oh diabo!

J6 – Vamos ao *fight*, diabo contra diabo!

P2 – Então vamos para outra atividade, pronto então vocês não conseguiram... uma razão.

J2 – Eu sou o anjinho.

T3 – Não não, para ser anjo têm de ficar os dois.

J2 – Oh não!

J11 – Então ia ficar o quê? Um anjo, um diabo.

J6 – Um coelho pedófilo e um pato pedófilo.

P2 – Como é que te chamas?

J7 – J7.

P2 – Vai ali se faz favor J7.

J11 – Eu sou daqui só para avisar. Infelizmente sou daqui!

T3 – Calma. Calma lá! Fiquem “enconstadinhos” aí.

P2 – Então é assim, nesta atividade nós a... vamos trabalhar a distância, as distâncias uns dos outros, ou seja a distância a que vocês ficam confortáveis ou desconfortáveis uns dos outros ok?

J11 – Distância!

P2 – Então é assim nesta primeira vez eu vou mandar...

T3 – Um de cada vez...

P2 – Um de cada vez a aproximar-se, pronto em paralelo da outra pessoa que estiver à frente, ok? E a outra pessoa vai mandar parar quando se sentir desconfortável, ok?

J2 – Olha aí! (para o colega da frente)

T3 – Vá, vá vá.

P2 – Então vá! Um de cada vez, vamos começar.

T3 – J10 avança na direção da J11.

T1 – Da J11.

J11 – Pára!

Riram-se.

J6 – «Pára!» (a imitar J11)

T1 – Agora o J7 pode começar a avançar.

T3 – J7 avança em direção da J2.

J7 avançou até meio.

J6 – Podemos trocar de lugar?

J2 – Pára.

T1 – Agora a J9 avança em direção do J1. Espera, espera, calma, calma.

J1 – Pára.

J9 avançou um pouco mais que J7.

T1 – Agora a J3 pode avançar.

T3 – Vá!

J11 – Ai vai ficar muito perto.

J3 – Ai, eu fico aqui.

J3 avançou para perto de **J6** mas recuou ficando atrás de **J9**, ao mesmo nível de **J7**.

T1 – Então? Vá, avança. Vá! Outra vez! Ele é que manda!

J6 – Vá eu digo para parar! Não te preocupes. Nós temos de ganhar este jogo!

J3 avançou novamente a andar em direção a **J6**.

J6 – Pára.

J3 ficou próxima de **J6** mas ainda numa distância de quarenta centímetros.

P2 – Boa!

T3 – Isto é a distância a que vocês se sentem confortáveis?

J6 – Ganhámos!

J2 – Sim!

J6 – Não!

J11 – Bastante!

P2 – Então agora outra vez, para trás.

J11 – Agora sou eu que tenho de andar, não é?

T3 – Para trás.

P2 – Agora vamos fazer todos ao mesmo tempo.

J2 – Desta vez começam eles.

T3 – Não, não, não. Agora eles vão avançar os quatro ao mesmo tempo na vossa direção.

J11 – Parem, parem já! Parem.

J1 – Vou-te ganhar.

J6 – Eu vou ganhar!

J1 – Eu vou ganhar, olha! Vá bora, eu vou ganhar!

T3 – Vá, um, dois, três, avancem os quatro.

T1 – Um, dois, três!

J7 – Anda! (para **J10**)

J6 – Ganhámos na mesma, ganhámos na mesma!

J11 – Isso é batota.

P2 – Mas vocês estão confortáveis ou desconfortáveis?

J6 – Estamos confortáveis. Espera ai (a encolher a barriga).

T1 – **J3** estás confortável ou desconfortável?

J3 – Desconfortável!

T1 – Então vá.

J6 – Vá chega-te para trás.

T1 – Vai para o sítio onde tu estás confortável.

J3 recua até mais que J9.

J6 – Obrigado, obrigado!

P2 – Agora vocês vão todos para aquele sítio e vocês todos para ali.

T3 – Bora, para ali J2.

Trocaram de lugares.

P2 – Olha J10...

J2 – Eu estou a avisar, com quem eu ficar, eu quero ficar longe! Eu quero ficar com ele.

J1 – Queres ficar com ela?

T3 – Não, não!

P2 – Está tudo?

J6 – Eu quero fêmea! J11 troca comigo, eu quero fêmea!

J1 – Queres uma fêmea?

J6 – Calma. Rapaz não!

T1 – Vamos, já está! Vamos vá, J11!

T3 – J11!

J11 avançou para J9.

J11 – Já chega? Já chega? Está bem, já chega?!

T3 – Vai J2!

T1 – Vá J2!

J2 aproximou-se muito de J3 mas virou-se de lado para ela.

J1 não se mexeu na direção de J10.

J6 avançou para J7, ficando longe.

J6 – Vá xau!

J2 – Ganhámos!

J6 – Nós não ganhámos pá!

J11 – Eu ainda quero ganhar!

T1 – Ninguém está desconfortável agora?

J2 – Eu não.

J11 – Não!

P2 – Não? Então agora voltar tudo.

T3 – Todos ao mesmo tempo vá!

J2 chegou-se muito perto de J3, assim como J6 de J7.

J6 – Diz pára, diz pára!

J11 – Ganhámos!

J6 – Ganhámos nós!

J1 – Os últimos são sempre os primeiros!

J6 – Ganhámos!

P2 – Uma fila de pares outra vez. Só que agora de pares.

Organizaram-se novamente com ajuda de T2.

T3 – Vá um de cada vez. Avança J6!

J6 – Ok meu (parando de andar). Vamos ganhar.

J6 parou perto de J9.

T3 – J1 avança.

J11 – Olha, não me faças andar muito está bem!

J1 – Diz outra vez, diz outra vez.

J11 – Não me faças andar muito.

T3 – Vai! Começa.

T2 – Vá J1!

J1 – Já comecei a andar! (lentamente)

J3 – Pára!

J6 – Ganhámos. Estamos a ganhar!

T1 – J2!

T3 – Vá J2 avança!

J10 – Pára!

Riram-se.

J2 apenas conseguiu dar um passo na direção de J10.

J7 – Pára!

J11 não pôde sair do lugar.

Riram-se.

J6 – Foi muito bom! Grande confiança que vocês têm!

J2 – Eu ganhei-lhe a ela.

T2 – Tens que andar agora tu. (para J11)

J11 – Eu já andei, ele mandou-me parar.

T1 – O J7 mandou-a parar.

T2 – Ai, não ouvi.

J11 – Há uma linha que separa...

Riem-se.

J6 – Fomos nós, ganhámos!

J1 – Está uma pastilha no chão!

P2 – Vamos trocar só mais uma vez.

J11 – É da J2.

P2 – Vocês vão todos para ali outra vez e é a última vez.

Trocaram de lugares.

J11 – O que é que é para fazer?

J6 – Então mas agora... agora não podemos trocar tipo, as pessoas. Umhas pessoas ficam aqui e outras agora vão para ali...

J2 – Eu quero ficar com ela.

J6 – Então bora, bora trocar! Troquem! Vocês vão para ali e outras pessoas ficam aqui.

J1 – “Ya”, vá!

J11 – Eu fico aqui.

J1 – Alguém que vá para ali.

J10 trocou com J1.

T3 – Calma vá.

J11 – Tem de trocar mais... J2 troca!

T3 – Bora.

J6 – “Ya”, troca J2.

T3 – Não, pronto já está vá.

J11 – Não precisas de vir. (para J9)

J9 chegou-se à frente e voltou para o lugar.

J6 – Não vão trocar vocês?

T3 – Não.

J6 – Já fiquei com ela e com ela. Ai, eu vou ficar com o meu filho!

J1 – Isto é assim? Ok, sai!

J7 – Tu és a minha avó!

J6 – Ai pois é!

T3 – Vá. J9 avança.

J9 aproximou-se de J2 e J2 colocou-a ao seu lado.

J2 – Já está.

J11 – Podes andar para trás se quiseres!

J7 – Eu não quero comer a sopa!

P2 – Ela é para estar à tua frente.

J2 colocou J9 à sua frente mas não virada para si.

P2 – Virada para ti. (para J2)

J2 ajudou J9 a virar-se.

J11 – Não precisas de andar muito está bem?

P2 – Sentes-te confortável?

J11 – Podes ficar para trás.

J1 – Ainda não disseste stop?

J11 – Ainda não mandaram andar. Pára! Podes andar para trás se quiseres.

T3 – Vá J7 Bora!

J6 – Pode parar. Vá, não. Pára! Pára! Pára!

J7 percorreu mais de meia distância de J6.

J6 – Está bom!

T1 – J3!

T3 – J3 avança. Vá J3.

J10 – Pára.

J3 deu um passo.

J2 – Ganhámos!

T3 – Boa.

P2 – Foi muito desconfortável?

J6 – O mais desconfortável foi... “ya” foi quando eu estava com ela (J3).

P2 – Pronto agora já se podem sentar.

J11 – Finalmente!

P2 – Pronto, agora gostávamos que falassem um bocadinho...

P1 – Gostávamos...

T2 – Vamos ouvir!

P1 – Gostávamos que cada um falasse sobre o seu desenho, o porquê de terem escolhido certas imagens.

T3 – Apresentassem.

J7 – Eu quero falar!

T1 – Posso só falar um bocadinho da proximidade, posso? O que é que vocês... vocês acharam o quê? Vocês tiveram mais proximidade com algumas pessoas, menos com outras? Porquê? O que é que isso tem a ver?

J11 – Porque ela é minha tropa e ele não.

J6 – Minha tropa!

T1 – O que é isso de ser tua tropa? É porque é rapariga?

J1 – O meu tropa!

J11 – Não.

J7 – É gangue!

T1 – Calma, acham que há diferenças entre rapazes e raparigas?

J11 – Não, eu ia mandá-la ficar ali como ele mas eu fui simpática.

T1 – Então, é em função da simpatia que tu tens com as pessoas, que tu deixas aproximar mais, é isso? Estão todos de acordo?

J9 – É conforme a confiança.

T3 – É conforme a confiança.

T1 – A confiança. A confiança é importante? Olha... olha quais são as relações em que... bem! Quais são as relações que nós temos mais proximidade?

T2 – Olha J9 troca com a J11, está bem? Obrigada.

J9 trocou de lugar com J11.

T1 – Digam lá! Olha há 4 relações em que nós permitimos mais proximidade.

T3 – Quais são?

J11 – Está bom!

T1 – Vá, pensem lá um bocadinho. Quando é que vocês permitem mais proximidade?

J6 – Com a família, com as namoradas e namorados...

T1 – Namoradas e namorados... relações íntimas e mais?

J7 e J6 conversam em paralelo.

J6 – Com amigos.

J7 – Com as idosas!

T1 – E mais? Por exemplo, nós temos aqui desportistas não temos?

J2 – Temos!

J11 – Só se for a mexer no *tablet*, não é?

T1 – Oh J2 diz lá, no desporto existe mais proximidade física também?

J2 concordou com a cabeça.

T1 – No desporto também. E rapazes e raparigas como é que é? Com rapazes é mais fácil a proximidade? Entre raparigas, ou entre rapazes ou entre rapazes e raparigas? Como é que é?

J6 – Conforme!

J1 – Se a rapariga for bonita!

T1 – Mas aí passa para a relação amorosa, mas se não for, se não conheceres assim tão bem?

J6 – As raparigas como são o sexo oposto é um pouco mais complicado mas para mim não, é igual.

T1 – Como é que é para ti J3?

J3 – Eu acho que depende, porque eu tenho muitos amigos meus rapazes e que consigo ter essa confiança.

J1 – Éla!

J11 – Muitos amigos rapazes?

T1 – Mas aí a confiança permite maior proximidade?

J3 – Sim.

T1 – Mas se não conheceres as pessoas, tens mais facilidade com raparigas ou com rapazes?

J3 – Com rapazes.

T1 – E para vocês também? J2 e J11.

J11 – Para mim sim.

T1 – J9 como é que é para ti?

J9 – Estou mais habituada com raparigas mas também me dou com alguns rapazes mas como são poucos é igual.

T3 – E já conheces melhor.

T1 – Mas olha, quando vocês estiveram aqui a fazer o exercício pareceu-me que as raparigas... quando vocês estiveram aqui a fazer o exercício parecia que as raparigas conseguiam ficar mais perto das outras raparigas, ou não? Não acharam? (silêncio)

T3 – Vá meninas, meninas!

T1 – Parece que está a ser difícil falarmos sobre isto.

J2 – Não!

T1 – Vocês estão um bocadinho distraídos, pouco focados. Ok (fazendo sinal a P2).

J2 – Não.

T1 – Vá J7, vá, vai ali apresentar.

T2 – Vamos ouvir! Vamos ouvir!

T3 – Vá, vá!

J7 – A maioria das coisas foi tudo ao calhas.

J11 – Fui eu que pus a moça, só para avisar.

T3 – Ok.

J7 – O azeite galo! As batatas ficam mal sem o azeite.

J6 – Onde é que está o azeite?

J7 – Tive a explicar!

J1 – É verdade vocês provaram a batata frita com azeite? Aquelas de pacote.

J7 – Foi tudo ao calhas!

P2 – Não puseste nada de propósito? Foi tudo ao calhas?

J2 – E os ténis?

P2 – Tudo?

T3 – E a cara que tu desenhaste?

J7 – Tudo menos o azeite!

P2 – Então porque é que puseste o azeite?

J7 – Porque batatas sem azeite não ficam bem.

T3 – Oh J7? Oh J7! Tens duas imagens de *surf*, porquê?

J7 – Não sei porquê.

J11 – Porque tinha água. Ele para comer as batatas com azeite precisa de beber água!

T3 – Logo dois carros. Um carro.

J6 – Aquilo dá uma história! Ele encontrou uma rapariga italiana que gostava de azeite com batatas e depois comprou um relógio novo, partiu-se, comprou outro, foi fazer *surf*, ganhou dinheiro e comprou uns ténis!

J11 – Não foi fazer *surf*, foi buscar água!

P2 – E a tua cara?

T3 – Oh J7, e a tua cara? Porquê que tu desenhaste a tua cara assim?

J6 – Ele já tem bigode! Ele já tem bigode!

J1 – Já tens barba?

J7 – Infelizmente... O J6!

J6 – O mais engraçado é que ele tem pêlos a sair do nariz.

Riram-se.

J7 – Inspirei-me no J6!

P2 – Estavas a olhar para onde? Estavas a olhar para o relógio?

J7 – Vi o relógio e depois pensei ah... e depois comecei a colar.

P2 – Não tens mais nada a dizer?

Riram-se.

P2 – J7, não queres dizer mais nada, J7?

T3 – Não queres dizer mais nada J7? J11!

J11 – Não preciso.

T3 – Vá, vá lá! Quarenta *tablets*, porquê?

J11 – Não são quarenta. São só três.

J2 – Quatro!

J11 – Três.

J1 – Três.

J11 – Onde é que tu vês o quatro, sua burra?

J6 – Um E.T. a fazer *surf*?

T3 – Vá!

T2 – Vamos ouvir a J11!

J1 – Isso é ela a fazer *surf*!

T2 – Oh J1...

T3 – J1 vamos deixar a J11 apresentar e depois já falam.

J6 – Vá lá, deixem ela falar.

T3 – J7 vá, já apresentaste o teu. J11 vá, fala, sobre o teu. Apresenta o teu desenho!

J11 – É uma sereia.

Riram-se.

T3 – Uma sereia...

J11 – Não, estou a brincar! O *alien* eu baseei-me no coelho. Fui ele que me deu essa banda desenhada.

J6 – Estou a gostar de ouvir isso (com voz de choro).

T3 – E porquê que escreveste ali o “Google” e o “YouTube”?

J11 – Eu vou ser dona disso tudo.

T3 – Queres ser dona do “YouTube” e do “Google”.

J11 – Aquele foto que tem o cão é por causa da cadeira.

J6 – É tudo *business, business!*

T3 – Ok! É por causa da cadeira...

J6 – É por causa da cadeira?!

Riram-se.

J6 – Eu a pensar que era o cão e ela «É a cadeira», «Parede, gosto de ver a parede».

J11 – O cortinado também. Os *tablets* é sinal que sou rica.

J1 – E a mala?

T3 – Ser dona do “YouTube” e do “Google”... hás de gostar muito de *tablets* e de coisas do género.

J11 – Não, aqueles dois *tablets* é isso. Aquele ali é porque eu sou desportiva. A mala é porque eu vou de viagem a Espanha. A minha viagem de sonho.

P2 – Então porquê que escolheste o mar na imagem?

J11 – Porque tem água.

P2 – Gostas de água?

J11 – Gosto. E relógio é porque eu gosto de relógios.

J6 – Onde é que está o relógio? Ah ok!

J11 – A cara foi baseada no coelho.

P2 – O que é que tem de baixo do relógio? Tão pequenino que eu não consigo ver daqui.

J6 – O “Google” e o “YouTube”.

P2 – Ah ok ok.

J11 – Aquela marca ali eu pus mas não sei bem do que é que é.

T3 – É a “QuikSilver”.

J6 – Ela nem sabe (rindo-se). “Granda” marca, não sei de onde!

J11 – Estava numa camisola.

T3 – Pronto.

J6 – Agora o meu grande amigo J10! Isto não faz sentido...

T3 – Vá J10! Aproxima-te!

T1 – Vai, vai, vai!

J10 levanta-se.

J10 – É só este e este.

T3 – Mas as outras também escolheste por algum motivo?

T2 – J10?

T3 – Apresenta lá!

T2 – Vamos ouvir o J10!

J10 – Esta e esta, estas não fazem sentido, pronto!

J6 – Oh filho não fazem?

J2 – Eu adoro o Cristiano!

J10 – Pronto!

T3 – Vá, pronto, o Cristiano Ronaldo, porquê?

J10 – Porque é o meu jogador favorito.

T3 – Porque é o teu jogador favorito.

J10 – E gosto de cavalos.

T3 – E gostas de cavalos.

J11 – Gostas de cavalos? Sim?

Riram-se.

J1 – Os cavalos...

J6 – Cavalo pedófilo, próxima invenção!

T3 – Vá!

J11 – Mas não é cor de rosa.

T3 – E depois meteste duas miúdas giras.

J10 – As miúdas não quero falar (fugindo para o seu lugar).

T3 – As raparigas não queres falar.

J6 – É uma coisa masculina, pessoal.

J7 – Posso só explicar uma coisa? Essas raparigas eram para ir para ir para o meu desenho mas ele...

J6 – Já tens tanta coisa! Deixa o rapaz divertir-se!

J11 – Ele gostou do chão naquela imagem e depois na outra gostou ali da espuma. Está feito!

J6 – Talvez a primeira ela tinha um fato de banho igual e ele achou interessante.

P2 – Então porquê que estás com a língua de fora?

J11 – Quem é que está com a língua de fora?

J6 – Com a língua de fora?

P2 – Foi ao calhas?

J11 – Ah ali!

Riram-se.

J6 – Ok, isso já não sei explicar! Isso já não sei explicar! Estragaste-a toda!

J11 – Ele estava a comer um gelado.

J6 – Estava a comer um gelado de necessidades de cavalo.

J1 – E depois ele fez assim...

J11 – E ficou preguiçoso e o gelado caiu para trás.

J1 – Está a comer gelado e “Que horas são?”.

T2 – J10! J10 queres dizer mais alguma coisa?

T3 – Queres dizer mais alguma coisa J10? J9 vem cá.

J9 levantou-se para apresentar a sua colagem.

J6 – Vai J9! Ai toda a gente tem cavalos e camelos e tudo.

J11 – Nem toda a gente.

T3 – Anda aqui para este lado que é mais fácil. Então espera, vamos ouvir!

T2 – Vamos ouvir a J9!

T3 – J7 menos! Vá menos, menos!

T2 – Oh J2!

T3 – Então pronto!

J9 – Adoro relógios.

T3 – Adoras relógios.

J11 – Da idade da pedra!

J9 – Animais.

T3 – Animais...

P2 – Vá meninas deixem lá ouvir!

J11 – E aquela sanita ali é o quê?

J6 – É uma sanita?

J11 – Não, em cima.

P2 – Deixem-na explicar, ela vai dizer tudo.

J9 – Gosto de gastronomia portuguesa.

- T3** – Gostas de gastronomia portuguesa sim.
- J9** – Sempre quis ter um carro assim familiar.
- T3** – Ok.
- J9** – A... gosto muito da paisagem do deserto. Gosto de mistura de cores.
- T3** – Ok.
- J9** – Gostava de ser *designer*.
- T3** – Gostavas de ser *designer*.
- J6** – Coelhoinho pedófilo.
- T3** – Vocês não ouvem nada.
- J2** – Ela vai falar da sanita!
- J1** – É interessante! Ai eu sou o último, a sério.
- J9** – Gosto muito de móveis...
- P2** – Meninos deixem ouvir. Eu não estou a ouvir daqui.
- J9** – É um lavatório e dá... é...
- J6** – É um lavatório e uma sanita ao mesmo tempo.
- J9** – Uma pessoa... uma pessoa solteira que passe a maior do tempo no seu escritório fora...
- T3** – Sim... E tem uma casa-de-banho pequena.
- J9** – E pode ter uma casa pequena ou um apartamento e pode estar tudo encaixado.
- J11** – Está na sanita e está a escrever!
- Riram-se.**
- T3** – Não, ela gostava de ser *designer* então...
- J11** – Ah ela gostavas de desenhar...
- T3** – Móveis.
- J11** – Ah não... ela gostava de desenhar em móveis super...
- J2** – Cala-te J11.
- J11** – Ela vai estar no móvel a desenhar, está na casa-de-banho... (rindo-se)
- T3** – Gostavas de trabalhar no “Ikea”.
- J9** – E gosto de desenhar...
- P2** – Então e aquela coisa pequenina lá em baixo?
- J9** – Eu gosto de animais e de plantas.
- J11** – E gostas de tocar violino?
- J9** – Não, eu gosto de música, especialmente de música clássica.

J11 – E os ténis?

J6 – Ela “Os ténis? Fala! Fala!” (rindo-se)

J9 – Eu...

J1 – Tipo o cabelo...

T3 – J1 calma!

J9 – Não gosto de roupas normal assim como a gente vê, gosto daquelas roupas...

T3 – Sim.

J9 – Não devias falar isso assim vestida.

J1 – J6? J6? O cavalo está assim tipo com o cabelo...

T3 – Ok, agora J2. J2!

J6 – Então vá, ela tem ali um cão! Estou a ser muito interessante.

J1 – Então ela gostava de ser feia.

T3 – Não!

J6 – Quem é que é esta J2?

J11 – É ela! Estás bem J6? Não chores?

T2 – J2?

P2 – Agora é a J2.

T2 – J2 anda para ali, vá lá.

J2 – Não, eu estou a ver bem, estou a ver bem.

T3 – Apresenta lá o teu desenho vá.

J2 – Então...

T3 – Porquê que escolheste o relógio?

T1 – Olhem vamos ouvir.

J2 – Porque gosto de relógios.

T3 – Gostas de relógios ok. E porquê que puseste aquela imagem ali no centro?

J2 – Era para fazer o “coiso”... (fazendo gestos)

T3 – Então era para fazer o batimento do coração, encontraste e era para representar o batimento do coração, mas tem um carro também, queres ter um carro? Mais, mais coisas.

J2 – Gosto de animais.

T3 – Gostas de animais.

J2 – Gosto de dormir.

T3 – Gostas de dormir, isso toda a gente gosta.

J7 – Isso toda a gente gosta.

T3 – E aquela cara?

J2 – Era para meter uma cara.

T3 – Era para meter uma cara... Mais alguma coisa que tu queiras falar sobre o teu desenho?

J2 – Não.

J1 – Resumidamente...

J11 – Estás à frente. (para J2)

J1 – Apareceu uma cobra, matou-me e eu fiquei com os olhos em cruces.

T3 – Não, vá J1!

J1 – Não, é verdade.

P1 – Porquê uma cobra?

J1 – Porque me matou.

P2 – Puseste a cobra porquê? Não puseste mais nada?

J2 – Não puseste uma sanita pública.

J6 – Vou pensar no meu... o meu está bué lindo! Está bué... simples! Está bué... criativo! Eu quis sentir a... arquitetura moderna, o liso e mais nada.

J11 – Mas porquê que escolheste aquela posição J6? E porquê que escreveste J6 e só depois é que puseste o U?

J6 – Porque eu estava a escrever e depois olhei para o lado e esqueci-me de pôr o u, tenho pessoas que possam comprovar.

J2 – J6 eu tenho uma dúvida.

J7 – J6 eu também tenho uma dúvida, porquê que fizeste uma sanita.

J2 – Então? Eu também ia dizer isso! Porquê que fizeste uma sanita?

J6 – Porque eu sempre gostei muito de fazer cenas.

J7 – Ir à casa-de-banho!

J6 – Se não houver sanitas eu morria infeliz.

J1 – Fazias as necessidades no mato grosso.

J11 – Fazias para um balde.

J6 – Oh meu deus.

P2 – Então pronto meninos a sessão acaba aqui mas faltam algumas coisas. Eu gostava de saber a vossa opinião acerca de hoje, o que é que vocês acharam.

J11 – Deu para rir.

T3 – O que é que gostaram mais?

J2 – Eu gostei mais...

J1 – Aquele que tinha um furo no meio.

P2 – O paraquedas.

T3 – Qual foi a atividade que gostaram mais? O paraquedas, o teatro?

J6 – Do teatro, o teatro, o teatro!

J7 – Eu gostei de ser o aluno!

T3 – Gostaste de ser o aluno.

J1 – Eu gostei de ser um diabo, na realidade fui um anjo e um diabo.

J11 – Eu gostei de ser o diabo!

T3 – Gostaram...

J11 – E o anjo, e as partes em que estive sentada.

J6 – O preferível foi o teatro.

T3 – E o exercício da proximidade, também foi assim?

J11 – Foi aquele em que J1 “Pára!”.

P2 – E o que é que gostaram menos?

P1 – O que é que não se sentiram confortáveis a fazer?

J11 – Falar sobre o meu desenho.

J6 – Eu acho que foi o da aproximação.

P2 – J9 o que é que achaste? O que é que é mais difícil? Mais difícil.

T3 – O que é que foi mais difícil? E o que é que foi mais fácil, o que é que gostaste mais?

J9 – Apresentar o meu desenho.

T3 – Apresentar o teu desenho.

P2 – E tu J3, o que é que achaste?

T3 – Ai, vamos ouvir! J7! J1! J6!

Sessão 9

J6 – Foi bué louco o do diabo e o do anjinho. Foi bué louco!

T1 – Sim, na semana passada fizemos o diabo e o anjinho mas hoje vamos fazer outras coisas. E vão fazer outras coisas com a P3 e com a P4.

J6 – Já estou com medo!

T1 – Nós estamos aqui só para o caso de sermos necessárias. Ok?

J11 – Só para filmar!

O1 – Só para filmar!

T1 – Só para a prateleira J11!

J6 – Olá mãe!

P4 – Então cada um de vocês vai-se sentar, é só uma ideia, só para não se sentarem no chão já, porque ouvi dizer que não há cadeiras, que estavam um bocadinho...

J11 – Pois é, não há cadeiras.

J6 – Pobres!

P4 – Então vá, se puderem sentar-se assim mais ou menos numa roda, pode ser?

J6 – Mas é para abrirmos?

P4 – Não, não, não! Não abram!

P3 – Não abram agora.

P4 – Não é precisam mas...

P3 – É só sentar assim.

P4 – Se quiserem pousem as vossas malas, telemóveis...

J6 – Não trouxe o meu telemóvel, desculpem! Vou ter saudades suas!

P3 – Está tudo confortável?

P4 – Olhem! E então vocês sabem os nossos nomes, mas nós não sabemos os vossos nomes, está bem?

J11 – Pode começar aquele lado.

P4 – Pode começar aquele lado, sim senhora! Se ele não se importar. Então, podemos começar... vamos, íamos pedir que cada um dissesse o seu nome, nós também vamos dizer, obviamente, e digam uma coisa que vocês gostam. Qualquer coisa. O que quer que seja.

P3 – Uma coisa que gostem.

P4 – Está bem? Vamos começar pela P3.

P3 – O meu nome é P3, como já perceberam e gosto de... nadar.

J10 – J10 e gosto de futebol.

J1 – J1 e gosto de desporto.

J6 – J6 e...

J11 – Gostas do coelhinho pedófilo.

J6 – Gosto do coelhinho pedófilo... (baixinho)

P3 – Gostas do?

J6 – De uma personagem... É uma personagem inventada nossa aqui...

P3 – Ah!

P4 – E esse segredo, o nome da personagem...

J6 – É um coelhinho... é coelhinho, é coelhinho.

J11 – É um coelhinho... inofensivo...

J5 – É um coelhinho pedófilo. Eu faço isso na escola.

J6 – Ah “ya”, ela não esteve cá.

J5 – Mas eu sei porque eu faço isso na escola.

J6 – Fazes isso na escola?

J5 – “Ya”, coelhinho pedófilo.

J6 – Já é famoso, já é famoso! Estás a ver!

J11 – Não sabia que se fazia isso.

P4 – Ok, vocês a seguir vão explicando melhor.

J6 – Você vai perceber, ao longo da conversa.

J9 – J9.

P4 – A J9...

J9 – Gosto de arte.

P4 – Arte muito bem.

J3 – Chamo-me J3 e gosto de estar com os meus amigos.

J2 – Chamo-me J2 e gosto de dormir.

Riram-se.

J11 – Ai imitaste-me, agora vou ter de mudar!

P4 – Não! Podes também gostar de dormir.

J11 – Não eu mudo.

J5 – Chamo-me J5 e gosto de tocar instrumentos.

J11 – Chamo-me J11 e gosto de estar sentada.

P3 – Muito bem.

P4 – Eu chamo-me P4 e gosto muito de praia!

J11 – Gosto do telefone dele também. (J6)

P3 – Estamos em boa altura para praia, para nadar e afins.

P4 – Se calhar agora aqui para descobrir, para nós para tentarmos descobrir um bocadinho mais sobre vocês a... íamos propor outra coisa, pode ser? Antes de... para continuarmos aqui sentados,

para não nos começarmos já mexer, a... íamos pedir que vocês pensassem assim muito rapidamente num tique. Vocês sabem o que é que são tiques?

J11 – Hum!

P4 – Ali a J2 está ali a olhar assim muito...

P3 – Pequenos jeitos.

J11 – J2! Está sempre a rir! Supostamente num teatro é para chorar, está a rir!

J6 – “Ya”, “ya”, está sempre virada para um canto...

P4 – Vocês já se conhecem suficientemente bem para discutirem os tiques uns dos outros.

J6 – Ela é tipo...

P3 – Ok!

P4 – Então se calhar o que íamos pedir, para complicar isto um bocadinho, vi logo que era uma coisa fácil, eu agora começo por mim!

P3 – Ai, eu fico sempre por ti!

P4 – A questão é que os tiques são contagiosos, os tiques. Não sei se estão a perceber o que vai acontecer. A P3 vai dizer o tique dela e de repente o?

Todos em conjunto – J10!

P4 – O J10, ai meu deus!

P3 – Os nomes!

P4 – O J10 vai de repente ficar com o tique da P3 também. Vai ter que dizer “O meu nome é J10 o meu tique é?” faz o tique da P3 e faz o tique dele.

P3 – E faz o dele!

P4 – Depois vem...

J5 – Eu não consigo fazer o meu tique!

J11 – O meu tique é estar sentada...

P4 – Isto depois corre melhor! J1 vais ficar com o tique da P3 e do J10 e assim sucessivamente.

P3 – Mas também acrescentas o teu.

J6 – Se nós não tivermos o nosso?

P3 – Se não tiveres tique podes inventar, está bem.

J11 – O meu vai ser estar sentada.

P4 – A questão é que vais ficando contagiado com os tiques dos outros.

P3 – Pode ser uma coisa real. Pode ser realmente que tenham na vossa expressão ou então inventam, está bem?

J11 – Eu invento. O meu tique é estar sentada!

P3 – Fazem como quiserem.

P4 – Então vá P3.

P3 – Começo?

P4 – Pronto!

P3 – Então... o meu nome é P3, novamente! E o meu tique é... este! (coçando a cabeça).

J1 – Coça, coça, coça.

J10 – O meu é sempre bater o pé.

P3 – E? Falta um antes.

P4 – Tens de ir juntando.

P3 – J10? É contagioso.

J11 – Então ele vai ter de fazer... o meu...

J6 – Ei!

P4 – Pediste para começar por daquele!

J6 – A J11 vai ficar (mexendo o corpo)! A ter um ataque epilético.

P3 – Então vá, ok!

J1 – Eu sou o J1 e o meu tique é...

P4 – Podes começar pelo da P3 que é fácil.

P3 – Começa pelo primeiro.

T2 – O da P3, a seguir o do J10...

J1 – É coçar a cabeça, é bater com o pé e mais...

P4 – Bate o pé, então?!

P3 – É para fazer!

J1 – Eh! Bate o pé então! (para J10)

P4 – Só tu.

P3 – Não, não, isto agora vai sendo contagioso mas fica só na pessoa.

J1 – Pareço um macaco!

P4 – Faz um tique de cada vez.

P3 – Mas é um de cada vez. Este e este.

J11 – Metes a mão na cabeça...

J6 – Uma mão na cabeça... (cantando)

J1 – Pronto! É um assim. (fazendo uma pose desajeitada)

J6 – Eu não vou fazer isso! Eu não vou fazer isso.

P4 – Vai, bora!

J6 – O meu nome é J6 e o meu tique, como é que era?

P3 – Começa do início.

J11 – Coçar a cabeça, bater com o pé...

J6 – “Oshanti”! Têm de dizer “Oshanti”. “Oshanti”!

P4 – Muito bem.

P3 – A seguir.

J6 – Desculpa! (para J9)

P3 – Isto vai ficando difícil, vai ficando difícil!

J9 – Chamo-me J9, o meu tique é coçar a cabeça, bater o pé, pôr a língua de fora...

J6 – E agora?

J9 – “Oshanti”.

Riram-se.

J9 – E mexer no cabelo.

P3 – Ok!

J6 – Eu estou a imaginar a J11 a ter tipo um ataque epilético.

P4 – Diz só o teu nome outra vez, desculpa. És a?

J3 – J3.

J11 – Outra vez?!

J3 – Gosto de coçar o piolho.

J6 – Coçar o piolho!

J3 – Depois?

J2 – Bater o pé.

J3 – Bater o pé, mais?

J11 – Estás a ofender...

J3 pôs a língua de fora.

J3 – “Oshanti”!

J6 – Oh, lindo, lindo!

P3 – E?

J3 – Mexer no cabelo e... a... roer as unhas.

J11 – Eh! Eu não vou roer as unhas, então?!

P4 – J2.

J2 – O meu nome é J2 (fazendo todos os gestos.)

P4 – Falta o dela. Já roeste as unhas?

J2 – Ai não, espera! (fingindo que rói as unhas)

J6 – O tique dela, sempre, sempre!

J11 – Pronto, não te esqueças de rir!

J6 – Estás suja ai.

J2 – Eu sei.

P4 – J6 agora é a J5, vamos ouvir a J5.

J5 – Eu sou a J5 (fazendo todos os tiques). E o meu tique é bater o pé descontroladamente.

P4 – Ai meu deus, que isso é difícil.

J11 – O meu tique é passar...

P4 – Como é que te chamas?

J11 – J11, o meu tique é passar...

P4 – Espera mas tens de começar a...

P3 – Começa do início!

J11 – Ai!

J2 – Coça a cabeça...

J6 – Já estás!

J2 – Coça a cabeça, bate o pé, língua de fora...

J6 – Olha a J2 ajuda.

P4 – Coça a cabeça.

J2 – Coça a cabeça, bate o pé...

P4 – Espera, espera.

J2 – Língua de fora.

J11 – Não vou fazer isso.

J2 – “Oshanti”!

J11 – Qualquer coisa assim...

J6 – Não, não! Tens de dizer, tens de dizer! Diz, tens de dizer “Oshanti”!

J2 – Mexe no cabelo.

J1 – “Oshantéri”!

J11 – Não vou roer as unhas! O dela era o quê? Era bater o pé descontroladamente. O meu tique é estar sentada (abanando o corpo).

P4 abanou também o corpo.

P4 – Fazes assim? (abanando o corpo)

J11 – Não, é só estar sentada.

P4 – É só estar sentada, muito bem. Então eu sou a P4 e o meu tique é (coça a cabeça).

J11 – Coçar a cabeça, bater o pé.

J2 – Língua de fora.

P4 – Duvidam que eu seja capaz. (restantes gestos) E agora... pode ser estalar o dedo. E portanto agora...

J11 – Não, ela também devia de fazer.

J6 – Já fez.

P4 – Era isso que eu ia propor, agora de repente...

J2 – Ela tem de fazer tudo!

P4 – Mas coitadinha, pode não ser capaz, então o que eu ia propor, é que nós todos agora de repente fizéssemos todos.

P3 – Vamos fazer todos.

P4 – Fazemos todos ao mesmo tempo, o da P3. A J2 é uma boa, um bom ponto, quando nós não sabemos vamos olhar para ela que ela já os decorou todos!

J6 – Sim, ela não se cala, está sempre a dizer «É com o pé, é...».

P4 – Vamos olhar para ela que ela ajuda-nos, não é? Portanto, começamos aqui pelo da **P3**, vamos para o do J10 e assim sucessivamente, certo? Até chegar ao meu, combinado? Um, dois, três e?

Fizeram os tiques todos em conjunto.

P4 – Muito bem.

P3 – Ai correu bem!

J11 – Falta os estalinhos. Ninguém fez!

J2 – Eu fiz!

P4 – Vá fazemos todos, está bom? Certo? Agora vamo-nos pôr em pé, podem deixar os colchões assim ao cantinho. Vamos encostar o...

P3 – Vamos fazer um jogo para despertar, pode ser?

P4 – Vamos despertar um bocadinho, porque a J11 está a precisar de despertar. Então agora como estamos no verão, vocês sabem que há ai muitos mosquitos ai pelo ar e umas melgas.

J1 – Pois, dá para ver.

J5 – Há dois meses que não vejo mosquitos.

P4 – Não vês mosquitos?

J5 – Há dois meses.

P4 – Ai é? Que sorte! Mas olha agora aqui na sala há aqui um mosquito... há aqui um mosquito que anda a pairar de cabeça em cabeça, certo? Mas tem uma ordem, se ele começar aqui na P3... Posso J6? Se começar aqui na P3 o mosquito depois ele vai saltando de cabeça em cabeça. Mas é um mosquito que chateia muito portanto, então nós vamos tentar tirar o mosquito da cabeça da P3.

J2 – Ai!

P4 – Temos de tentar apanhar, só que ele é muito saltitão. Então como é que vamos fazer? Eu e o J10, certo? Para tentarmos tirar o mosquito da cabeça da P3, J10 tens de tirar as mãos dos bolsos, temos de bater uma palma, por cima, duas palmas por cima da cabeça da P3.

J11 – Cuidado não batam na cabeça.

Riram-se.

P4 – Mas a P3, para não levar duas chapadas não é, uma de cada lado...

P3 – Para não correr riscos.

P4 – Para não correr riscos tem de se baixar.

P3 – Ok?

P4 – Certo?

J11 – Parece um sapo.

P4 – Parece um sapo, pode ser. J10 queres experimentar?

J10 – Eu?

P4 – Sim. Anda lá, bora!

P3 – Vai. Um...

P4 – Dois, três, mosquito!

Bateram as palmas P4 e J10.

P4 – Está? Só que agora o mosquito saltou para a cabeça do J10. Então a P3 e o J1 vão ter de tentar matá-lo.

P3 – Um, dois, três!

Bateram as palmas P3 e J1.

P4 – E agora de repente vocês não são muito bons apanhadores de mosquitos...

P3 – Foi para a cabeça do J1!

J6 – Estás tão feito!

P4 – J10 e J6 bora! Um, dois, três.

Bateram as palmas J10 e J6.

J6 – Já foste!

P3 – E o mosquito já saltou! A J9 e o J1!

J6 – Ela é muito pequena!

P3 – Um, dois, três!

P4 – J10 e J6 bora! Um, dois, três.

Bateram as palmas J1 e J9.

J6 – Oh *god!*

P3 – Já está na J9!

P4 – Rápido J3! Bora!

Bateram as palmas e J6 e J3.

P3 – Já passou!

P4 – Agora para a J3! Vá!

J2 bateu a palma sozinha.

P4 – J9!

J9 – Ai!

P4 – Baixa, um, dois, três outra vez!

Bateram as palmas J9 e J2.

P3 – Já passou!

P4 – Certo, está na cabeça da J2.

P3 – Ok.

J1 – Tipo quem é que vai matar um mosquito assim?

P4 – Está na J5!

Batem as palmas J2 e J11.

J11 – Isto é ridículo.

Riram-se.**Bateram as palmas J5 e P4.**

P4 – Um, dois, três, mosquito. Rápido J11!

Bateram as palmas J11 e P3.

P4 – E agora foi para a P3! Bora!

Bateram as palmas J10 e P4.

Bateram as palmas J1 e P3.

Bateram as palmas J6 e J10.

J6 – Ai!

Bateram as palmas J9 e J1.

P3 – Bora, bora!

J6 – Oh *god!*

Bateram as palmas J6 e J3.

Bateram as palmas J9 e J2.

Bateram as palmas J3 e J5.

Bateram as palmas J2 e J11.

Bateram as palmas J5 e P4.

Bateram as palmas P3 e J11.

Bateram as palmas P4 e J10.

Bateram as palmas P3 e J1.

Bateram as palmas J10 e J6.

Bateram as palmas J1 e J9.

P4 – Já perceberam, mais ou menos? Podemos jogar agora a sério?

J11 – Não! Já jogamos a sério!

P4 – Uma vez a sério, pode ser?

P3 – Tentar fazer uma volta.

P4 – Pode ser? Vai começar onde?

P3 – Onde é que vai pousar o mosquito?

P4 – Está na cabeça do J6?

P3 – Ok.

P4 – E vai por ali à mesma? É melhor.

J6 – Não, não, não, vou levar chapada pois é.

P4 – Um, dois, três está na cabeça do J6 começou!

Bateram as palmas J1 e J9.

P4 – J9!

P3 – Siga!

P4 – J9!

Bateram as palmas J6 e J3.

P4 – Bora!

Bateram as palmas J9 e J2.

P3 – Isso!

Bateram as palmas J3 e J5.

P3 – Boa!

Bateram as palmas J2 e J11.

Bateram as palmas J5 e P4.

Bateram as palmas P3 e J11.

Bateram as palmas P4 e J10.

Bateram as palmas J1 e P3.

J6 bateu sozinho.

P4 – J10!

J10 – Ai tem mais calma.

J11 – Estamos a fazer música!

J6 – Eu estou baralhado!

J11 – Não estragues tudo!

Bateram as palmas J6 e J3.

P4 – Então vá, muito bem.

J6 – Já morreu!

P4 – Já morreu, isso mesmo! Então vá e agora...

J11 – E sou a única que fico sem assento?

P4 – Achas?! Nós não tratamos de... injustiças.

P3 – Ok, eu posso explicar um bocadinho?

P4 – Oh J2 posso só?

P3 – Então, a ideia é aproveitando agora este despertar que a gente possa usar um bocadinho mais a sala, pode ser? E nós vamos pedir que possamos, andar, só isso.

J11 – Outra vez?

P3 – Cada um pode correr como quiser.

J11 – Vamos ter que andar outra vez! Andem dispersamente e a gente andava à roda!

J6 – “Ya”!

P3 – A ideia é ocupar o máximo de espaços na sala, todos os espaços que virem vazios vão ocupar. Mas sempre a andar, sempre a andar!

J6 – Toda a gente teve o mesmo pensamento.

P3 – Ocupar espaços. Há imenso espaço no centro da sala!

J11 – Eu fico no centro, vá já podem.

J6 – Oh *god!*

P3 – Olhem e vamos tentar andar um bocadinho mais depressa.

J11 – Vamos J2!

P3 – Um bocadinho mais depressa.

J11 – Esperem aí que eu vou-me meter com esta.

P3 – E vamos tentar... olhem vamos tentar não andar nada aos círculos, ir ocupando vários espaços.

J11 – Epa é mesmo assim.

J6 – Vou fazer um quadrado!

P3 – E tentar andar um bocadinho mais depressa mas sem tocar em ninguém.

J11 – Não posso! (desviando-se de todos)

J6 – Na, na, na, na, na!

P3 – Sem tocar em ninguém. Um bocadinho mais depressa sem tocar em ninguém.

J11 – Opa porquê que vocês vêm sempre à minha frente?

P3 – Olha como se estivéssemos assim um bocadinho atrasados para ir para qualquer lado.

J11 – Estou atrasada para me ir embora!

J6 – O meu filho nasceu, o meu filho nasceu! Tenho que ir!

J2 – Ai!

P3 – Ok, e vamos diminuindo, diminuindo, diminuindo, diminuindo, diminuindo a velocidade.

J11 – Eu vou tipo em câmara lenta.

J5 – *Slow motion.*

J11 – Estes estão a andar à roda vamos! Na, na, na, na, na.

P3 – Tentando imaginar que estamos numa praia que a areia está muito quente.

J11 – Eu gosto de areia quente.

J6 – Não gosto nada!

P3 – Quente, quente, quente, quente, quente, quente!

J11 – Então mas tu a pões o pé na areia enterra um bocado.

J1 – Então vou para a água.

J6 – Não estragues!

P3 – Então e pensando um bocadinho como é que nós andaríamos se estivesse assim muito frio, muito frio...

J11 – Ah, muito frio, é na descontra!

P3 – Como é que nós andaríamos?

J11 – É na descontra.

P3 – Na descontra?

J11 – Se se vai para a água com o frio, então andar na areia...

P3 – Ok, ok, ok.

J11 – Então mas onde é que... eu sou a única pessoa a andar no meio.

P3 – Muito bem.

J5 – Eu sou boa com frio, eu não me importo.

P3 – E vocês acham que nós conseguimos, sem tocar em ninguém, andar ocupando o máximo de espaço. Com o nosso corpo, sem tocar em ninguém.

J11 – Com licença!

P3 – De maneira a ocupar o máximo de espaço.

P4 – A J2 ocupa o menos espaço.

J5 – Ela ainda está com frio.

P3 – Vamos pela J2 e vamos ocupar o mínimo de espaço a andar, pode ser? Andar assim.

J6 – “Mné”, “mné”... (caindo)

J1 – Olha que a areia está quente!

P3 – Ok, cansado J6? Sim, cansado? Ok, vamos ao Simão.

J11 – Ao samba?

P4 – Ao Simão.

J11 – Ah.

P3 – Então ora bem, pegando aqui um bocadinho no nosso jogo dos tiques, como nós fizemos agora, vocês já devem ter reparado que nós temos uma série de características, cada um de nós tem uma série de características, e temos por exemplo sinais, temos determinadas coisas que nos caracterizam.

J2 – Borbulhas!

P3 – Borbulhas, temos...

P4 – Óculos, elásticos...

P3 – Óculos, elásticos...

P4 – Relógios...

P3 – Várias coisas.

J2 – Comida!

J11 – Quem é que tem relógio?

J1 – Eu, eu tenho um!

J11 – Eu não tenho.

P3 – Então, vamos tentar fazer aqui um pequeno jogo com determinadas características que cada de nós um vai ter e que nós vamos dar, que vai ser ter um sinal de uma cor, ok? Nós vamos ter um sinal. O objetivo é que cada um esconda o sinal no corpo, onde quiser. Esconda como quiser, portanto...

J6 – Eu pensei em tanta coisa!

P3 – Que esconda para que esse sinal seja...

J11 – Eu não percebi nada.

P3 – Não esteja logo visível, ok? Pode ser na mão, pode ser aqui de baixo, no cotovelo...

P4 – Mas olha a ideia é que os outros não vejam.

P3 – Agora a ideia é que ninguém perceba onde é que vocês esconderam o vosso sinal.

J11 – Ah, sendo assim.

P3 – Está bem? Portanto, assim tapadinho. Como é que podem esconder o vosso sinal?

J11 – Tem de ser no corpo?

P3 – Tem que ser em vocês.

J2 – Então e não pode ser na camisola (disse baixinho)?

P3 – Convém ser no corpo, escolher uma parte, que esteja... o nosso objetivo vai ser qual?! Qual é que vocês acham que vai ser o objetivo?

J2 – Encontrar...

P3 – Vamos tentar descobrir sinais. Para isso...

J6 – Então mas...

J1 – Nós estamos a ver-vos!

J6 – Oh não, não.

P4 – Olha podem-se virar de costas ou não?

P3 – Vocês podem-se virar para puderem esconder o sinal, para puderem fazer à vossa... Está escondido? Já está?

P4 – Bem, ok. Espera, espera, espera.

J6 – Eu não estou bem a ver onde é que eu vou pôr mas...

P3 – Então pensem um bocadinho, podem pensar um bocadinho onde é que vão pôr.

J3 – Já sei onde é que ela tem, já sei onde é que a J2 tem! A J2 tem...

P3 – “Xe”!

J3 – Não dá espiga nenhuma!

P3 – Olhem mas não vejam! Tentem não ver. Se for preciso escondem-se assim num cantinho. Olha a J2 está ali escondida.

J11 – Sim, mas a J2 não dá é espiga nenhuma!

J10 – Podemos ir lá para fora?

P3 – Achas que te consegues esconder J10, de mim?

J6 – Eu escondi aqui numa parte (rindo-se)...

P3 – Já toda a gente escondeu o sinal?

J11 – Já!

J5 – Não!

P3 – Querem ir andando para puderem esconder o vosso sinal? Se quiserem...

J11 – Não!

P3 – Não?

J11 – Obrigado.

P3 – É mais fácil assim?

J11 – Hum.

P3 – Ok.

J11 – Já está escondido.

P4 – Já?

J11 – Já toda a gente escondeu.

P4 – Não, falta a J2. J2 bora!

P3 – A J2 está ali a dançar.

P4 – A J2 está-se a sentir observada.

J6 – J2 vamos ver onde é que está o teu sinal.

J11 – Isso trata-se!

P4 tapou **J2** com um colchão, sendo **J11** a segurá-lo.

P3 – Ora bem!

P4 – Ora boa!

J6 – É demasiado mau para ser visto!

P3 – J2 agora dá para esconder!

J2 – Calma.

P4 – Bora J2, rápido!

J11 – Já está?

J2 – Está!

J6 – Ok, está no rabo. Já sei! Está no rabo.

P4 – Já está. Então agora a ideia é que possam ir circulando pela sala, sem falar...

J6 – Ei, isso é muito mau.

J11 – Pode-se cantar?

P4 – Está?

P3 – A ideia é descobrir pelo menos 3 sinais.

P4 – Não podem dizer!

P3 – Não dizem, memorizam.

P4 – Combinado? Vão olhando uns para os outros, ou não, quer dizer podem... a ideia... não se tocam uns nos outros, vão passando. E têm de ir tentando descobrir os sinais que os outros foram escondendo.

P3 – Vamos tentar descobrir pelo menos três, está bem?

P4 – Temos de pôr música se não...

P3 – Música?

J11 – Música?

P3 – Sim, se não estão a...

J6 – Ok.

J11 – Da idade da pedra ou atual?

Silêncio.

J11 – Ok, já tenho a resposta para a minha pergunta!

Riram-se.

P4 – Podem ir andando pela sala...

P3 – Então vamos a isto, sem falar, vamos olhando, tentando descobrir... não digam a quem descubrem, memorizem o nome das pessoas a quem vocês descobriram os sinais.

J11 – Oh, stop! Estás muito perto! (para J2) Eu ando... eu ando para ali. Não vale tocar, ok? Ela está-se a armar em adulta! (para J2)

J5 – Está a andar assim.

P4 – Se calhar há pessoas que não gostam muito de mostrar muito os sinais que têm, elas é que sabem.

J6 – Como é obvio o teu está nas mãos! Escusas de estar a esconder! (para J11)

J11 levantou as mãos e mostrou-as vazias.

J2 – Está no relógio!

J11 – Está no relógio o quê, pá?

P4 – J2 a ideia é não falar.

P3 – Não falem, não falem. A gente depois no final...

P4 – Podem cantar. Olha podem ir ver, não sei. Chegar aqui ao J6 e ir vendo. Deixa ver se eu descubro, não.

J2 – Posso dizer?

P4 – Não!

J1 – É um bocado desconfortável. (Rindo-se) Chegas a uma pessoa (espreitando para J6).

J6 – “Ya”!

P4 – É desconfortável estarem a olhar para ti. Vocês vão ficar tontos! (rindo-se)

J1 – Tenham calma!

J6 – *God!*

P4 – Já descobriste algum J5?

J5 – Não.

P3 – Quem é que já descobriu algum sinal?

P4 – Olha em vez de andarem à roda...

J11 – Eu descobri o meu!

P3 – Já?

J11 – O meu!

P3 – Ok, e os outros?

J6 – Ah, já descobri um.

J1 – Eu descobri o meu.

P3 – Alguém descobriu o sinal de outra pessoa?

J6 – Eu acho que sim.

P4 – O J6 acha.

P3 – Então os sinais estão muito bem escondidos?

J11 – Claro!

P3 – Estão muito bem escondidos os sinais?

J1 – “Ya”.

P4 – Ninguém mostra nada.

J6 – Descobrir já descobri mais que um. Eu vi o dela. (P4)

P3 – Ali estão vários.

P4 – Estão vários.

J6 – Ah...

P4 – Alguém pôs o sinal num sítio muito visível?

J1 – Eu.

P4 – Não têm de dizer onde é que está!

J6 – Eu paro paro, mas ninguém deu por isso (sussurrando)

P4 – J1 puseste o sinal num sítio visível é isso?

J1 concorda com a cabeça.

P3 – Ninguém descobriu o do J1?

J2 – Está dentro do cabelo?

J1 – Está (fazendo um tom irónico).

P4 – Num sítio visível, dentro do cabelo é uma coisa difícil.

J6 mexeu no cabelo de J1.

J11 – Eu nem sei se o meu sinal ainda está cá, deve ter caído antes.

P4 – Posso dizer a cor do teu sinal J1?

J1 concordou com a cabeça.

J11 – Laranja! Laranja quase vermelho.

J6 – Oh não acredito puseste aí?

P4 – No cabelo não dava.

J11 – Acertei? Vira-te.

J1 virou-se.

J11 – Está na camisola. Levanta os braços.

J6 – Era isso que eu estava a dizer.

J1 – Não tenho nada nos braços pá.

J6 – Era isso que eu estava a dizer, ele deve ter camuflado na camisola ou?

J1 – Achas?

J6 – Não sei.

J1 – Sim...

J6 – Está na língua!

J11 – Pode ser uma pontinha.

P3 – Pode, não pode é estar num sítio por dentro.

J11 – A sério, não pode?

J6 – Ops!

Riram-se.

J6 – Eu pus dentro dos calções! Não, estou a gozar.

P3 – Vai-se a ver esconderam tão bem, tão bem os sinais, que são impossíveis de encontrar!

J2 – Eu.

P3 – É impossível de encontrar?

J11 – Não!

J6 – Não, o meu é praticamente acessível.

J11 – Sem tocarem nele?

P3 – Sem tocar...

J11 – Ah, então é.

J6 – É praticamente impossível.

J11 – É porque eu não me vou mexer daqui.

P3 – Vamos tentar saber?

P4 – Se calhar, querem dizer?

P3 – Ok, então querem dizer cada um onde é que escondeu o seu sinal?

J1 – Eu quero.

J6 – Eu quero ser o último!

P4 – Olha a J11 já mostrou.

P3 – J11.

P4 – Está num sítio visível?

P3 – Está num sítio visível?

J1 – No sovaco!

P3 – Bem escondido!

P4 – Podias te espreguiçar e assim mostravas tudo.

J5 – Entre os dedos.

J11 – Ei, ela tinha! (J5)

P3 – Onde estava?

P4 – J5?

J5 – Entre os dedos.

P3 – Boa!

P4 – Entre os dedos.

J11 – Nem pensei nisso mas era azul.

P3 – Era difícil, era difícil!

J11 – Não, não era visível nada, ela andava assim. (pondo as mãos atrás das costas)

J5 – Eu? Eu andava assim (abanando-se), a dar a dica!

P4 – Foi J5, tu tentaste que as pessoas vissem o teu sinal?

J11 – Mostra agora o teu sinal J2.

J5 – Eu ia assim.

P3 – Estavas a dar uma ajuda.

J2 – Não, eu fico em último.

J6 – Eu fico em último.

J2 – Eu fico em último.

J6 – O meu é demasiado bom para ser revelado.

J11 – Havia cor de rosa?

P4 – Queres dizer J9? Queres dizer onde tinhas o teu sinal? Olha a J9 vai dizer!

J9 mostrou o relógio.

J2 – Eu disse que estava no relógio!

J11 – Não estava visível!

P4 – Estava mais ou menos, o relógio, ela pode tirar o relógio.

J11 – É!

P3 – Tínhamos de olhar com muita atenção!

P4 – Oh J11 mas está parecido ao teu, também não está sempre visível, só se tu levantares o braço.

J11 – Eu levantei o braço quando estavam a olhar para mim, eu fiz «Epa não».

J6 – Sei lá eu! Agora vou olhar para o “sovaco”! “Olha deixa cá ver se ela tem ali o sinal dela!”.

P4 – J1 queres mostrar o teu?

J1 fez o sinal de fixe.

P3 – Ok!

P4 – Ah! “Han”?! Fixe!

J3 – Ele fez isso à bocado. Ele fez à bocado assim.

P4 – Ah, tu tinhas o do “Facebook”.

J6 – O meu?! Eu não sei se caiu (mostrando o calcanhar)

Em conjunto – Ah!

P3 – A andar via-se!

J6 – Sim, por isso é que eu estava assim a andar (arrastando um dos pés). Estão a gozar comigo?!

P3 – Isso dizia qualquer coisa!

J11 – Aquele tem no bolso!

P4 – Ok, J10!

P3 – J10!

J10 mostrou a manga da *t-shirt*.

J11 – Eu vi esse!

P4 – Tu viste?

J1 – Na camisola?

P4 – Não disseste?

J11 – Porque eu não tinha a certeza.

P4 – Ah ok. E a J3?

J3 – Eu pus aqui atrás da orelha.

P4 – Ah, isso é difícil.

J6 – Eu pensei que isso era um sinal!

P3 – Difícil também!

J6 – Eu por acaso tinha reparado.

P4 – J2!

P3 – J2!

J2 – Não!

P4 – Não queres dizer?

J6 – No rabo!

J2 – Eu não sei onde é que ele está!

P3 – Perdeste o sinal?

J6 – Coitada!

P3 – Olha J2 não era para esconder assim tão bem o sinal.

J6 – Vamos revistar! Vá, vá!

P4 – Olhem vocês acham que esses sinais, estava aqui a ver o, qualquer um de vocês os escondeu em sítios tão...

J6 – Ai caiu o sinal!

P4 – Tão pouco visíveis que à primeira é difícil qualquer um de nós descobrir, certo? Quem é que o tinha o sítio mais visível apesar de tudo?

J2 – Era ela (J5).

P4 – O quê?

J2 – Eu ganhei!

P4 – A J5 e o J1 talvez.

J2 – Ninguém descobriu ganhei.

J11 – Ela estava assim tipo e eu “yo”!

J6 – “Ya”, tipo “yo”!

P4 – Estava aqui a pensar, vocês deram nas vistas onde estava o sinal, ou não?

J11 – Eu dei!

J1 – Eu dei!

J11 – Eu dei!

P3 – Olha...

P4 – Olha estava a pensar J1, tu no fundo querias que a gente descobrisse o teu sinal ou não?

J6 – Eu não sou J1.

P4 – Ai desculpa!

P3 – J6!

P3 – Tu querias que descobrissem o teu sinal ou não?

J2 – Eu já sei onde é que ele está!

J6 – Eu, mais ou menos...

J11 – Ela pôs no bolso!

P4 – Espera lá, o J6... J6 querias?

J6 – Eu por um lado queria, por outro não. Por um lado queria porque andava exageradamente assim, por outro não queria porque se fizesse assim eles conseguiam ver.

P4 – Estavas indeciso.

P3 – Ok. No fundo era para eles olharem mas não descobrirem.

J6 – Sim.

P4 – É?

P3 – Ok.

P4 – E mais? Toda a gente pensou assim como o J6?

J11 – O quê?

J6 – Para as pessoas olharem para o sítio onde está o sinal mas não o descobrirem.

P3 – Mas não mostrar.

J6 – Quando tu vais assim parece...

P4 – Ele deu uma pista!

J11 – Ah, porque eu olhei para a camisola dele e “Epa aquilo é o quê?” mas depois pensei “É da camisola!”.

J6 – É podiam pensar “Epa ele tem aqui um fungo ou uma coisa qualquer verde”.

J11 – A ti pensava que estava a... Coxo, parecias um pato!

P3 – Houve mais pessoas que deram sinais, não é?

J11 – Claro a J2 deu.

J5 – Eu fiz assim (abanando-se).

J2 – Não!

J11 – Ela tem o sinal para ai nas calças, lá no bolso...

P3 – A J2 perdeu o sinal durante o jogo.

J11 – No bolso.

P4 – Vocês acham às vezes quando vão... ou seja, nós todos vamos dando sinais, os vocês vão dando sinais aos outros daquilo que vocês gostavam que os outros vissem em vocês, ou não?

J11 – Ah eu pensava que estávamos a falar de outros sinais, afinal é desses.

J6 – Que sinais?

P4 – J11 achas que no dia a dia vocês vão dando pistas aos outros daquilo que vocês querem que os outros descubram mas também não gostam de lhes dizer tudo? Vão andar assim (mão na anca a coxear)...

J11 – Não! Anda lá quase.

J6 – “Ya”! Tipo ah! Hum!

J11 – Eu quero que vocês pensem que eu sou um pato.

P3 – Olhem e alguém ficou muito desconfortável de estar a ser a...

J11 – Sim!

P3 – A tentarem descobrir onde estava o sinal.

J2 colocou a mão no ar.

J6 – No meio do nada começaram todos assim. Opa.

J11 – Ele veio ter comigo.

P3 – Ok, a J2 pôs o dedo no ar. Não estavas confortável? Não?

J5 pôs a mão no ar.

J1 – Ela nunca está confortável.

J11 – Ninguém estava... para ela.

J5 – Eu estava, eu estava.

J2 – Estavas assim (olha para J5 a saltitar).

P3 – E mais alguém ficou desconfortável? Dos outros olharem e tentarem...

J6 – Eu só fiquei numa parte.

J11 – Eu só fiquei por causa do J6.

P3 – Numa parte?

J6 – Eu só fiquei numa parte, quando não sei... acho que disseram assim «Ah acho que já vi o sinal do J6» e estavam assim.

P3 – Olharam demasiado foi, J6?

J11 – Nem toda a gente!

J6 – Não foi demasiado, foi mesmo tipo!

J11 – Muito perto. A J2 também, a J2 chegou muito perto.

J2 – Fiz assim (chegando-se a J11)

J11 – “Aham”, isso é muito perto!

P3 – Olhem...

J11 – “Ya”, ela estava mesmo bué perto.

P4 – Mais alguém quer dizer alguma coisa?

J11 – Eu até disse «Stop!».

P3 – Olhem, vocês têm alguma ideia a... Porque agora estivemos todos a observarmo-nos não é? A olhar uns para os outros, como é que cada um de nós se movimenta. Vocês têm alguma ideia

como pode estar o vosso movimento? Quando vocês andam, quando... quando estão no vosso dia a dia... ou seja, como é que os outros vos vêem. Então, nós íamos fazer aqui uma experiência em que todos íamos ajudar, toda a gente, a perceber como é que são os nossos movimentos.

J11 – Ei! Ajudo-te a dormir!

P3 – Então, a ideia seria, nós termos aqui um primeiro voluntário e termos uma filhinha em frente a essa pessoa, uma filhinha indiana. Quem é que é o voluntário? J2?

J2 – Sim!

P3 – É? Então vá J2.

J2 apontou para J6

J6 – Na, na, não.

P3 – Então vá começamos aqui com a J2. A J2 está aqui à minha frente e eu vou pedir a todos vós que façam uma fila indiana em frente à J2, pode ser? Com algum espaço.

J11 – Em frente?

P3 – A partir daqui... a partir daqui para darmos um espaço à J2...

J6 – Vocês são primas!

P3 – Para a J2 ficar mais confortável.

J11 – Podíamos fazer isso em cada pessoa.

J6 – Elas não são bué parecidas?

J3 – Não têm nada a ver.

P4 – Diz J11.

J6 – Elas são bronzeadas e o cabelo é castanho, é igual, é bué estranho...

J5 – Mas não têm nada a ver.

P3 – Diz J11, qual era a sugestão?

J11 – Podiam também dar assim um espaço desse tamanho a cada pessoa.

P3 – Ah, não! Aqui... se tivéssemos espaço mas não há espaço.

P4 – Podem dar um espaço, não pode é ser tanto!

J11 – Façam uma fila que eu fico ali.

J2 – “Ya”, aproxima-te.

J6 – Tipo abres a porta «Estou lá fora han».

P3 – Vejam se conseguem fazer assim uma fila alinhadinhos, conseguem? Então vá, a P4 dá uma ajuda.

P4 – A J3, o J6, um bocadinho mais à frente pode ser?

J11 – Só estou a dar um espaço.

P4 – Só estás a dar espaço, mas depois vens para aqui está bem? Por causa do jogo.

J11 – Não, está muito perto.

P3 – Ai, já chega, já chega! Isto já é de mais! Ok! Está? Então o que é que eu pedia? Que tentassem manter-se “alinhadinhos”, eu passo aqui pelo lado para vocês não terem que sair... E o quê que eu vou pedir à J2? Até pode ser utilizando isto (colchão).

J6 – Podemos tirar o sinal?

P3 – Eu vou fazer a experiência.

P4 – Podes, podes.

P3 – O sinal sim.

J11 – É o meu J2!

P3 – Eu vou fazer a experiência. Se vocês forem o meu espelho...

P4 – Oh J6!

P3 – Se vocês forem o meu espelho...

J2 – Têm de ser o meu espelho ouviram?

P4 – “Xe”!

P3 – Eu não vou ver toda a gente depois vocês... a ideia é que vocês estejam alinhados. Se eu levantar o meu braço, aqui o meu espelho levanta comigo.

J11 – Ah, a gente todos temos que levantar.

P3 – Como se fosse o meu espelho mesmo, ou seja, isso! (J3 imita P3) Ok? A ideia é que toda a fila vá fazendo a mesma coisa que está a fazer a pessoa que está à sua frente, ou seja vocês não precisam de olhar para mim, precisam de olhar para a pessoa que está à vossa frente. Ok?

J6 – Ok, nós não vamos fazer isso.

P3 – Então vamos lá ver se a gente consegue pôr esta fila toda mais ou menos alinhada. Se eu fizer aqui assim um movimento...

J6 – “Ká”, “ká”.

P4 – J1? J10?

P3 – O meu joelho, o meu joelho aqui à frente...

P4 – J10 olha o J1, olha para o J1. Tu olhas para o J1, está?

P3 – Não precisam de olhar para mim, vocês só precisam de olhar para a pessoa que está à vossa frente.

J2 – Estou a fazer *balet*!

P4 colocou J10 alinhado na fila.

P4 – Tens que olhar para o J1.

P3 – Só estou a aquecer aqui a... não precisam de olhar para mim. Não precisam de olhar para mim.

J2 – Eu depois vou dar uma volta e vocês têm de fazer a mesma coisa!

P3 – Ok?

J11 – J2, J2?

P3 – Têm de ser coisas...

J11 – J2?

P3 – Mas não precisam de olhar para a J2, eu sei que isto...

P4 – J2 mete-te mesmo em frente à J3.

J2 – A J2 vai revelar.

P4 – Olha não faças já uma coisa muito difícil, começa pelo mais fácil.

P3 – Não precisam de olhar para a J2, está bem? A ideia é...

J11 – Ela é muito pequena.

P3 – Ok, a ideia é sempre imitarem a pessoa que está à vossa frente, que está à vossa frente.

P4 – Olhem já começou.

J2 colocou as mãos à frente da cara escondendo o riso. Os jovens imitaram, mas fazendo risadas.

P4 – Olhem a J2 está-se a rir mas não está a fazer barulho! J1! J10!

P3 – A ideia não é olhar para a J2. Tentem não olhar para a J2 ok?

J11 – Não chega cá atrás!

P3 – Pois, porque está tudo a tentar ver a J2 diretamente.

J2 bateu palmas e dançou.

J1 – Eu não vou fazer isso!

J11 – Estou aqui, tem calma!

P3 – Se calhar temos de pôr isto na escadinha!

J11 – É melhor é! Eu com o J6 não vejo nada.

J1 – Meu deus.

J6 – O que é que estás a fazer meu? Eu acho que ela não está a fazer isso.

P4 – Está, está.

J11 – É melhor fazer escadinha.

J2 – Tenho uma data de espelhos.

P4 – Não é só um, só um. Então vá, vamos começar, pode ser?

J2 bateu palmas.

P4 – Boa!

J11 – Só oiço barulho, não me chega aqui!

J6 – Eu não estou a ver.

J11 – Eu não faço nada.

P4 – J11 tens o J6, o J10 e o J1.

P4 – Boa, está a chegar!

P3 – Está a chegar cá mais atrás! Está a chegar cá mais atrás!

P4 – Vai J10!

J10 – Eu não vou fazer aquilo!

J11 – É! Olha lá que aqui atrás não há espaço para se pôr assim!

J6 – Opa vá lá, por amor de deus, o que é isso?

P4 – Queres trocar J2?

J2 – Não!

P4 – Agora está a gostar! É com a outra mão, com a direita (indicações para J3). Vá espelho, espelho.

J2 deu bofetadas a si própria.

P4 – J6 é com a outra mão!

J6 – Ah, com a outra mão.

J11 – A mim só chegou uma festinha!

Riram-se.

P4 – Bem, agora troca!

J2 – Então?

P4 – Agora sai a J2, agora tem que sair. Queres ser tu J3?

J3 trocou de lugar com J2.

P4 – J2 vais para o fim da fila. Vais para trás da J11.

J11 – “Ya”! Olha ai não te vai chegar nada, acredita.

P4 – Um, dois, três, vai começar! Bora! Vai começar a dança!

J3 levantou os braços um de cada vez, para os lados.

J11 – Ai é para bater palma?

P3 – Vejam sempre pela pessoa que está à vossa frente.

J11 – Parece um pássaro.

P4 – Devagarinho, que é para ver se eles captam.

J3 continuou a fazer gestos com o corpo.

J1 – Oh meu deus!

J3 – O que é que eu faço agora?

J1 – Agora fica quieta e não faças nada.

J11 – Olha o pai natal a passar.

J1 – Adoro este desporto!

J3 – Cala-te, estou a pensar!

J11 – J2 o objetivo é estares na fila, está bem?

J2 – Não faz nada.

J3 fez uma pose com o pé no ar.

J3 – Huazá!

J6 – Huazá!

J1 deu um pontapé no rabo de J6 e riu-se.

J2 – Cuidado!

J11 – Ai é para fazer isso? Tudo bem!

J3 esbofeteou a cara com as duas mãos.

J6 – Não, não! Não faças isso. Não faças isso. Ah! Dói tanto!

P4 – “Xe”, olhem os espelhos não falam.

P3 – Os espelhos só dão imagem!

J3 fez uma pistola a disparar e fez o barulho «pum pum».

P4 – Não faças barulhos.

J6 – Ah ok.

J11 – A mim não chega nada.

J5 saiu da linha, a tentar avistar J3.

J1 – Vá estás a andar e depois...

J11 – É, depois vêm a pessoa à frente...

P4 – Calma.

J6 – Vamos nos suicidar, oh meu deus...

P4 – Bem o espelho da J5 é assim um bocadinho.

P3 – O espelho da J5 é deitado.

J11 – Pois, por isso é que não chega nada qui! Uma pessoa fica...

P4 – Vamos trocar? Para ser outro, pode ser? Troca, J6 és tu.

J1 – Não faças nada.

P4 – Vá podem ir um bocadinho mais para a frente.

P3 – Então vá.

J11 – Não vejo nada.

P3 – Não?

J11 – Ela consegue mas eu não.

P3 – Ok, para que lado? Bora!

J2 – És bué alto!

J6 fez uma espécie de agachamento.

J6 – Hum muito bom, muito bom!

J6 baixou as pernas fazendo um movimento de cobra com o corpo.

J1 – Epa! (rindo-se)

J6 – Fogo, as minhas cruces já não aguentam!

P3 – Este espelho tem de ter preparação física.

J6 – Vá bora! Hum... Olá mãe! (olhando para a cama) Não é para falarem! Eu posso porque eu sou espelho. Hum...têm de estar parados eu não estou a fazer nada.

P4 – Vocês, olha o espelho da J2 também está assim um bocadinho desviado.

P3 – Pois.

P4 – Está tudo cheio de curiosidade de ver o que é que é.

J6 fez um movimento.

P4 – J1!

J6 – Uh! Todo o mundo! Todo o mundo! Mãos no ar!

J5 – Parece o meu professor nas aulas de informática.

J2 – Eu não vejo nada!

J11 – Agora vais te pôr a fazer mortais!

J6 – Foi tão fixe. Ver a felicidade na cara deles tipo a imitarem-me!

P4 – Então agora vamos trocar. J1.

J1 – Eu não quero, eu não quero.

P4 – Não? J10?

J10 – Não quero.

P4 – Também não queres. Sai.

J5, J9 e J11 também passaram a vez.

J2 foi para o lugar de espelho.

J6 – Voltou ao mesmo.

J10 – Voltou a parvoíce!

P3 – Bem, então vá.

J11 – Vamos parar?

P3 – Sim, sim! Já não há ninguém que queira fazer de espelho.

J2 – Então?

P4 – Podes sentar J11.

P3 – Então J2 apetecia-te voltar ao espelho?

J6 – Olha para aquilo! (para J2 a rir-se)

P4 – Já vamos continuar.

J11 – Só fizeram três pessoas! Sim, já se percebeu que tu sabes dançar à pato! (para J2)

J6 – Olha é preferível... (rindo-se)

J11 – Olha quem me dera ver!

P3 – Não chegava lá ao fundo, era?

J11 – Não! Nem lá no fundo nem no meio fogo!

P3 – Nem no meio.

J6 – Ela “Han vá lá.” (fazendo uma voz desesperada)

P4 – Tu não chegaste a fazer de espelho.

J2 – Não quis.

P4 – Não, já tiveste de espelho, não estiveste cá a fazer.

P3 – Não esteve sim...

P4 – Não gostaste de estar... ser espelho? (para J1)

J1 – Eu sou tipo aqueles espelhos tipo com várias...

J11 – Não! Eu gostei!

J1 – Várias deficiências!

J2 riu-se.

P4 – Ah!

J11 – Só porque estava lá atrás...

J1 – Um mais alto, um mais baixo.

P3 – E para quem esteve do lado de cá, como é que foi depois ver aqui toda?

J6 – Muito assustador! É a palavra certa. É a palavra certa.

P3 – J6 é assustador porquê?

P4 – Assustador?

J6 – Ah não sei explicar, isso uma pessoa faz assim e toda a gente (faz uma careta)... É um bocado perturbador, é um bocado perturbador.

J11 – É a tua cara.

J5 – Vai aos cabeleireiros, pega num espelho e mete assim direcionado para veres bué espelhos e depois faz movimentos.

P3 – Oh J6 o que é que te fez impressão? Foi ver o movimento, reproduzido por aquelas pessoas todas?

J6 – Não, não foi, foi tipo... não foi assustador, foi divertido mas não sei explicar...

P3 – Foi um bocadinho como a sensação do sinal, que é as pessoas olham durante muito tempo...

J6 – “Ya”! Sim, sim!

J11 – Sim! Foi muito melhor o espelho!

P3 – Melhor o espelho?

P4 – Estavas lá atrás, ninguém dava por ti.

J6 – “Ya”!

P3 – Ok. Há esta questão não é? Porque o espelho está muito tempo a olhar, portanto as pessoas que estão a fazer de espelho, estão muito tempo a olhar. A J2 se calhar tem uma opinião diferente ou não?

J2 – O quê?

P3 – Como é que foi aqui deste lado? Foi assustador também?

J2 – Não.

J11 – Então ela queria ir outra vez!

J6 – Ela aproveitava-se!

P3 – A J2 queria vir outra vez, então como é que foi?

J10 – Queria fazer de nós parvos!

P3 – Ver aqui a filinha toda?

P4 – Queria fazer deles parvos?

J2 – Não, mas a lógica é, ela está a dizer que eles são parvos, mas ela fez a mesma coisa.

J6 – “Ya”!

J5 – A rainha manda, a rainha manda!

P4 – Ai era? Era tipo um jogo do...

J2 – Do rei manda.

P4 – Do rei manda, é isso?

P3 – Oh J2 há um bocadinho essa questão, de sentir que estamos a controlar alguma coisa é?

J11 – No rei manda as pessoas podem revoltar-se!

P4 – O quê?

J6 – Isso foi bué mau. Isso foi bué mau. Não voltes a fazer isso.

P3 – Olhem isso mudou? Do jogo do sinal para o do espelho? É que no espelho nós controlamos o que fazemos e o que os outros fazem? Era isso que era diferente?

J2 – É.

P3 – O do espelho deixa-nos mais confortáveis?

J11 – Não sei, eu fiquei igual.

P3 – Quem não passou por aqui se calhar, pronto... não experimentou isto, não é? De como é que é puder gerir o movimento do resto do grupo, não é? Mas quando nós estamos a controlar as coisas pode ser mais confortável, não é?

J6 – Um contra o outro.

P3 – Ok, está bom.

J2 – Olha (para J6). Tu, tu, tu! Anda aqui.

P4 – Dividimos em equipas.

J11 – Escolham as equipas por favor!

J6 – Oh, oh, oh! Estás... “han”, “han”! “Han”, “han”!

P4 – Vou dar um número a cada um, está bem? É o número 1 (J5), dois (J11), um (J2), dois (J3), um (J9) dois (J6), um (J1) dois (J10). Decorado?

J11 – Ele é o dois? Porquê que não fizeram ao contrário?!

J6 riu-se.

P4 – Está? Os uns vão ali ter com a P3, os dois venham aqui para ao pé de mim.

J6 – Eu sou o quê?

J11 – És um dois.

P4 – És o dois.

J6 – Eu sou o dois?

J11 – Infelizmente.

J1 – É para partir o espelho.

P4 – Está?

J1 – Tipo guerra de gangues!

P3 – A... então vamos aqui tentar pensar, nós agora estamos na onda das...

J6 – Não, não, eu não sou contigo, sou com ela, ei!

P3 – Das mímicas. Não, mas não vamos fazer isto...

J2 – O que pena!

J6 – Epa!

P3 – Vamos tentar pensar... o que é que nós vamos pedir? Dentro de cada equipa vamos tentar que haja uma... uma ação qualquer, ou um sentimento, qualquer coisa, que a primeira pessoa escolha para expressar só pelo corpo.

J6 – Lol (*laughing out loud*)!

P3 – Nós vamos precisar da ajuda.

P4 – Sabem aquele jogo do telefone estragado?

J2 – “Aham”!

J11 – Sim! É que é mesmo estragado!

J10 – Não.

P4 – Sabes ou não?

J10 – Não!

J6 – Coelhoinho pedófilo, terror!

J11 – Não tu chegas ali, rebuçado, chega ao fim já está a ir embora.

P4 – Só que em vez de ser com palavras, agora vais ser com?

J2 – Gestos.

P4 – Gestos! Está?

J11 – Ai eu gosto tanto de me enganar.

J6 – Mas eu lá depois vai parecer (fazendo gestos rápidos).

P4 – Olha a ideia... a equipa ganha que adivinhar, chegar ao fim. Portanto, com o movimento certo.

J11 – Boa! Vou trocar tudo!

P3 – Isso agora é um problema vosso.

P3 – Ou seja, não podemos falar, não é?

J11 – Vocês fazem assim, eu vou...

P3 – Vamos escolher uma categoria simples... a...

P3 e P4 discutiram o tema a propor.

J11 – Vamos lá! Vamos lá!

P4 – J2! Agora estás nesta equipa.

J6 – Ela vai ter saudades minhas, está a perceber?

P4 – Já percebi, já percebi.

J11 – Isso vai haver um romance de verão.

J6 riu-se.

P4 – Então?

P3 – Força.

P4 – Sim, portanto eu agora vou dizer aqui à J11 e a P3 vai dizer à J9.

P3 – Eu vou dizer aqui à J9.

J11 – Então não posso estragar! Bolas!

P4 – Azar! Está? A J11 vai fazer parte... vocês viram-se de costas!

P4 disse a palavra a J11.

P4 – Está? “Xe”! J3? Já percebeste?

P3 – Percebeste? (para J9) Sim? Então vá!

P4 – Um, dois, três, J3 olha para a J11.

P3 – Ok, para aqui e depois daqui para ali.

J5 – Ah!

Começam com a mímica.

J3 – Olha?

J11 – Ela está a ver!

P4 – “Xe”! J10? J10?

J10 – O quê?

J11 – É o quê pá?

P4 – Olha é uma atividade?

P3 – Já chegou ai? Ah, já chegou, já chegou!

J10 – Bolacha.

J6 – Não é para dizeres.

J11 – Não é bolacha, é mesmo jogador!

P4 – Então vai. O que é que achas que é?

P3 – Oiçam lá o J10.

J11 – Falso, é um jogador.

P3 – Basquetebol. J1?

J1 – Eu percebi que ela estava a domar um touro. Esta tipo... (rindo-se)

J11 – Ah, é a mesma coisa?

J2 – Eu fiz assim.

P4 – Não chegou bem ai.

P3 – Não chegou bem. Então o que é que tu percebeste?

J1 – Estava a domar um touro, ela estava tipo ah!

P3 – Um touro.

P4 – Podia ser, podia ser tourada mas não.

J6 – Ganhámos!

J11 – Era jogador de *basket*.

P3 – Era jogador de *basket*.

J2 – Eu fiz assim! (atirando a bola para cima)

J5 – Oh, está mão descontrolou-se, descontrolou-se.

P4 – J11, podes vir para trás agora? Agora passas para cá, estás a ver? J3?

P3 – Passa para trás. Agora vais tu receber a mensagem. (para J5)

J11 – Não posso estragar nada!

P4 – Tu é que estavas a dizer que queres estragar.

J11 – Eu não posso estragar, não estou no meio, só se estivesse no meio é que era.

J6 – Ela vai fazer um gesto e eu vou ter de fazer também.

P4 – Espera, espera, espera.

J11 – Licença, que eu não posso ver.

P3 – Ah sim, a categoria mudou!

P4 – A categoria mudou.

P3 – A categoria está nos sentimentos, emoções, por ai, está bem?

J11 – Oh! (expressão de desagrado)

P4 – Viras-te de costas, de costas, de costas, para ali. Um, dois, três, podem começar. Vira-te para ali. J1!

P3 – J1, J1!

P3 virou J1 para a frente.

P3 – Aqui a olhar para mim, para este lado.

P4 – Um, dois, três! J2 podes virar.

J11 – Espera ai caiu!

P4 – Parou, parou, já está bom. (para J3)

J6 – Manicómio?

P4 – “Xe”!

J6 – Ai, desculpe!

P4 – Podes virar J10. Vira-te, para o J6!

P3 – Ok, esta é a mensagem J9! Já está!

P4 – Espera, guarda, podes. J11?

J6 – Não é manicómio? Não é...?

P4 – “Xe”! J10!

J6 – Na, na, na!

J10 – Saltei.

J11 – É uma criança...

J6 – É um sentimento!

J11 – É felicidade!

P4 – “Xe”!

J11 – Ai, eles não acabaram?

P3 – Já, já, já. O que é que achaste que era J9?

J9 – Felicidade.

P3 – Felicidade.

J6 – Felicidade também.

J11 – Eu estou aqui entre duas coisas, mas vá felicidade também.

P4 – Qual foi a palavra que vocês ouviram, qual foi a palavra?

J3 – Alegria.

J2 – Eu não ouvi nenhuma palavra.

P4 – Não, quem ouviu?

P3 – A primeira.

P4 – A J3 e a J5.

J11 – Ele parecia uma criança!

J6 – É tipo um manicómio “ya”!

P4 – Alegria!

J6 – Alegria.

P4 – Alegria e felicidade. Olha pode ser a mesma coisa, alegria e felicidade?

J6 – Sim...

P4 – Podemos considerar?

J11 – É a mesma coisa!

P4 – Só estou a perguntar, se achas que a felicidade...

J6 – Sim, é a mesma coisa!

P3 – Podemos considerar?

J11 – Só porque fui eu a dizer é a mesma coisa.

J2 – Se calhar trocamos.

J11 – Boa, agora já posso estragar tudo! Não és tu!

P4 – J3 vai para trás.

J11 – Ai, és tu sim. Licença! Eu gosto muito disto (colchão).

P4 – Então vá, continuamos na mesma categoria.

P3 – Ok, é igual.

P4 disse a palavra a J6 e P3 a J2.

J11 – É igual?

P4 – Espera lá.

J5 – Ela parece um pino!

J6 – Estás feito! Faço melhor que tu! (para J1).

J2 – Ah, ok, ok.

P3 – Ok? Ok.

J2 – Eu não sei fazer isso.

P3 – Não?! Ai, eu não sei olha!

J6 – Então vá perdem!

P4 – Um, dois, três.

P3 – Força!

J11 – Eu não faço isso, está bem?

P4 – J10? J11 podes ver.

J11 – Eu vou ter de fazer isso?

P4 – Quem é que está aqui? (para J3 tapada com o colchão)

J11 – Eu não vou ter de fazer o que eles fizeram pois não?

P4 – J3! Oh, J11 fazes aquilo que tu entenderes.

J2 – Eu não consigo fazer!

J11 – Ah!

J2 – Eu não consigo fazer.

J11 – O que eu entendi... Empresta-me lá a tua cara! (J11 finge que vai dar um murro a J3). Não, estou a brincar.

P4 – Bora!

J6 – É ela, a atitude.

J11 – É tipo...

J2 – Eu não consigo fazer...

P4 – Não podes falar! Tens de mostrar. Olha a J3 está com um ar, a pensar “Meu deus, o que é que se passa?”.

J1 – Agora é que a J2 está ali encostada à parede.

P4 – Já fizeste?

J11 – Já! Eu acho que ela já percebeu.

J3 – Não está.

P4 – Faz lá outra vez. Estava confuso.

J11 mostrou o punho a J3.

J11 – Olha para mim.

P4 – Tens de dar um nome.

J11 – E vê logo o que é que é pá.

P4 – Tens de dar um nome ao sentimento.

J6 – O que é que ela é sempre?

J3 – Furiosa?

J11 – Furiosa?!

P3 – Furiosa foi o que a J3 percebeu? E aqui?

J5 – Zangado.

J3 – Chateada é isso é!

J11 – Não, é mesmo com vontade de partir a cara a alguém!

P4 – Então, zangado, furioso, ganhou.

J2 – Olha eu a fazer (rindo-se).

J5 – Isso é zangado?!

P3 – O que é que vocês acham?

P4 – Olhem qual foi a palavra que nós vos dissemos?

J6 – Zangado! Foi fácil!

J11 – E eu faço isso?

J6 – Sei lá eu!

J5 – Isso é a tua maneira de ser!

J11 – É! Vou estar assim, estou chateada...

J1 – “Ya”, dás logo uma chapada na cara do outro.

J11 – Vais onde?

J6 – Eu vou para aqui (fim da fila).

P4 – Podemos fazer só mais um, não é?

P3 – Então pronto, fazemos mais um.

P4 – Está bem.

J11 – Ah, espera ai, que eu agora tenho a janela.

J1 – Estão tipo todos a olhar, tipo! (Mete a mão no ouvido)

J6 – Vamos olhar para aqui para o canto.

J11 – Ai, ai, ai, que eu escorreguei!

J6 – Eish! Isto faz lembrar os momentos de... memórias

J1 – Do quarto ano não é?

J6 – De infância!

J1 – “Não fizeste o “tpc”!”.

P4 – Olha, atenção!

P3 – Voltamos à categoria profissões, está bem?

J11 – Profissões?

P4 disse a palavra a J10 e P3 a J1.

P4 – Percebeste?

P3 – Sim?

P4 – Ah, agora é que vai ser!

P3 – Ok! Então vá.

P4 – Um, dois, três, bora!

J10 – O que é que eu vou fazer?

P4 – Sei lá, inventa!

J11 – Faz qualquer coisa!

P4 – Ai, vocês estão a fazer batotas!

J1 – Não! (para J9 e J5)

P3 – É a mensagem, que foi só...

J11 – Ai, licença isto vai demorar tempo, pelos vistos...

P4 – Está bem, faz uma!

J5 – A última é meu.

J2 – Ah. Eles primeiro, eles primeiro.

J11 – Eh, eles já acabaram e a gente ainda vai aqui (J11 fala já sentada).

J10 – Eu não sei!

P4 – Queres ver como é que ali o J1?

P3 – Queres ver como foi a nossa sequência J10?

J11 – Ah, já percebi!

P3 – Vocês importam-se de repetir para?

J11 – Eu já percebi, não é preciso.

P4 – Calma. Oh J1, oh J6!

J6 – J1?

P4 – Enganei-me desculpa. Olha já fizeste? Já fizeste para o J10 ver?

P3 – Podem repetir, para o J10 ver, para dar uma ajuda?

P4 – É para o J10 ver. Já viste? Então faz lá tu para a J11.

P3 – Dá-lhe aqui umas instruções.

P4 – Vá bora! Bora! Faz lá.

J10 – Já está, pronto!

J11 – Não, não percebi nada! Vou ficar à toa. “Pchiu”, “pchiu”, menina? Olhe lá o que e percebi foi isto.

J10 – Não é nada!

J11 – Ele chega ao pé de mim (faz o gesto de tirar os fones). Está a tirar a cera dos ouvidos!

J6 – Eles estão a dizer o que é uns aos outros, não devia valer!

J3 – Parece que estás a tirar os brincos e a atirar a alguém.

J11 – É os brincos (a rir-se)... olha toma.

P4 – Bora J3, faz lá para o J6.

J11 – Eu também não percebi, fiquei à toa!

J6 – Tenta fazer para mim.

P3 – É uma profissão!

J10 – Eu não sou bom na mímica!

J11 – É uma profissão?

J2 – É ourivesaria!

J10 – “Yo”!

P4 – Uma profissão.

J11 – Ourivesaria?

P4 – O J6 está com um ar...

J11 – Tome (tirando os brincos), troco isto por dinheiro!

J6 – O que é isto?! Está a tirar cera para fazer velas?!

P3 – Não digam ainda!

J11 – Troco isto por dinheiro!

J6 – Oh! Hum, hum, hum? Como é que é?

J2 – Ourivesaria.

J1 – Bombeiro! É bombeiro.

J10 – Não é nada!

P4 – Bem, é bombeiro... J6?

J1 – É bombeiro!

P4 – J6 já... é uma profissão!

J11 – Tem ouro!

J2 – É uma ourivesaria!

J6 – É uma ourivesaria! Não, não, não, não! Calma. Não é! Eu sei, eu sei, eu sei... Relojoeiro?

J11 – É cabeleireiro porque ela disse “Ah, está aqui um cabelo a mais!”.

P4 – Disseste ourives é isso? J6, achas que é um ourives?

J6 – Sim! Faz brincos.

P4 – É o ourives.

J6 – Ah médico!

J1 – Não!

J6 – É médico, é médico! Eu sabia!

P3 – Oh J6, como é que passou de ourives para médico?

J6 – Porque eu estava assim “Qual é aquele que vê o coração?”, bang!

J11 – Ah, era isso?

P3 – Ah!

J6 – Bang! Bang!

P4 – Era isso?

J1 – Era.

J6 – “Yeh”!

J3 – Ai!

P4 – Fez sentido agora?

J6 – Porque tipo eu estava a olhar assim...

J11 – Os gritos todos que ele dá!

J2 – Mas olha sabes como é que ela me fez?

J5 – Então ela fez assim.

P3 – Então qual é que era a palavra?

J1 – Médico.

J2 – Mais uma! Mais uma vez!

P3 – J10?

P4 – Não temos tempo para mais.

J6 – Ganhamos nós! Vocês disseram que era *wrestling*!

J1 – Estiveste ai meia hora!

J6 – Vocês disseram que era *wrestling*!

J2 – Não!

J2 – O que é que tu almoçaste?

J6 – Almocei... bem!

P4 – Bem, olha...

P3 – Olha.

J11 – Já almoçaste?

J6 – Não! Eu ainda não almocei, não almocei.

J2 – Rodinha, rodinha, rodinha.

P3 – Oh J10, estava difícil ali com o médico, não foi? Olhem acham que podemos fazer aqui assim uma rodinha no meio?

J11 – É para fazer o quê?

J2 – Rodinha!

P4 – Em pé!

J11 – Ah, em pé?! Que pena!

P3 – Vamos descansar um bocadinho, está bem? Já tivemos aqui assim uma série de...

P4 – “Xe”.

P3 – De atividade, de energia. Olhem só para descansarmos um bocadinho antes de irmos embora, eu vou-vos propor...

J11 – Podíamos sentar para descansar.

P3 – Vamos já sentar a seguir. Antes de sentar eu vou-vos pedir que arranjem assim uma forma confortável de estarem com as pernas assim abertas, da forma como vos for confortável.

J11 – É, com pernas abertas?!

P3 – Mas que vos permita fazer isto, balançar, para um lado e para o outro.

J11 – Então é longe.

P3 – Só isto. Sem levantar os pés do chão. É como se nós puséssemos o peso do nosso corpo do esquerdo para o lado direito... ok?

J1 – É quando estamos à espera de alguma coisa assim no sofá.

J6 – Como ela “Vês” (fazendo um movimento no corpo).

P4 – À espera no sofá?

J1 – Sim.

J6 – “Ya”! Vamos fazer um programa.

P3 – Olhem... estão a imaginar as águias quando estão ao vento, que têm o tronco bem fixo.

J11 – Ah, então vamos ter que cair.

J1 – Estamos a ser hipnotizados.

P3 – Não! É só um ventinho. Não é um vendaval, não é um vendaval.

J1 – Parece que estamos a ser hipnotizados por uma galinha tipo...

P3 – Olhem acham que nós conseguimos fazer isto sincronizado? Ir todos para um lado e todos para o outro ao mesmo tempo?

P4 – Boa!

J6 – Estou a ficar enjoado.

P3 – Olhem nós aqui estamos mais ou menos certinhas.

P4 – Bem a J9 e a J5...

P3 – J10 achas que nos consegues acompanhar, daqui já vai certinho. Sem tirar os pés do chão.

J6 – Ye! (cantando)

J11 – Cala-te J6!

J1 – Ye! Parece aquela música (J1 levanta os braços no ar).

P3 – E agora... Olha J1, então agora... Escutem lá. Quando vamos para o lado direito nós vamos soltar o braço do lado direito e quando vamos para o lado esquerdo soltamos o do lado esquerdo, ok? Temos que ir devagarinho, está bem?

J11 – Soltar o braço... soltar o braço espera que eu vou buscar uma motosserra.

P3 – Aumentando a velocidade fazendo estes movimentos. Devagarinho, devagarinho. Devagarinho, devagarinho.

J6 – Mas tenho de mexer ou é só soltar?

P3 – Só soltar.

J6 – Ah ok.

P3 – Ok?

J11 – Mas isto é o quê, estou a tirar farinha de bolos?

J6 – “Ya”! Tira a farinha, tira a farinha!

J11 – Agora vamos pôr água no lume.

J6 – “Ya”! “Yo”! “Yo”! Queres andar ao *fight*?

P3 – Vou-vos pedir sem... olhem oiçam lá (suspirando), assim quando soltamos os braços se vocês conseguem... olha se vocês conseguem baixar e deixar ir soltando.

J11 – Não posso, tenho de arranjar uma motosserra.

J6 – Ok.

P3 – Só até onde for confortável, está bem? Olhem deixam os braços assim... deixar assim os braços.

J11 – Isto é mau, muito mau.

J10 – E depois vem ai o coelhinho pedófilo!

P3 – Vamos mandar os braços lá para baixo. Não é preciso baixar muito, é só até onde...

J2 – Ai as minhas cruces!

P4 – Boa J2!

P3 – Levanta!

J10 – Vem ai o coelhinho pedófilo!

P3 – Só para terminar antes de sentarmos podemos fazer assim... espreguiçar, esticar, esticar, esticar, e podemos pegar nos nossos colchõezinhos para sentar.

P4 distribuiu as folhas.

J6 – Obrigado!

P4 – Não é preciso virar já (para J6)! Não é para virar já (para J10). Não é para virar (para J1). Não vira (para J9). Não vira (para J3).

P3 – Não vira ainda! Não vira ainda!

J11 – Porquê que eu tenho um homem?

J2 – Porquê que eu tenho um homem?

J6 – Quando é que podemos virar?

J1 – Quando é que podemos virar?

J11 – Não posso ser uma mulher?

P4 – Olha isso é uma silhueta, pode ser um homem ou pode ser uma mulher.

J6 – Podes desenhar duas, dá!

P4 – Não é, combinado?

P3 – Adapta-se às duas coisas.

J11 – “Aham”.

P4 – Podem ver. E a ideia agora é que vocês possam preencher o vosso desenho, como vocês quiserem, está bem? Com a forma como vocês se sentirem...

J1 – Eu vou fazer com roupa ou sem roupa? (rindo-se)

P4 – Como vocês quiseres, J1, está bem? Isso cabe a cada um de vocês decidir como é que quer preencher o vosso desenho.

J1 – É a lápis e canetas!

P4 – Podem...

P3 – Olhem, de acordo como vocês se sentem agora, como se sentiram durante a sessão...

J6 – Ya, boa ideia, boa ideia!

P4 – Combinado?

P3 – Está bem?

J6 – Quero o rosa!

P3 – Canetas.

J6 – Coelhoinho pedófilo.

P3 – Podem partilhar, está bem?

P4 – Olhem, cuidado que há canetas que não escrevem, está.

J10 – Rosa, rosa, rosa!

J6 – Quero o preto porque o coelho pedófilo é racista!

J11 – Eu vou só tirar uma caneta.

J6 – Mas só uma pergunta, só uma pergunta. Nós temos de nos desenhar a nós ou pode ser uma coisa qualquer?

P4 – Não, podes desenhar como vocês se estão a sentir. Têm de ser vocês, vocês é que sabem se querem desenhar a vocês, se querem desenhar outra pessoa.

J6 – É mesmo assim deitado.

P4 – Olha oh J10, se quiseres vir para aqui tens mais espaço, para te esticares.

P3 – J6 podes chegar um bocadinho para cá, assim o J10 fica com mais espaço.

P4 – J10 se quiseres deitar o teu colchão vem para aqui onde a P3 está e consegues te deitar.

P3 – Sim, aqui está um espaço, dá para esticar um colchão, anda para aqui.

J6 – Eu é que faço o coelhinho pedófilo!

P4 – Olha oh J11, tentem agora cada um fazer o vosso e já falamos está bem?

J11 – Também quero fazer um coelhinho.

P4 – Então faz! Cada um faz aquilo que quiser.

P3 – Pensem um bocadinho como é que foi a sessão, o que fizeram, o que gostaram, o que não gostaram.

J6 – Eu sou o próximo Leonardo Da Vinci.

P4 – J6 guarda depois disso para dizeres no final, pode ser? Vamos tentar agora estar um bocadinho mais em silêncio. J1!

P4 e P3 esperaram que terminassem a atividade.

J11 – Olha o J6!

J6 – O que foi? É o coelhinho pedófilo!

P3 – Olha J6, é para pensar um bocadinho na forma como vocês se sentem.

J6 – No coelho pedófilo!

Riram-se.

J11 – No final o meu vai ser o melhor! No final o meu vai ser o melhor, vocês vão ver!

P4 – Já temos ali umas pessoas quase a terminarem.

J6 – Ah “ya”, estás a filmar, põe no “YouTube”!

P4 – Olhem à medida que forem desenhando podem tentar pensar numa palavra ou em várias sobre a manhã. Sobre o bocadinho que estivemos aqui, como vocês se sentem.

J11 – Posso escrever?

P4 – Podes escrever o que tu quiseres J11 mas a ideia era um bocadinho pensarem, atribuírem um nome, aquilo que sentiram ao estar aqui connosco.

J11 – Eu acho que isto está mal escrito.

J10 – É o pé grande!

J6 – Eu gostava de fazer o coelho pedófilo obeso!

P4 – E depois podem escrever o vosso nome na vossa folha, se faz favor, também. J3 já acabaste? Está quase?

J3 – Estou a pensar.

P4 – Ah.

P3 – J9 está?

J9 abanou a cabeça.

P3 – Não...

P4 – Está quase...

P3 – Está quase.

P4 – Alguém já terminou, não? Olhem estão quase a terminar ou não?

P3 – Sim?

P4 – Vá têm mais um minuto!

P3 – Malta está quase?

P4 – Vá J10 bora!

P3 – Vamos lá! Terminando!

P4 – J2 já acabaste?

J2 – Não.

P4 – Falta-te o quê?

J2 – O lápis, a caneta preta.

P4 – Olha! Temos de terminar!

P3 – Ponham o nome.

P4 – O nome!

P3 – O nome e a palavra.

P4 – J10 já está? J10 já acabaste?

P3 – Já está?

P4 – Olha já terminou? J6?

P3 – Malta!

P4 – Já terminaram?

J11 – Não!

P3 – Um, dois, três, temos de terminar! Terminar!

J11 – Não! Um, dois, três, quatro coelhinhos maltês!

P4 – Estão?

P3 – J1 está? Podemos voltar a sentar?

P4 – Está Agora íamos pedir...

J11 – Acabei! Mesmo lindo!

P3 – Então vá!

P4 – Vamos falar um bocadinho...

J11 – Mostra lá.

P4 – Eu gostava de ouvir a J2. J2 queres falar um bocadinho?

P3 – Ok.

P4 – Queres dizer o que mais gostaste, o que não? Queres dizer alguma coisa J2? (silêncio) Não?

J11!

J11 – Passo! Devia de ir por aquele lado possas.

P4 – Pode não ser, tens razão, mais alguém quer falar? Pode não ser por ordem. Alguém quer falar a seguir à J2?

J2 – Este (apontando para J6).

J6 – Eu quero ser o último.

J11 – Eu sou a última.

J1 – Eu sou o penúltimo.

P4 – Ninguém quer falar? Voluntariar-se.

J2 – Dá-lhe J9!

J11 – Ele pôs a mão no ar! (para J6)

J6 – Sou sempre eu a falar primeiro!

J2 – Primeiro fui eu oh!

J11 – Calma, ninguém te rouba o lugar.

P4 – J11 lamento.

J11 – J11 lamento. Não vale! Tem de começar naquele lado, é assim, rapazes...

J1 – Não, raparigas primeiro.

J11 – Eu não posso ser o primeiro coelhinho!

J2 – Vai, fala tu!

J6 – Não faz mal! Eu vou ser o primeiro, então vá!

J1 – Não!

J5 – Senhoras primeiro! Eu não sou uma senhora, sou uma criança.

P4 – J11 bora!

J11 – Não! Isto é muita pressão!

J6 – O meu...é um coelho...

T2 – Oh J11!

P4 – Oh J11 não é nada pressão, foi aquilo que tu quiseste dizer, não faz mal, ninguém está a avaliar os desenhos. Diz lá. O que é que tens a dizer sobre o dia? Queres dizer alguma coisa sobre a manhã?

J11 – Coelhinho?

P4 – Já percebi que o coelhinho é uma história... já percebemos...

P3 – Já percebemos que é uma história vossa.

J6 – Posso apresentar o meu?

P4 – Não, espera. O que é que tens a dizer... escolheste a palavra coelhinho. Queres dizer qual foi o jogo que mais gostaste, não gostaste, queres dizer alguma coisa?

J11 – O jogo do estar sentado.

P4 – É o que tu mais gostaste. Se pudesses estavas o dia todo sentada, não é J2? Ai, J11! Desculpa.

J11 – Não! É só mesmo aqui.

P4 – Era aqui, só hoje...

J11 – Porque se eu estivesse o dia todo era a dormir sim.

J6 – Basicamente.

J1 – E a ver televisão e a comer!

J11 – Não, a comer não.

P4 – J5! Diz J5. O que é que queres dizer?

J5 mostrou o desenho.

P3 – Escutem lá a J5.

P4 – J5?

P3 – J5, força.

J5 – Isto sou eu daqui a uns anos.

P3 – Ok.

P4 – És tu daqui a uns anos?

J11 – Ela disse que era um rapaz!

P4 – Qual foi a palavra que escreveste? (silêncio) Escreveste alguma palavra sobre...

J11 – Mimi! O que é que isso significa?

J5 – Sou eu.

P3 – Olha sobre a manhã, houve assim algum jogo que tenhas gostado mais ou menos?

J5 – O jogo do sinal.

P3 – Mais ou menos?

J5 – Mais.

P3 – Mais.

P4 – Ok. J3!

J1 – Ei, está bué fixe o dela!

P3 – J3 escreveste alguma palavra ou não?

P4 – Olhem não consigo ouvir!

P3 – A gente não consegue ouvir.

P4 – Não conseguimos ouvir a J3! J3 diz lá.

P3 – Diz.

J11 – Aborrecida!

J3 – Aborrecida.

P4 – Sentiste-te aborrecida? Então queres explicar?

J11 – Mas tu riste-te tanto?

P4 – Podes explicar um bocadinho? (silêncio) J3 queres explicar um bocadinho porquê que te sentes aborrecida?

J3 – Não.

P4 – Achas que toda a gente sentiu que estavas aborrecida é isso? Não gostaste de nenhum jogo?

J11 – Ela podia estar no sol da Caparica que...

P4 – Olhem desculpem lá! (tom mais elevado de voz) A J3 está a tentar falar! Oh J1 vocês não quiseram falar, agora vamos ouvir a J3, está bem? Tiveram oportunidade e agora esperam. J3 diz lá.

P3 – Não tem tanto a ver com os jogos tem a ver com a forma como tu já te sentias era? (silêncio)

P4 – J9! Podes mostrar?

J6 – Ei! Bué fixe!

J1 – Parece tipo um robot.

J6 – É bué fixe! Estás a gozar, não é um robot?!

J11 – A J9 é pro!

P4 – J9 queres falar sobre o teu desenho?

J6 – Está bué louco o dela!

J11 – Lentas?! Mantas?!

P4 – Olha eu gostava de ouvir a J9!

P3 – Deixem lá ouvir! É difícil!

P4 – Ela ainda não disse.

P3 – Se fizeres silêncio a J9 diz e nós ouvimos!

J9 – Livre.

P3 – Livre?

P4 – Livre. Sentes-te livre hoje?

J9 concordou.

P3 – Gostaste da manhã?

J9 concordou.

P4 – E queres dizer algum jogo que gostaste mais? Ouviram o que a J9 disse? J6 ouviste?

J1 – É livre.

P4 – J1?

J1 – Coelhinha!

J11 – Ele não pôs palavra.

P3 – O tema do coelhinho.

J11 – Não puseste palavra.

J1 – Pus J1.

J6 – “J1”! Ele quando acorda pensa “J1”.

P3 – Oh J1, e sobre a manhã?

J6 – J1!

P3 – Houve assim algum jogo que tenhas gostado mais ou que tenhas gostado menos?

J1 – Todos iguais.

P3 – Todos iguais.

P4 – O jogo do sinal? O que é que é, não percebi. Disseste que tinhas gostado mais do jogo do sinal, não?

J1 – Gostei de todos.

P4 – Gostaste de todos.

J6 – Isto é uma coisa que me toca muito, foi uma personagem que nós criamos aqui, foi uma coisa muito querida... É o coelho pedófilo!

J11 – Que já entrou um milhão de pessoas.

J6 – “Ya”, basicamente. É uma coisa que nos toca muito a todos.

J1 – Põe isso no “Facebook”.

P4 – Não sei se é todos ou não.

J11 – Não é a todos não!

J6 – Não é todos?!

J11 – Não é todos. É só o grupo da viagem!

J6 – É só o grupo da viagem.

P3 – Alguns de vos sim.

P4 – Quem é o grupo da viagem?

J6 – É a nossa... é a nossa.... chefe... não é chefe... nossa...

J11 – Sou eu, ele e ele.

J6 – Não, a nossa... nós temos a nossa... como é que se diz? A nossa... a nossa...

J11 – Patroa?

J6 – Não é patroa, é... aquelas pessoas que vão, que nos levam aos sítios... ai.

P3 – Guia.

J6 – Guia! A nossa guia! Foi ela, se não fosse ela... que nos fez a viagem. Se não fosse... ela...isto nunca tinha acontecido... a nossa guia! Da viagem!

J11 – Ah, pois é que ela fez o do...

J6 – Se não fosse você nada disto era possível... obrigado, temos todos de agradecer.

P3 – Oh J6 e sobre a manhã de hoje?

J6 – Ah... eu pus tipo criança, para não desaparecer (falou muito rápido).

P4 – Oh J6 eu não estou a perceber nada, falaste muito rápido.

J6 – Eu aqui não escrevi nada de de manhã mas vou dizer... foi um bom dia, pronto!

P4 – Mas no fundo se calhar também significa que sentes-te bem aqui neste grupo.

J6 – Sim.

P4 – Ou não?

J6 – Sim!

P4 – É isso ou não?

J11 – “Aham”. É ele a responder, respondeu ele. (para J1)

J6 – “Ya”, tu não respondes quando é a tua vez mas respondes na minha!

J1 – Eu respondo na minha vez.

J6 – Pronto aqui é o coelhinho a falar com crianças que estão assustadas.

P4 – J10? Queres dizer alguma coisa sobre a manhã J10?

P3 – Deixem lá ouvir o J10!

P4 – Oh J6.

J10 – Sobre a manhã.

P4 – Sim. O que é que gostaste mais?

P3 – Houve assim algum jogo que tenhas gostado mais? Não? De todos no geral.

P4 – Mais alguém quer dizer alguma coisa? (silêncio) Não?

P3 – Nós gostamos de estar aqui convosco, nós gostamos muito de vir até cá e de estar aqui convosco este bocadinho.

J6 – Não é preciso mentir. (rindo-se)

P4 – Passou a correr!

Sessão 10

J6 – O telefone, ele já tem saudades tuas! (para J11)

J11 – Ei! Já encontrei um que não gosto.

T2 – Quem é que estava com saudades de quem?

J11 – Quem é que tem saudades de quem? O telemóvel dele.

J6 – O telefone, ele tem saudades. É tipo, ela aprecia-o.

J11 – Mentira! O telefone dele é que tem saudades minhas.

J6 – Ele está a tocar e aparece lá a imagem dela assim. (fazendo uma careta)

J1 – Que conversa de malucos.

- J6** – “Ya”. Olá mãe! (olhando para a câmara)
- T2** – Então vocês sabem, sabem do que é que vamos falar hoje?
- J11** – Bolo de aniversário!
- T2** – Também! Mas isso é no fim.
- J11** – Foi o que me disseram!
- J6** – Podemos passar isto já para a frente se quiserem!
- J11** – Chocolate e cenoura, courgette e...
- J7** – Fazer recortes e bonequinhos e papéis!
- T2** – Vou fazer uma pergunta. Vocês sabem? Quem é que sabe?
- J7** – Fazer recortes! Fazer recortes.
- T2** – J7, sabes?
- J2** – Vamos fazer coisas da família.
- J7** – Fazer recortes!
- T2** – Da família, exatamente.
- J11** – Da família?
- J2** – Vamos fazer uma família!
- J11** – Um coelhinho, outro coelhinho...
- J1** – Ela fala ao calhas e eu digo que sim...
- J10** – Vamos fazer o coelhinho pedófilo.
- T2** – Bem... todos vocês... todos vocês...
- J7** – Vamos pôr na parede o coelhinho pedófilo!
- T2** – Oh J7 estás a perceber porquê que eu te pus aí? Se estiveres ali ao lado do J6...
- J7** – Não!
- J11** – Não, então?! Isto é o grupo das meninas!
- J6** – Não, não, deixe estar, deixe estar.
- T2** – Todos vocês têm famílias diferentes não é? Nós aqui vamos pedir...
- O2** – Olhem oh meninos essa conversa não conta!
- T2** – Vocês têm de ouvir, se não, assim não.
- J11** – Oiçam lá, então?!
- T2** – O que nós vamos pedir... vamos pedir que vocês, usando... usando aquelas imagens que ali estão... claro que aquilo são bonecos, não é? Pronto.
- J11** – Pois, vou pôr o meu irmão como cão?!

T2 – Vamos pedir que cortem e que façam uma imagem da vossa família e vocês podem dispor como quiserem, está bem? Ou da vossa família, ou de uma família imaginária, pronto, como vocês gostarem mais, ou aquilo que vocês gostavam que fosse, está bem? Pronto.

J11 – Então, eu gostava que a minha mãe fosse um cão. Vou pôr ali um cão!

T2 – Depois falas, está bem J11?

J2 – Cadela.

J11 – Cadela pronto! Cadela! Coelhoinho! Mistura perfeita! A minha mãe vai ser uma cadela e o meu pai vai ser um coelhoinho!

J2 – Está aqui um passarinho!

J11 – Eu sou do Benfica!

J2 – Também eu pá!

J11 – Perdeu!

J1 – O Sporting perdeu.

O2 distribuiu as tesouras.

J11 – Tesoura para crianças.

J2 – Ponta redonda!

O2 – É para cortarem aquilo.

J2 – Mas porquê que eu tenho uma ponta redonda?

J6 – Não pode ir alguém? Porque eu gosto de estar aqui.

T2 – J6 trocas num instante para ali.

J6 – Não, não.

T2 – J6 vai para ali!

J6 – Ok.

O2 – J6 leva a tesoura.

J6 – Obrigado.

T2 – Podem começar. Vocês podem ir ali procurar.

T2 distribuiu as colas.

T2 – Uma cola.

J6 – Obrigada. Ok, eu estou com uma tesoura e uma cola, é mau sinal, muito mau sinal!

J1 – Agora pensava que era o coelho.

T2 – Vejam estes aqui primeiro, está bem?

J2 – Coelhoinho! Tenho um coelho em casa!

J11 – Tens um coelho?

J2 – “Ya”!

J1 – Eu tenho um peixe!

J7 – Eu tenho um “Robocop”!

J6 – Não há coelhos?

J7 – Já está a minha família.

T2 – Quem é que não tem cola?

J7 – Eu, eu, eu!

J1 – Vou cortar um passarinho.

J7 – Vou cortar, vou cortar um passarinho!

J6 – Ei, não há coelhos. Estão a brincar comigo.

J1 – Encontrei um passarinho.

J2 – Vou pôr um pássaro e uma tartaruga.

J1 – Está a tentar voar.

T2 – Vocês depois têm a oportunidade de explicar o que é que fizeram, está bem?

J11 – Vou pôr uma página em branco e uma página em branco.

J6 – Estranhamente este é igualzinho à minha avó.

J7 – O quê?

J6 – O cão.

Riram-se.

J6 – Estou a brincar! A minha avó é mais parecida com o gato.

J2 – O meu irmão...

J11 – Vou pôr aqui o do *golf*.

J2 – Olha a minha mãe.

J11 – A cadela? Ah!

J2 – Onde é que está o meu pai?

J7 – O passarinho assim vai para onde? Deve ser o passarinho das couves!

J2 – Podíamos ir arranjar primeiro...

J10 – Isso é o Zé das couves.

J2 – Deviam ter posto aqui coelhos!

J1 – Ele está a deitar fora.

J11 – Metes bué piada!

T2 – Oh J10 vá lá!

J6 – Isto faz bué impressão. A cara da rapariga é tipo 3 vezes o corpo.

J11 – Qual?

J2 – É “bratz”?

J6 – É o do quê?

Riram-se.

J11 – “Bratz”!

J6 – “Han”?

J2 – É aquela boneca do gorro.

J6 – Parece que tem uma doença!

T2 – Não tem de ser só a família que vive lá em casa, podem ser outras pessoas.

J11 – Ah, então fixe, então vou pôr o gato que também faz parte da família.

T2 – Também.

J1 – O passarinho e já está bom.

J7 – A minha irmã... a minha irmã, que é o meu irmão mas pronto!

J6 – Mas é para colarmos aqui?

T2 – Sim, colam aí, como vocês quiserem.

J6 – Ah, ok.

J11 – Olha a minha família toda.

J2 – Ela já acabou!

J11 – Então eu vou pôr aqui pessoas feias?!

J1 – Aqui não cola.

J2 – Olha aqui a família toda.

J1 – Eu pus cola aqui e não cola.

J7 – Porquê que não metes a Rosita?

J11 – É verdade, não posso tirar o que eu não gosto? Era mais fácil. (silêncio)

J11 – A minha família toda, está feito! “Ti-ti” avôs, tem aqui tudo!

J2 – “Ti-ti” avôs?

T2 – J11 mas pode haver alguém que não viva contigo, mas que seja importante para ti na família.

J11 – Vou ter de tirar o pássaro.

J6 – Eu cortei o gato... não sei... não percebi muito bem.

T2 – Não consegues cortar mais pequenino?

J6 – Então vá.

J1 – A minha está original!

T2 – Mas pensa lá, pensa lá um bocadinho.

J6 – A minha família, o cão!

T2 – J1 depois vais ter de explicar, está bem?

J1 concordou com a cabeça.

J11 – Então vou pôr o bebé com a minha mãe. Olha aqui a minha tetravó!

T2 – Oh J10, então?

J11 – Eu estou a cortar ao calhas, eu não sei o que é que eu...

J6 – Ei! Agora é que eu percebi que isto é um avô! O velho! Pensava que isto era tipo uma...

J7 – Eu tenho dois velhotes, o que é que eu faço? Qual é que escolho?

J6 – Finge que os teus avós são... iguais pronto!

J7 – E depois digo que é uma avó!

J6 – E tiveram um filho, tiveram um filho!

J1 – Tiveram um filho.

J6 – “Ya”, com um passarinho.

J2 – O meu avô está na sanita.

J1 – Caiu na sanita.

J2 – Olha aqui, está na sanita! (para J6)

J6 – Oh!

J11 – O único homem que está aqui de jeito é este.

J6 – Se para ti o teu avô faz... usa a sanita, o sofá como uma sanita...

J2 – “Ya”!

J11 – Podia ter um buraco, teve que ir... reciclou!

J6 – Foi, foi!

J7 – J11 tem calma.

J11 – Epa, reciclou! Vocês...

J1 – Eu gostava de ser um pássaro, andar ai a voar e tal. A comer à pala dos pescadores!

J10 – Eu gostava de ser um gajo rico.

J6 – Eu gostava de ser rico.

J7 – Eu gostava de ser o Cristiano Ronaldo mas não posso.

J2 – Tenho duas avós iguais.

J11 – Também tenho.

J6 – Vá vou pôr o gato... em cima da careca do velho e a deficiente... como é que ela chama-se... como é que se chama? A rapariga...

J1 – Como é que se chama o coelhinho pedófilo?

J11 – Coelhinho pedófilo...

J6 – Como é que é? É Ruben, não é?

J7 – José Alberto! José Alberto Coelho Josefina!

J6 – Josefino.

J11 – “Genovevo”.

J7 – Não, não, não. José Alberto Coelho Josefina!

J1 – Josefina. Maria Antónia!

J7 – A minha mãe chama-se Maria Antonieta, tem calma.

J6 – Coitada.

J7 – Tem calma que a minha mãe chama-se Maria Antonieta.

J1 – Antonieta!

J7 – Antonieta...

J6 – Ai tenho dois avôs. Ah agora é que eu vi, tenho dois avôs iguais.

J11 – Já sei o nome do coelhinho mas temos de falar lá fora.

J7 – José Alberto.

O2 – Já acabaste J1?

J1 – Já.

J6 – Ah?!

J11 – Não, fui eu que lhe disse. É o Maria “Antoniete”! Já não sei qual é o resto do nome, mesmo. É parecido!

J6 – Maria “Antoniete” Courgette.

O2 – Já acabaste J7?

J7 – Já cortei.

J11 – Cenoura, pepino!

T2 – Oh J11! Então agora tens que colar!

J11 – Ah, é verdade, agora tenho de pôr eu não é?

T2 – Vocês... ai esqueci-me de dizer uma coisa!

J11 – Já tenho asas para voar.

T2 – Posso? Agora posso falar? Esqueci-me de dizer uma coisa. Vocês também têm de pôr aí alguém que seja vocês próprios, está bem?

J11 – Então eu já pus o pássaro, para ter asas para voar.

J6 – Eu é mais para fazer cocó em cima das tesouras basicamente. Eu cortei o gato e o velho e não sei o que é que vou cortar mais.

O2 – Tens de te despachar.

J6 – Ok.

T2 – Oh J11 não tens cola?

J11 – Não, a J2 ficou com a minha.

J7 – Ficou com a tua?

J11 – Olha é cor-de-rosa.

J2 – Olha perdi o outro avô.

J11 – O da sanita?

J6 – Ai essa frase é bué familiar porque eu digo isso praticamente todos os dias. O teu avô. O meu avô foge.

J1 – O teu avô foge?

J6 – “Ya”, ele não bate bem da bola.

J1 – Eu sei porquê. Anda sempre atrás da dentadura.

J7 riu-se.

J6 – Eu acho que é mais das fezes.

J11 – Esta cola não cola. Isto é cola do primeiro ano.

J7 – Que cheiro é este puto?

J6 – Olha que coisa mais linda, um gato com um velho! Ah já sei, é um pedófilo a ver um vídeo fofo de um bebé com um gato! “Ya”, está brutal! Ei está brutal!

J1 – Onde é que está o bebé com um gato?

J6 – Vou pôr a deficiente. Como é que esta gaja se chama?

J11 – “Han”?

J10 – Maria Albertina.

J6 – Como é que esta aqui se chama?

J10 – Maria Albertina.

J11 – Maria “Antoniete”.

J6 – “Antoniete”.

J7 – “Han”, “Han”?

J6 – “Antoniete”.

J11 – Olha não foi bem assim.

T2 – Olhem vocês vão ter de ser mais rápidos, está bem?

J11 – Acabei!

J6 – Ei tem uma criança.

J1 – Acabaste? Acabaste de começar.

J11 – Acabei.

J7 – Porquê que não vamos cantar a música do “Titanic”? “Te-re-re”... (J7 canta).

J6 – *What the fuck?* De onde é que isso veio meu?

J1 – Porquê que não cantas a música do *King Kong*?

J6 – Música do “Titanic”... mas pronto.

J1 – É tipo aquela parte que o navio está a partir-se todo.

J11 – Não é nada, é aquela parte em que está de braços abertos a dizer «Vou voar».

J6 – Olha, atira-te já!

J11 – Não, vou voar! Saltam do barco e bum! Sabes que tu consegues voar. Se te atirares de um prédio estás a voar. (para J2)

O2 – Vais precisar de mais?

J6 – A... Só mais outro. Pode levar isto, se quiser. Só mais o velho.

J2 – Já acabei!

T2 – Já?

J6 – Esperam aí. Está mesmo quase.

J1 – Olha-me aquela!

J11 – Eu não sei o que é que ela está a fazer ali em baixo!

J6 – Pronto, já está.

J2 – Já acabei! O meu pai, eu e o meu irmão, a minha avó, o meu avô... a minha tia e a minha mãe.

J1 – Olha tens um miúdo aí?

T2 – Vá lá!

J11 – Está ali um miúdo em cima.

J6 – Estou com o bebé, agora a sofrer. Eu acho que o meu velho está com um ataque cardíaco mas...

O2 – Depois vais explicar tudo isso que estás a dizer aqui, portanto é bom que tenhas isso decorado.

J6 – Eu não sei... isto é uma coisa espontânea.

J7 – Eu acho que a minha avó é a mais alta da família. Não é por nada, parece maior que toda a gente.

J6 – Ei saiu tão mal! A minha avó é a mais alta da família ao pé de toda a gente.

T2 – J6!

J7 – Eu estou a trabalhar.

J11 – Qual é que é aquele que trabalha lá no hospital dos animais?

J7 – Veterinário!

J6 riu-se.

J11 – O veterinário, padeiro, é que vai fazer o pássaro, está feito!

J6 – Eu estou a fazer o velho pedófilo.

J11 – É para dar comer.

J1 – Então é o pão que vai comer o pássaro e o pássaro vai comer o pão.

J10 – Está feito!

J2 – Eu acho que isto está mal.

J11 – Ai ele morreu!

J1 – Isto aqui é um pássaro a ir ter com outro, só que o outro ainda não apareceu.

J11 – O outro fugiu.

J6 – O meu velho está, está “coiso”...

J7 – Chama o António, chama o António... (a cantar)

J1 – Ele teve uma branca.

J2 – Por isso é que é branco.

J6 – Ei, brutal, brutal, brutal! Eu adoto-te!

J11 – Olha lá... ele só canta músicas do ano passado?! É o “Titanic”, é o “Chama o António”...

Riram-se.

J1 – Põe aquelas lá do...

J11 – É do “Toy”! É do “Canta se puderes”.

J2 – Cante se puder...

J11 – É o “Toy”!

J1 – Está a cantar o “ursinho gummy”!

J6 – Olha a arte, olha a arte! Estás a brincar?! Olha aqui. Olha o que é que aconteceu ao velho!
Uh!

J1 – O que é isso?

J6 – O que é que tu achas?!

J7 – Isto aqui é que é arte... isto aqui é que é arte!

J11 – Eu não quero saber, eu é que escolho o nome do coelhinho!

T2 – J6!

J7 – Olha a minha avó, eu não disse que a minha avó está mais alta que toda a gente! (mostrando a colagem)

J11 – Ouviste? Eu é que escolho o nome do coelhinho. Já está escolhido!

J6 – Alberto?

J1 – Ele foi tirar a dentadura.

J11 – É melhor dizer lá fora.

J7 – Agora quem manda é o coelhinho!

T2 – Vocês têm... oh J7! Vocês têm dois minutos para terminar, vá lá!

J1 – Cá dentro não podem dizer, tem de ser lá fora.

J11 – Eu já acabei. Eu já acabei.

J6 – Acabou!

T2 – Acabou? J6? Podem deitar os papelitos maiores fora. Dá cá os papéis. Bom! Agora um de cada vez, vamos começar ai pelo J1. Podes começar J1! Levanta-te!

J1 – É o símbolo da paz!

T2 – Podes-te levantar, está bem?

J1 levantou-se.

J11 – Ei, é preciso levantar só para dizer isso?

T2 – Sim! Tens de explicar.

J1 – Isto é o símbolo da paz, e está ali um pássaro à procura dele.

T2 – E como é que tu ligas isso à tua família?

J11 – A família chama-se paz.

J6 – São *hippies*! São *hippies*!

T2 – Desculpem lá mas não estou a ouvir o J1.

J1 – A minha família é livre, é feliz.

T2 – Feliz e livre. E está em paz, é isso?

J6 – Deves ser o único filho.

T2 – Ok. J10!

J10 – Eu não sei o que é isto, pus à toa.

T2 – Sabes, puseste por algum motivo. Levanta-te lá.

J1 – Levanta-te homem!

J10 – Vou dizer à toa.

J11 – É só para apresentar a família.

J7 – Le-van-ta-te!

T2 – Não se querem levantar?! Assim os outros vêm melhor, para mostrares a todos.

J10 – Eu não sei o que é isto, vou dizer à toa.

T2 – Então diz... que imagens é que tu puseste?

J1 – O cão que comeu o pássaro!

J6 – Não, esfolou o pássaro.

J1 – Não, mais divertido o pássaro comeu o cão!

T2 – J11?

J11 – Eu?!

T2 – J7? Oh J10, tu tens cães e pássaros em casa?

J10 – Já tive pássaros.

T2 – Já tiveste pássaros. Oh J1! Agora vamos ouvir o J10.

J10 – Já tive um pássaro e agora tenho uma cadela.

T2 – Antes tinhas um pássaro e agora tens uma?

J10 – Cadela.

T2 – Cadela. Mas não tens aí ninguém a representar-te a ti próprio, pois não?

J10 – Sou o pássaro.

T2 – Porquê?

Riram-se.

J11 – Eh! Macaco!

J1 – A minha família toda é um pássaro portanto.

O2 – A tua já foi, deixa o J10 falar.

J11 – Sou um pássaro, não é?! Claro!

O2 – És um pássaro?

J10 – Sim.

O2 – Então e a tua cadela quem é que representa aí?

J10 – A minha cadela.

O2 – A tua cadela?

T2 – Como é que se chama a tua cadela J10?

J6 – Eu sou um pássaro...

J7 – “Pintarola”!

T2 – Como é que se chama a tua cadela, J10?

J10 – Luna.

T2 – Como?

J10 – Luna.

T2 – Luna. Agora vamos ouvir aqui o J6. J6?

J6 – A...

T2 – Queres-te levantar para mostrar, para toda a gente ver melhor?

J6 levantou-se.

T2 – Mostra lá.

Bateram palmas.

J1 – Agora diz assim «São desenhos!».

T2 – Explica lá a tua família.

J6 – Isto é... é a melhor posição contra a violação, pedofilia.

T2 – Não percebi.

J6 – Eu não sei se a minha família é pedófila... não sei, eu acho que o meu avô era mas... já não é.

T2 – Isso é o teu avô, e depois em cima?

J6 – Pus uma tartaruga porque me apeteceu.

J11 – Eu pensava que eram caracóis.

J6 – Não, é uma tartaruga.

T2 – Uma tartaruga, mas tens alguma tartaruga em casa?

J6 – Não, porque o meu avô normalmente parte a cabeça muito vezes então é uma interpretação, uma interpretação... está a perceber, uma interpretação... da tartaruga, está a perceber?

J11 – Ele tem sempre a casa na cabeça?

J6 – E, o bebé, é um bebé, e o gato é um gato, e o meu avô é pedófilo e está a ver aquilo e está com a boca assim (fez uma careca com a boca aberta). E é a minha família.

T2 – Tens algum... tens algum gato em casa?

J6 – Gato não e mais... também não, tenho só uma prima, mas também não.

T2 – Gostavas de ter, se calhar.

J6 – Podia ser, não era aconselhável, mas podia ser. Pedofilia não!

J1 – Diga não à pedofilia!

O2 – Ok.

T2 – Vamos ouvir a J2 se faz favor!

J2 mostrou a sua colagem.

J2 – Então...

T2 – Oh J6!

J2 – Esta é a minha mãe, este é o meu pai, isto sou eu, o meu irmão, não este é o meu irmão...

T2 – Não, não, não, oh J2 estás a trocar.

J6 – O teu irmão é um cão, ah...

J1 – Tu tens dois avôs?

J2 – Tenho.

T2 – O irmão e depois? Desculpa.

J2 – A minha mãe, o meu pai, e eu, o meu irmão, a minha gata, os meus avós da parte da mãe e os meus avós da parte do pai.

T2 – Muito bem.

J6 – Eu gosto bué do bolo que eu sei que vais trazer.

J1 – O mais importante é o gato, que está ali...

T2 – Agora é a J11. Vamos ouvir a J11. J11!

J2 – Mostra.

T2 – Mostra J11!

J11 – É um veterinário, com uma padeira que faz um pássaro.

J11 riu-se.

J2 – Isso é ela. O veterinário cuida do pássaro.

J6 – Traz-me o bolo! Traz-me o bolo! Traz-me o bolo!

T2 – Não percebi J11.

J11 – Eu explico. É o meu pai e a minha mãe, e sou eu. É o veterinário... (riu-se). Se eu me magoou tenho sempre aqui o meu paizinho para tratar de mim e se eu tenho fome a mãe faz os bolos. Isto tem outra lógica mas...

T2 – E tu és o pássaro porque?

J11 – Porque era a única coisa bonita que estava no papel.

J6 – Eu tenho só uma questão. Posso fazer uma questão, ao desenho dela?

T2 – Podes.

J6 – Não consigo! Calma.

J1 – Isso é tudo muito branco.

J6 – É verde. A... então espera, deixa ver se eu percebi. Tu és um pássaro...

J2 – Sim.

J6 – Porque o teu pai e a tua mãe pela reprodução assexuada deram um pássaro, se fosse um pássaro e um homem, mesmo assim não dava, mas podemos imaginar...

T2 – Pronto. J6! Vamos passar agora a ouvir a J9.

Riram-se.

J1 – Se no “shrek” dá um burro e um dragão também pode dar um pássaro.

J11 – “Ya”, se um dragão e um burro dão!

T2 – Vá vamos ouvir a J9 se faz favor!

J6 – Então mas isso...

T2 – Vamos ouvir a J9!

J9 – É o meu bisavô...

T2 – Sim.

J9 – A... a minha avó materna.

T2 – Vamos ouvir!

J9 – O meu avô... o meu bisavô, a minha avó materna...

T2 – Xiu!

J11 – Perdeu a cabeça.

J9 – Os meus avós paternos, o meu pai com a minha tia, a minha mãe, o meu tio, a... os nossos animais de estimação e eu.

T2 – E tu.

J6 – O dela foi o mais normal de todos.

J7 – Mostrem-me lá o que é isto.

J7 mostrou o seu desenho.

T2 – Então fala lá J7. Diz lá.

J7 – Opa!

J10 – Epa fogo!

J7 – Este aqui é o meu pai, este aqui é o meu cão, o meu avô, a minha avó...

J10 – E etc...

J7 – O meu irmão, o meu primo, a minha avó... e eu.

J11 – Mostra lá o rapaz.

J6 – Ele parece que está em constante sofrimento.

J11 – Deixa lá ver o rapaz.

T2 – E o pássaro é o quê?

J7 mostrou o desenho novamente.

T2 – J7 não percebi, o pássaro? Tu és um pássaro?

J7 – Não, sou eu.

J6 – Tu és um pássaro? Mas toda a gente virou pássaro hoje? Fogo!

J2 – Porquê que eles se levantaram e nós não?

J1 – Porque vocês são preguiçosas!

Distribuíram-se as pastas.

T2 – Podes guardar. Podes guardar J11!

J11 – Onde é que está o coelhinho? Eu quero ver o coelhinho, já tenho oh... J6, J6! Tinha tantas saudades.

J2 – Que giro!

T2 – J6 podes guardar.

J11 – Está mesmo lindo, brinca!

J7 – Vocês desenharam e eu não desenhei. Eu também queria desenhar, mas não desenhei. Porquê que eu não desenhei?

J6 – Tu desenhaste também.

J11 – Porque não estavas cá!

J6 – Eu acho que ele estava cá.

J11 – É uma lógica fácil, não estavas cá!

J6 – Ah pois, ele não estava cá, nós até... ei!

J11 – Porquê que tiraram a cola daqui? Precisávamos da cola.

T2 – Não é para colar sequer, não é para colar.

J1 – É para quê?

O2 – Querem saber para quê que é, têm de ouvir vá. A Dr.^a vai explicar.

T2 – Desculpem. Eu vou ter de falar, está bem?

J11 – Calem-se lá, eu quero saber para quê que é isto!

J6 – Calem-se lá, eu quero saber quem ganha!

T2 – Olha não faças isso J1, porque isso não é para fechar, está bem? Pronto, com certeza que todos vocês já tiveram... já tiveram em casa situações de castigos ou...

J1 – Claro!

J10 – Claro!

T2 – Ou sei lá... Ninguém perguntou nada! Tiveram situações que acharam injustas... ou pediram para sair e não deixaram, ou tiveram zangas em casa, conflitos, provavelmente quase todos, não é? Se não todos. O que é que eu vos vou pedir? Vocês têm uma folha branca, uma folha branca todos... a... portanto mas isto é norma, atenção! E vocês vão escrever... vão escrever uma situação que tenham passado, que tenham sentido que tenha sido desagradável, tiveram dificuldade em resolver...

J2 – Tem de ser desagradável?

J1 – Pode ser duas palavras, pode ser uma palavra?

J11 – Pedir para ir à casa-de-banho e não deixaram também dá?

T2 – Se quiseres...

J1 – Posso desenhar?

T2 – Portanto todos vocês vão escrever... oh J10 já guardaste isso, não? Pronto... estou a acabar de falar! Portanto vão escrever nessa folha branca, e depois vão dobrar a folha branca em quatro e meter dentro desse envelope, está bem? É anónimo.

J1 – Tem de ser o máximo quantas linhas?

T2 – Não tenho, não há...

J11 – Não há máximo, podes escrever só cenouras que resume tudo.

T2 – Uma situação que vocês tenham passado e que tenha sido difícil para vocês em casa.

J1 – Dia 2 de setembro de mil novecentos e noventa...

J6 – Então vá, vamos começar. Coelhoinho pedófilo!

T2 – Mas agora é calados porque isto é anónimo.

J7 – De rapaz para rapaz...

T2 – É anónimo oh J7, agora não dizes nada do que estás a escrever, está bem?

O2 – Vá pensem um bocadinho.

J11 – Fiquei de castigo porque a mãe queria um rapaz e saiu uma menina...

T2 – É anónimo.

J2 – Já está. (disse baixinho)

T2 – Uma situação que tenha sido complicada...

T2 **tocou no braço de J11 mas ela reagiu de imediato.**

J11 – Ai isso é injusto! Pronto, vou escrever isso assim! Tocou-me sem eu deixar!

T2 – Uma situação que tenhas achado... olha!

J11 – Isso não é assim que se dobra.

T2 – É assim é.

J2 – Toma!

J11 – É assim?

T2 – É em quatro sim.

J2 – Agora vai distribuir as cartas.

J11 – E vamos trocar e já sabem qual é o meu.

T2 – Espero que esteja com uma letra que se perceba.

O2 – Já escreveste J11? Já?

J11 – Não! Já.

O2 – Já?

T2 – Oh J10, vá lá!

Recolheram-se os envelopes.

J6 – Onde é que está o envelope? Ah está aqui.

T2 – Vamos falar outra vez? Vou falar outra vez. Então é assim vocês escreveram problemas que passaram, não é?

T2 entrega um envelope a J7.

T2 – Vamos ouvir! Oh J11!

J11 – Sim! Não se preocupe!

T2 – Pronto, então o J7 vai ler um problema que é de outra pessoa.

J6 – Então mas vamos ler?

T2 – Espera! Deixa-me explicar. Vai ler o problema que a outra pessoa pôs e vai dar uma solução a esse problema.

J1 – Ei!

J6 – Ei!

J1 – Para a próxima não escrevo nada!

J2 – Vá meninos!

T2 – Vamos ouvir!

J7 – «Quando vou lavar a loiça».

T2 – Pronto! Ou seja há uma pessoa que acha que quando mandam lavar a loiça que é uma situação de conflito.

J7 – Eu acho que mais vale despachar as coisas para mais tarde não fazer.

T2 – Ok, pronto.

J11 – Ou então pões a mesa e depois usas a desculpa do «Já pus a mesa».

J6 – “Ya”, meu! Basicamente toda a gente não faz isso.

T2 – De quem era isto?

J11 – Aposto que era dele.

T2 – Lavar a loiça.

T2 entregou o envelope a J1.

T2 – Guarda isto.

J11 – Ah toma!

T2 deu a escolher um envelope a J11.

J11 – Epa eu quero... o do hospital. Pode ser. Agora calhava o meu.

J6 – Ei, se for o meu... fogo!

O2 – Se calhar o teu, azar.

J6 – É o meu?

J7 – É o meu?

J11 – É o do J6.

J2 – A letra.

J11 – Até pões «De P.».

J6 – «De P.»? Então não é o meu.

T2 – Vamos ouvir. Não interessa de quem é. Vá! Vamos lá ouvir o problema.

O2 – Vá, tens de ler em voz alta, J11, para toda a gente.

T2 – Lê em voz alta! Se não, ninguém sabe.

J11 – «Fiquei de castigo...»

J6 – Não é o meu!

J11 – «por não comer o caldo verde da minha tia Alberta, kkkkkk». Eu não vou repetir porque são muitos.

T2 – Então o que é que fazias aí nessa situação?

J11 – Acho que não fazia nada.

T2 – Comias a sopa?

J11 – Não?

T2 – Não comias a sopa?

J11 – Não, fingia que comia sopa e depois ia à cozinha pô dentro do tacho e vinha-me embora.

J7 – É meu, é meu, é meu, é meu!

J11 – Oh, mas eu não quero a carta. Ah é uma carta para mim.

T2 entregou uma carta a J2.

J6 – Ei não, não vão ler, fogo!

J11 – É do J6, está feito!

J6 – É o meu?

J11 – É.

J6 – Ei! Oh meu “ya”! Estou feito!

J11 – Ei, fogo! Podes começar a ler.

J2 – Grande testamento!

T2 – Anda lá.

J6 – Estou feito!

J1 – Isso é uma parte da bíblia.

J6 – Ela não pode ler para ela?

T2 – Xiu!

J2 – Vou ler para mim.

O2 – Não, tens de ler em voz alta.

J6 – Fogo, estou feito!

J1 – Eu para a próxima não escrevo nada, porra!

J11 – Caraças, que violência!

J6 riu-se.

T2 retirou a carta a J2.

J2 – Podias fazer um testamento maior, não?!

T2 – «A semana passada eu fui visto por um médico porque o meu pai sufocou-me?!»

J6 – “Ya”.

T2 – «Ele fez isso pois a minha madrasta mentiu sobre ter-lhe levantado a mão. Já não é a primeira vez que ela faz isso devido a vários assuntos ocorridos, mas infelizmente o meu pai acredita mais nela do que em mim. Eu quero que o meu pai encontre a mulher perfeita e não me importo que ela fosse parte da minha vida mas não posso mais...»

J6 – «Não posso aceitar...»

T2 – «não posso aceitar ela falar mal da minha...»

J6 – Mãe.

J11 – Mãe!

T2 – «...chamá-la...». Tem aqui uma asneira! «...e levantar-me a mão.»

T2 – J2, soluções?

J11 – Eu sei tudo sobre isso. Para a primeira, quando está a sufocar, auto-defesa!

J2 – Auto-defesa! Isso!

T2 – Eu acho que o principal problema aqui é...

J11 – Em questão às asneiras vais lá e dizes «Epa».

T2 – Não é essa a questão...

J11 – Eu não ouvi metade.

T2 – Se calhar o problema é esse J11. Portanto é assim, a principal questão aqui...

J11 – Não te gabes muito!

J2 – Estou a pensar. Estou a pensar.

O2 – É o teu problema devias estar interessado em ouvir.

J2 – Eu não sei.

(T2 e J2 conversaram entre si mas não se percebeu)

J11 – Fala alto! Eu que estou aqui ao teu lado não oiço.

J2 – Eu não sei.

J11 – Eu posso ver outra vez?

J2 – Para repetir aquilo que disseste?

T2 – Não, não, eu perguntei-te a ti sobre o que ele disse.

J11 – O que ele disse foi a asneira? O que ele disse foi a asneira?

J2 – Eu não sei!

J6 – Eu não sei, eu falo por mim próprio.

T2 entregou uma carta a J9.

J6 – Para a próxima digam que as pessoas vão ler!

T2 – Podes guardar.

J11 – Ei! O dela é bué bonito! Eu tenho a solução para isso!

J9 – «Fiquei de castigo...»

T2 – Deixa ouvir a J9 vá.

J9 – «Fiquei de castigo por ter nascido.»

Riram-se.

J11 – Eu tenho a solução para isso!

J6 – Ei, essa frase está linda!

J11 – Eu tenho a solução para isso! Ela não explicou, era por ter sido uma menina, faz o meu coração, ficas homem!

J6 – Enfia uma courgette que isso passa logo!

J2 – É verdade, ela não explicou!

T2 – Vamos ouvir a J9, ela vai ter de dar uma solução. Vamos ouvir a J9, mau! Então?!

J9 – Eu não sei.

T2 – Não sabes.

J11 – Esta é um bocado difícil.

J9 – Depende da situação... os pais podiam querer que fosse um rapaz...

T2 – Oiçam a J9! A J9 estava a pensar. Vamos deixar a J9 pensar.

J9 – Se calhar...

J6 – A J11 é direta, mata tudo!

J1 – Pões um pénis, isso resolve-se tudo!

J11 – A solução disso é matar-se.

T2 – Ninguém está a ouvir nada...

J9 – Então... esperavam ter um rapaz.

T2 – Mas ai não diz se é menino ou menina.

J9 – Não, pois.

J11 – Mata-te!

J6 – Está ali uma janela.

T2 – Tem a ver com a pessoa.

J6 – Fica para a próxima.

J7 – Suicida-te já!

J11 – Atira-te da janela.

J1 – E estou a ver se ela é um travesti.

J6 – “Ya”, é o que eu estou a pensar.

O2 – Isso não é uma solução!

J6 – Tens um pénis nas costas.

J9 – Se for mal criada para os pais talvez possam tentar falar...

T2 – E ser uma pessoa melhor.

J9 – Talvez tenham-na posto de castigo porque fez alguma coisa de errado ou...

J11 – Tem a ver com o nascer...

J2 – Eu vi uma carta que estava em baixo de umas fotografias e estava a dizer que esperavam um rapaz e iam meter de castigo.

J6 – Mas qual foi o castigo? Comer brócolos todos os dias.

J1 – Há bebés que nascem na sanita.

J6 – Não sei se foi assim que aconteceu mas não sei...

J9 – Uma rapariga dá mais trabalho que um rapaz mas ela gosta de ti à mesma.

T2 – Eu não sei de quem é isto.

J2 – É meu.

T2 deu uma carta a J1.

J2 – J1 diz lá de quem é isso.

J1 – É meu!

J2 – É o dele, é o dele!

T2 – É o teu?

J1 – É!

J2 – Fecha!

T2 entregou outro envelope a J1.

J11 – Eu queria que me calhasse o meu.

J6 – Eu queria que me calhasse o da minha avó.

J11 – Aquilo é meu.

J7 – Não, não desculpa...

J6 – Eu sou tua avó, e aquela é tua bisavô...

O2 – Vamos ouvir, sim?

J1 – «Queria ir à casa-de-banho e... não o quê?»

J2 – Não deixaram ir e fiquei de castigo.

T2 – «Não deixaram».

J1 – «Queria ir à casa-de-banho e não deixaram».

O2 – Isso foi na escola, ou foi o quê?

J1 – Então fazias num balde.

Riram-se.

J6 – Fazias num balde!

T2 – Que solução davas?

J1 – Saia de casa e depois ia ao mato e depois ia lá.

Riram-se.

J1 – E “mijava” nas folhas.

J6 – Ias para o mato e limpavas-te com as folhas ou com a camisola.

T2 entregou um envelope a J10.

J7 – Limpava com as couves.

J1 – Arranjavas um balde.

T2 – Vamos ouvir o J10 agora.

J10 – «Separei-me do meu pai».

J2 – Separaste-te “han”?

J11 – “Han”?

T2 – Separou-se do pai.

J2 – Vai atrás dele.

J6 – “Ya”!

J11 – Chega ao pé dele e diz «És a pessoa mais bonita do mundo». E depois ele diz «A sério?».

T2 – Vamos ouvir o J10! E então é uma pessoa que se separou do pai, ou que se zangou com o pai... por exemplo. Oh J6 tu estás a ouvir alguma coisa?

O2 – Oh meninas, oiçam!

J10 – Eu só pedia desculpa se eu tivesse errado.

T2 – Quem é que falta? É o J6 ler não é?

T2 entregou a carta a J6.

J7 – É a tua agora, não é?

J11 – É a dela.

J7 – O quê?

J6 – Era teu?

J7 – Não disseste que era o J6 a ler?

J11 – É a única que falta.

O2 – Vá, vamos ouvir a última.

J6 – Posso começar? «É injusto, injusto (grita)! Os meus pais perguntarem como correu o dia e eu dizer que o dia...»

T2 – J6 começa outra vez.

J6 – «É injusto os meus pais perguntarem como foi o dia e eu dizer que o dia, ao jantar, que digo, ao jantar...»

J1 – «que digo ao te jantar»?

J6 – «perguntar como correu o dia... e eu dizer que... digo ao jantar e depois eles mandarem-me calar, eu não puder dizer nada, tudo para ouvir o telejornal. Ao fim de uns tempos chatearam-se comigo por não contar nada do que se passa na escola e depois gritaram comigo.» Ok, faz assim, eu sou uma pessoa aconselhável, como já devem ter percebido. Vais ao quarto deles: «Ouve, correu bem, está bem? Vai ver o jornal!» (gritando). É assim! É assim!

T2 – J6 a solução?

J6 – Uma solução... é... diz assim... caso eles digam «Fala agora», tu dizes, «Posso falar ao jantar, porque não dá para falar agora». Ao jantar se eles te mandarem calar tu dizes «Mas queres saber ou não? Queres? Se queres ouve, se não...». Ou quando eles te perguntam tu falas logo, e mesmo que não tenhas à vontade, falas com eles para chegarem a um consenso ou tentas falar noutra altura. Acaba o jornal e antes de ires para o teu quarto fazer não sei o quê, ficas à espera e falas com eles ou à noite quando estiveres para dormir «Oh, anda lá falar».

T2 – Isso é uma boa solução, esperar que termine o telejornal.

J6 – Ou desligas a televisão ou fazes um apagão!

J2 – Vamos comer bolo?

T2 – Oh meninos oiçam!

J11 – Família!

T2 – Vão ter de escrever aqui uma frase, está bem?

J6 – Falsa!

J1 – Inesperada, calma...

T2 – Têm de escrever aqui uma frase.

J11 – Faminta.

J6 – Quem?

J1 – Atrasada.

J6 – Fedorenta.

J11 – Ok, já percebemos.

T2 – Ok, vamos começar por esta letra.

J7 – Pode ser qualquer coisa?

J2 – Formiga!

J6 – Alentejana!

J7 – Pode ser qualquer coisa?

O2 – Tens que relacionar com a família.

J7 – Pode ser qualquer coisa?

T2 – Relacionado com família.

J2 – Alentejana!

J6 – Falsa, aleijada, mentirosa...

O2 – Olha é individual, está bem? Depois no fim logo... logo partilhas.

J11 – Mentirosa... imaginária...

T2 – J11 depois já falas. Vá lá.

J11 – Mas eu não quero falar! Depois... quero falar agora.

J6 – Fedorenta, falsa!

J11 – Fedorenta!

J6 – Atrasada!

J1 – Acabei!

J6 – Elefante! Ah isso é com h.

J11 – Também acabei. Dá um passo para a frente, dá um passo para trás, está bem. Dá um passo para a frente, dá outro para trás.

J6 – Materialista! Não.

T2 – J6 faz para ti. Começa vá!

J11 – Amigavelmente horrível.

J2 – Serafim!

J6 – Levou com a cenoura do coelho. I de interessante...

J1 – Tu tens problemas meu!

- J6** – E A de arrogante.
- J11** – E tem! Nunca devíamos ter falado daquela viagem a Espanha.
- T2** – Podes guardar ai.
- J11** – Desde esse dia que não é o mesmo.
- J6** – Pois sou.
- J11** – Até tem fotos...
- T2** – J11, vamos ouvir o J10.
- J10** – F de feliz, amigável, mãe, irmã, (não se percebe) e ajuda.
- J11** – Olha mãe e irmã!
- T2** – Podes guardar J10.
- T2** – J1 podes dizer.
- J1** – Fantástica, alegre, maluca, emoção...
- J6** – Emoção!
- J11** – Emoção, ei a família é emoção!
- T2** – Vamos ouvir!
- J1** – É legal...
- J6** – Eu chego a casa com emoção!
- J1** – Inesperada e amigável.
- J6** – Chegas a casa e emoção, eu sinto a presença...
- J7** – Feliz, animada, mentirosa, injusta, linda e já está.
- T2** – Vamos ouvir a J9!
- J9** – A minha família é fácil...

Sessão 11

- T2** – Bom, hoje vamos partilhar um bocadinho o que vocês pensam, o que foi este grupo.
- J2** – Fixe.
- T2** – Mas antes temos aqui algumas atividades, está bem? Então...
- J11** – Eu sabia! A quem é que eu disse? Foi a ti que eu disse o que íamos fazer hoje, não é?
- J6** – Disseste que íamos fazer jogos.
- J11** – Jogos e não sei o quê.
- J6** – Jogos... Olá mãe (a olhar para a câmara), é o último dia! (manda beijinhos)
- J5** – Vamos jogar futebol aqui dentro.

J7 – Ia bater na cabeça.

T3 – No fim.

J11 – Futebol humano, as pessoas todas. Baliza!

J6 – Só uma pergunta. Eu posso tirar uma foto ao meu desenho do coelhinho pedófilo e mandar para o “Facebook”?

T2 – Vamos acabar com... agora... depois está bem?

J7 – Já criaste o grupo?

J11 – Não eras tu que ias criar? Receber e dar. Vou ter de receber e dar? Oh andam aqui fantasmas. (aponta para a porta aberta)

T3 – Oh está fresquinho, então?!

T2 fecha a porta.

J7 – Receber e dar, receber e dar...

J6 – Pode-me dar... pode-me dar dois verdes?

J2 – Receber e dar, receber e dar...

J11 – Eu já recebi do J6!

J2 – O que é que gostas de receber e o que é que gostas de dar?

J6 – Então... eu gosto de dar o telefone para ela tomar conta.

J5 – O quê, tu fazes isso?

J6 – “Ya”, ele tem bué saudades dela. Vais dizer que é mentira? Vais dizer que é mentira?

J11 – Mas porquê que eu sou *babysitter* de um telemóvel, de um *tablet*?

J5 – O telemóvel é fixe.

J11 – Não, não, lá na escola...

J6 – Eu acho que é feminino porque é branco, não tenho a certeza.

J5 – Olha! Eu tinha telemóveis pretos.

J11 – Racista! Espera não, se não é preto não é racista.

T2 – Agora podem-me ouvir? Pronto, vocês têm ai um papelinho...

J6 – Dois.

T2 – Têm dois. Um que diz dar e outro que diz receber, certo? Portanto vocês vão imaginar que estão no Natal, que é uma altura em que se costuma dar...

J11 – Não pode ser na Páscoa? Recebemos amêndoas, e na Páscoa, e o coelhinho...

J6 – Não estragues! No natal recibes mais. Não estragues!

T2 – Nós estamos no Natal.

J6 – O coelhinho!

T2 – J6!

J6 – Desculpe.

T2 – Vocês vão escrever aí, no mínimo três coisas que gostariam de dar a outro, e no mínimo três coisas que gostariam de receber.

J6 – Mas a quem? Escolhemos uma pessoa? Mas conforme a pessoa? Vou fazer conforme a pessoa?

T2 – Três coisas que gostarias de dar... a uma pessoa, pronto.

J6 – Ah ok.

J2 – Dar!

J6 – Ai, meu deus!

T2 – Três coisas que gostariam de dar. Posso falar? Oh J11, a sério! Três coisas não têm de ser necessariamente coisas materiais, não é? Podem ser materiais ou não. J1 podes começar. Se não depois não têm tempo para comer!

J2 – Pode ser comer?

Riram-se.

J6 – Ela: «Pode ser comer?»; Quero um *hambúrguer*!

J7 – Estou com fome!

T1 – Queres dar comida? Podes dar comida.

J11 – Ah mas temos de dar a sério?

J6 – Vou dar um peru no Natal!

T1 – Não, não é a sério, é coisas que tu gostarias de dar.

J11 – Se é Natal, agarrava em bolas de árvore e oferecia pronto!

J6 – Uma pinha!

J11 – Salada de fruta!

T2 – Vá, vamos lá a acabar, imaginar.

J11 – Você vêm-me sempre fazer pressão isto é impressionante.

J6 – Ah! Sei o que vou dar! Um bocado de oxigénio e dióxido de carbono.

T3 – Vá pensa lá um bocadinho no quê que gostavas de dar e no quê que gostavas de receber.

J11 – Vou dar uma câmara aquela senhora!

Riram-se.

J11 – daquelas que...

J6 – *Top's!*

T1 – Vá pensem três coisas que gostariam de dar...

J2 – Não pode ser comida?

T1 – Comida? Pode, podes dar comida.

J6 – Os restos de comida.

T1 – Chocolates, chocolates...

J2 – Fruta?

T1 – Fruta não é tão...

J6 – Uma pêra! Vou dar uma pêra!

J11 – Posso dar uma folha em branco, quer dizer isto nem é branco, é amarelo.

J6 – Um poema a dizer: Olá, obrigado por me ter convidado.

T2 – Oh J6!

T3 – Então J1? Está difícil?

T2 – É tão difícil...

J6 – São três coisas?

T2 – Não sei o que é que o J1 está a fazer. Não sei o que é que a J11 está a fazer...

J11 – Eu já escrevi dar e receber. Já está bom.

J5 – Receber é a parte mais fácil.

T1 – Vá já acabaste? Já acabaste J2?

J2 – Já.

T1 – Então dá-me o dar se faz favor. Já acabaste J9?

J6 – O dar é para pôr...?

J2 – É para dar à senhora.

T1 – O dar é para dar. O dar é para dar.

J7 – O receber é o pior.

T1 – O que é que vocês querem receber? O receber é que costuma ser mais fácil.

J6 – Uma *t-shirt* de ténis.

T1 – Costuma ser mais fácil. (silêncio) Não?

T3 – Pensa num presente que gostavas de dar a alguém.

J11 – Pronto, sim já está!

J6 – Então olha eu posso dar um beijo... uma televisão.

J5 – Para quê que queres um beijo? Não serve para nada.

J6 – Não, posso dar... um beijo, uma televisão.

J1 – Um beijo, uma televisão, ou um beijo e a televisão?

T1 – Queres dar?

J6 – Eu não posso dar isto!

J11 – Eu não sei porquê, eu escrevo sempre com letra feia nestas coisas.

J6 – Piscar o olho! Posso é bué barato!

J7 – Um piscar de olho.

J6 – Uma ida à “Warner Brothers”! Com um coelho! Brutal!

J7 – Tu queres um coelho!

J2 – Tu escreveste alguma coisa?

J1 – Não.

J6 – Eu tenho uma ideia do que quero dar, mas receber... Uma ida mágica.

J7 – Uma ida mágica ao parque que já toda a gente sabe qual é! Hehe!

J5 – Quero o meu gorro! Estou triste.

J6 – A culpa é do gorro! Pede um gorro!

J5 – Não, a minha mãe diz que não posso usar gorro.

J6 – Porquê?

J5 – Porque não é de meninas.

J2 – Eu uso às vezes.

J6 – Isso não tem nada a ver.

J5 – Eu sei. É a inteligência.

J6 – Pior ainda agora...

J11 – Inteligência artificial!

J6 – Agora quando te obrigam a usar um gorro para ficares bonita... “ya” tipo!

T1 – Já está? Já estão a três coisas que querem receber? Todos puseram três coisas que querem receber?

J6 – Não, não, não...

T1 – Só um?

J6 – Como é que chama-se aquela, aquela... como é que era? A antiga namorada do Cristiano Ronaldo. É a...

J9 – Irina Shayk.

J6 – Eu quero receber a Irina quê?

J9 – Shayk.

J6 – Irina...

J9 – Shayk.

J6 – Shayk, Shayk!

J7 – Shayk, Shayk!

J6 – I-r-i-n-a... Shayk, Shayk?

J7 – Tu queres é o *shake shake* é o que é!

J6 – Eu quero é... ir fazer *shake, shake*. Eu vou escrever *shake, shake*. Irina *shake, shake*.

J11 – A Shakira não?

J6 – Ei! Uma casa! Em Los Angeles!

J5 – Eu não quero ser rica, o que é isso?

J2 – Quero receber um milhão de euros. Dá-me!

Terminam a tarefa.

J6 – Quero um bocado de papel higiénico, que já não tenho em casa.

T1 – Vá J11, então? O que é que tu gostarias de receber? Nada?

J11 – Não posso nadar que aqui não há água. Não, não quero receber. Isto aqui é uma injustiça eu não posso escrever... posso só escrever uma e receber, mas não posso escrever nada e dar não é?

T1 – Não, tens de dar alguma coisa.

J11 – Dou esta folha em branco.

T1 – Não!

J2 – Eu já escrevi três coisas!

T2 – Tu também já escreveste três coisas J2. Vá!

J2 – Despachem-se, tenho fome! Despacha-te tenho fome!

T1 – Ok, pronto! Então vamos lá. Quem é que vai começar a dizer o que quer receber? J2.

J2 – Não, não, não. Não quero, esquece.

T1 – O que é que tu queres receber?

J2 – Nada.

T1 – Diz lá J1.

J1 – Um bar, uma casa e um carro.

T1 – Vamos lá ver o que é que tu recibes.

T3 – Vamos lá ver o que é que o J1 recebe.

J1 – *Free hugs...*

T3 – *Free hugs.*

J1 – Livros e bilhetes para cinema.

T1 – Não ouvi, não ouvi!

J1 – Livros e bilhetes para cinema.

T1 – Livros e bilhetes para cinema. E qual foi o primeiro? Não percebi.

T3 – *Free hugs.*

T1 – Ah, *free hugs.*

J11 – O que é que isso é?

T3 – Abraços grátis.

T1 – Ok, gostaste do que recebeste?

J11 – Devias ter escrito em português pá.

J1 – A... mais ou menos...

T1 – Ok. J11!

J11 – Um telemóvel novo e um *tablet*.

T3 – Um telemóvel novo e um *tablet*.

J11 – Não pus a terceira.

T3 – Ok.

J7 – A seguir sou eu, boa!

J6 – Agora era o meu! É o meu! É o meu!

T2 – Vamos ver o que é que a J11 recebeu.

J11 – Isto nem está bem escrito!

J6 – É o meu! É o meu de certeza!

J11 – Um coelhinho ao J6, um soco de brócolos para o J1, e o resto da “Coca-Cola” que sobra vai para a J11. A sério quem é que escreveu isto?

J7 – Eu.

J6 – Só podia! Só podia!

J11 – Então espera, um coelho para o J6... Eu vou receber um coelho para o J6, socos cheios de brócolos para o J1 e o resto da “Coca-Cola” para mim.

J6 – Eu gosto de comer brócolos!

J11 – O que eu vou receber é para os outros!

T2 – Agora vamos ouvir a J9.

T1 – Gostaste daquilo que recebeste J11?

- J11** – Gostei! Vou dar socos a ele e um... espera não...
- J6** – Um coelho, um coelho.
- T3** – Agora vamos ouvir a J9. Calma, calma, calma.
- J9** – Roupa, uma viagem e tintas para pintar.
- J6** – Viagem “ya”! Uma viagem! Uma viagem à “Warner Brothers”.
- J9** – Um abraço, chocolates e (não audível).
- T1** – Boa!
- J11** – Porquê que toda a gente tem coisas decentes menos eu?!
- T1** – J7 o que é que tu queres receber?
- J7** – Uma casa, um “Bugatti” e um cão polícia.
- J11** – Vou guardar o que tu escreveste!
- T1** – Olha o J7 quer receber um cão polícia.
- J11** – E brócolos não queres?
- J7** – Não. Uma casa, um “Bugatti” e um cão polícia.
- T3** – O que ele vai receber, então?
- J7** – Vou receber... uma pulseira, um coelhinho...
- J6** – É teu? (para J11)
- J7** – Um peluche. Uau!
- T2** – Entre um cão polícia e uma pulseira...
- J6** – Fogo!
- T3** – J5!
- J11** – Fui eu!
- J5** – “Left 4 Dead” 2...
- T3** – O que é isso?
- J5** – É um jogo, de zombies.
- T3** – Ok, e mais?
- J5** – *Free hugs*.
- J6** – Também é um jogo?
- J5** – Não!
- J6** – Ah, já percebi, já percebi.
- J5** – *Free hugs*, e uma folha com o que acham de mim porque eu gosto de ser inserida.
- J11** – Ah está bem! Queres mesmo que eu escreva uma folha do que eu acho de ti?!

T2 – Vamos ouvir o que é que a J5 recebeu.

J5 – Um livro, uma viagem. Ah!

J11 – Um livro de bebés...

T3 – Sim?

J5 – E um animal de estimação. Obrigado!

T1 – Ah boa!

J11 – Um livro de bebés... Qual é que foi o segundo?

T2 – Uma viagem.

T1 – J6 o que é que queres receber?

J6 – Eu queria receber uma casa em Los Angeles, o euromilhões, eu não sei dizer mas é um número muito grande de modelos coreanas, uma consulta grátis para melhorar as cruces da minha avó, ser rico, fazer um *shake, shake* à Irina e viajar muitas vezes à Grécia.

O2 – *Shake, shake* à Irina?

J11 – Tudo o que disseste aí, podes ir sonhando!

T3 – Vai J6!

J2 – Este ou este.

J6 – Carro... boa! Mota... boa! Avião... boa! Quem é que deu? Não era preciso!

T1 – J2.

J11 – A J2 vai ganhar o do J6.

J6 riu-se.

T1 – J6, J6! Não consigo ouvir a J2! Alguém ouviu o que a J2 disse?

J11 – Ouvi qualquer coisa... não, não ouvi.

T3 – Não!

J2 – O euromilhões, uma casa em Paris e roupa.

J11 – Roupa e rapazes, o resto vai sonhando...

T3 – Uma casa em Paris...

J11 – Na cidade do amor.

J6 – Oh meu deus!

T3 – Vá, eu quero ouvir.

J6 – Começa por baixo é melhor.

T3 – Vá J2, respira e lê!

J6 – Deixa estar, dispensa esse! Uma ida ao apartamento do coelhinho pedófilo!

T1 – Vá! Vá J2!

J2 – Piscar o olho.

T3 – Vá.

J2 – Televisão, um beijo, um coelho de peluche e já está.

J11 – Um quê?

J2 – Um beijo, um coelho de peluche.

J11 – Um beijo?

J2 – Um coelho de peluche e já está.

J6 – Falta mais uma. Falta a melhor parte!

J11 – O quê?

J2 – Eu não vou dizer isto!

J11 – O que é que tu escreveste?

J6 – Muita coisa. Muitas coisas...

J11 – Isso foi muita coincidência. Eu fiquei com o dele e ele ficou com o meu.

T2 e T1 entregaram outra folha para outra atividade.

J11 – Ai, vou ter de escrever mais?

T2 – Vão.

T1 – Ah têm de escrever um bocadinho sim.

J6 – Olhe só uma pergunta. A senhora trouxe o comer? Não trouxe?

O1 – Trouxe o quê?

J6 – Trouxe comer?

O1 – Não.

J6 – Não trouxe, então pode dar uma prenda a nós por fazermos as fichas?

O1 – Não.

J6 – Isso é o melhor bolo que há!

J2 – É o quê? O que é que temos que fazer?

T1 – Olhem! Agora é assim... agora vocês vão ter que escrever três frases...

J2 – Com essas letras aí?

T1 – Com estas palavras, não são letras, são palavras, sobre o que é que é crescer para vocês.

J7 – Crescer?

T1 – Na cartolina vão escrever “Crescer é”, cá em cima “Crescer é” e três pontinhos e depois vão...

J11 – Falta o a ver.

T1 – Não! O haver é o que vocês vão ter de escrever. Vão usar essas palavras, por exemplo...

J11 – Não haver tarefas, não haver pais... ah isso é bom.

T1 – “Crescer é não ter de cumprir tarefas” por exemplo, ou “Não ter de obedecer aos pais”.

Os jovens completaram a tarefa.

J11 – Eu quero a cola.

J6 – Obrigado.

J6 – Há um limite?

T1 – Não, não há limite nenhum.

J2 – Já está.

T1 – Não é assim! Não é assim! O que é que tu queres dizer com isto? Crescer é... não é sair... é?

T3 – Crescer é...?

J5 – Eu não gosto de sair à noite?!

J6 – É o que gosto mais.

J7 – Tu gostas é de ir ter com as amigas.

T1 – Podem usar várias palavras numa frase.

J11 – Já está. A minha frase é isto tudo.

T1 – Não, isso não é uma frase.

J11 – É senhora!

T1 – Não.

J6 – A minha é... amigos, namorar, sair, discoteca, visual, trabalho.

T3 – Pois, mas isso já dizes!

T1 – É para fazeres frases.

J6 – Quais são os horários?

T1 – É se tua achas que vais ter horários rígidos, se vais cumprir se não vais cumprir.

J11 – Qual é que era a frase principal?

J6 – Já percebi. É para cortar?

T1 – É para cortar as palavras que vais usar. Para colar em frases.

J2 – Não há música nem nada.

J7 – Tony és tu?

J5 – Acaba moço!

J7 – O gajo está apaixonado. Estás apaixonado!

J6 – Sou filho do Tony. Nunca pensei. Vou a casa dele, e é a música.

J11 – Vais passar a cantar a música dele.

J5 – Exato!

J6 – Se eu não cantar não faço parte da família. Tenho, vou ser cantor no futuro.

J7 – A minha frase só tem três letras!

T3 – Três letras como assim?

T1 – Diz lá. (para J7)

T1 ajuda J7 a perceber a tarefa.

T1 – Diz lá. (para J7)

J5 – Está tudo muito calmo.

T1 – Esta é outra. Tenta lá fazer outra frase. Tens de fazer 3 frases, está bem?

T3 – Vai ser uma atividade muito interessante, estou a ver.

T1 – Eu acho que vocês estão só a ver uma parte da vida adulta. Têm de pensar em tudo. O que é que é crescer. Não é só, saídas e discoteca!

J11 – Tem razão, falta a casa!

T1 – Faltam outras coisas.

J5 – Pois não, não gosto de discoteca.

J11 – Tenho tudo, falta a casa! A não ser que vá dormir na discoteca não é?

J7 – Onde está discoteca?

J5 – Ela não está. Está de folga.

J7 – Fugiu.

J6 – Vou escrever: Não ser violado pelo coelhinho pedófilo!

J5 – Chega à vida adulta e já não é pedófilo, o coelhinho pedófilo.

J11 – É muita gente a falar sobre o coelhinho, eu não dei essa autoridade.

J6 – “Ya”, quem criou esse coelhinho pedófilo fui eu, tu e...?

J11 – E ela...

J5 – O que é que fazemos com os restos?

T2 pega nos restos de J5.

T3 começa a recolher os trabalhos.

J6 – Tu não chegaste, tu colaste ao grupo!

J11 – Olha e ela (T1) ou foi ela (apontando para T3)?

J6 – Foi a senhora.

J11 – Não foi nada!

J6 – Foi, foi, no teatro com a senhora!

T3 – Já acabaste?

J11 – Oh, quem é que ficou connosco na viagem? Foi ela.

J6 – Não, foi a senhora, foi a senhora que ficou connosco. Foi a senhora!

J11 – Não foi.

J6 – Pede desculpa.

J11 – Desculpa...

T3 – Já não me lembro quem é que ficou com vocês na viagem a Espanha.

T1 – Fui eu.

J6 – Foi? Foi?

T1 – Fui eu.

J11 – Agora diz fui e não se lembrou. Eu é que dei os pormenores todos da viagem.

T1 – Não, não, eu não falei do coelhinho não...

T3 – Quem é que já acabou?

J11 – Não! «Então depois como é que pagam o hotel do coelhinho?», você não falou do coelhinho!

Riram-se.

J7 – Já acabei.

T1 – Já acabaste? Boa.

T1 foi até ao lugar de J7 falar com ele, e depois passou pelo lugar de J6.

J11 – Às duas da manhã, é isso mesmo. Horário de chegar, sair de casa, duas da manhã.

J7 – Hora de chegar a casa...

J11 – Três da manhã!

J7 – Cinco da manhã!

J11 – Três da tarde.

J7 – Acabei!

T2 – Vá lá J6!

J11 – Despachem-se!

T3 – J6 ainda não acabaste de cortar?

J6 – Esperar é uma virtude.

T3 – Quanto mais depressa... mais tarde acabas e menos tempo tens para comer.

J6 – Eu por acaso não tenho fome.

J11 – Deixaste a fome toda lá em baixo.

T3 – Então pronto, não comes, é mais fácil. É mais rápido!

J7 – O meu novo estilo!

J6 – “Han”?

J7 – O meu novo estilo!

J11 – Pára com isso.

J7 – Eu já acabei.

J2 riu-se a olhar para a câmara.

J2 – Ela tem o meu número!

J1 – Está a tentar não rir.

J11 – Quem, o J6?

J1 – Não, aquela pessoa. Tipo não te rias, não te rias. Olha tenta ficar séria vá!

T3 – Quanto mais disseres isso menos ela...

J1 – Olha ela a rir.

J11 – Olha lá eu não quero os limites.

J1 – Não te rias!

J6 – Pronto, é só!

J1 – Pronto, ri-te, ri-te, bora, ri-te! Com força!

J11 – Posso ter uma discoteca?

J1 – Ela a jogar ao jogo do sério é terrível meu deus! Vá olha para mim.

J6 – Não vou fazer mais nenhuma, faço só estas.

J11 – Duas frases!

J6 – Faço só estas. De noite e de força.

J11 – Noite?

J1 – Dia! Não, é dia!

J7 – És madrugador.

J1 – Olha ela a encolher-se toda. Ahahaha! (imitando J2)

J11 – Vocês usaram bué.

J6 – Queres ver ela a rir-se sem eu fazer nada? Queres ver? Queres ver? Posso fazer-te rir sem fazer nada?

J1 – Até um rato consegue. Oh, o rato fica assim a olhar para ela.

J11 – Não!

J7 – Eu desenho bué bem!

T3 – Vá! Já acabaram?

J11 – Não! Falta-me um!

J1 – Se eu contar uma história de terror ela risse.

J6 – A minha avó morreu.

T3 – J6 estás a empatar aqui isto tudo. Vá! Não consegues cortar?

J6 – Não!

T3 – Corta rápido.

J6 – Pronto já está! Acabou-se!

J11 – Eu também já fiz... eu também já fiz. (a cantar)

J1 – Eu pus jogar computador, fazer amigos, ganhar dinheiro.

J11 – Onde é que arranjaste dinheiro?

J5 – Foi trabalhar! Contemplar a paisagem.

J11 – Aquele está a desenhar. (J7)

T3 – Então, está a apanhar uma seca porque o J6 não acaba, deixa-o desenhar.

J11 – Põe creme!

J7 – “Halibut”, vaselina!

J1 – “Halibut Dermacreme”!

J6 – Venistil!

J1 – Venis?

J11 – Venistil (rindo-se).

J1 – Percebi venistil.

J11 – Foi o que ele disse!

J6 – Venistil.

J1 – “Fenistil” qual venistil!

J6 – É “Fenistil”?

J1 – É “Fenistil”!

J7 – Para o herpes labial!

J6 – Oh, meu deus!

T3 – J6, J6! Vá!

T2 – Olhem vocês vão ter dez minutos para puder estar...

J11 – J6 despacha-te!

J6 – A cola? Pronto, está bom.

J1 – Queres outra cola?

J6 – Esta cola não está boa!

T3 – Faz o melhor possível!

J11 – Uma pergunta. Também vão filmar quando estivermos a comer?

T3 – Sim!

J11 – É que sendo assim, levo a mesa e vou para ali!

T1 – Vá lá J6!

T3 – Vá, vamos deixar o J6 acabar!

J6 – “Ya”!

J11 – Pressão psicológica.

J6 – Eu preciso de me concentrar!

T2 – Oh J2, deixa lá o J6 trabalhar!

J6 – Viagem, viagem, viagem!

J6 atirou dois papéis para a rua através da janela.

J5 – Não faças isso olha o *karma*!

J6 riu-se.

J11 – Olha os patos que estão lá em baixo, coitadinhos. E *skates* e carros... (rindo-se)

J6 – Já está! As dúvidas que fiquem... duvidosas.

T2 – J6 podes começar. Vamos ouvir o J6.

J6 – O J6?

T3 – Vamos ouvir o J6.

J2 – Isso está solto.

T3 – Vá, não interessa.

J6 – Não faz mal, vai um bocado de cola e...

J11 – Ele precisa da caneta.

J1 – Eu ia dizer fazer computador, jogar amigos e ganhar dinheiro.

J11 – Jogar amigos?

J1 – Jogar amigos pela janela fora!

J7 – Jogar amigos pela janela fora. (rindo-se)

J6 – Falta mais uma, suponho.

T3 – Não interessa, vá J6!

J6 – Dúvidas, dúvidas!

J7 – Jogar coelhinhos pela janela. (rindo-se)

T2 – Vamos ouvir o J6. O que é para ti crescer, J6?

J6 – Para mim crescer é... são mudanças nas nossas vidas psicológicas e físicas.

T3 – Vamos ouvir!

T2 – Vamos ouvir o J6!

J6 – A discoteca! Fazermos coisas à parte...

J1 – Fazermos coisas...

J6 – Namorar, e outras também. O namorar vai sempre avançando até chegar a um ponto de... privacidade. Privacidade, ao longo dos tempos vamos tendo mais necessidade de privacidade.

T3 – É importante.

J6 – Respeito! Vamos ter que respeitar mais os outros para nos respeitarem a nós, para além de “coiso”. Visual! Ficamos mais atrasados! Medo!

T3 – Vais crescer e vais ficar com o visual mais atrasado?

J6 – Não, não. Eu acho que mais sensual!

J11 – Olha eu vejo velhas a andarem na rua com *top*!

T3 – Depende de ti.

J11 – Não, é mesmo para rir.

J6 – Medo! Por causa do futuro e das coisas que nos esperam.

J1 – Está a ser bom.

J6 – Força! Isto aqui pode ser interpretado como muita coisa. Vamos a festas, vamos fazer mais força, força psicológica, pode ser força... pronto!

J7 – Força de ventre!

J6 – Também. Responsabilidades, aumentam sempre. E dúvidas, é dúvidas... dúvidas não dá para explicar...

T3 – Ok. Próximo!

T2 – J2!

T3 – J2!

J2 – Não sou eu.

T3 – Não vá, J2 vai! Vá.

J6 – Namorar o J6... Ei!

J2 – Mentira! Onde é que estás a ler isso?!

T3 – Então vá, lê lá “crescer é”?

T2 – Oh J6, J6, podes arrumar isso. Vamos ouvir a J2!

T3 – J2! Vamos ouvir a J2!

J2 – Sair à noite, não ter tarefas...

T2 – Não ouvi, não ouvi.

J11 – Tarefas!

T1 – É não ter tarefas?! Achas?!

J11 – Tu precisas de ter tarefas! Então para ires à discoteca não precisas de arrumar a roupa?
Escolher a roupa.

T2 – Vamos ouvir a J2!

T3 – J6!

T2 – Olha ninguém está a ouvir a J2! Desculpa, ninguém está a ouvir a J2! Agora estou a falar a sério!

T1 – Vá lá J2.

T2 – Mais...

T3 – Não ter tarefas e?

J2 – E ir à discoteca até às cinco.

J11 – Até às cinco da manhã ou às cinco da tarde?

J2 – Da manhã!

J6 – Se for às seis estragas tudo! Até às seis!

J1 – Ah chegas às cinco e saís às cinco?

J2 – Não!

T2 – O que é que vocês acham disto? Crescer é não ter tarefas?

J6 – Não!

J11 – É! Posso mandar o meu marido fazer, o meu namorado fazer, o meu tio fazer...

J1 – É toda a gente fazer.

T3 – Então a tua tarefa é mandar.

J11 – A minha tarefa é... quando me for lavar, parti o braço.

T2 – J11 já chega a tua vez, agora vamos ouvir o J1.

T3 – J1!

J1 – Fazer amigos, jogar computador e ganhar...

T2 – Ninguém ouviu nada J1.

J1 – Dinheiro.

J6 – Eu estou a imaginar um velho a ver fotos no “Facebook”...

T2 – J6! É assim eu não ouvi nada, não sei se alguém ouviu.

T3 – Vá J6 menos, menos! Respira um bocadinho vá.

T2 – Vamos ouvir o J1.

J1 – Jogar computador, fazer amigos, e ganhar dinheiro.

T3 – Ok.

T2 – Sim senhor, podes guardar.

T3 – J11!

T2 – J11?

T1 – J11!

T3 – Crescer é...?

J1 – Crescer é crescer.

J11 – Crescer é... isto não faz sentido mas pronto eu pus ao calhas. Crescer é...

J1 – Crescer é: Isto não faz sentido!

J7 – Não chores...

J11 – Ter em casa um computador...

T1 – Sim.

J1 – Ter em casa computador...

T2 – Sim. Oh J1 eu disse à J11 para se calar para te ouvir agora calas-te tu para ouvir!

J11 – Asneiras...

T3 – Asneiras?

J11 – Sim. *Internet*, roubo dos vizinhos e amigos.

J6 – Só quando cresceres é que vais ter um computador, e vais ter amigos.

J11 – Olha lá, mas daqui a um ano já cresci!

T2 – Podes guardar.

J11 – Mas eu ainda não acabei.

T2 – Ah! J7!

T3 – J7 menos.

J11 – Ter força, discoteca, ruas, é preciso ruas? É preciso ter saídas e é preciso ter namorado. Eu pus namorado porque não dava para pôr era preciso ter namorado.

T3 – Então corrigiste a palavra namorado?

J11 – Claro!

T2 – Podes guardar. Podes guardar J11, vamos ouvir a J9. Podes guardar.

J11 – Não sei se quero.

T3 – Vá J9!

J9 – Crescer é ter direito da escolha, da mudança, da responsabilidade. Crescer é...

T2 – “Xe”!

J9 – Crescer é não ter medo das coisas, das mudanças e das responsabilidades. Crescer é fazer asneiras e querer explicações. Crescer é ter namorado, amigos, momentos, saídas e confiança.

J6 – Ai! Leonardo Da Vinci!

J11 – Ela vai para psicóloga criminal.

J6 – Já tenho ciúmes.

T2 – J9!

T3 – Vamos ouvir o J7.

T2 – Vamos ouvir o J7.

J7 – Crescer é liberdade, *internet*, escolha. Crescer é discoteca, amigos. Crescer é regras e respeito.

T2 – Está ótimo.

T3 – Podes guardar.

T2 – Podes guardar.

T3 – Vamos ouvir a J5.

T2 – J5!

J5 – Crescer é decidir os nossos horários, ficar a ver o *sunset* até às duas da manhã.

T3 – Sim.

J5 – Decidir seguir as regras ou não, e carregar as consequências das nossas asneiras.

T3 – Sim.

J5 – É procurar trabalho, fazer da noite o dia, sair mais vezes com os amigos e ter o próprio dinheiro.

T3 – Ok!

Anexo K – Definição das categorias e subcategorias

Tabela 2

Definição da categoria Atividades em Grupo e das suas subcategorias

Categoria	Descrição
Atividades em Grupo	Incluem-se nesta categoria todas as U.R.s que se relacionam com a execução das atividades preestabelecidas.
Subcategorias	Descrição
Indicações das Atividades	Inserem-se nesta subcategoria todas as U.R.s que se dão informações sobre a realização de uma qualquer actividade. Estas informações surgem por iniciativa dos terapeutas ou devido a questões levantadas pelos jovens.
Solicitações Grupais	Introduzem-se nesta subcategoria as U.R.s respeitantes a questões direcionadas ao grupo relacionadas com as temáticas das sessões, e sobre as respostas às atividades. Também faz parte os terapeutas confrontarem as respostas dos jovens, e pedirem apreciações ao grupo sobre as atividades.
Solicitações Individuais	Fazem parte desta subcategoria as U.R.s relativas a questões diretas a um adolescente, sobre as temáticas das sessões, e sobre as tarefas preestabelecidas, visando a sua participação e colaboração nas atividades. Também se englobam os pedidos de apreciações destas mesmas atividades.
Comentários e Apreciações	Inserem-se nesta subcategoria as U.R.s que dizem respeito a comentários descritivos dos terapeutas, e apreciações da prestação dos jovens.
Pensar a Atividade	Introduzem-se nesta subcategoria todas as U.R.s que constituem perguntas, que resumem, e que lançam hipóteses sobre o que foi realizado no grupo, tentando alcançar conclusões das atividades.
Conclusões Finais	Fazem parte as U.R.s que constituem afirmações e declarações finais sobre as atividades, retirando-se uma conclusão das mesmas.

Tabela 3

Definição da categoria Técnicas e das suas subcategorias

Categoria	Descrição
Técnicas	Englobam-se nesta categoria as U.R.s que se ligam diretamente a técnicas já descritas na literatura, assim como a comportamentos dos terapeutas que visam organizar o grupo de adolescentes.
Subcategorias	Descrição
Escuta Ativa	Inserem-se nesta subcategoria as U.R.s que se referem a verbalizações dos terapeutas que respondem a discursos dos jovens e têm como função transmitir atenção e interesse aos mesmos.
Motivar	Introduzem-se nesta subcategoria as U.R.s que constituem verbalizações motivadoras, transmitidas pelos terapeutas aos adolescentes em qualquer contexto.
Elogiar	Fazem parte desta subcategoria as U.R.s que expressam apreciações positivas dos terapeutas aos jovens.
Humor	Inserem-se nesta subcategoria as U.R.s que se referem a verbalizações dos terapeutas que transmitem sentidos humorísticos.
Dar a Palavra	Introduzem-se nesta subcategoria as U.R.s que constituem permissões dos terapeutas face a pedidos de comunicação dos jovens.
Ordem	Fazem parte desta subcategoria as U.R.s que constituem repreensões dos terapeutas e pedidos de silêncio e de ordem face a quem fala em pano de fundo. Também se englobam as verbalizações de descontentamento dos terapeutas face às comunicações paralelas dos adolescentes.
Mudança de Lugar	Inserem-se nesta subcategoria todas as U.R.s que dão conta de alterações dos lugares dos jovens impostas pelos terapeutas.

Tabela 4

Definição da categoria Fomentar Partilha Pessoal e das suas subcategorias

Categoria	Descrição
Fomentar Partilha Pessoal	Incluem-se nesta subcategoria as U.R.s que se referem a qualquer tipo de conteúdo pessoal e íntimo dos adolescentes.
Subcategorias	Descrição
Partilha Grupal	Inserem-se nesta subcategoria as U.R.s que constituem questões pessoais feitas pelos terapeutas ao grupo inteiro, permitindo responder apenas quem pretende.
Partilha Individual	Nesta subcategoria introduzem-se todas as U.R.s que constituem questões do foro pessoal dirigidas a um único adolescente.
Partilha entre Pares	Fazem parte desta subcategoria as U.R.s que se referem a incentivos dos terapeutas dirigidos a um subgrupo de elementos com o propósito destes partilharem conteúdos pessoais entre si. Estes incentivos podem ser constatações de pontos comuns dos jovens, aspectos divergentes, ou mesmo questões diretas.

Tabela 5

Definição da categoria Manifestações Pessoais e das suas subcategorias

Categoria	Descrição
Manifestações Pessoais	Englobam-se nesta categoria as U.R.s referentes a qualquer conteúdo pessoal dos terapeutas.
Subcategorias	Descrição
Críticas	Inserem-se nesta subcategoria as apreciações negativas dos terapeutas direcionadas aos comportamentos dos jovens ou ideias preconcebidas.
Opiniões Pessoais	Introduzem-se nesta subcategoria as verbalizações dos terapeutas que expressam as suas ideias e opiniões individuais.
Abertura ao Conhecimento	Fazem parte desta subcategoria as questões dos terapeutas que refletem curiosidades face à adolescência e ao “ser adolescente”.

Anexo L – Resultados da categoria Atividades em Grupo

Tabela 6

Frequências absolutas das U.R.s da categoria Atividades em Grupo

Sessões	Unidades de registo da categoria Atividades em Grupo					
	Indicações das Atividades	Solicitações Grupais	Solicitações Individuais	Comentários e Apreciações	Pensar a Atividade	Conclusões Finais
1	21	2	12	7	2	2
2	36	43	56	10	34	1
3	17	36	60	5	31	3
4	59	32	23	33	-	2
5	2	33	57	6	18	-
6	23	29	46	3	-	1
7	52	16	22	14	7	1
8	52	30	107	6	22	-
9	205	60	137	42	28	-
10	37	2	21	2	8	-
11	30	1	15	2	6	-
Total de U.R.s	534	284	556	130	156	10

Tabela 7

Contagem do número de sessões com e sem U.R.s de cada subcategoria da categoria Atividades em Grupo

Subcategorias	Número de sessões com U.R.s	Número de sessões sem U.R.s
Indicações das Atividades	11	-
Solicitações Grupais	11	-
Solicitações Individuais	11	-
Comentários e Apreciações	11	-
Pensar a Atividade	9	2
Conclusões Finais	6	5

Anexo M – Resultados da categoria Técnicas

Tabela 8

Frequências absolutas das U.R.s da categoria Técnicas

Sessões	Unidades de registo da categoria Técnicas						
	Escuta Ativa	Motivar	Elogiar	Humor	Dar a Palavra	Ordem	Mudança de Lugar
1	6	5	-	3	3	3	3
2	26	8	-	-	8	1	-
3	37	1	-	6	32	18	1
4	53	10	3	3	1	21	1
5	37	1	-	5	17	17	-
6	40	11	5	3	1	13	-
7	29	24	3	6	-	5	-
8	37	57	2	-	-	39	1
9	34	33	15	6	5	40	-
10	15	12	2	-	1	46	2
11	18	22	4	2	2	34	-
Total de U.R.s	332	184	34	34	70	237	8

Tabela 9

Contagem do número de sessões com e sem U.R.s de cada subcategoria da categoria Técnicas

Subcategorias	Número de sessões com U.R.s	Número de sessões sem U.R.s
Escuta Ativa	11	-
Motivar	11	-
Elogiar	7	4
Humor	8	3
Dar a Palavra	9	2
Ordem	11	-
Mudança de Lugar	5	6

Anexo N – Resultados da categoria Fomentar Partilha Pessoal

Tabela 10

Frequências absolutas das U.R.s da categoria Fomentar Partilha Pessoal

Sessões	Unidades de registo da categoria Fomentar Partilha Pessoal		
	Partilha Grupal	Partilha Individual	Partilha entre Pares
1	23	102	3
2	13	16	-
3	21	86	4
4	25	119	1
5	21	47	11
6	5	29	-
7	14	72	2
8	7	10	1
9	1	10	-
10	1	14	-
11	2	23	-
Total de U.R.s	133	528	22

Tabela 11

Contagem do número de sessões com e sem U.R.s de cada subcategoria da categoria Fomentar Partilha Pessoal

Subcategorias	Número de sessões com U.R.s	Número de sessões sem U.R.s
Partilha Grupal	11	-
Partilha Individual	11	-
Partilha entre Pares	6	5

Anexo O – Resultados da categoria Manifestações Pessoais

Tabela 12

Frequências absolutas das U.R.s da categoria Manifestações Pessoais

Sessões	Unidades de registo da categoria Manifestações Pessoais		
	Críticas	Opiniões Pessoais	Abertura ao Conhecimento
1	-	4	-
2	2	3	1
3	2	6	-
4	4	19	-
5	-	9	21
6	-	3	-
7	5	7	-
8	3	9	1
9	2	20	-
10	-	-	-
11	2	5	-
Total de U.R.s	20	85	23

Tabela 13

Contagem do número de sessões com e sem U.R.s de cada subcategoria da categoria Manifestações Pessoais

Subcategorias	Número de sessões com U.R.s	Número de sessões sem U.R.s
Críticas	7	4
Opiniões Pessoais	10	1
Abertura ao Conhecimento	3	8